

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HARIELE REGINA GUIMARÃES QUARA

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE MANAUS (AM)

MANAUS – AMAZONAS

2012

HARIELE REGINA GUIMARÃES QUARA

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE MANAUS (AM)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS – AMAZONAS

2012

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Q1v Quara, Hariele Regina Guimarães
As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM) / Hariele
Regina Guimarães Quara . 2012
281 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

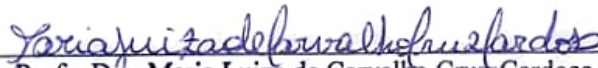
1. Dialetoлогия. 2. Geografia Linguística. 3. Variação fonética. 4.
Vogais médias pretônicas. I. Cruz-Cardoso, Maria Luiza de
Carvalho. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

HARIELE REGINA GUIMARÃES QUARA

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE MANAUS (AM)

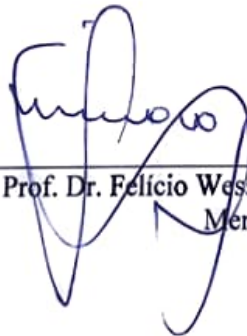
Manaus, 28 de agosto de 2012.

Membros da banca de defesa:



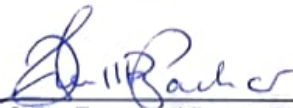
Prof. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM)

Orientadora



Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)

Membro



Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (UFAM)

Membro

Dedico este trabalho àquela a quem não pude dar uma filha médica, mas prometi dar, um dia, uma doutora, Areli Gonçalves Guimarães, meu exemplo, meu porto, meu amor, que mesmo sem compreender, não mediu esforços para que este trabalho enfim se concretizasse.

Aos meus filhos Vivi, minha princesa, e Daniel, meu homenzinho,
meus tesouros, minhas vidas.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os percalços ocorridos neste processo. Contudo a vontade de desistir não sobrepujou a força do sonho que carrego, e devo isso a muitos, a quem dedico meus sinceros agradecimentos.

- À minha mãezinha, preciosa, Areli Gonçalves Guimarães, pelo apoio – independentemente de não ter sido medicina... Meu porto seguro, nunca mediu esforços, trabalhando noite e dia no intuito de me oferecer o melhor. Daquela criança pobre quebradeira de coco babaçu no Maranhão até a médica com TEGO (Título de Especialização em Ginecologia e Obstetrícia), te vi tantas vezes estudando pela madrugada (à luz de lanterna até!), me levando pequena para a faculdade e os trabalhos... És meu exemplo, meu tudo, meu grande amor. Quando eu crescer, quero ser igual a você! Agradeço os conselhos, por “tomar as minhas dores”, por carregar o meu mundo nas costas... amo você!

- Aos meus filhos, por simplesmente existirem... pela compreensão, por cada “mãe, volta pra terra!” da Hávila; e por ficar sentadinho na porta do meu quarto até eu abrir, Danielzinho, me chamando para dormir. É por vocês que vale a pena!

- A Profa. Dra. Maria Luiza Cruz-Cardoso, orientadora que admiro profundamente desde a graduação, quando, em 2005, com sua paixão contagiante pela Dialetoлогия, nos apresentou o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM. Obrigada, primeiro, por poder te admirar mais de perto, depois, pela oportunidade que me concedeu de conhecer os caminhos da pesquisa dialetológica ainda no PIBIC, pela formação, pelas leituras de texto e de mundo, pela amizade e carinho. Tomei a liberdade de me sentir um pouco filha, tá? Obrigada, acima de tudo, por acreditar em mim, nos meus sonhos, por sempre dizer: “Eu sei que a Hariele é produtiva!”

- Ao Prof. Dr. Júlio Rocha e sua Patrícia Carneiro, amigos queridos, pela amizade e incentivo sempre presentes, mesmo a quilômetros de distância, em Rondônia. Obrigada por suportarem minhas lamúrias via chat e e-mail! Vocês fazem parte dessa vitória.

- Ao Prof. Dr. Sérgio Freire, não só pelo conhecimento da análise do discurso, mas principalmente pela amizade, pelo incentivo e pelos sábios conselhos, sempre disponíveis. Eu te devo uma!

- Ao Prof. Dr. Felício Margotti (UFSC), pelos conhecimentos acerca da Geografia Linguística, especialmente pela viabilização do minicurso de Cartografia Linguística, com os Profs. Drs. Marcelo Krug e Cristiane Horst (UFFS) em outubro/2010, conhecimentos imprescindíveis à concretização das cartas linguísticas deste trabalho.

- Ao Prof. Msc. Ricardo Vieira, pelo apoio na realização do estágio supervisionado realizado na Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

- Aos professores do PPGL/UFAM, Herbert Braga, Frantomé Pacheco, Magdiel Aragão Neto e Paulo Renan, pelo tempo e pelo conhecimento. À secretária do Programa, Angélica Gonçalves, pela atenção integral e pelas notícias quentinhas...

- Aos colegas de turma Vanessa, Lorena, Sérgio e Evanilson. Foi um prazer estudar com vocês! Agradecimento especial à Jeiviane Justiniano, colega de orientação, amiga e companheira de trabalhos em grupo – admiro muito você! Filipe Misturini, que não chegou conosco ao final desse processo, mas que sempre esteve na torcida, dando aquela força... obrigada, amigo!

- Edson Galvão, meu amado amigo, mais chegado que um irmão. Obrigada por dividir comigo a sua vida, desde a graduação, pelo prazer de compartilharmos juntos os sabores das vitórias e de cada lágrima de dor, por compartilhar comigo até a sua família... Grandes amigos que fiz, através de você. Um pedaço grande do meu coração está com você. Aqueles projetos que juntos escrevemos naquela tarde de outubro/2009 tomaram corpo e agora se concretizam... obrigada pela força!

- Cristina Machado, minha colega de trabalho e amiga. Melhor amiga! Obrigada por me dar o privilégio e o prazer imensurável de ouvir teu *sotaque* paraense todos os dias, por aguentar aquele assunto chato e insistente da dissertação. Com você, um pedaço do meu coração ficou paraense do tacacá doce, viu! Amo você!

- Aos amigos que me ajudaram a selecionar os informantes entrevistados para este trabalho, Lídia Silva, Maria dos Anjos e, em especial, Willen Lima, que começou a me ajudar com os contatos que tinha no Parque 10 de Novembro e, por fim, se tornou um grande parceiro de

pesquisa de campo nos demais bairros. Agradeço pela disposição em me ajudar, por re Dialectologia junto comigo, tudo isso sem pedir nada em troca. Isso é amizade verdadeira!

- À Secretaria Municipal de Administração (SEMAD), nas pessoas do Secretário José Assunção e do Subsecretário Paulo Yamaguti, pelas constantes liberações, pelas férias adiantadas, pelas folgas... enfim, pelo apoio imprescindível à realização deste trabalho. Agradecimento especial à chefe da Assessoria de Controle e Acompanhamento de Atos Administrativos (ACAA), Socorro Campos, minha chefe imediata, pela amizade, por acreditar em mim, pelo “a gente dá um jeito, minha princesa!” nas minhas ausências. À Ana Maria Pina Paiva e Clélia Fontes pelo apoio e carinho. Agradeço a Deus por vocês existirem!

- À dona Dalva, seu Antônio Carlos Dias e família, pelo carinho e apoio, cuidando dos meus filhos sempre nos momentos em que mais precisei.

- A Luana Lopes, minha babá, minha amiga, por aguentar meu humor, meu desespero, minha noites em claro, meus atrasos, por ser mais minha babá do que dos meus filhos, às vezes. Por cuidar deles tão bem.

- Aos amigos que, nem citarei nomes para não correr o risco de ser injusta, esquecendo o nome de algum, obrigada por me amar, por me aguentar, sendo tão chata assim com a minha linguística. Prometo que agora vou mudar um pouco de assunto... ou não.

- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo apoio financeiro e por dar à Linguística a importância e o incentivo que ela merece no Amazonas!

- Enfim, a Deus, *por que dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas*. Graças a Ele, encontro-me hoje como os que choram... todas as conquistas, a força e os milagres, tudo é pela força da sua poderosa mão e em razão de um amor tão grande que não merecemos!

Pela linguagem somos. Pela linguagem damos sentido ao mundo.
Na linguagem podemos nos ver da forma mais verdadeira: nossas crenças, nossos valores,
nosso lugar no mundo, enfim. Somos o que aprendemos a ser durante nossa vida e
aprendemos a ser via linguagem, no nosso caso a língua portuguesa.

Sérgio Freire, *Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas (2011)*

Tu me alegras, Senhor, com os teus feitos; as obras das tuas mãos levam-me a cantar de
alegria. Como são grandes as tuas obras, Senhor, como são profundos os teus propósitos!

Salmos 92:4-5 (NVI)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de verificar o comportamento fonético-fonológico das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na zona urbana de Manaus. Para tanto, o trabalho segue os princípios da Dialectologia e do método da Geolinguística e foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e de campo, por meio da aplicação de questionário fonético-fonológico, baseado em Cruz (2004) e Silva (2009), aplicado a vinte e quatro informantes, falantes de língua portuguesa, moradores de quatro bairros de Manaus, sendo, em cada bairro, um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 em diante, tendo cursado até o 9º ano do Ensino Fundamental. A produção deste trabalho viabilizará o aprofundamento e o avanço dos estudos dialetológicos realizados no Brasil e contribuir com os registros fonéticos presentes no *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004). Diante disso, observa-se a importância desta pesquisa no sentido de contribuir para o conhecimento das particularidades do falar amazonense, de um estado tão pouco explorado quanto aos estudos linguísticos, disponibilizando dados a respeito de uma localidade ainda não estudada, possibilitando, dessa forma, comparação entre regiões levando em consideração, também, a capital do Amazonas. Os resultados contam com a produção de 96 cartas linguísticas e de 13 cartas fonético-contextuais, as quais demonstram o uso predominante das variantes fechadas [e] e [o], porém o emprego majoritário das variantes altas [ɛ] e [ɔ] e das altas [i] e [u] em contextos intralinguísticos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia; Geografia Linguística; variação fonética; vogais médias pretônicas.

ABSTRACT

This work has the objective of verify phonetic-phonological behavior of pretonic vowels /e/ and /o/ in the Manaus's urban zone. Thus, the study follows Dialectology principles and Linguistic Geography methods, and it was developed by bibliographic and field researches. A questionnaire based of Cruz (2003) and Silva (2009) works was applied to 24 informants, distributed by gender and three age range (18-35, 36-55 and more of 55 years old), which has studied until the 9th year of elementary school, Portuguese language speakers, inhabitants of four Manaus's districts: São Raimundo, Centro, Colônia Antônio Aleixo and Parque 10 de Novembro. The production of this work will enable the strengthening and advancement of studies conducted in Brazil and will contribute to phonetic records present in the Linguist Atlas of Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004). Thereby, it is verified the importance of this research to contribute to the knowledge of the peculiarities of the talking Amazon, a State which has been so little explored with regard to language studies, providing data about a location not yet studied, allowing comparisons between regions into account also the capital of Amazonas. The results rely on the production of 96 linguistic maps and 13 phonetic-contextual maps which demonstrate the predominant use of [e] and [o], although the majority use of variants [ɛ] e [ɔ] and variants [i]e [u] in intralinguistic specific contexts.

KEY-WORDS: Dialectology; Linguistic Geography; phonetic variation; pretonic vowels /e/ and /o/.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 – Manaus – Amazonas – Brasil.....	25
Figura 2 – Região Metropolitana de Manaus	26
Figura 3 – Manaus: área urbana, de expansão urbana e rural.....	27
Figura 4 – Imagem de satélite da zona urbana de Manaus.....	28
Figura 5 – Divisão Administrativa de Manaus.....	30
Figura 6 – Aeroporto de Manaus.....	33
Figura 7 – Ponte sobre o rio Negro	33
Figura 8 – Bonde elétrico no Centro de Manaus na década de 1910	36
Figura 9 – Polo Industrial de Manaus.....	37
Figura 10 – Área urbana de Manaus: pontos de inquérito em destaque.....	38
Figura 11 – São Raimundo Esporte Clube	41
Figura 12 – Câmara Municipal de Manaus	41
Figura 13 – Igreja de São Raimundo	41
Figura 14 – Estádio da Colina	41
Figura 15 – Centro de Manaus: Praça da Matriz no início do século XX.....	42
Figura 16 – Porto de Manaus.....	43
Figura 17 – Centro de Manaus: cheia histórica de 2012	43
Figura 18 – Teatro Amazonas	44
Figura 19 – Igreja da Matriz.....	44
Figura 20 – Teatro Chaminé.....	44
Figura 21 – Igreja de N. Senhora dos Remédios.....	44
Figura 22 – Igreja do bairro Colônia Antônio Aleixo	46
Figura 23 – Porto do bairro Colônia Antônio Aleixo.....	46
Figura 24 – Centro Social no bairro Colônia Antônio Aleixo.....	46
Figura 25 – Balneário do Parque 10 de Novembro	47
Figura 26 – Igreja de Nossa Senhora de Lourdes – Parque Dez de Novembro	48
Figura 27 – Festival Folclórico do Parque Dez de Novembro	48
Figura 28 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1953).....	74
Figura 29 – Evolução urbana da cidade de Manaus	81
Figura 30 – Entrevista realizada no bairro Colônia Antônio Aleixo, na varanda da casa de duas informantes.....	86

Figura 31 – Entrevista realizada no Centro, na frente da casa do informante, que assistia jogo de futebol com familiares	86
Figura 32 – Quintal da casa de um informante do Colônia Antônio Aleixo, completamente tomado pelas águas.....	88
Figura 33 – Quintal da casa de um informante do Centro, completamente tomado pelas águas.....	88
Figura 34 – Área à beira do igarapé no Parque 10 de Novembro	89
Figura 35 – Área à beira do igarapé no Parque 10 de Novembro	89
Figura 36 – Área ribeirinha no bairro Colônia Antônio Aleixo	89
Figura 37 – Modelo de carta fonética construída para a pesquisa.....	93

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1- Formação do Inquérito do ALiB	57
Quadro 2 – Síntese de contextos condicionadores de variação das vogais médias	78
Quadro 3 – Bairros mais antigos da zona sul de Manaus	82
Quadro 4 – Bairros mais antigos da zona centro-sul de Manaus	83
Quadro 5 – Bairros mais antigos da zona oeste de Manaus	83
Quadro 6 – Bairros mais antigos da zona leste de Manaus	84
Quadro 7 – Perfil dos informantes: média de idade	85
Quadro 8 – Rotulação dos 24 informantes entrevistados para a pesquisa	91
Quadro 9 – Símbolos fonéticos consonantais	92
Quadro 10 – Símbolos fonéticos vocálicos	92
Quadro 11 – Questionário e distribuição contextual de vocábulos	94
Quadro 12 – Ocorrências de /e/: cartas fonéticas e cartas fonético-contextuais	97
Quadro 13 – Ocorrências de /o/: cartas fonéticas e cartas fonético-contextuais	109
Quadro 14 – Síntese dos resultados	120

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

Gráfico 1 – Percentual de ocorrências de /e/ por gênero	99
Gráfico 2 – Percentual de ocorrências de /e/ por faixa etária	100
Gráfico 3 – Percentual de ocorrências de /e/ por ponto de inquérito	100
Gráfico 4 – Síntese das ocorrências de /e/ por contexto.....	107
Gráfico 5 – Percentual de ocorrências de /o/ por gênero.....	110
Gráfico 6 – Percentual de ocorrências de /o/ por faixa etária.....	111
Gráfico 7 – Percentual de ocorrências de /o/ por ponto de inquérito	112
Gráfico 8 – Síntese das ocorrências de /o/ por contexto.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual geral de ocorrências de /e/ e /o/	96
Tabela 2 – Percentual geral de ocorrências de /e/	98
Tabela 3 – Ocorrências de /e/ por gênero	98
Tabela 4 – Ocorrências de /e/ por faixa etária	99
Tabela 5 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica fechada.....	101
Tabela 6 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica alta	102
Tabela 7 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica aberta	103
Tabela 8 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica	104
Tabela 9 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica ..	105
Tabela 10 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica na sequência DES-.....	106
Tabela 11 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica em início de sílaba travada por /S/	106
Tabela 12 – Percentual geral de ocorrências de /o/	108
Tabela 13 – Ocorrências de /o/ por gênero.....	110
Tabela 14 – Ocorrências de /o/ por faixa etária.....	111
Tabela 15 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica fechada	113
Tabela 16 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica alta	114
Tabela 17 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica aberta.....	115
Tabela 18 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica	117
Tabela 19 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica	117
Tabela 20 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal pretônica em contexto de hiato	118

LISTA DE SÍMBOLOS

/ / fonemas

[] fones

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

CONSOANTES:

- [p] oclusiva bilabial surda
- [b] oclusiva bilabial sonora
- [t] oclusiva alveolar surda
- [d] oclusiva alveolar sonora
- [k] oclusiva velar surda
- [g] oclusiva velar sonora
- [m] nasal bilabial sonora
- [n] nasal alveolar sonora
- [ɲ] nasal palatal sonora
- [r] vibrante alveolar sonora
- [r̄] tepe alveolar sonoro
- [f] fricativa labiodental surda
- [v] fricativa labiodental sonora
- [s] fricativa alveolar surda
- [z] fricativa alveolar sonora
- [ʃ] fricativa pós-alveolar surda
- [ʒ] fricativa pós alveolar sonora
- [h] fricativa glotal surda
- [ɦ] fricativa glotal sonora
- [l] lateral alveolar sonora
- [ʎ] lateral palatal sonora
- [tʃ] africada pós-alveolar surda
- [dʒ] africada pós-alveolar sonora

VOGAIS:

- [i] anterior fechada
- [ɪ] anterior entre [i] e [e] (átona final)
- [e] anterior média fechada
- [ε] anterior média aberta
- [u] posterior fechada
- [ʊ] posterior entre [u] e [o] (átona final)
- [o] posterior média fechada
- [ɔ] posterior média aberta
- [a] central aberta
- [ɐ] central meio-aberta (átona final)

SEMIVOGAIS:

- [y] semivogal anterior
- [w] semivogal posterior

DIACRÍTICOS:

- (^ˈ) Antecede a sílaba tônica;
- (_,) Indica tonicidade secundária;
- ([~]) Indica nasalização.

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO	20
1. MANAUS: A CAPITAL AMAZONENSE	24
1.1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS	24
1.2. DIVISÃO ADMINISTRATIVA	27
1.3. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS	30
1.4. ASPECTOS HISTÓRICO-ECONÔMICOS	34
1.5. OS PONTOS DE INQUÉRITO SELECIONADOS	38
1.5.1. São Raimundo	39
1.5.2. Centro	41
1.5.3. Colônia Antônio Aleixo	44
1.5.4. Parque Dez de Novembro	46
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A DIALETOLOGIA E O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/ E /o/	50
2.1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO DA GEOLINGUÍSTICA	50
2.1.1 A Dialetoologia no Brasil	52
2.1.1.1 O Atlas Linguístico do Brasil	55
2.1.1.2 <i>Os atlas regionais brasileiros</i>	57
2.1.2 A Dialetoologia no Amazonas	61
2.1.2.1 As primeiras notícias do falar do “caboclo” amazonense	62
2.1.2.2 O pioneiro Atlas Linguístico do Amazonas	63
2.1.2.3 As sementes da Dialetoologia em nível de iniciação científica	65
2.1.2.4 A maturação da Dialetoologia no Amazonas	66
2.1.2.4.1 <i>Pesquisa no município de Borba</i>	67
2.1.2.4.2 <i>O Atlas dos Falares do Baixo Amazonas</i>	68
2.1.2.4.3 <i>Estudos nos municípios de Silves e Itapiranga</i>	68
2.1.2.5 Os novos rumos da Dialetoologia no Amazonas	70
2.2 O FENÔMENO INVESTIGADO: AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/ E /o/	72
2.2.1 A hipótese de Nascentes	74
2.2.2 As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Amazonas	75
3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	80
3.1 OS PONTOS DE INQUÉRITO	80
3.2 A SELEÇÃO DOS INFORMANTES	84
3.3 A COLETA DE DADOS	86
3.3.1 Questionário Fonético-Fonológico	90
3.3.2 Conversação Livre	90
3.4 MÉTODO DE TRATAMENTO DOS DADOS	91

3.4.1	Transcrição e digitalização	92
3.4.2	Elaboração de Cartas Linguísticas	92
4.	CONSIDERAÇÕES ACERCA DO COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MANAUS (AM)	95
4.1.	RESULTADOS GERAIS	96
4.2.	VOGAL MÉDIA ANTERIOR	96
4.2.1.	Variação diagenérica	98
4.2.2.	Variação diageracional	99
4.2.3.	Comportamento de /e/ por ponto de inquérito	100
4.2.4.	Comportamento de /e/ por contexto fonético fonológico	101
4.2.4.1.	Vogal tônica fechada	101
4.2.4.2.	Vogal tônica alta	102
4.2.4.3.	Vogal tônica aberta	103
4.2.4.4.	Vogal tônica de nasalidade fonológica	104
4.2.4.5.	Vogal pretônica de nasalidade fonológica	105
4.2.4.6.	Vogal pretônica na sequência DES-	105
4.2.4.7.	Vogal pretônica inicia sílaba travada por /S/	106
4.2.4.8.	Síntese da análise contextual das ocorrências de /e/	107
4.3.	VOGAL MÉDIA POSTERIOR	108
4.3.1.	Variação diagenérica	110
4.3.2.	Variação diageracional	111
4.3.3.	Comportamento de /o/ por ponto de inquérito	112
4.3.4.	Comportamento de /o/ por contexto fonético fonológico	113
4.3.4.1.	Vogal tônica fechada	113
4.3.4.2.	Vogal tônica alta	114
4.3.4.3.	Vogal tônica aberta	115
4.3.4.4.	Vogal tônica de nasalidade fonológica	116
4.3.4.5.	Vogal pretônica de nasalidade fonológica	117
4.3.4.6.	Vogal pretônica em contexto de hiato	118
4.3.4.7.	Síntese da análise contextual das ocorrências de /o/	118
4.4.	QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS	120
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

INTRODUÇÃO

A Dialectologia é o ramo da ciência que estuda a linguagem voltado ao estudo dos diferentes falares, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Tem vivenciado um desenvolvimento considerável, no Brasil, desde o fim do século passado. No entanto, apesar dos avanços no conhecimento das variantes populares do país, há uma grande dificuldade para se desenvolverem pesquisas dessa natureza, devido ao imenso território brasileiro, dentre outras questões.

Se muitas são as dificuldades em âmbito nacional, ainda mais acentuada é a situação no Amazonas, maior estado brasileiro em território, entrecortado por imensos rios e de grandes problemas logísticos e infraestruturais, onde a construção do conhecimento linguístico é ainda precária em quantidade. Na maior parte dos municípios do estado, só se chega por meio fluvial ou aéreo, o que torna oneroso o acesso, dificultando o desenvolvimento de pesquisas de campo.

Conhecer a variedade linguística no Amazonas é, além de uma necessidade, um grande desafio. E ainda são poucos os que se aventuram a essa tarefa: ainda há muito a se desbravar no campo da Dialectologia no estado, pois é muito recente o interesse em se conhecer a respeito dos falares amazonenses.

Dentre os estudos já existentes nessa área, destaca-se o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004), que selecionou nove municípios amazonenses, representantes das microrregiões em que se divide o estado. Outro trabalho de destaque é o Atlas Linguístico do Baixo Amazonas – AFBAM (BRITO, 2010), que contemplou cinco municípios da microrregião do Baixo Amazonas.

Outros estudos têm-se dedicado a fenômenos específicos. O alteamento da vogal média /o/ em posição tônica, fenômeno que vem chamando a atenção de pesquisadores e tem sido documentado desde a década de 1980, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e o /S/ em posição de coda silábica são alguns dos fenômenos que têm sido estudados na região.

Até o presente momento, Manaus, a capital do Amazonas, localidade mais desenvolvida e que detém mais de 50% da população de todo o estado, já foi ponto de inquérito do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto de nível nacional que se encontra em andamento, e ainda não havia sido contemplada com um estudo dialetológico que a investigasse, por ser o maior centro urbano do Estado.

É na busca por conhecer as variantes dialetais existentes na cidade mais importante do estado do Amazonas que se funda este trabalho, que apresenta um estudo a respeito do

falar da zona urbana de Manaus, mais especificamente, em relação ao modo como os manauenses realizam as vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica de vocábulo, como nas palavras *estudante* e *colégio*, seguindo os princípios da Dialectologia, por meio da Geografia Linguística, método por excelência da Dialectologia direcionado à elaboração de mapas linguísticos que demonstrem a variação dialetal de uma região.

As vogais médias em contexto pretônico podem realizar-se como *fechadas* (como em [ê]studante e c[ô]légio), *abertas* (como em [é]studante e c[ó]légio) e, ainda, como *vogais altas* ([i]studante e c[u]légio), esta última variação condicionada por contextos específicos, constituindo um fenômeno chamado *alçamento* ou *alteamento*.

Parte-se da hipótese levantada por Nascentes (1953) de que, no Brasil, haveria zonas dialetais distintas com base no comportamento das vogais médias em contexto pretônico. O autor aponta, de acordo com a realização das vogais médias pretônicas, uma divisão entre os falares do norte (setentrional) e os do sul (meridional), sendo os primeiros caracterizados pela pronúncia aberta e os segundos, pela pronúncia fechada.

A hipótese de Nascentes tem sido referência para muitas pesquisas realizadas pelo Brasil, buscando, por meio do método da Geolinguística, caracterizar a variante que predomina em cada ponto do país. Exemplo dessas pesquisas são, em nível nacional, o Atlas Linguístico do Brasil, em nível regional, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), entre outros.

Com esta pesquisa, objetiva-se, de modo geral, contribuir para o incremento do conhecimento linguístico do estado do Amazonas, levando em consideração uma localidade ainda não estudada e de grande relevância para o estado do Amazonas: sua capital, Manaus.

De modo específico, busca-se (1) investigar, em contexto formal, por meio de questionário fonético-fonológico, quais variantes das vogais médias pretônicas predominam na fala de informantes da região em estudo e a ocorrência ou não de alçamento, considerando as variáveis gênero e faixa etária, a fim de observar a influência desses fatores na escolha da variante pelo falante; (2) observar, também, a influência de contextos fonológicos específicos na escolha da variante pelo falante; (3) elaborar cartas fonéticas que demonstrem os resultados; e (4) coletar dados do tipo elocução livre para a criação de um banco de dados para estudos posteriores.

Os procedimentos metodológicos selecionados para a investigação proposta seguem os princípios da Dialectologia e do método da Geografia Linguística, consistindo em pesquisa de campo, selecionando criteriosamente informantes moradores da zona urbana de Manaus,

com o seguinte perfil: analfabetos ou com escolaridade até o 9º ano do ensino fundamental; naturais da localidade estudada e com pais e cônjuges também naturais da região; não terem se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação.

Foram selecionados quatro pontos de inquérito, os quais constituem bairros representativos de quatro dentre as seis zonas em que Manaus é dividida, obedecendo ao critério de maior população e/ou maior tempo de fundação. Devido ao pouco tempo de urbanização, duas zonas da cidade foram excluídas como pontos de inquérito (zonas centro-oeste e norte), visto que seria impossível encontrar um morador com idade a partir de 56 anos em uma região com menos de 56 anos de ocupação.

Dessa forma, estabeleceram-se como pontos de inquérito os seguintes bairros: Centro (representante da zona sul da cidade), Parque 10 de Novembro (zona centro-sul), Colônia Antônio Aleixo (zona leste) e São Raimundo (zona oeste), sendo estipulado um total de 24 informantes, sendo seis em cada ponto – um homem e uma mulher, em três faixas de idade (18-35 anos, 36-55 anos e 56 em diante).

A tais informantes foi aplicado um questionário fonético-fonológico (QFF), construído a partir dos questionários elaborados por Cruz (2004) e Silva (2009), a partir do qual foram obtidos dados que foram analisados estatisticamente e redundaram em cartas fonéticas que demonstram o comportamento do fenômeno investigado.

Além disso, foram coletadas conversações livres, realizadas com base no que propõe Tarallo (2003), no intuito de, futuramente, constituir um banco de dados para a realização de pesquisas posteriores em diferentes níveis linguísticos.

Este trabalho está dividido em dois volumes. O primeiro volume se subdivide em 4 capítulos. O primeiro apresenta a localidade estudada, Manaus, seus aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos, bem como um levantamento histórico e socioeconômico particular de cada bairro selecionado por ponto de inquérito, baseando-se em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB), bem como em Mesquita (2006), Noronha (2003), Monteiro (1994), Garcia (2006), Pontes Filho (2000), Dias (2007a) e Benchimol (2009), além de registros históricos do *Jornal do Commercio*, meio de comunicação mais antigo de Manaus que se mantém em funcionamento até a atualidade.

O segundo capítulo deste trabalho envolve os pressupostos teóricos adotados para a pesquisa empreendida, apresentando a área de pesquisa da Dialetoлогия e seu método, a Geografia Linguística ou Geolinguística, bem como a situação desse ramo da Linguística em nível nacional e regional, constituindo um apanhado geral dos trabalhos realizados na área no

Amazonas, desde o pioneiro trabalho “O falar do ‘caboco’: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves” (CORRÊA, 1980) até hoje, não deixando de apresentar o Atlas Linguístico do Amazonas e os atlas “microrregionais” do Baixo Amazonas (AFBAM, já concluído) e Alto Rio Negro (ALFARIN, em fase de conclusão).

Ainda no segundo capítulo, faz-se uma abordagem a respeito do fenômeno investigado, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, partindo da hipótese de Nascentes de que no norte do Brasil, incluindo-se aí o estado do Amazonas e sua capital Manaus, predominaria, em contexto pretônico, a realização aberta das vogais médias. Apresentam-se os trabalhos desenvolvidos acerca dessa variação, traçando um quadro do comportamento desse fenômeno em várias regiões do país, inclusive no Amazonas, a partir dos estudos aqui já desenvolvidos.

O terceiro capítulo deste trabalho traça o percurso metodológico desta pesquisa, tais como os critérios adotados para a seleção dos informantes, dos pontos de inquérito e da coleta de dados, bem como acerca das circunstâncias em que se deu essa coleta, apresentando também o questionário fonético-fonológico aplicado, o método de coleta das conversações livres e seus objetivos. Apresenta-se também o método aplicado na análise, na transcrição e na digitalização dos dados e na elaboração das cartas linguísticas.

O quarto capítulo se dedica aos resultados obtidos neste trabalho, apresentando os aspectos gerais acerca do comportamento das vogais médias pretônicas na cidade de Manaus, descrevendo qual variante predomina na região estudada e as influências extralinguísticas (faixa etária, gênero e escolaridade) e intralinguísticas (contextos fonético-fonológicos) relacionadas a essa variação.

No segundo volume deste trabalho, constam as cartas fonéticas propriamente ditas, trazendo as normas empregadas na elaboração das cartas, o sistema de transcrição fonética utilizado, os dados dos pontos de inquérito e dos informantes e o questionário fonético-fonológico utilizado.

1. MANAUS: A CAPITAL AMAZONENSE

Constitui o primeiro passo da pesquisa dialetal a definição da rede de pontos de inquérito a ser investigada, que, juntamente com a definição do perfil dos informantes e dos questionários a serem aplicados, formam um tripé básico (CARDOSO, 2010).

Assim, seguindo-se os princípios metodológicos da Dialectologia, alguns aspectos foram levantados a fim de subsidiarem o estabelecimento dos pontos de inquérito desta pesquisa, tais como: aspectos históricos da área (sua fundação, as etapas de seu desenvolvimento, seu processo de povoamento), aspectos geográficos, socioculturais e econômicos. Cardoso (2010, p. 91) ressalta a necessidade de “inclusão, na rede de pontos, de localidades de maior desenvolvimento, maior grau de urbanização e de número de população mais elevado”.

Nesse sentido, este capítulo apresenta o resultado de um estudo preliminar acerca da lócus desta pesquisa, Manaus, fundamentando-se em um levantamento bibliográfico pertinente aos aspectos históricos, geográficos, sociais e culturais da região, permitindo traçar, assim, um perfil da capital do estado do Amazonas, assim como explicitar os aspectos norteadores que constituíram basicamente os critérios da seleção dos pontos de inquérito desta pesquisa.

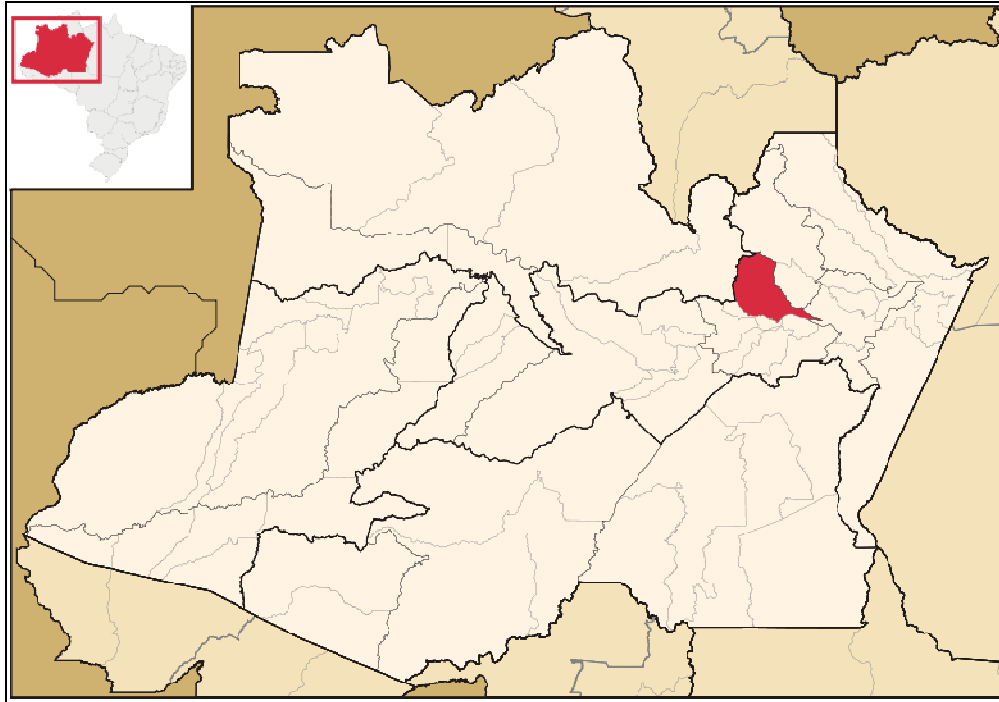
Basicamente, utilizam-se nesta seção, como fontes norteadoras, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB), da Prefeitura de Manaus e do Governo do Estado do Amazonas, bem como Mesquita (2006), Noronha (2003), Monteiro (1994), Garcia (2006), Pontes Filho (2000), Dias (2007a) e Benchimol (2009), além de registros históricos do Jornal do Commercio, meio de comunicação mais antigo de Manaus que se mantém em funcionamento até a atualidade e que, todos os anos, por ocasião do aniversário de Manaus, produz uma edição especial que traz as histórias dos bairros de Manaus.

1.1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Manaus é a capital do estado do Amazonas e a cidade mais desenvolvida da Região Norte do país. Possui área de 11.401,058 km², cerca de 0,73% do território do estado ao qual pertence, que é o maior do país em extensão territorial, com 1.559.161,682 km² (IBGE, 2010).

Localizada no centro da maior floresta tropical do mundo, a cidade de Manaus dista 3.490 km da capital nacional, Brasília, pertencendo, conforme a divisão político-administrativa do estado, à Mesorregião Centro-Amazonense e à Microrregião de Manaus¹.

Figura 1 – Manaus – Amazonas – Brasil



Fonte: Wikipédia²

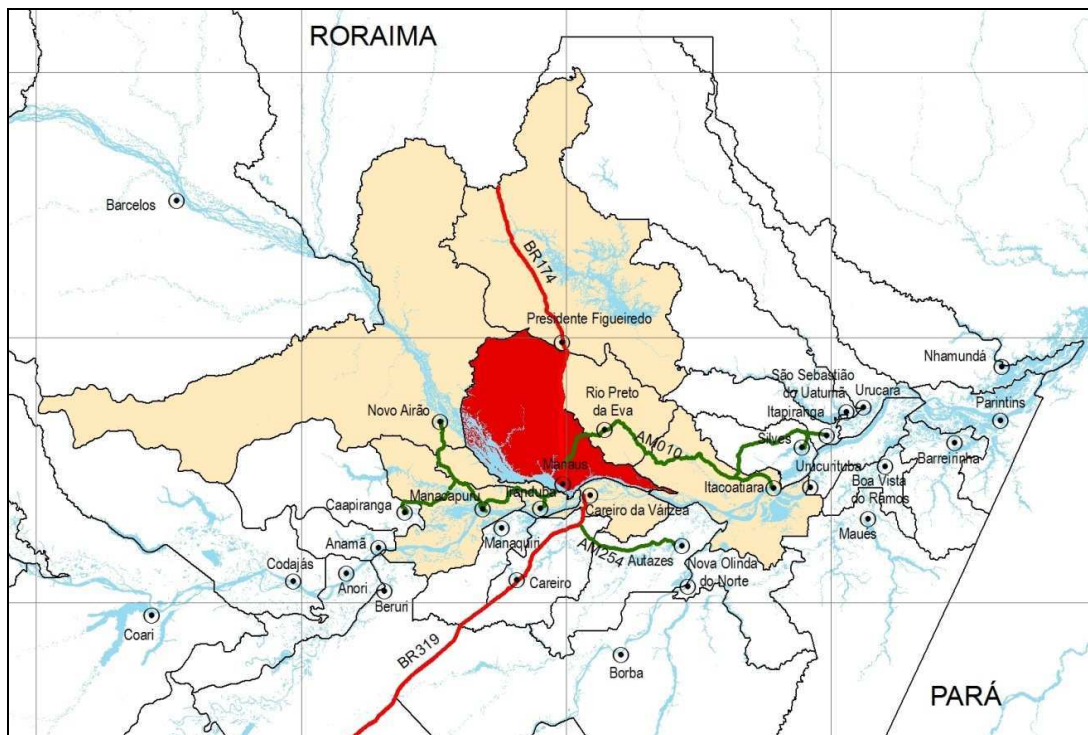
Manaus situa-se à margem direita do rio Negro, na confluência deste com o rio Solimões, que formam o rio Amazonas, e limita-se, ao norte, com o município de Presidente Figueiredo; ao sul, com Careiro da Várzea e Iranduba; a leste, com Rio Preto da Eva e Itacoatiara; e a oeste, com Novo Airão.

A cidade faz parte da Região Metropolitana de Manaus (RMM), que foi instituída por meio da Lei Complementar Estadual n. 52, de 30 de maio de 2007, juntamente com mais 07 municípios: Iranduba, Careiro da Várzea, Rio Preto da Eva, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Itacoatiara. Com extensão territorial de 101.474 km² e 2.141.667 habitantes (IBGE, 2011), a RMM é o maior aglomerado urbano da Região Norte do Brasil e o décimo segundo de todo o país.

¹ Anteriormente, de acordo com a Constituição Estadual de 05 de outubro de 1989, Manaus pertencia à Microrregião do Rio Negro-Solimões. Atualmente, segundo o IBGE, a cidade pertence à Microrregião de Manaus, o que se deve à recente criação da Região Metropolitana de Manaus, por meio da Lei Complementar Estadual n. 52, de 30/05/2007.

² Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amazonas_Municip_Manau.svg

Figura 2 – Região Metropolitana de Manaus



Fonte: IMPLURB (2010)³

Quanto ao relevo manauara, trata-se de uma área caracterizada por planícies, baixos planaltos e terras firmes, apresentando uma altitude média de 92m (NORONHA, 2003). O clima da região caracterizado como tropical quente e úmido, e não se verifica, na região, estações bem definidas, em razão das baixas latitudes, isto é, a proximidade da linha do Equador, havendo, na região, chuvas bem distribuídas durante o ano todo, por conta da influência do verão dos dois hemisférios.

Há uma tendência natural para altas temperaturas, por conta da intensa radiação solar, condições que contribuem para uma acentuada evaporação e, conseqüentemente, um alto índice de umidade e de chuvas na região.

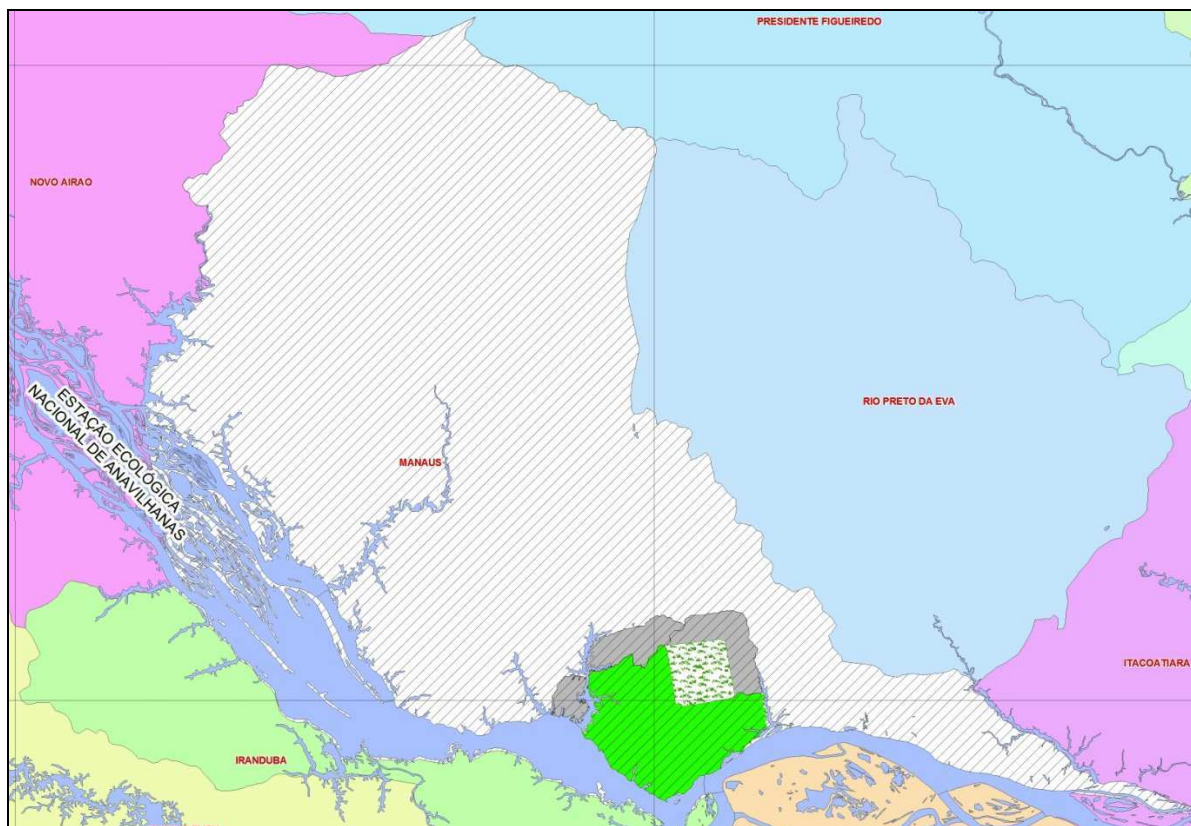
Verifica-se na região um período de estiagem em consonância com o inverno do hemisfério sul (a partir de 21 de junho), sendo os meses de agosto a novembro caracterizados como os mais secos do ano (NORONHA, 2003).

³ Disponível em: Plano Diretor de Manaus (2010), obtido na sede do Instituto em maio/2010. Cabe ressaltar que o material aqui apresentado obtido diretamente do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB) se trata dos mapas construídos para compor o novo Plano Diretor de Manaus, que seria sugerido pela Prefeitura de Manaus em 2010 para votação na Câmara Municipal de Manaus.

1.2. DIVISÃO ADMINISTRATIVA

Manaus é dividida em: área urbana, área de expansão urbana e área rural, conforme o mapa adiante. Verifica-se que a área urbana da cidade, objeto deste trabalho, está situada entre as coordenadas 2°57' e 3°10' latitude Sul e 59°53' e 60°07' longitude Oeste, e apresenta uma extensão territorial de 377 km², conforme dados do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB) que constam do Plano Diretor de Manaus.

Figura 3 – Manaus: área urbana, de expansão urbana e rural



Fonte: IMPLURB (2010)⁴

Segundo pontua a Lei Municipal n. 1.401, de 14 de janeiro de 2010, a área urbana de Manaus possui 63 bairros oficiais, os quais são administrativamente distribuídos em seis zonas: sul, centro-sul, oeste, centro-oeste, norte e leste, de acordo com o IBGE (2011).

⁴ Disponível em: Plano Diretor de Manaus (2010), obtido na sede do Instituto em maio/2010.

Figura 4 – Imagem de satélite da zona urbana de Manaus



Fonte: Wikipédia⁵

A zona de urbanização mais antiga da cidade, conforme o IMPLURB (2010), é a **zona sul**, que compreende 18 bairros oficiais: (01) Betânia, (02) Cachoeirinha, (03) Centro, (04) Colônia Oliveira Machado, (05) Crespo, (06) Distrito Industrial I, (07) Educandos, (08) Japiim, (09) Morro da Liberdade, (10) Nossa Senhora de Aparecida, (11) Petrópolis, (12) Praça 14 de Janeiro, (13) Presidente Vargas, (14) Raiz, (15) Santa Luzia, (16) São Francisco, (17) São Lázaro e (18) Vila Buriti.

A zona tem uma população superior a 300 mil habitantes, com renda média de R\$ 805 por habitante (IBGE, 2008). O bairro mais populoso dessa zona é o *Japiim*, cuja

⁵ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manaus_SPOT_1232.jpg

urbanização iniciou na década de 1960, com população de 53.370 habitantes (IBGE, 2010). O bairro mais antigo da região é o *Centro* da cidade, que remonta à colonização da região, onde há, atualmente, muitas construções históricas, bem como intensa atividade comercial.

A zona mais nobre e de maior renda per capita da cidade, a **zona centro-sul** é a mais urbanizada de Manaus e a que apresenta os menores índices de problemas sociais, abrangendo 07 bairros: (01) Adrianópolis, (02) Aleixo, (03) Chapada, (04) Flores, (05) Nossa Senhora das Graças, (06) Parque 10 de Novembro e (07) São Geraldo.

O Parque Dez de Novembro é o bairro de maior destaque dessa zona, sendo o maior e mais populoso da região. Outros bairros se destacam por serem os mais nobres da cidade, como o Adrianópolis e o Vieiralves, onde há famílias com renda superior a 40 salários mínimos (IBGE, 2010).

Zona cujos bairros são os mais próximos ao rio Negro, a **zona oeste** engloba 12 bairros: (01) Compensa, (02) Glória, (03) Lírio do Vale, (04) Nova Esperança, (05) Ponta Negra, (06) Santo Agostinho, (07) Santo Antônio, (08) São Jorge, (09) São Raimundo, (10) Tarumã, (11) Tarumã-Açu e (12) Vila da Prata.

São destaques dessa zona o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes e o Cemitério do Tarumã, bem como os bairros Compensa, o mais populoso (75.832 habitantes), e Ponta Negra, bairro de perfil turístico, que abriga um dos mais importantes cartões-postais da cidade, a Praia da Ponta Negra, sendo o bairro mais nobre de Manaus.

Uma das regiões mais bem localizadas de Manaus, a **zona centro-oeste** abrange 05 bairros: (01) Alvorada, (02) Bairro da Paz, (03) Dom Pedro, (04) Planalto e (05) Redenção. O Alvorada é o maior bairro da região com quase de 65 mil habitantes, enquanto que o Dom Pedro é mais nobre.

A **zona leste** é a mais populosa da cidade, com mais de 600 mil habitantes, com renda média de R\$ 720 por habitante (IBGE, 2008), e abrange 11 bairros: (01) Armando Mendes, (02) Colônia Antônio Aleixo, (03) Coroado, (04) Distrito Industrial II, (05) Gilberto Mestrinho, (06) Jorge Teixeira, (07) Mauzinho, (08) Puraquequara, (09) São José Operário, (10) Tancredo Neves e (11) Zumbi dos Palmares.

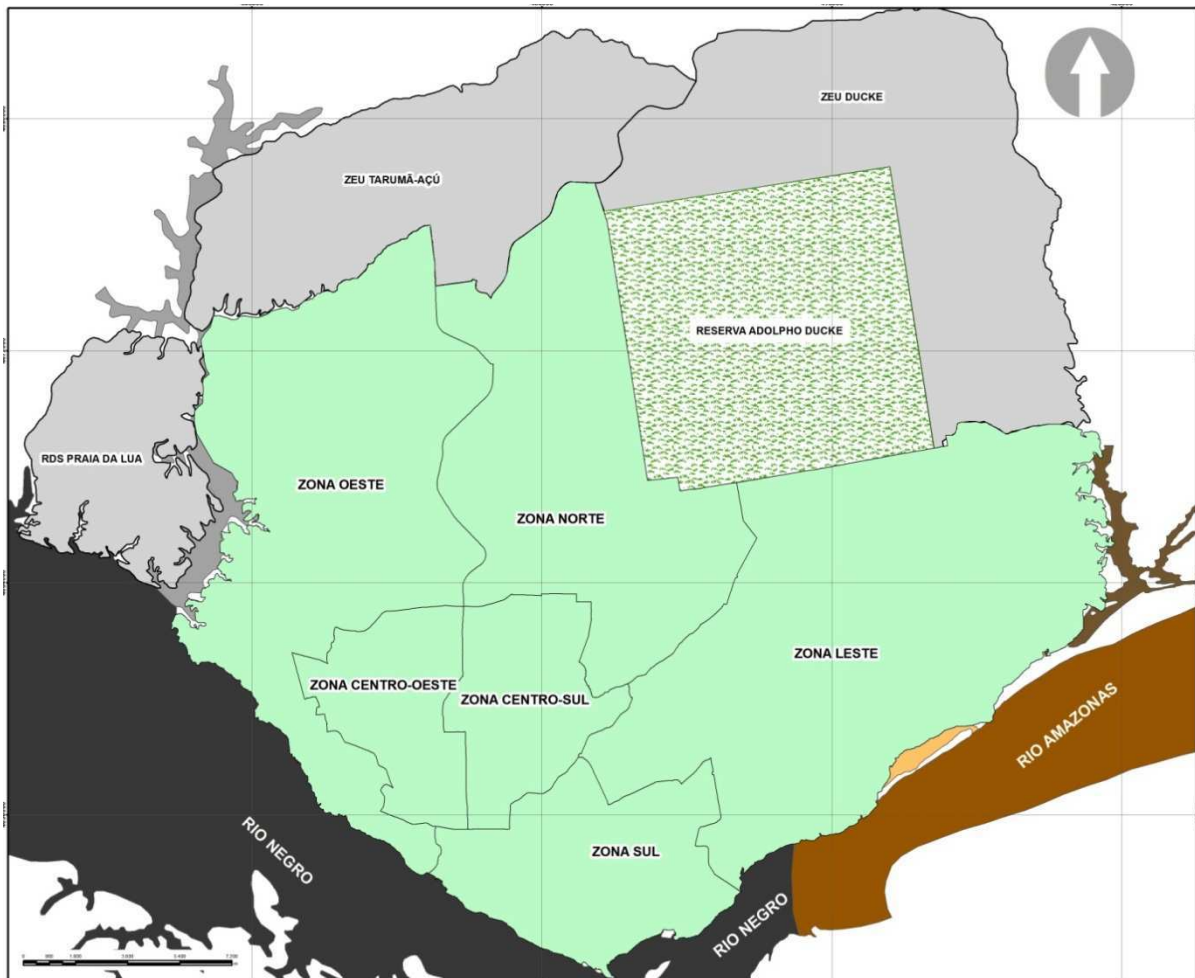
Nessa zona se encontram alguns dos bairros mais populosos da cidade, como São José, Jorge Teixeira e Zumbi. O bairro mais populoso dessa zona é o Jorge Teixeira, com mais de 112 mil habitantes, sendo o mais antigo o Colônia Antônio Aleixo.

A **zona norte** é a segunda maior da cidade e forma, com a zona leste, a zona de crescimento de Manaus. Possui mais de 500 mil habitantes e tem renda média de R\$ 720,25 por habitante. Dela fazem parte 10 bairros: (01) Cidade de Deus, (02) Cidade Nova, (03)

Colônia Santo Antônio, (04) Colônia Terra Nova, (05) Lagoa Azul, (06) Monte das Oliveiras, (07) Nova Cidade, (08) Novo Aleixo, (09) Novo Israel e (10) Santa Etelvina.

É a zona que mais cresce em Manaus, abrangendo o maior e mais populoso bairro de Manaus, o Cidade Nova, com mais de 120 mil habitantes. O bairro Nova Cidade, por exemplo, surgido em 1996, nos últimos anos, passou de 832 moradores (1999) a 31.443 moradores (2007), configurando o maior crescimento populacional da história de Manaus.

Figura 5 – Divisão Administrativa de Manaus



Fonte: IMPLURB (2010)⁶

1.3. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Manaus é a cidade mais populosa do Amazonas e da Amazônia, apresentando um contingente populacional de 1.832.423 habitantes e densidade demográfica de 160,72

⁶ Disponível em: Plano Diretor de Manaus (2010), obtido na sede do Instituto em maio/2010.

habitantes por km² (IBGE, 2011), sendo também a sétima cidade mais populosa do Brasil (IBGE, 2008). De acordo com a Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN), apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M⁷) de 0,774, caracterizando, segundo classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD – 1991-2000), uma região de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8).

A taxa de mortalidade infantil é de 21,26 por mil (crianças até 5 anos) e a taxa de fecundidade é de 2,5 filhos por mulher.

A taxa de alfabetização é de 97,63%, verificando-se que a taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos é de 6%, enquanto que a taxa de analfabetismo funcional é quase três vezes maior (17%), representando um contingente de 161 mil pessoas. Vale ressaltar que a taxa de analfabetismo da unidade de desenvolvimento humano (UDH) Colônia Antônio Aleixo-Puraquequara chega a 16,6%.

A esperança de vida na cidade é de 71,1 anos, pouco superior à média brasileira. Nas zonas sul, centro-sul e centro-oeste, a esperança de vida chega a 74,03 anos, enquanto nas zonas norte, oeste, leste, a esperança de vida é de 69,63 anos.

Mais de 76,9% dos domicílios são atendidos pela rede de distribuição de energia elétrica, 64,61% pela rede de esgoto e 86,54% são atendidos pela coleta de lixo, bem como 68,61% dispõem de abastecimento de água.

No quesito **educação**, Manaus apresenta várias instituições de ensino, o que também inclui a universidade mais antiga do Brasil (UFAM). Gerenciadas pela Secretaria Municipal de Educação do Município (SEMED), possui 242 de educação infantil, 334 de ensino fundamental (anos iniciais), 110 de educação de jovens e adultos e 14 escolas de educação especial. A cidade é um importante centro educacional do estado, com muitas instituições de nível médio e superior de destaque, atraindo, inclusive, muitos estudantes do interior do Estado.

Possui, em nível médio, escolas como o Colégio Militar de Manaus, o Instituto Federal do Amazonas (IFAM) – que também oferece cursos de nível técnico e superior, com a qual contabilizam-se 03 instituições de ensino públicas superior: o IFAM, a mencionada Universidade Federal do Amazonas (centenária) e a Universidade do Estado do Amazonas.

Além disso, verificam-se diversas instituições privadas de ensino superior, entre as quais se destacam: Universidade Nilton Lins (que recentemente adquiriu o status de

⁷ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) é uma adaptação do IDH para o nível municipal, seguindo os mesmos princípios e formulações.

universidade), o Centro Universitário do Norte (UNINORTE), a Universidade Paulista (UNIP), Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas (CIESA), a Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM), o Centro Literatus, a Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), a Faculdade Salesiana Dom Bosco, Centro de Ensino Superior FUCAPI, as Faculdades La Salle e Faculdades Marta Falcão, entre outras.

No quesito **saúde**, a cidade se destaca como centro urbano de referência, havendo diversos hospitais e maternidades, atraindo muitos habitantes do interior do estado e inclusive de outros estados para a realização de tratamentos médicos. Entre as instituições de saúde de maior destaque, citam-se: a Fundação CECOM (referência da Região Norte no tratamento de câncer), a Fundação Tropical (referência no tratamento de doenças tropicais, como a malária, picadas de inseto, além da AIDS), a Fundação Alfredo da Mata (destaque em dermatologia), a Fundação Hemoam (coleta e doenças do sangue), e os Hospitais 28 de Agosto, Adriano Jorge e João Lúcio, entre outros.

O quesito **transporte** traz, além dos problemas comuns a outras grandes metrópoles do país, a questão do isolamento da cidade na questão rodoviária intermunicipal e interestadual. A cidade conta com a maior frota da Região Norte, de mais de 500 mil veículos, segundo o Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas (DETRAN/AM) e do Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN), tendo o transporte coletivo um papel essencial ao cotidiano da cidade, apresentando uma grande e problemática estrutura de linhas de ônibus. O valor da passagem, atualmente, é de R\$ 2,75, havendo ainda ônibus alternativos ao valor superior a R\$ 4,00. Manaus conta com várias linhas de ônibus, transportando diariamente mais de 700 mil pessoas.

Há também o transporte feito por mototáxis, uma alternativa para o deficitário sistema de transporte coletivo na cidade. Nesse caso, verificam-se inúmeros problemas quanto à legalização desse tipo de transporte, que não é liberado em toda a cidade, mas principalmente nos bairros da zona norte e leste da cidade.

Manaus possui um sistema rodoviário intermunicipal e interestadual deficitário. Suas principais rodovias são: *BR-174*, que liga Manaus a Boa Vista, capital do estado de Roraima, *BR-319*, que liga Manaus a Porto Velho, capital do estado de Rondônia, em péssimas condições de trafegabilidade; *AM-010*, que faz a ligação com os municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara, e *AM-070*, que faz a ligação com o município de Iranduba, esta última conta com a maior ponte do Brasil e a segunda maior ponte do mundo, a ponte sobre o rio Negro, com comprimento de pouco mais de 3,5 km.

Se Manaus tem um sistema rodoviário que deixa a desejar, o transporte fluvial é bastante recorrente na região. Assim, há um grande e movimentado porto, localizado no Centro de Manaus, na costa oeste do rio Negro, de onde saem navios e barcos expressos para os mais variados municípios do estado e de outros estados.

Figura 6 – Aeroporto de Manaus



Fonte: Blog Flight Reports⁸

Figura 7 – Ponte sobre o rio Negro



Fonte: R7 Notícias⁹

Manaus possui ainda um aeroporto de grande porte, o *Aeroporto Internacional Eduardo Gomes*, que é o mais movimentado da Região Norte e o 14º mais movimentado do Brasil, sendo o terceiro do país em movimentação de cargas, em razão, principalmente, da intensa atividade industrial do município.

A cidade de Manaus vem passando por constantes transformações e investimentos no sentido de melhorar as condições de vida da população, investimentos esses que vêm sendo intensificados, devido à escolha da cidade para ser uma das subseções dos jogos da Copa do Mundo de 2014. Estuda-se a construção de um monotrilho para melhorar a questão do transporte urbano, bem como o aeroporto encontra-se em reforma e ampliação. O estádio da cidade passa atualmente por uma reforma grandiosa, entre outros investimentos.

Os principais feriados estaduais/municipais de Manaus são: dia 5 de setembro, comemoração da Elevação do Amazonas à categoria de província; 24 de outubro, aniversário do município; e 8 de dezembro, Dia de Nossa Senhora da Conceição (padroeira do estado do Amazonas).

⁸ Disponível em: <http://flightreportsbrasil.blogspot.com.br/2012/05/aeroporto-de-manau-investe.html>

⁹ Disponível em: [http://i1.r7.com/data/files/2C95/948F/3335/B590/0133/362B/C346/4B16/Foto%20-%20Chico%20Batata%20\(1\)_G.jpg](http://i1.r7.com/data/files/2C95/948F/3335/B590/0133/362B/C346/4B16/Foto%20-%20Chico%20Batata%20(1)_G.jpg)

Os principais eventos culturais da cidade são: o *Carnaval de Manaus* (que possui 26 escolas de samba, as quais desfilam no Centro de Convenções da cidade, o Sambódromo), realizado juntamente com o *Carnaboi*, que é uma mesclagem de ritmos carnavalescos com o tradicional boi-bumbá de Parintins. Realizado nos meses de abril e maio, tem-se o *Festival Amazonas de Ópera*; em junho, o *Festival Amazonas de Jazz*; no mês de setembro, o *Samba Manaus*; e o *Boi Manaus*, realizado desde 1997, no dia 24 de outubro, em comemoração ao aniversário da cidade.

Desde 2002, Manaus realiza, bienalmente, a *Feira Internacional da Amazônia (FIAM)*, bem como o *Amazonas Film Festival*, realizado todos os anos nos meses de outubro e novembro. As maiores festas juninas da cidade acontecem no Centro Cultural Povos da Amazônia e no Centro Social Urbano no Parque Dez de Novembro.

Semelhantemente a Parintins, cujo festival folclórico é mundialmente conhecido, em Manaus ocorre, nos meses de junho e julho, o *Festival Folclórico de Manaus*. Há o desfile de três Bois-Bumbás: Brilhante (oriundo do bairro Praça 14 de Janeiro, tendo como principal característica sua cor branco malhado e marrom), Corre Campo (bairro da Cachoeirinha, de cor branca) e Garanhão (do bairro Educandos, de cor branca).

1.4. ASPECTOS HISTÓRICO-ECONÔMICOS

O surgimento de Manaus se deu no século XVII, quando os portugueses passaram a explorar a região em busca de escravos indígenas (MESQUITA, 2006). Garcia (2006) pontua que a escassez de mão de obra indígena levou as tropas de resgate a subir o rio cada vez mais em busca de “peças escravas”. Vinda do Maranhão, uma tropa de resgate comandada por Vital Maciel Parente subiu o rio Amazonas, entrou no rio Negro, chegando em 1657, na foz do Tarumã. Os jesuítas reuniram os índios do lugar, rezaram uma missa e fincaram no solo uma cruz, fundando, assim, a Missão do Tarumã, o primeiro aldeamento de portugueses instalado na área que atualmente corresponde ao território de Manaus (GARCIA, 2006; MESQUITA, 2006; MONTEIRO, 1994).

Posteriormente, instalaram-se na margem esquerda do rio Negro, próximo à confluência com o rio Amazonas, fixando um Destacamento de Resgate. Ali, em torno de 1669, foi erguido um forte, que foi batizado como *Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro*, destinado a combater invasores holandeses e considerado o símbolo do nascimento de Manaus, em torno do qual se reuniram índios de várias tribos, como Manaós, Barés, Banibás, Passes, Aroquis, Juris, entre outras.

A Carta Régia de 22 de março de 1688 orientou então ao governador do Maranhão e Grão-Pará que ajudasse os jesuítas a introduzir uma missão fixa no rio Negro. Assim, naquele ano, organizou-se uma tropa de resgate cujo capitão era André Pinheiro, sendo enviado como missionário experimentado o padre João Maria Gorzoni. O padre, em 1689, firmou parceria com o cabo de tropas Faustino Mendes, no intuito de formar na região duas aldeias com residência fixa: Amatari (ou Matari), na margem esquerda do rio Amazonas, perto da foz do rio Negro, confiada em 1692 ao padre Aluísio Conrado Pfeil; outra, confiada no mesmo ano ao padre João Justo de Luca, que, de acordo com Garcia (2006) ou fixou-se na Aldeia do Tarumã ou junto ao forte.

Pouco mais de 100 anos da fundação do forte, já havia se formado em seu redor um povoado, cujo nome dado pelo povo e consagrado pelo uso era *Lugar da Barra do Rio Negro*. Até o final do século XVIII, o povoado não tinha expressão econômica, política ou social, até que, em 1791, a capital da Capitania de São José do Rio Negro é transferida da vila de Barcelos para o povoado, gerando repentino progresso. Essa transferência foi realizada pelo governador Manoel Lobo D'Almada sem autorização do governador do Grão-Pará, D. Francisco Coutinho, que determinou, em 1798, que a capital fosse trasladada de volta a Barcelos.

Apenas em 1804, D. Marco de Noronha e Brito, que substituiu Coutinho no governo do Grão-Pará, decide transferir a capital para o Lugar da Barra, o que só foi efetivamente cumprido em 29 de março de 1808, a partir de quando passou a tornar-se a principal cidade do distrito do rio Negro, instalando-se ali portugueses e brasileiros de outras províncias.

O Lugar da Barra vivencia uma época de crescimento, quando, em 1833, por determinações do Código Criminal (promulgado pela Regência de 1832), o governo paraense divide seu território em três Comarcas: Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. O Lugar da Barra se torna a capital da Comarca do Alto Amazonas, sendo promovida à condição de vila, passando a denominar-se *Vila de Manaós* (MESQUITA, 2006).

A vila chega a passar seis meses nas mãos de rebeldes durante a Cabanagem, revolta que dura cinco anos (1835–1840), o que contribuiu para acelerar o processo de elevação à categoria de província, em 1850, da Comarca do Alto Amazonas.

Em 1848, a vila é promovida à cidade, passando a denominar-se *Cidade da Barra do Rio Negro*. Com a elevação à categoria de província, da Comarca do Alto Amazonas, a cidade passa a denominar-se, em 04 de setembro de 1856, *Cidade de Manaós* (MESQUITA, 2006).

A partir de 1870, a cidade passa a vivenciar um surto vertiginoso de crescimento e urbanização, com o advento do ciclo da borracha. Aumenta, assim, a migração para a cidade de brasileiros de outras regiões, principalmente nordestinos fugidos da grande seca na região

(1877-1878), além de estrangeiros, como ingleses, franceses, judeus, gregos, italianos, portugueses e espanhóis, que vêm em busca de trabalho, atraídos pelas notícias de grandes riquezas na região, sonhando em fazer fortuna (DIAS, 2007a; BENCHIMOL, 2009).

O período de 1890 a 1910 é conhecido como o período áureo da borracha. Nessa época, sob o governo de Eduardo Ribeiro, passa por mudanças significativas, que a tornam a *Paris dos Trópicos*, com a chegada de bondes elétricos, a construção do Teatro Amazonas, de um moderno porto, de magazines, praças jardins e palacetes que passaram a fazer parte do cenário urbano (DIAS, 2007a). Na época, Manaus ganha destaque no cenário nacional e internacional como a capital da borracha, adquirindo feições de cidade europeia, chegando na região as mesmas benfeitorias que chegavam no Rio de Janeiro (a capital federal da época).

Figura 8 – Bonde elétrico no Centro de Manaus na década de 1910



Fonte: Queila Tavares¹⁰

A partir da década de 1910, o ciclo da borracha começa a declinar, em razão da forte concorrência asiática, fazendo retornar à cidade um novo período de isolamento até o advento da Zona Franca de Manaus, na década de 1970.

¹⁰ Disponível em: <http://queilatavares.blogspot.com.br/2011/07/manaus-antiga.html>

Manaus é hoje um grande polo econômico na Região Norte, em razão da instalação, da Zona Franca, que resultou, de uma política de incentivos fiscais e tributários implementada pelo regime militar, no sentido de promover a ocupação da região, que se encontrava isolada e estagnada, após o declínio do ciclo da borracha. A finalidade básica era, dessa forma, “implantar, no interior da Amazônia ocidental, um centro comercial, industrial e agropecuário dotado de condições mínimas para promover o desenvolvimento do estado” (PONTES FILHO, 2000, p.192).

Manaus então se volta para a produção industrial, atraindo para a região, por meio de incentivos fiscais, vários tipos de indústrias. O Polo Industrial de Manaus (PIM) é hoje um dos mais modernos da América Latina, reunindo indústrias de ponta das áreas de eletroeletrônica, veículos de duas rodas, produtos ópticos, produtos de informática, indústria química.

Figura 9 – Polo Industrial de Manaus



Fonte: Frank Wyllys ¹¹

Destacam-se, entre os produtos produzidos no PIM: TV em cores, telefone celular, motocicletas, aparelhos de som, monitores de vídeo, DVDs, aparelhos de ar-condicionado,

¹¹ Disponível em: <http://frankwyllys.blogspot.com.br/2012/06/manaus-cheia-de-2012-e-um-pouco-de.html>

relógios de pulso e de bolso, bicicletas, microcomputadores, aparelhos de barbear não elétricos, entre outros.

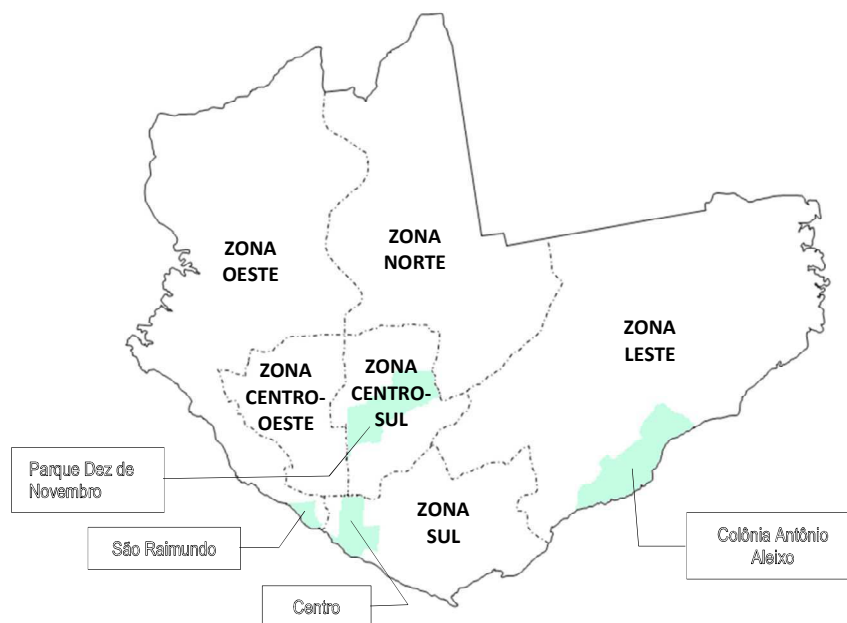
Tal desenvolvimento atraiu para Manaus grande contingente migratório do interior do estado, caracterizando êxodo rural, uma das razões pelas quais a capital concentra atualmente mais da metade da população do Amazonas, o que acarretou e acarreta grandes problemas infraestruturais à cidade, a exemplo das várias ocupações desordenadas pela cidade, chamadas também de “invasões”, sem estrutura básica aos moradores, como luz elétrica, abastecimento de água, saneamento básico, escolas e serviços básicos de saúde.

1.5. OS PONTOS DE INQUÉRITO SELECIONADOS

Nesta seção são apresentados, de forma sintética, os principais aspectos dos bairros selecionados para esta pesquisa. A escolha se deu de acordo com dois critérios principais: origem (maior tempo de fundação/urbanização) e contingente populacional, sendo também analisado o papel de importância para o bairro na zona a qual pertence.

Os bairros selecionados para esta pesquisa, de acordo com os critérios que são descritos com maior detalhamento no capítulo 2, foram: o São Raimundo (representante da zona oeste da cidade), o Centro (zona sul), o Colônia Antônio Aleixo (zona leste) e Parque 10 de Novembro (zona centro-sul).

Figura 10 – Área urbana de Manaus: pontos de inquérito em destaque



Fonte: Acervo da pesquisadora.

1.5.1. São Raimundo

O bairro São Raimundo está localizado na zona oeste de Manaus, às margens do rio Negro, numa área de 112,45 hectares, limitando-se com os bairros: Compensa, Santo Antônio, Glória e Nossa Senhora Aparecida. Possui 16.304 habitantes (IBGE, 2007).

O surgimento do bairro inicia em 1849, quando governo do estado doou ao Seminário São José um terreno, que foi incorporado ao patrimônio da instituição religiosa. Na época, o bispo Dom Lourenço da Costa Aguiar, decide por lotear uma parte das terras doadas para pessoas de baixa renda. Os lotes eram pagos com um quantia mensal denominada de “foros da igreja”.

Dessa forma se estabeleceram os primeiros moradores da região, que a princípio construíram suas casas à beira do rio Negro. Entre os primeiros moradores, destaca-se um casal vindo do Ceará, Bernardino de Sena e Cândida Maria Anunciação, que deixaram sua terra e vieram a Manaus em busca de emprego, e posteriormente trouxeram também seus filhos Elizardo, José, Antônio, Joaquim, Martino, Tereza, Luís e Joana, segundo o livro de tomo de paróquia de São Raimundo (JORNAL DO COMMERCIO, 2009).

As primeiras famílias estabelecidas no bairro praticavam a caça e a pesca para a subsistência e para vender nos mercados e feiras de Manaus.

Em 1877, chega ao bairro o senhor Bernardino, juntamente com sua filha Luzia, a qual permaneceu solteira e se dedicava às causas sociais das pessoas carentes, falecendo em 1938, aos 98 anos. Bernardino era católico fervoroso e Luzia se encarregava dos preparativos dos eventos realizados nas datas festivas; o local se tornava um grande arraial iluminado pelos lampiões de gás.

Nessa época, chega ao bairro o padre Raimundo Amâncio de Miranda, do município de Maués, trazendo consigo a imagem de São Raimundo Nonato, que media cerca de 40 centímetros. A imagem era colocada por Luzia no centro do altar nos dias de festas e celebrações. Quando o padre Raimundo Amâncio deixou a comunidade, a imagem ficou sob a responsabilidade de Raimundo Limão, com a missão de dar prosseguimento às reverências ao santo (JORNAL DO COMMERCIO, 2009).

A imagem então ganhou muita importância no bairro, dando nome ao cemitério da comunidade e, posteriormente, ao próprio bairro.

O processo de urbanização do bairro se dá no início do século XX, havendo a abertura de novas ruas, a construção de novas casas por moradores, que, em sua maioria, eram vindos do interior ou de outros estados brasileiros.

A partir de 1912, quando é construído o matadouro municipal, também conhecido por Curre, nas terras onde hoje se situa o bairro da Glória, as mudanças começam a se dar de modo mais rápido na comunidade. A oferta de emprego atraiu novos moradores ao local, que sofreu uma expansão tão rápida que logo surgiu um novo bairro, inicialmente chamado de Bairro do Matadouro, depois de Bairro da Glória.

Outra grande expansão demográfica se deu na década de 1950, quando novos moradores, refugiados da enchente de 1952, se instalam no bairro, devido a notícia de que os padres estavam prestando assistência aos desabrigados (JORNAL DO COMMERCIO, 2009). Nova leva de refugiados chega ao bairro em 1960, ex-moradores da Cidade Flutuante, que se estendia do *Rodway* até a foz do igarapé do São Raimundo, quando esta foi desativada, e os moradores, obrigados a deixar suas casas montadas em balsas, recebendo terras, novamente distribuídas pela paróquia.

O bairro dispunha de um cinema, o Cine Ideal, que apresentava sessões de matinês e também shows de artistas famosos da “Era do Rádio”, encerrando suas atividades na década de 1970.

Em 1982, com a construção da ponte Senador Fábio Lucena, o bairro é ligado ao bairro de Aparecida, diminuindo, assim, a distância da Zona Oeste até o Centro da cidade. Cai em desuso nessa época um transporte comum na região, as catraias, que fazia o transporte de uma margem à outra do igarapé do São Raimundo.

De grande importância no bairro, há o Porto do São Raimundo, de onde partem balsas para o município de Iranduba. Nos finais de semana, as ruas do bairro ficavam bastante congestionadas, em razão da quantidade de carros buscando atravessar o rio. Com o advento da Ponte sobre o Rio Negro, inaugurada em 2011, o porto, que ainda funciona, pouco é utilizado.

Destaca-se entre os pontos importantes do São Raimundo a Câmara Municipal de Manaus, onde trabalham os vereadores da cidade, a igreja e a sede do São Raimundo Esporte Clube, que foi fundado oficialmente no dia 18 de novembro de 1918, logo após do apogeu do ciclo da Borracha em Manaus, e é o único a possuir estádio próprio, o estádio da Colina, batizado com esse nome em razão de uma colina natural existente entre os bairros São Raimundo e Glória.

Figura 11 – São Raimundo Esporte Clube**Figura 13 – Igreja de São Raimundo****Figura 12 – Câmara Municipal de Manaus****Figura 14 – Estádio da Colina**

Fontes: Figuras 11-13 – Acervo da pesquisadora. Figura 14 – G1 Amazonas¹²

1.5.2. Centro

O Centro de Manaus está localizado na zona sul de Manaus, às margens do rio Negro, numa área de 426,24 hectares, limitando-se com os bairros: Praça 14 de Janeiro, Educandos, Nossa Senhora Aparecida, Presidente Vargas, São Geraldo, Nossa Senhora das Graças, e Cachoeirinha. Possui 28.336 habitantes (IBGE, 2007).

É na área do Centro de Manaus que a história de Manaus tem seu início, com a construção do forte de São José do Rio Negro, em 1669, em uma área chamada de Largo da Trincheira, onde, em 1695, missionários carmelitas construíram a primeira igreja matriz, batizada de Nossa Senhora da Conceição.

¹² Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2011/12/desapropriacao-de-obras-da-copa-2014-continuam-sem-previsao-no-am.html>

O processo de desenvolvimento urbano do bairro inicia em 1971, momento em que se dá a transferência da sede da Capitania de São José da Barra do Rio Negro, da antiga Mariuá, atualmente Barcelos, o Lugar da Barra. As taperas dão lugar às primeiras casas de alvenaria, sendo construídos um palácio para moradia de seus governadores, um quartel, a cadeia pública, um depósito de pólvora, um estaleiro e as primeiras fábricas de anilinas, velas de cera, redes e panos de algodão (JORNAL DO COMMERCIO, 2009).

O forte foi destruído durante um incêndio ocorrido na noite de São João, e em seu espaço foi construída a Repartição do Tesouro, um órgão semelhante à Secretaria da Fazenda, cujo prédio até hoje existe nas instalações do Porto de Manaus.

O Centro de Manaus é a área que mais sofre o desenvolvimento advindo com o ciclo da borracha, quando a cidade atinge seu apogeu urbanístico e arquitetônico, guardando, até hoje, os traços históricos das construções dessa época, como o Relógio da Praça da Matriz, o Teatro Amazonas, o mercado Adolpho Lisboa, o Palácio da Justiça, entre outras.

Figura 15 – Centro de Manaus: Praça da Matriz no início do século XX



Fonte: Queila Tavares¹³

Após o apogeu da borracha, o Centro, que até então possuía todos os benefícios que as cidades mais desenvolvidas, tais como energia elétrica, linhas de bondes, calçamento de paralelepípedo, porto flutuante, rede de esgoto e construções ao estilo europeu, não vive

¹³ Disponível em: <http://queilatavares.blogspot.com.br/2011/07/manaus-antiga.html>

muitas mudanças, até a implantação do modelo ZFM, quando o Centro se torna uma área comercial desenvolvida.

Atualmente, verifica-se na região do Centro intenso comércio, além de grande movimento na área do porto de Manaus, de onde saem navios e barcos expressos para todos os municípios do estado e estados vizinhos, e onde funciona a Feira da Manaus Moderna.

Figura 16 – Porto de Manaus



Figura 17 – Centro de Manaus: cheia histórica de 2012



Fontes: Portal de Notícias D24AM¹⁴

¹⁴ Disponível em: <http://d24am.com.br>

Figura 18 – Teatro Amazonas**Figura 20** – Teatro Chaminé**Figura 19** – Igreja da Matriz**Figura 21** – Igreja de N. Senhora dos Remédios

Fontes: Portal de Notícias D24AM¹⁵

1.5.3. Colônia Antônio Aleixo

O bairro Colônia está localizado na zona leste de Manaus, margeado pelo rio Negro, numa área de 923,82 hectares, limitando-se com os bairros: Mauzinho, Distrito Industrial II e Puraquequara. Possui 13.800 habitantes (IBGE, 2007).

O bairro se formou na década de 1930, durante o governo ditatorial do presidente Getúlio Vargas, que ordenou ao então ministro Tancredo Neves, a construção, no local, de 16 pavilhões, feitos de madeiras nobres como Acaru e Maçaranduba, visando receber os chamados “soldados da borracha”, eram nordestinos trazidos para reativar os seringais da

¹⁵ Disponível em: <http://d24am.com.br>

Amazônia, e ali ficavam alojados até serem transferidos para os seringais, no interior do Estado (JORNAL DO COMMERCIO, 2008).

O local ficava em região isolada, e o trajeto até a cidade era feito margeando o rio Negro. Com a partida dos nordestinos, fica desativado até receber, no início da década de 1940, portadores de hanseníase. Na época, os médicos Menandro Tapajós e Antônio Aleixo iniciaram um trabalho considerado pioneiro, num leprosário, que funcionaria nos pavilhões abandonados.

O tratamento dos portadores de hanseníase começou com apenas seis pacientes. Por volta de 1942, os doentes que eram tratados no antigo leprosário de Paricatuba foram trazidos para a nova colônia, que ganhou o nome do seu fundador e patrono, Antônio Aleixo. O atendimento oferecido era inovador e a descoberta de novos medicamentos possibilitava maior sobrevida aos doentes.

Devido ao estigma da hanseníase, a comunidade permanecia isolada, sendo evitada pelos demais moradores de Manaus e ainda não recebia um tratamento de infraestrutura adequado por parte das autoridades públicas.

O bairro, que ficou popularmente conhecido como leprosário, por trinta anos abrigou somente portadores de hanseníase; depois passaram a habitar o local também familiares dos doentes, que aos poucos foram se integrando à comunidade.

A expansão demográfica na região inicia com a abertura, por volta de 1967, da avenida então denominada André Araújo, uma estrada de 23 quilômetros que liga a Colônia Antônio Aleixo a Manaus. Com o avanço do tratamento à hanseníase, no ano de 1976 discutiu-se a possibilidade de reativação do leprosário, que tinha, à época, cerca de 2 mil pacientes. Assim, durante a gestão do prefeito Jorge Teixeira de Oliveira, a colônia foi declarada aberta, permitindo o livre fluxo de pacientes até a cidade, assim como a instalação, na área, de familiares dos mesmos, que receberam lotes de terra para ocupação, a fim de promover a integração dos hansenianos à sociedade (JORNAL DO COMMERCIO, 2008).

Até hoje o bairro Colônia Antônio Aleixo é isolado, não possui intensa atividade comercial; na praça principal do bairro, onde se concentram os principais comércios, verifica-se que não há estabelecimentos de grande porte. Apesar do distanciamento da área comercial mais próxima (no bairro São José), nota-se a dificuldade para encontrar caixas eletrônicas, por exemplo.

Entre os locais importantes do bairro se destacam: o hospital e maternidade Chapot Prevost, Igreja Católica São Francisco, a igreja católica de São João Batista, a 17ª Delegacia de Polícia e o cemitério Santo Alberto.

Figura 22 – Igreja do bairro Colônia Antônio Aleixo



Figura 23 – Porto do bairro Colônia Antônio Aleixo



Figura 24 – Centro Social no bairro Colônia Antônio Aleixo



Fontes: Acervo da Pesquisadora.

1.5.4. Parque Dez de Novembro

O Parque Dez de Novembro está localizado na zona centro-sul de Manaus, numa área de 832 hectares, fazendo fronteira com os bairros de Flores, Cidade Nova, Aleixo, Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças e Chapada. Possui 35.887 habitantes (IBGE, 2007).

Sua fundação data de 1938, e seu nome é uma homenagem ao governo de Getúlio Vargas, que, um ano antes, em 10 de novembro de 1937, havia fechado o Congresso Nacional, instalado o Estado Novo, eliminado as liberdades individuais dos brasileiros.

O duro regime político não impediu que fosse criado no bairro o balneário do Parque Dez, que era estruturado para receber as famílias amazonenses em sua piscina natural, abastecida pelas águas do igarapé do Mindu, em vasta área verde, com zoológico e um

restaurante. O acesso ao balneário se dava pela rua Recife, que descia do bairro de Adrianópolis, em pista pavimentada de cimento, até o Parque Dez.

A atual avenida Efigênio Sales era, antes, apenas uma vereda, conhecida por V-8, que levava a inúmeras chácaras, as quais tinha ao fundo o igarapé do Mindu, formando banhos particulares. O bairro se encontrava, à época, nos limites extremos de Manaus e, ao atravessar o igarapé, predominava a floresta, caracterizando-se portanto, como uma área destinada ao lazer em Manaus (JORNAL DO COMMERCIO, 2007).

Figura 25 – Balneário do Parque 10 de Novembro



Fonte: Blog Baú Velho¹⁶

O advento do regime militar trouxe para o Parque Dez, a criação do Conjunto Castelo Branco, visando atender à política instituída pelo governo. O conjunto residencial foi construído com recursos federais e inaugurado em 1969, quando começa a receber seus primeiros moradores. Não havia, no lugar, a infraestrutura necessária aos moradores e as casas, construídas em terreno totalmente desmatado, sofriam com ventanias e temporais que arrancavam telhados e causavam destruição no conjunto.

O asfalto chega ao bairro somente em 1973 e a comunidade ganha, durante a gestão do prefeito Jorge Teixeira de Oliveira, o Centro Social Urbano (CSU), inaugurado que proporcionava extensa área verde, duas piscinas, quadra de esportes e dois campos de futebol. Ali foi também construída uma creche, que oferecia período integral para crianças de 03 a 05 anos.

¹⁶ Disponível em: <http://www.bauvelho.com.br/?p=477>

A área foi passando por grande processo de urbanização, recebendo a construção de outros conjuntos habitacionais, os quais dão ao bairro a configuração atual, tais como o Jardim Amazonas, Samambaia, Eldorado, Novo Horizonte, Juliana, Novo Mundo, Jauaperi, Jardim Primavera, Parque Sangrilá I a VII, entre outros (JORNAL DO COMMERCIO, 2007).

Devido às agressões ambientais causadas ao igarapé do Mindu, em razão das inúmeras residências que despejam os esgotos em seu leito, o balneário que antes existia, mesmo havendo passado por uma grande reforma na gestão do prefeito José Fernandes, não houve o sucesso esperado entre a população. Assim, no sentido de preservar as áreas verdes do bairro, foi criado o Parque Municipal do Mindu, no ano de 1992, com 330 mil m², onde são desenvolvidas atividades científicas, educativas, culturais e turísticas. O parque é refúgio do sauim-de-manauas, espécie de macaco que só existe nessa região da cidade e se encontra ameaçado de extinção.

O Parque Dez de Novembro é, atualmente, o bairro mais nobre da zona centro-sul de Manaus, com intensa atividade comercial. A maioria das lojas e serviços do bairro está concentrada na conhecida Rua do Comércio, no entanto, observa-se em todo o perímetro do bairro a existência de estabelecimentos comerciais.

O bairro é bem localizado, e entre os locais importantes localizados no bairro, destacam-se a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, a Delegacia da Mulher, a “Feirinha do Parque Dez”, a sede da APAE, além de agências bancárias, restaurantes e casas noturnas.

Figura 26 – Igreja de Nossa Senhora de Lourdes – Parque Dez de Novembro



Figura 27 – Festival Folclórico do Parque Dez de Novembro



Fontes: Acervo da pesquisadora.

O evento anual de maior destaque no bairro é o Festival Folclórico do Parque 10, uma das mais tradicionais festas juninas da cidade, que já se encontra em sua 32ª edição e é realizado nas dependências do CSU do Parque 10 de Novembro, localizado no Conjunto Castelo Branco. Todos os anos, o festival conta com barracas de comidas típicas e de brincadeiras, bem como atrações especiais para todos os dias do evento, como quadrilhas, cirandas e atrações musicais com ritmos variados, além de um parque de diversões.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A DIALETOLOGIA E O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/ E /o/

Esta pesquisa propõe seguir os princípios da Dialetoлогия e o método da Geografia Linguística ou Geolinguística, tomando por principal fundamento o fato de que a língua é uma instituição sob a qual se denominam diversas variações, isto é, conforme apontam Chambers e Trudgill (1980), a língua é uma variedade autônoma junto a todas as variedades que dela dependem. A língua não é um monobloco invariável, imutável, uma vez que é resultado de um contínuo processo histórico evolutivo e permanece modificando-se através do tempo e do espaço (CARDOSO & FERREIRA, 1994).

Assim, dentro da instituição “língua portuguesa” encontram-se diversos dialetos, tomados aqui como “subdivisões de uma língua em particular” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 3), ou seja, conjuntos de variações que se somam e que mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística.

Nesse sentido, podem-se relacionar dentro do conjunto dos dialetos do português, por exemplo, os dialetos nordestinos (o falar cearense, o paraibano, o baiano – tão explorados nas novelas brasileiras), o mineiro, o sulista, entre outros. Todos esses falares constituem a instituição língua portuguesa.

No entanto, cabe destacar que a língua é formada por um *continuum* de dialetos geográficos, logo, os modos como se dividem e se rotulam os dialetos de uma língua são, de certo modo, arbitrários, do ponto de vista linguístico, mas relevantes do ponto de vista político e/ou sociocultural, como a demarcação de fronteiras entre estados, por exemplo (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980).

Os *continua* dialetais não são apenas geográficos, mas também sociais. Assim, do mesmo modo que existem os rotulados falares regionais, também verificam-se, por exemplo, os falares considerados cultos, no extremo de um *continuum*, e os falares estigmatizados em decorrência da baixa posição social dos falantes, em outro extremo, bem como os falares dos jovens e dos velhos, ou dos homens e das mulheres.

2.1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO DA GEOLINGUÍSTICA

No âmbito da Linguística, o ramo científico que se ocupa do estudo da linguagem, a Dialetoлогия se destaca como a área que se dedica à tarefa de “identificar, descrever e situar os

diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010).

Segundo Coseriu (1982, p. 37), “[...] a Dialetoлогия é o estudo da ‘configuração’ espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações dialetais”, cabendo à sua tipologia de investigação registrar “materiais espacialmente comparáveis”.

Dessa forma, para se chegar a seus objetivos, empreende-se na pesquisa dialetológica uma coleta de dados com informantes cujo perfil permita não só controle da variação regional, mas também variáveis outras que sejam relevantes para o foco do trabalho empreendido. Logo, consideram-se, num trabalho de cunho dialetal, também, faixa etária, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social, variáveis socioculturais que a Dialetoлогия, juntamente com a Sociolinguística, busca controlar e identificar.

Se a Dialetoлогия se ocupa do estudo da língua, um fenômeno social, é imprescindível que sejam também consideradas como elementos de investigação as variáveis de caráter social, que são fatores extralinguísticos que influem diretamente nas variações dialetais.

Logo, partindo dessa perspectiva, duas áreas parecem ter o mesmo objetivo: Dialetoлогия e Sociolinguística, área que se ocupa também do estudo da variação linguística. No entanto, é possível delinear perfeitamente os objetivos das duas áreas, que se distinguem na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva dada aos fatos linguísticos.

Enquanto a Dialetoлогия prioriza a diatopia, buscando a descrição e localização dos fatos considerados, considerando relevantes os fatores sociais na coleta e na análise dos dados, a Sociolinguística, centrando-se na correlação entre a variação linguística e os fatores sociais, prioriza as relações sociolinguísticas, ainda que leve também em consideração o fator diatópico em suas análises (CARDOSO, 2010).

A Dialetoлогия surgiu no século XIX, sendo concebido seu método específico, a Geografia Linguística ou Geolinguística, que consiste em uma recolha sistematizada de dados, cuja análise culmina na elaboração de cartas linguísticas ou mapas linguísticos, que demonstram em um mapa, as localidades investigadas e os dados encontrados, possibilitando uma visão panorâmica do comportamento de um determinado fenômeno linguístico, de acordo com a sua distribuição geográfica.

O método da Geolinguística se constitui um dos mais significativos para o registro e análise da diversidade linguística, sobretudo na Europa e nas Américas, e vem passando por constante evolução metodológica. Contribuição significativa para essa evolução é atribuída a Edgar Radtke e Harald Thun (1996), que apresentam uma proposta de uma Geolinguística Moderna ou Pluridimensional, levando em consideração, no tratamento dos dados, além da

variação diatópica, o controle das variáveis gênero, faixa etária, classe social e estilística, contribuindo, dessa forma, para uma melhor caracterização dos falares de uma região.

Cardoso (2010) apresenta alguns acontecimentos importantes para o surgimento da Dialetoлогия, como a elaboração da primeira descrição de um grupo de dialetos alemães, por J. Grimm, em 1819; a comparação entre a linguagem dos falantes do campo, dos falantes urbanos e dos falantes cultos, elaborada por J. A. Schmeller, em 1821, a partir de coleta de dados através de inquéritos sistemáticos na Baviera; e as publicações do *Atlas Ethnographique Du Globe*, de Adrien Balbi, em 1826, e do *Atlas Linguistique de l'Europe*, em 1841, de Bernardino Biondelli.

Os marcos maiores do surgimento da Dialetoлогия, segundo Cardoso (2010), são o levantamento da realidade linguística alemã elaborado por Wenker no final do século XIX e a recolha sistemática de dados para o *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, de Jules Gilliéron e Edmond Edmont, iniciada em 1887.

O trabalho de Wenker é considerado o marco inicial da Geolinguística na Alemanha. A partir dos dados de 40.736 localidades e um total de 44.251 respostas coletadas por correspondência, Wenker procedeu à documentação da realidade dos usos linguísticos alemães, não havendo, no entanto, controle de variáveis de natureza social. Os primeiros resultados foram publicados em 1881, contudo, até o presente, não houve uma ampla divulgação dos dados obtidos.

Jules Gilliéron é a quem recai o mérito da aplicação de um método com rigor científico na coleta de dados, consolidando de modo definitivo o método da Geolinguística, utilizado para a elaboração do *ALF*, cuja publicação se deu entre 1902 e 1910, e documentou os falares de 639 localidades, por meio de um questionário de, inicialmente, 1.400 questões, chegando a um total de 1.900 perguntas ao final dos inquéritos. Edmond Edmont foi o único inquiridor e, apesar de não possuir preparação linguística, tinha “grande capacidade de observação e sensibilidade para os fatos da língua” (CARDOSO, 2010, p. 43).

2.1.1 A Dialetoлогия no Brasil

A primeira manifestação da Dialetoлогия no Brasil se deve a Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, ministro plenipotenciário do Brasil na França, a partir de sua contribuição ao *Atlas Ethnographique Du Globe* (CARDOSO, 2010).

O visconde de Pedra Branca fornece um breve histórico no qual compara o português do Brasil com o português de Portugal, apresentando, do ponto de vista do léxico, casos de não coincidências entre esses dois usos da língua, seja pela presença de formas registradas no Brasil e não existentes além-mar, seja pelos novos valores semânticos que assumiram, na terra conquistada, formas do português ainda vigentes em território luso. (CARDOSO, 2010, p. 38)

Nascentes (1952; 1953) aponta duas fases para a Dialetologia no Brasil. A primeira delas é marcada pela publicação em 1826, do estudo de Domingos Borges de Barros no *Atlas Ethnographique Du Globe*, seguindo até 1920, ano de publicação do “Dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, e a segunda, de 1920 até 1952.

Cardoso e Ferreira (1994) estabelecem três fases para a história dos estudos dialetais no Brasil, demarcando “três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas” (CARDOSO & MOTA, 2006, p. 18). Sua divisão, no entanto, não é exatamente uma discordância de Nascentes. Na verdade, as autoras simplesmente dão continuidade à periodização até os dias atuais de sua época, visto que o texto de Nascentes data de 1952.

A primeira fase (1826 – 1920) é caracterizada pela produção de trabalhos voltados para o léxico e suas especificidades no português do Brasil, resultando dessas pesquisas numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Nessa fase também é publicado o primeiro estudo de natureza gramatical: “O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil”, de José Jorge Paranhos da Silva (1879).

A segunda fase (1920 – início da década de 1950) é caracterizada como um momento em que

[...] os estudos dialetais se voltam para a produção monográfica, observando a realidade de áreas específicas, tratadas de forma mais detida e envolvendo um enfoque que, ultrapassando o lexical, caminha na direção de abordagens nos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica. (CARDOSO & MOTA, 2006, p. 18)

O “Dialeto caipira” (1920), de Amaral, publicação que marca o início dessa segunda fase, é um estudo que se refere a uma região do estado de São Paulo onde se identificava como peculiar o falar caipira (CARDOSO, 2010).

Em seguida, Antenor Nascentes publica “O linguajar carioca em 1922”, que, em sua segunda edição (de 1953), já se intitula apenas “O linguajar carioca”. Nascentes define o que entende por falares brasileiros e situa o falar carioca dentre esses falares. O pesquisador, após “percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” (NASCENTES, 1953, p. 24), apresenta uma proposta de divisão dos falares brasileiros, a primeira e a única de que se dispõe até hoje, com fundamentação estritamente linguística

(CARDOSO, 2010). Ainda nessa segunda fase, importa destacar a obra de Mário Marroquim, “A língua do Nordeste”, de 1934.

Cardoso e Ferreira (1994) propõem uma terceira fase, iniciada em 1952, cujo marco é o Decreto n. 30.643, de 20 de março de 1952, pelo qual o governo brasileiro determinou, como principal entre as finalidades da Comissão de Filologia da então recém-criada Casa Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. É nessa fase que o foco se fundamenta no desenvolvimento sistemático de estudos geolinguísticos e que são publicados os primeiros atlas linguísticos regionais, sendo o primeiro deles o Atlas Prévio dos Falares Baianos, cuja publicação se deu em 1963 (CARDOSO & MOTA, 2006).

Nessa terceira fase, Nascentes publica as “Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil”, em dois volumes, o primeiro publicado em 1958 e o segundo, em 1961. De outro lado, Serafim da Silva Neto, que em 1957 publicou o “Guia para estudos dialetológicos”, foi outro grande incentivador da elaboração de um atlas linguístico do Brasil, bem como de atlas regionais (SILVA NETO, 1957, p. 11).

Cardoso e Mota (2006) assinalam, a partir de 1996, a transição para uma quarta fase dos estudos dialetológicos no Brasil, marcada pela retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e pela implementação de pesquisas de caráter dialetológico e geolinguístico nas universidades brasileiras, refletida, principalmente, na implantação de projetos de atlas linguísticos regionais. A nova fase também traz a incorporação de princípios implementados pela Sociolinguística (o controle sistemático das variáveis sociais), abandonando-se a visão monodimensional, “tradicional”, e adotando-se o que Edgar Radtke e Harald Thun (1996) apresentam como Geolinguística Moderna ou Pluridimensional.

A Geolinguística Pluridimensional, em contraposição à monodimensional, abandona a metodologia do falante ideal (homem adulto, rural, analfabeto e sedentário), abarcando além do parâmetro diatópico, as variáveis de cunho social (diagenérica, diastrática, diageracional, entre outras).

Um outro fator característico dessa quarta fase é a ampliação do campo de estudo, que deixa de se restringir a apenas dados fonético-fonológicos e semântico-lexicais, incorporando também dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, entre outros (CARDOSO e MOTA, 2006).

2.1.1.1 O Atlas Linguístico do Brasil¹⁷

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) teve como semente inicial o Decreto n. 30.643, de 20 de março de 1952, pelo qual o governo brasileiro determinou a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, sendo essa principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa. Trata-se de um macroprojeto interinstitucional, que “tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa” (CARDOSO, 2010).

Silva Neto (1957) atenta para a realização, primeiramente, de atlas regionais, para então chegar-se à elaboração de um atlas nacional, considerando o estágio em que, na época, se encontravam os estudos dialetais no país.

Até então, a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) tem sido a única divisão de caráter eminentemente linguístico. A realização do ALiB possibilitará a definição de áreas dialetais no país, revelando uma visão da multidimensionalidade da língua no país (RONCARATI & ABRAÇADO, 2003).

Em 1996, quase meio século após a publicação do Decreto n. 30.643, durante a realização do Seminário “Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil”, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), reuniram-se pesquisadores da área no intuito de “repensar a ideia de um atlas linguístico do Brasil no tocante à língua portuguesa. Retoma-se a ideia, reanima-se o desejo, concretiza-se o desiderato: nasce o Projeto Atlas Linguístico do Brasil” (AGUILERA, 2005, p. 4).

Conforme descrito no *site* do projeto, o ALiB apresenta os seguintes objetivos:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento - história, sociologia, antropologia, etc. - de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

¹⁷ *Site* do Projeto ALiB: www.alib.ufba.br/

5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Atualmente, compõem o Comitê Nacional que dirige e coordena todas as atividades do Projeto ALiB, membros que representam os atlas regionais já publicados e os atlas em andamento no Brasil. Segundo o *site* do Projeto, fazem parte Suzana Cardoso (Diretora-Presidente – UFBA), Jacyra Mota (Diretora Executiva – UFBA), e como diretores científicos Abdelhak Razky (UFPA), Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba), Ana Paula Antunes Rocha (Universidade Federal de Ouro Preto), Vanderci Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), Aparecida Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Felício Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina), Cléo Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Walter Koch (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A metodologia do ALiB segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional, englobando não só a dimensão diatópica, mas também as dimensões diagenérica, diageracional, diastrática e diafásica. Seguindo as tendências mais modernas, pretende-se disponibilizar acesso ao som das realizações dos informantes, além das cartas linguísticas.

A rede de pontos de inquérito do ALiB conta com 250 localidades, distribuídas em todo o território brasileiro, cuja seleção considerou a extensão de cada região, seus aspectos demográficos, socioculturais e históricos, bem como o processo de povoamento de cada área. Também foram consideradas as sugestões de Nascentes (1961), nas “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”. Entre as localidades se encontram todas as capitais brasileiras, a exceção de Brasília e Palmas (TO), devido ao tempo de fundação.

O número de informantes previsto é de 1.100, sendo quatro por localidade rural (dois homens e duas mulheres, distribuídos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, de baixa escolaridade – alfabetizados com até o 5º ano do ensino fundamental) e oito nas capitais (quatro homens e quatro mulheres, distribuídos nas duas faixas etárias, de baixa e alta escolaridade – nível universitário).

No Amazonas, o ALiB prevê quatro localidades (Manaus, Benjamin Constant, Manicoré, São Gabriel da Cachoeira e Tefé), as quais, inclusive, tiveram sua coleta de dados realizada em 2011. A coleta foi realizada pelo grupo da Equipe Regional Paraná, sob coordenação de Vanderci Aguilera, tendo sido São Gabriel da Cachoeira a última localidade, realizada em setembro de 2011.

O questionário aplicado é composto por três tipos: fonético-fonológico, contendo 159 perguntas, às quais se somam 11 questões de prosódia; semântico-lexical, com 202 perguntas; e morfossintático, com 49 perguntas. Além disso, acrescentam-se quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), seis perguntas de metalinguística e um texto para leitura relativo à “Parábola dos sete vimes”.

Quadro 1- Formação do Inquérito do ALiB

NATUREZA	QUANTIDADE DE QUESTÕES
Fonético-fonológica	-159 questões + 11 de prosódia
Semântico-lexical	-202 questões
Morfossintático	-49 questões
Pragmática	-04 questões
Discursos semidirigidos	-relato pessoal -comentário -descrição -relato não pessoal
Metalinguística	-06 questões
Leitura de texto	-“Parábola dos sete vimes”

Atualmente, o ALiB encontra-se com 90,8% dos pontos de inquérito realizados (227 localidades, restando apenas 23), 1.008 informantes entrevistados (91,6%) e 18 estados concluídos (72%), segundo informações do *site* do ALiB, atualizado em setembro de 2011.

2.1.1.2 Os atlas regionais brasileiros

Considerando o que aponta Aguilera (1998), Cardoso e Mota (2006) e, mais recentemente, Cardoso (2010), atualmente, há 12 atlas regionais publicados, sete em andamento e dois projetos em fase de reativação¹⁸.

Quanto aos atlas publicados, o primeiro deles, de autoria de Nelson Rossi e coautoria de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, data de 1963 – o “Atlas Prévio dos Falares Baianos” (APFB), que contou com a aplicação de um questionário de 164 perguntas em 50 pontos de

¹⁸ Não consta ainda lista de Cardoso e Mota (2010) o Atlas Linguístico do Baixo Amazonas (AFBAM) – dissertação de mestrado defendida em 2010.

inquérito, sendo entrevistados dois informantes por localidade, sem o controle de variáveis sociais como gênero e faixa etária (BRANDÃO, 1991). A análise resultou em 209 cartas (198 cartas linguísticas, das quais 44 são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias), permitindo traçar algumas áreas linguísticas no estado e evidenciando traços de ordem fonética, semântico-lexical (CARDOSO, 2010).

O segundo, publicado em 1987 (no entanto seus originais estavam prontos para impressão desde 1973), foi o “Atlas Linguístico de Sergipe” (ALS), de autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi – grupo de pesquisadores da Bahia que procurou dar continuidade aos trabalhos dialetológicos após o do atlas baiano. Algumas evoluções metodológicas foram observadas em relação ao APFB, como a ampliação do questionário (cerca de 700 perguntas) e o controle da variável gênero nas cartas linguísticas. Da pesquisa resultaram 171 cartas (sendo 12 duplas – cartas Bahia-Sergipe, que trazem dados não publicados no APFB).

O APFB (Bahia) e o ALS (Sergipe), juntos, trazem uma visão panorâmica da descrição dos falares baianos aos quais se referem Nascentes (1953) – o estado de Sergipe, vale ressaltar, foi incluído pelo pesquisador dentro do falar baiano, bem como o norte de Minas Gerais.

A terceira publicação, cujo primeiro de quatro volumes data de 1977, é o “Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais” (EALMG), de autoria de Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio. Segundo Cardoso (2010), os demais volumes se encontram em fase de preparação. Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários *in loco* e por correspondência, a um total de 302 pontos de inquérito, resultando, no volume I, em 73 cartas.

A quarta publicação, com três volumes, dos quais os dois primeiros datam de 1984, é o “Atlas Linguístico da Paraíba” (ALPB), de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes. Foram pontos de inquérito 28 municípios (sendo três deles municípios-satélites, que não figuram nas cartas), onde foram entrevistados entre três e dez informantes, na faixa de 30 a 75 anos, a quem foi aplicado um questionário composto de duas partes (geral, com 289 perguntas, e específica, com 588 questões), resultando em 149 cartas linguísticas.

A quinta publicação, de 1994, é o “Atlas Linguístico do Paraná” (ALPR), de autoria de Vanderci Aguilera, em tese de doutorado. O ALPR contou com 65 localidades, onde foram entrevistados dois informantes por ponto, na faixa entre 30 e 60 anos, resultando em 191 cartas linguísticas.

A sexta publicação, de 2002, é o “Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), de autoria de Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Wilson

Altenhofen. O ALERS apresenta dados de 275 localidades rurais e 19 urbanas, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde foram entrevistados dois informantes (havendo o controle da variável gênero).

De 2004, a sétima publicação é o “Atlas Linguístico Sonoro do Pará” (ALiSPA)¹⁹, coordenado por Abdelhak Razky, sendo o primeiro a disponibilizar a audição das respostas dadas pelos informantes. Segundo Cardoso e Mota (2006), o trabalho faz parte de um projeto maior, o “Atlas Geossociolinguístico do Pará” (ALIPA) e utilizou o questionário fonético-fonológico de 159 perguntas elaborado para o ALiB, havendo o controle das dimensões diageracional e diagenérica e resultando em 795 cartas fonéticas.

O “Atlas Linguístico de Sergipe-II” (ALS-II) é a oitava publicação, de 2005, de autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso, contendo 108 cartas e um aspecto bidimensional (controle da variável gênero). Cardoso e Mota (2006) assinala que o trabalho, defendido com tese de doutorado, retomou o material coletado para o ALS e elaborou cartas semânticas inéditas.

A nona publicação é o “Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul” (ALMS), de organização de Dercir Pedro de Oliveira, que apresenta dados de 32 pontos de inquérito e um conjunto de 207 cartas (47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas).

Mais três atlas foram elaborados, realizados como trabalhos finais em nível de pós-graduação *strictu sensu* e possuem circulação mais restrita, por ainda estar em fase de publicação. Esses atlas foram apresentados na Universidade Federal do Rio de Janeiro. São eles: o “Atlas Linguístico do Amazonas” (ALAM), de Maria Luiza de Carvalho Cruz (2004), “Atlas Linguístico do Litoral Potiguar, de Maria das Neves Pereira (2007), e o “Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, de Fabiana da Silva Campos Almeida (2008).

Quanto aos atlas em andamento, Cardoso (2010) aponta o “Atlas Linguístico do Ceará” (ALECE), sob coordenação de José Rogério Fontenele Bessa; o “Atlas Linguístico do Estado de São Paulo” (ALESP), de iniciativa de Pedro Caruso; o “Atlas Geossociolinguístico do Pará” (ALIPA), coordenado por Abdel Razky; o “Atlas Linguístico do Mato Grosso” (ALIMAT), em fase de implantação; o “Atlas Linguístico do Maranhão” (ALIMA), o “Atlas Linguístico do Espírito Santo” (ALES). Cardoso e Mota (2006) falam ainda do “Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte” (ALIRN).

Cardoso e Mota (2006, p. 80-81), por meio de um quadro comparativo, caracteriza os atlas em andamento, assinalando que o ALECE conta com 69 pontos de inquérito, 268 informantes, bem como a aplicação de questionário semântico-lexical com 306 questões,

¹⁹ Site do ALISPA: www.ufpa.br/alipa/

compreendendo 583 itens. Vale ressaltar que o *site* do Projeto ALiB atualmente aponta a publicação desse trabalho no ano de 2010.

O ALESP possui 100 localidades, sendo dois informantes por localidade, com a aplicação de questionário semântico-lexical com 310 perguntas, seis questões sobre lendas e superstições e um relato de experiência pessoal.

O ALIPA apresenta 10 pontos em área urbana e 51 em área rural, sendo, dessa forma, 420 informantes em área urbana e 204 em área rural. O questionário fonético-fonológico, que é a primeira versão do ALiB, com adaptações, com 159 questões, foi aplicado somente a informantes das 10 localidades urbanas (Projeto ALiSPA já concluído). Nesses 10 pontos, também houve a coleta de cerca de 30 minutos de elocução livre com os informantes. Já o questionário semântico-lexical contém 257 perguntas e é destinado à pesquisa nas áreas rurais, que são próximas aos pontos urbanos.

O ALIMAT conta com uma rede de 22 pontos de inquérito, sendo 92 informantes (quatro por ponto de área rural e oito por ponto na área urbana). Seu questionário foi elaborado de acordo com os parâmetros do ALiB, estruturando-se em questionário semântico-lexical (256 perguntas), fonético-fonológico (159 perguntas) e morfossintático (124 perguntas), bem como três questões direcionadoras de elocuições livres.

O ALIMA apresenta 18 pontos de inquérito, sendo 76 informantes (quatro por ponto de área rural e oito por ponto na área urbana). Seu questionário também foi elaborado de acordo com os parâmetros do ALiB, estruturando-se em questionário semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático, com o acréscimo de 50 questões e questionários específicos voltados a realidade regional maranhense.

O ALES possui 28 localidades, com 56 informantes (dois por ponto de inquérito). Os questionários (semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático) foram elaborados seguindo os parâmetros de outros atlas brasileiros, inclusive o ALiB, com o acréscimo de questões específicas sobre a realidade regional do estado, havendo temas para a coleta de discursos semidirigidos. Vale ressaltar que seu questionário fonético-fonológico apresenta uma parte geral e outra específica – direcionada a inquéritos em área de colonização não lusa.

O ALIRN possui 10 pontos de inquérito, com 44 informantes, sendo quatro por ponto de área rural e oito por ponto na área urbana, adotando o questionário do ALiB (semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático) e acrescentando itens de ordem específica à realidade regional do estado.

A profusão de atlas regionais confirma o desenvolvimento e a evolução metodológica pelos quais vêm passando as pesquisas dialetológicas no Brasil.

2.1.2 A Dialetoologia no Amazonas

Fazer Dialetoologia no Amazonas é um trabalho árduo, moroso e oneroso. A dimensão territorial do estado e suas grandes dificuldades logísticas e infraestruturais são as principais justificativas de que seja escasso o conhecimento acerca das variações dialetais no Amazonas. Há poucas estradas pavimentadas e em boas condições de trafegabilidade, portanto, a maior parte dos longos percursos de localidade a localidade precisa ser feita por via fluvial (consumindo muito tempo) ou por via aérea (uma opção demasiadamente onerosa).

Contudo, a partir da década de 2000-2010 o Amazonas vem se constituindo um solo fértil na produção científica de estudos dialetológicos, apesar de o trabalho ainda constituir grande desafio para pesquisadores que vêm se empenhando na busca pelo desenvolvimento de pesquisas dessa natureza.

O primeiro estudo de cunho dialetológico realizado na região data de 1980. Trata-se de uma pesquisa pioneira intitulada “O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves”, desenvolvida em nível de mestrado por Hydelvídia Corrêa. Apesar de ter sido uma pesquisa de caráter dialetal, não teve por objetivo incluir os critérios sociolingüísticos.

Anos depois, o “Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)”, tese de doutorado defendida em 2004 pela professora da Universidade Federal do Amazonas Maria Luiza de Carvalho Cruz, vem despertando interesse e inquietações de alunos, que se propuseram a um “desbravamento” no sentido de ampliar o número de localidades investigadas e aprofundar o conhecimento de variações expressivas na região.

Nesse sentido, a partir de então, começam a ser desenvolvidos primeiramente trabalhos em nível de iniciação científica entre 2005 e 2008, fazendo uso de dados em elocução livre coletados por Cruz durante a pesquisa de campo para o ALAM, visando a análises posteriores, sob orientação da pesquisadora, cuja intenção era a formação de um grupo de pesquisa que pudesse levar adiante o trabalho já iniciado, uma vez que, no Amazonas, ainda não se tinha notícia de grupos de pesquisa na área da Dialetoologia trabalhando no desenvolvimento de grandes projetos, como há muito tempo já existem em outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais.

Ainda em 2007, iniciam-se as primeiras orientações na área em nível de mestrado em Manaus, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas. Entre os trabalhos desenvolvidos destaca-se o segundo atlas linguístico

amazonense: o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM), elaborado por Roseanny Brito e defendido em 2010, ampliando o número de localidades averiguadas por Cruz (2004) na microrregião do Baixo Amazonas.

Atualmente, vê-se que o estado vive uma fase de maturação da pesquisa dialetológica, havendo a formação efetiva de um grupo que faz Dialetologia e o desenvolvimento contínuo de novos estudos, entre os quais destaca-se o Atlas dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARIN), elaborado por Jeiviane Justiniano.

2.1.2.1 As primeiras notícias do falar do “caboclo” amazonense

Desenvolvido por Hydelyvia Corrêa (1980), “O falar do ‘caboco’ amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves” buscou caracterizar o falar amazonense, enfatizando, principalmente, as expressões semânticas peculiares utilizadas na região e um aspecto fonético até então só encontrado no estado: o alçamento da vogal posterior /o/ em posição tônica.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semântico-lexicais que abarcam aspectos semânticos: família (parentesco, saúde, alimentação), habitação (estrutura, mobília, utensílios), vida social ou ciclo de vida (festas, folclore, credices, lendas, superstições), atividades de produção (roça, juta, pesca), meio de transporte (fluvial), a terra (os rios, fenômenos naturais, a vegetação) e os modos de dizer (palavras, expressões, provérbios). Os inquéritos foram realizados em dois municípios da microrregião do Médio Amazonas (Itacoatiara e Silves, a 175 km e 251 km da capital Manaus, respectivamente).

O trabalho considerou 42 informantes, sendo 21 por localidade, homem ou mulher, levando em conta os critérios inerentes ao método da Geolinguística para a seleção do informante ideal, tais como:

- a) ter nascido na localidade de inquérito e ser originário de família igualmente ali nascida e criada;
- b) ter acima de 30 (trinta) anos;
- c) se casado, dever ser o cônjuge também da mesma localidade;
- d) tratar-se de pessoa iletrada [sic], se possível analfabeta ou com escolaridade mínima;
- e) ter de preferência, profissão variável (juteiro²⁰, pescador, roceiro) uma vez que os questionários aplicados versam sobre campos semânticos variados. (CORRÊA, 1980, p.22)

²⁰ Homem do campo que planta e trabalha a juta (*Corchorus capsularis*), uma fibra têxtil vegetal, vendida a quilo para as indústrias para a confecção de tecido de mesmo nome.

A aplicação dos questionários se deu em duas fases. A primeira, realizada em agosto de 1979, chamada “pré-teste”, utilizou apenas um questionário para o levantamento do léxico e serviu de base para a elaboração do questionário definitivo e para observação de variações de cunho fonético-fonológico, que levaram à formulação de hipóteses. A segunda, denominada “teste definitivo”, foi realizada em fevereiro de 1980 e constou de questionário semântico-lexical e fonético-fonológico, buscando confirmar as hipóteses surgidas.

Corrêa (1980) aponta, portanto, como aspecto característico do falar amazonense o levantamento (alteamento, ou ainda, alçamento) da vogal média /o/ tanto em posição tônica inicial (a exemplo de *boa* e *bolo*, pronunciadas na região como ['bua] e ['bulu], respectivamente), medial (como em *gafanhoto*, realizada [gafa'ñutu]) e final (*avô*, pronunciada como [a'vu]). O levantamento da vogal média /o/ também foi verificado em contexto pretônico e postônico, levando à proposição da regra: /o/ → [u] em quaisquer posições (CORRÊA, 1980, p. 31).

Outro aspecto verificado pela pesquisadora foi o levantamento da vogal média /e/ em contexto pretônico, como em *perigoso*, realizado [piri'guzu], resultando na regra /e/ → [i] em posição átona pretônica (CORRÊA, 1980, p. 31).

Aspecto também de destaque levantado pela pesquisadora foi abaixamento da vogal /u/ em contextoônico inicial (como em *tudo*, realizado ['todu]), medial (*agua* – [a'goa]) e final (*azul* – [a'zow]) e em contexto pretônico (*adubar* – [ado'ba]).

A redução dos ditongos /ey/ e /ow/ (monotongação) também foi documentada. O ditongo /ey/ realiza-se [e] em contextoônico inicial (*peixe* – [pɛ'šɪ]), medial (*colheita* – [ku'λeta]) e final de verbos (*botei* – [bu'te]), bem como em contexto pretônico (*queimada* – [que'mada]). Já o ditongo /ow/, segundo Corrêa (1980), realiza-se como [u] em contextoônico inicial (*outro* – [u'tru]), medial (*vasoura* – [va'sura]) e final de verbos (*vou* – ['vu]).

2.1.2.2 O pioneiro Atlas Linguístico do Amazonas

O Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), de modo pioneiro, investigou nove municípios representativos das nove microrregiões do estado, divisão baseada nas bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas, que entrou em vigor em 5 de outubro de 1989, por meio da Constituição Estadual. Foi elaborado por Maria Luiza de Carvalho Cruz, como tese de doutorado, defendida em 2004, no âmbito do Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Em síntese, tendo em vista (a) o rígido prazo imposto para a conclusão da pesquisa; (b) a dimensão territorial do Estado; (c) o difícil acesso às localidades, em pleno século XXI; (d) a dificuldade na obtenção de verba para viabilizar um projeto dessa natureza; (e) a falta de infra-estrutura nas localidades para abrigar pesquisadores, em especial quando atuam individualmente, privilegiaram-se, *apenas*, nove pontos de inquérito. Apesar desse reduzido número, acredita-se que, por sua essência e ineditismo em relação à área focalizada, este estudo poderá oferecer um panorama dos diferentes falares do Estado do Amazonas. (CRUZ, 2004, p. 104)

Assim, são estas as localidades investigadas pelo ALAM: Benjamin Constant (representante da Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas), Parintins (Baixo Amazonas).

O trabalho foi desenvolvido de acordo com os princípios metodológicos da Geolinguística, método por excelência da Dialectologia para a elaboração de atlas, apoiando-se nos princípios da Sociolinguística Variacionista. Os municípios foram selecionados de acordo com critérios socioeconômicos, históricos culturais e demográficos.

A seleção de informantes obedeceu aos critérios tradicionalmente seguidos nos trabalhos de cunho dialetal: ser analfabeto ou ter escolaridade até, no máximo, a 4ª série; ser natural da localidade estudada e pais e cônjuge também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação.

Quanto ao número de informantes, foram selecionados um total de seis por localidade, sendo um homem e uma mulher, em três faixas de idade (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante), totalizando 54 informantes.

A coleta de dados foi realizada em um período de três meses e meio (janeiro a meados de abril/2001) e constou de questionário fonético-fonológico (QFF) de 156 perguntas e questionário semântico-lexical (QSL), com 327 questões, elaborados pela pesquisadora e definidos após a aplicação de pré-questionário em uma localidade-piloto (Manacapuru). Foram coletadas, ainda, elocuições livres, para estudos posteriores.

A apresentação de dados do ALAM (CRUZ, 2004) contou com programa computacional desenvolvido especificamente para a pesquisa, o “Mapeamento de Variação Linguística” (MVL), e redundou em 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. O ALAM é considerado um trabalho inédito no Amazonas, por ter sido elaborado totalmente

por uma única pessoa e por ter seguido, sistematicamente, os princípios da Geossociolinguística, inserindo-se nos atlas de caráter pluridimensional. Dessa forma, o ALAM plantou a semente dos estudos geossociolinguísticos na região.

2.1.2.3 As sementes da Dialectologia em nível de iniciação científica

A elaboração do ALAM (CRUZ, 2004) trouxe impulso a pesquisas posteriores. A pesquisadora ressalta, no próprio Atlas, a intenção de implementar pesquisas posteriores:

Nesse sentido, tendo em vista a falta de pesquisas dialetais no Estado em questão, a ausência de tradição nessa área de estudo e, conseqüentemente, de pesquisadores especializados, e a necessidade de aprofundar o conhecimento dos falares amazônicos, pretende-se, ao concluir este trabalho, implementar um projeto de pesquisa dialetal na UFAM. Entre seus objetivos, encontra-se a ampliação dos pontos de inquérito do ALAM, que a partir do presente estudo, poderá se basear em critérios linguísticos, como é o desejável. (CRUZ, 2004, p.106)

Durante a coleta de dados,

Foram, também, realizadas elocuições livres, semidirigidas, com o objetivo de, futuramente, constituir um banco de dados para a realização de estudos morfosintáticos e de prosódia, dentre outros. Nesse sentido, procurou-se deixar o falante bem à vontade, fazendo com que falasse sobre algum fato importante de sua vida, festas, lendas e histórias interessantes de sua localidade. (CRUZ, 2004, p.111)

Assim, em 2005, iniciou-se, em nível de iniciação científica, a construção do banco de dados previsto por Cruz (2004), havendo, dessa forma, um primeiro preparo de futuros pesquisadores quanto aos requisitos necessários para a pesquisa dialetológica, entre os quais a prática da transcrição grafemática e fonética.

Nesse sentido, a primeira questão norteadora desses trabalhos foi o possível processo de extinção pelo qual estaria passando o fenômeno do alteamento do /o/ em posição tônica. Essa investigação foi tema de três trabalhos: “Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru” (MAIA, 2006); “A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé” (MARTINS, 2006); “Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá” (DIAS, 2007b).

Tais estudos constataram, também em conversação livre, que se acredita ser um modo de coleta de dados em que o falante fica mais à vontade, o que Cruz (2004) já havia mostrado a partir dos questionários fonético-fonológicos do ALAM: o alteamento do /o/ em posição tônica no Amazonas, investigado por Corrêa (1980) e apontado como predominante no falar amazonense, configura agora um fenômeno em processo de enfraquecimento/extinção, uma vez que foram encontradas, nas localidades em análise, ocorrências apenas na faixa etária mais idosa.

Outra hipótese traçada por Cruz (2004) foi averiguada em nível de iniciação científica:

Os resultados obtidos em relação ao contexto medial de vocábulo permitiram que se traçasse, com base em índices de frequência, uma carta com a isófona das variantes pós-alveolares de –S pós-vocálico, não incorporada ao Atlas pelo fato de se considerar prematuro, devido ao pequeno número de pontos de inquérito, indicar cabalmente uma área linguística. No entanto, formula-se a hipótese de que, no Amazonas, entre os Rios Negro/Amazonas e Solimões, se possam, no futuro, traçar isoglossas que diferenciem áreas linguísticas. Ao que tudo indica, os três municípios, que se localizam nas microrregiões do Alto Rio Negro (1), do Médio (8) e Baixo Amazonas (9), apresentam aspectos linguísticos diferenciados dos da região que compõe os municípios que margeiam o Solimões. (CRUZ, 2004, p.140)

No intuito de verificar se a hipótese se confirmava em situação de elocução livre, foram desenvolvidos dois trabalhos, com a utilização do Banco de dados do ALAM: “A pronúncia do -S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant” (MARTINS, 2007) e “Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas” (QUARA, 2007). Tais projetos confirmaram a hipótese levantada pelo ALAM (CRUZ, 2004).

Vale ressaltar que a elaboração do banco de dados a partir das elocuições livres coletadas por Cruz (2004) está concluída e disponível para análise, sendo *corpus*, inclusive, para pesquisas desenvolvidas no âmbito do Curso de Especialização em Linguística, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas em 2008, tal como o “Estudo Dialetológico e Sociolinguístico do Falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas” (MAIA, 2009).

2.1.2.4 A maturação da Dialetologia no Amazonas

A evolução dos estudos de cunho dialetológico no estado do Amazonas se dá na medida em que pesquisadores saem a campo em busca da ampliação do número de

localidades investigadas, havendo, no nível de mestrado, melhores condições para a coleta de dados, muito difícil em relação ao tempo e ao alto subsídio financeiro necessários à sua realização para ser desenvolvida na iniciação científica.

2.1.2.4.1 *Pesquisa no município de Borba*

Pesquisa desenvolvida em nível de doutorado por Maria Sandra Campos e defendida em 2009, “O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas” traz novamente a questão do alteamento em posição tônica característico do falar amazonense, investigando uma localidade não contemplada, por questões metodológicas, pelo ALAM (CRUZ, 2004), contribuindo, dessa forma, para um conhecimento mais amplo das variantes linguísticas no estado.

Nesse sentido, Campos (2009) levou em consideração 15 localidades no município, agrupadas em quatro grupos, sendo um da zona urbana e três da zona rural.

O perfil dos informantes seguiu os seguintes critérios: ser nascido e morador da região e não ter se afastado por longos períodos, com idade igual ou superior a 14 anos e escolaridade até o ensino fundamental. Foram entrevistados 24 informantes, sendo seis por grupo, distribuídos em três faixas etárias (14 a 20 anos, 21 a 54 anos e a partir de 55 anos), sendo um homem e uma mulher por faixa.

A coleta de dados para essa pesquisa foi realizada por meio de “fala oral maximamente descontraída” (CAMPOS, 2009, p. 93) e se deu em duas fases, sendo o segundo momento destinado à coleta de dados para um teste de percepção, procedimento feito no intuito de que não houvesse o risco de influenciar os resultados. O teste foi realizado em duas etapas, em Manaus (AM) e Niterói (RJ), com a participação de 16 alunos de letras por cidade, que não houvessem cursado ainda as disciplinas referentes a Fonética e Fonologia.

Campos (2009) evidenciou que o alçamento é um fenômeno muito produtivo na região estudada e que determinados contextos linguísticos e sociais favorecem sua ocorrência. Quanto ao fator gênero, constatou-se que as mulheres tendem a produzir o fenômeno menos que os homens e, quanto ao fator faixa etária,

[...] embora o fenômeno seja significativamente observado em todas as faixas etárias, sua menor incidência se verifica no grupo dos jovens, o que aponta para a existência de uma tendência ao enfraquecimento da VR em relação à VP. A existência da tendência acima é evidenciada pelo fator escolaridade, considerado qualitativamente, em termos de análise. [...] Diante do que foi analisado,

observamos que, de uma maneira geral, o fenômeno passa por um processo de enfraquecimento. (CAMPOS, 2009, p.149-150)

A tese de Campos (2009), mesmo que aponte para uma ocorrência significativa, ratifica a hipótese de Cruz (2004), de que o fenômeno do alteamento pode estar em extinção.

2.1.2.4.2 O Atlas dos Falares do Baixo Amazonas

Elaborado por Roseanny Melo de Brito, como dissertação de mestrado sob orientação de Maria Luiza Cruz e defendida em março de 2010. O Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM) é o segundo atlas amazonense e buscou contribuir para a ampliação e consolidação dos registros fonéticos realizados pelo ALAM (CRUZ, 2004), especificamente a respeito da microrregião do Baixo Amazonas.

Nesse sentido, a pesquisa adotou como princípios metodológicos os mesmos utilizados no ALAM (CRUZ, 2004) quanto ao número de informantes, critérios para seleção, optou por utilizar apenas o questionário fonético-fonológico, devido aos objetivos da pesquisa abarcarem apenas os aspectos fonético-fonológicos.

As localidades investigadas foram os municípios da microrregião do Baixo Amazonas (Barreirinha, Boa Vista dos Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã, Uruará), a exceção de Parintins, por já ter sido investigada pelo ALAM (CRUZ, 2004).

Para cada ponto de inquérito foram previstos seis informantes, de acordo com a metodologia do ALAM (CRUZ, 2004), (um homem e uma mulher, em três faixas de idade – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante) totalizando 30 entrevistas.

Na análise de dados, utilizou-se o programa computacional do ALAM, que permitiu a inserção de todos os dados coletados e gerou automaticamente um total de 132 cartas fonéticas. O AFBAM conta, ainda, com um CD por meio do qual é possível visualizar as cartas fonéticas, clicar em cada transcrição e ouvir cada realização por informante.

2.1.2.4.3 Estudos nos municípios de Silves e Itapiranga

Desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, dois trabalhos selecionaram como região de estudo dois municípios amazonenses situados na microrregião do Médio Amazonas (Itapiranga e Silves), entre outras razões, por serem mais próximos da capital Manaus e por haver rodovia (AM-010) que liga as localidades, possibilitando as pesquisadoras melhoria logística.

A primeira pesquisa, intitulada “A realização das variantes palatais /ɛ/ e /ɲ/ nos municípios de Itacoatiara e Silves (parte do Médio Amazonas), elaborada por Francinery Gonçalves Lima Torres, sob orientação de Maria Luiza Cruz, buscou seguir os mesmos critérios adotados pelo ALAM (CRUZ, 2004).

Nesse sentido, a pesquisa contou com um total de 12 informantes, sendo seis por município (três homens e três mulheres, nas faixas etárias entre 18 e 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), os quais deveriam ser naturais da localidade selecionada, com cônjuge e pais da mesma localidade, não havendo se afastado por mais de 1/3 de sua vida, com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental (atual 5º ano) e boas condições de fonação.

Para a coleta de dados, realizada in loco, foi aplicado um questionário com 156 questões, dentre as quais 15 pertencentes ao questionário elaborado para o ALAM (CRUZ, 2004), redundando em cartas fonéticas. Torres (2009) buscou ir às áreas mais isoladas dentro das cidades, no intuito de obter realizações mais naturais quanto possível.

Torres (2009) constatou, por meio de 156 cartas fonéticas, que o fenômeno da palatalização ocorre significativamente na região estudada, sendo condicionada linguisticamente pela vogal anterior alta /i/. Também foi constatada a realização de /ɛ/ e /ɲ/ como /y/, a exemplo de folha, pronunciado ['fɔye] nas áreas rurais averiguadas.

A segunda pesquisa, realizada por Lúcia Helena Ferreira da Silva e intitulada “Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves”, buscou averiguar a ocorrência do alteamento, ampliando, desse modo, o conhecimento a respeito da ocorrência desse fenômeno no estado.

A escolha de se investigar a vogal posterior média fechada /o/ deve-se ao fato de já ter sido observado o comportamento dessa vogal em outras pesquisas e se ter encontrado o seu uso com alteamento, como em canoa –“canua”, boto – “butu”, o que é considerado um fenômeno lingüístico específico na fala da região Amazônica. (SILVA, 2009, p. 14)

A coleta de dados seguiu os mesmos critérios utilizados para a elaboração do ALAM (CRUZ, 2004), sendo, dessa forma, realizada por meio de questionário fonético-fonológico, composto por 180 questões, dentre as quais 62 pertencentes ao ALAM. Do mesmo modo que a pesquisa de Torres (2009), Silva (2009) entrevistou seis informantes por município, sendo três homens e três mulheres, distribuídos em três faixas de idade, totalizando, assim, 12 informantes.

A pesquisa, que resultou em 132 cartas fonéticas, aponta que a ocorrência do alteamento na região é insignificante comparada às realizações de /ɔ/ e /o/. Conforme conclui Silva (2009, p. 60), “a realização da vogal posterior média tônica fechada /o/, em

Itapiranga e Silves, identifica-se, hoje, com aspectos comuns a outros falares brasileiros. Essa mudança está relacionada a uma questão de hábito linguístico”.

Quanto à realização de /e/ e /o/ em contexto pretônico, Silva (2009) verificou que, quanto à vogal média /e/ em contexto pretônico:

Em gênero tanto em Itapiranga quanto em Silves é maior a incidência da variante alta [i]. Nas faixas etárias, em Itapiranga, predomina a variante fechada /e/, já em Silves, predomina a variante alta [i], enquanto a variante aberta [ɛ] tem baixa produtividade, em ambos os municípios. (SILVA, 2009, p. 58)

Quanto à realização da vogal média /o/, Silva (2009) aponta para a predominância da variante fechada [o] em Itapiranga, embora haja uma ocorrência significativa da variante alta [u], assim como em Silves se verifica a predominância da variante alta, havendo, em ambas as localidades, a incidência da variante baixa (SILVA, 2009, p. 58).

Portanto, a pesquisa empreendida por Silva (2009) aponta para a não confirmação da hipótese de Nascentes nos municípios amazonenses por ela investigados.

Observa-se, ainda, nesta pesquisa, que na realização das vogais pretônicas /e/ e /o/ há a ocorrência entre a vogal fechada e a vogal alta, contrariando a ideia de Nascentes (1953), que sinalizou a abertura dessas vogais no norte do país. (SILVA, 2009, p. 59)

2.1.2.5 Os novos rumos da Dialetologia no Amazonas

A criação do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Amazonas em 2009 abriu novas oportunidades de desenvolvimento de pesquisas de cunho dialetal no estado. No âmbito desse Programa, é imprescindível destacar a realização do “Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARIN”, pesquisa ainda em andamento, que objetiva elaborar o terceiro atlas amazonense.

Elaborado por Jeiviane Justiniano e sob a orientação de Maria Luiza Cruz, a pesquisa objetiva o mapeamento das variações linguísticas dos municípios da microrregião do Alto Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira (a 852 km de Manaus) e Santa Isabel do Rio Negro (a 630 km de Manaus). Vale ressaltar que o município de Barcelos (a 396 km de Manaus), que também é parte da microrregião estudada, não foi considerado para essa pesquisa pelo fato de já ter sido localidade analisada pelo ALAM.

A pesquisa adota a mesma orientação metodológica utilizada pelo ALAM (CRUZ, 2004), apoiando-se, assim, no método da Geografia Linguística e Sociolinguística Variacionista. Nesse sentido, a coleta de dados se deu por meio do questionário fonético-

fonológico desenvolvido por Cruz para o ALAM, bem como o programa computacional utilizado para a análise dos dados e elaboração de cartas fonéticas.

Foram selecionados 12 informantes, sendo seis por localidade (um homem e uma mulher em cada faixa de idade – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante), com escolaridade até o 9º ano do ensino fundamental. Os falantes, conforme os princípios metodológicos adotados, devem ser naturais da localidade em estudo e, preferencialmente, também os pais e cônjuge.

A escolha da microrregião se deve, entre outras questões, ao fato de se tratar de região de fronteira nacional e de, no município de São Gabriel da Cachoeira, haver mais de uma língua oficial, de acordo com a Lei n. 145/2002, aprovada no dia 22/11/2002, sendo, além do Português, também considerados co-oficiais o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa, constituindo, assim, área de grande interesse para os estudos dialetais.

Outro estudo que merece destaque é “A Realização Fonética do /S/ Pós-vocálico nos Municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá”, realizado por Edson Galvão Maia em nível de dissertação de mestrado. O trabalho propõe apresentar um retrato do falar de municípios da Microrregião do Purus, que, além dos três municípios selecionados para a pesquisa, tem em sua composição ainda os municípios de Canutama e Pauini.

O trabalho, que adota os princípios metodológicos do ALAM, consistiu na aplicação de um questionário de 53 questões, a 18 informantes (06 por localidade: 01 homem e 01 mulher, em três faixas de idade – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante), gerando 51 cartas fonético-fonológicas, 13 cartas fonético-contextuais, demonstrando a predominância da variante alveolar na região.

Interessante ressaltar que o trabalho traz ainda considerações de cunho fonológico, apresentando explicações de ordem intralinguística para a predominância de outras variantes em determinados contextos.

Dessa forma, passados pouco mais de trinta anos da elaboração do primeiro trabalho de natureza dialetal que buscou caracterizar o falar do “caboco” amazonense (CORRÊA, 1980), pode-se constatar que a pesquisa dialetológica no Amazonas vem passando por contínua evolução, não só no sentido do crescimento do número de estudos realizados, mas também na questão teórico-metodológica, tal como vem também evoluindo a Dialectologia brasileira.

Se antes se considerou apenas um perfil de informante sem o controle sistemático de variáveis extralinguísticas, atualmente leva-se em consideração, estatisticamente, o gênero, a

idade e a escolaridade dos informantes, desenvolvendo-se, dessa forma, a chamada Geolinguística Pluridimensional.

Um dos maiores ganhos com esse desenvolvimento é o início da formação de um grupo de pesquisadores que faz Dialetologia no estado, produzindo, de modo crescente, conhecimento a respeito do falar da região, levantando, a cada constatação, novos questionamentos e, assim, novas perspectivas para novos estudos.

Explicitados os principais trabalhos desenvolvidos na área da Dialetologia no Amazonas, fica claro que ainda há muito trabalho a se fazer e grande é o desafio que representa o Amazonas, no entanto, comemora-se que a última década tem sido fértil na produção no âmbito da Dialetologia e que este novo século começa a apresentar uma nova realidade para a consolidação dos estudos dialetais na região.

2.2 O FENÔMENO INVESTIGADO: AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/ E /o/

No português brasileiro, em contexto pretônico, não há oposição fonológica entre vogais médias abertas e fechadas. Dessa forma, verifica-se a variação livre entre [e], [ɛ] e [i], bem como entre [o], [ɔ] e [u], na posição pretônica, condicionadas por fatores tanto extralinguísticos, quanto intralinguísticos.

No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, considera-se a variação diatópica (distância geográfica), a variação diagenérica (gêneros masculino e feminino), a variação diageracional (faixa etária), a variação diastrática (classes sociais, escolaridade) e a variação diafásica (situações comunicativas, como questionário, fala distensa/elocução livre, leitura, entre outras).

Em relação à variação diagenérica, verifica-se que as mulheres, por serem mais conservadoras, tendem a utilizar a variante padrão, neste caso, evitando o alçamento e preferindo a pronúncia fechada das vogais médias pretônicas, ao contrário dos homens, que tenderiam a ser mais inovadores, fazendo uso da variante não-padrão (a pronúncia aberta e o alçamento).

Quanto à realização fonética, há duas regras que podem atuar sobre a realização das vogais médias pretônicas no português brasileiro: a regra do *abaixamento*, isto é, quando as vogais médias [e] e [o] em posição pretônica se transformam em [ɛ] e [ɔ], como pode ocorrer com os vocábulos *elefante*, pronunciado [ɛlɛ'ftẽ̃ʃi] e *goiaba*, pronunciado [gɔy'abɛ]; e a de *alçamento*, quando [e] e [o] são realizados [i] e [u], o

que se verifica, por exemplo, em *perigo* e *tomate*, pronunciados [pi'riɡu] e [tu'matʃi], respectivamente.

O abaixamento, de acordo com estudos já realizados no Brasil, é condicionado por alguns ambientes fônicos. Segundo Noll (2005), apresentam tendência ao abaixamento palavras formadas por processo de derivação (como as terminadas em -mente, sufixos de diminutivo e de aumentativos, superlativos) e compostos. No caso de palavras polissílabas, a formação de um acento secundário condiciona o abaixamento.

Outro ambiente fônico que condiciona o abaixamento foi verificado por Cruz (2004): quando a vogal tônica da palavra é aberta, a tendência é que a pretônica também seja pronunciada de modo aberto.

O alçamento, de acordo com Bisol (1981), também é condicionado pela vogal tônica. Logo, se a vogal tônica de uma palavra é alta (i e u), verifica-se a tendência de que a vogal pretônica sofra alçamento, sendo, dessa forma, realizada também alta.

Bisol (1981) aponta a *harmonização vocálica* como o principal fator condicionante desse fenômeno. A harmonização vocálica configura-se como um “processo fonológico, de caráter assimilatório, que muda a qualidade de uma ou mais vogais no vocábulo para *harmonizar-se* com outra vogal presente no mesmo vocábulo” (SCHWINDT, 2002, p. 162).

Postula-se, assim, que vogal média pretônica assimilaria a altura da vogal alta presente na sílaba tônica. Logo, a vogal média alta [e] presente em p[e]r[i]go seria condicionada a ser realizada como a vogal alta [i] devido à influência exercida pela vogal alta [i] presente na sílaba tônica. Dessa forma, a palavra perigo tenderia a ser pronunciada como p[i]r[i]go. Tal condicionamento propiciaria realizações do tipo p[i]ru, m[i]nino, p[u]lícia, b[u]tina, d[u]rmir, entre outras.

A presença, na sílaba pretônica, de consoantes labiais (p b f v m), também é fator condicionante para a ocorrência de alçamento (NOLL, 2005), bem como o prefixo des-, e o travamento da sílaba por fricativa, segundo Bortoni et al. (1992).

O fenômeno também apresenta ocorrência significativa em contextos em que a vogal média antecede /S/ em coda silábica, como em [i]stragada, de acordo com Cruz (2004), que observou que os maiores índices no estado do Amazonas são da variante aberta, embora se verifiquem, também, alguns contextos de predominância das vogais fechadas.

2.2.1 A hipótese de Nascentes

No Brasil, a variação entre abertas e fechadas é base para divisão em áreas dialetais. Nascentes (1953) propõe a hipótese de que há uma divisão entre os falares do norte e os do sul do país, sendo os primeiros caracterizados pela pronúncia aberta e os segundos pela pronúncia fechada.

Assim, os subfalares do norte, caracterizados pelo uso de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica compreendem o subfalar amazônico (Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá), o subfalar nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e subfalar baiano (Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais e norte de Goiás).

De outro lado, os subfalares do sul (Figura 28), caracterizados pelo uso de [e] e [o] em posição pretônica, abrangem o subfalar mineiro (centro e oeste de Minas Gerais), o subfalar fluminense (leste de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro) e o subfalar sulista (sudoeste de Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Figura 28 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1953)



2.2.2 As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Amazonas

O primeiro registro da realização das vogais médias em contexto pretônico no Amazonas consta do trabalho de Corrêa (1980), que investigou esse fenômeno, nos municípios de Itacoatiara e Silves.

Corrêa (1980) verificou a ocorrência “bastante frequente” de alçamento (alteamento) do /o/ em contexto pretônico diante de:

- vogal baixa (*coar* – [ku' a]),
- vogal média-alta anterior (*poeira* – [pu' era]),
- semivogal anterior (*goiaba* – [guy' aba]),
- consoantes não contínuas (*afogar* – [afu' ga]),
- consoantes estridentes (*posição* – [puzi' sãw]),
- líquidas não laterais (*temporal* – [têpu' raw]),
- líquidas laterais (*polvilho* – [pu' viʎu]),
- em contexto de nasalização (*vontade* – [vũ' tadʒi]).

Quanto à vogal média pretônica /e/, Corrêa (1980) aponta a ocorrência de alçamento diante de:

- consoantes não contínuas (*bebida* – [bi' bida]),
- consoantes estridentes (*evita* – [i' vita]),
- líquidas não laterais (*perigoso* – [piri' guzu]),
- líquidas laterais (*melindrosa* – [miʎi' drɔza]),
- em contexto de nasalização (*empachado* – [ĩpa' ʃadu]).

Corrêa (1980, p. 32) observa que “é característica da pronúncia normal brasileira, o fonema /e/ se realizar foneticamente como [i] em sílabas átonas iniciais, antes de /ʃ/, /m/ e /n/”, apontando para os contextos de ocorrência de alçamento comumente observados no português brasileiro.

A pesquisa de Corrêa (1980) buscou prioritariamente documentar a existência dos fatos linguísticos relatados, não apresentando conclusões definitivas, bem como números nem referências estatísticas que confirmassem a predominância ou não dos fenômenos expostos.

Por ser esta uma primeira abordagem em que nosso objetivo maior é chamar a atenção para o fato da existência dessas variações na região do Médio-Amazonas, em especial, nos municípios selecionados, deixamos de oferecer resultados mais completos e definitivos. (CORRÊA, 1980, p. 42)

O segundo trabalho que documenta a realização das vogais médias pretônicas no estado do Amazonas é o Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), que aponta, de modo geral, o comportamento dessa variação.

O ALAM, por meio de 53 cartas fonéticas, evidencia, de modo geral, que, no Amazonas, confirmando a hipótese de Nascentes (1953), ocorre “a concretização aberta das pretônicas médias, embora se verifiquem, também, contextos em que predominem as realizações [e] e [o], bem como o alteamento [i] [u]” (CRUZ, 2004, p. 122).

O ALAM pontua que a vogal média anterior /e/ pode realizar-se como [ɛ], [e] ou [i] e, segundo Brandão e Cruz (2005), num estudo comparativo de dados do ALAM e do ALiSPA, predomina na fala do Amazonas a variante fechada (46%).

Nesse sentido, Brandão e Cruz (2005) apontam que são contextos de maior ocorrência da variante fechada [e]:

- (1) **A presença de vogal tônica também fechada** – *d[e]pois* (93%), *p[e]scoço* (100%), *dir[e]tora* (100%) e *t[e]soura* (68%), também pronunciado de modo significativo como em *t[i]soura* (32%);
- (2) **A presença de vogal tônica alta** – geralmente, em outros falares, esse fator se mostra condicionador do uso da variante alta [i], por harmonização vocálica (BISOL, 1981) – *b[e]bida* (81%), contra *b[i]bida* (19%), *p[e]rfume* (70%), contra *p[ɛ]rfume* (30%), e *p[e]rdido* (45%), contra *p[ɛ]rdido* (55%). Nesse caso, verifica-se que a concorrência se dá efetivamente entre a variante aberta e a fechada.

Contextos de maior ocorrência da variante aberta (abaixamento) são:

- (1) **A presença de vogal tônica também aberta** – *r[ɛ]al* e *r[ɛ]ais* (100%); *r[ɛ]sultado* (92%); e *m[ɛ]lhor* (68%), também pronunciado de modo significativo como *m[e]lhor* (32%);
- (2) **A presença de vogal tônica com nasalidade de natureza fonológica** – *pr[ɛ]sente* (83%), também pronunciado de modo significativo como *pr[e]sente* (17%).

Contextos de maior ocorrência da variante alta (alçamento) são:

- (1) **A presença da vogal média anterior na sequência de(s), seja ela prefixo ou não** – *d[i]sovar* (76%), e *d[i]vagar* (69%);
- (2) **Vogal média inicia sílaba e antecede /S/ em coda silábica** – *[i]stragada* (97%), *[i]spinha* (74%);
- (3) **Vogal pretônica com nasalidade de natureza fonológica** – maior probabilidade de alçamento – *m[ĩ]tira* (43%), também pronunciado de modo significativo como *m[ẽ]tira* (57%).

O ALAM assinala que a vogal média posterior /o/ pode realizar-se como [ɔ], [o] ou [u] e, segundo Brandão e Cruz (2005), predomina na fala do Amazonas a variante fechada (45,65%).

As pesquisadoras apontam que são contextos de maior ocorrência da variante fechada [o]:

- (1) **A presença de vogal tônica também fechada** – *m[o]rreu* (100%) e *[o]relha* (90%);
- (2) **Vogal pretônica fonologicamente nasal** – *c[õ]versando* (100%).

Contextos de maior ocorrência da variante aberta (abaixamento) são:

- (1) **A presença de vogal tônica também aberta** – *adv[ɔ]gado* (100%) e *s[ɔ]ldado* (77%). Nesse caso, apontam Brandão e Cruz (2005, p. 312) que, de acordo com estudos variacionistas, “a presença de consoante labial ou velar em contexto precedente funciona como um forte condicionador do alteamento da média posterior”, como em *c[u]madre* (60%);
- (2) **Vogal tônica fonologicamente nasal** – *ch[ɔ]rão* (88%) e *coração* (100%). Nesse caso, também é bastante significativa a ocorrência da variante fechada (*[o]itenta* – 100%) e do alçamento (*in[u]cente* e *tr[u]vão* – 45% e 57%, respectivamente).

Contextos de maior ocorrência da variante alta (alçamento) são:

- (1) **A presença de vogal tônica alta** – *b[u]nito* (82%) e *ass[u]bio* (71%);
- (2) **Vogal pretônica em contexto de hiato** – *j[u]elho* (69%) e *mag[u]ado* (84%).

Quadro 2 – Síntese de contextos condicionadores de variação das vogais médias

	CONTEXTOS	CONTEXTO CONDICIONADOR DE OCORRÊNCIA DE
VOGAL MÉDIA ANTERIOR /e/	VOGAL TÔNICA FECHADA	Vogal pretônica fechada
	VOGAL TÔNICA ALTA	Concorrência entre a vogal pretônica aberta e a fechada
	VOGAL TÔNICA ABERTA	Vogal pretônica aberta
	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Vogal pretônica aberta, havendo ocorrência significativa da vogal fechada e do alçamento
	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Vogal pretônica fechada
	DE(S)- (PREFIXO OU NÃO)	Alçamento
	VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR /S/	Alçamento
VOGAL MÉDIA POSTERIOR /o/	VOGAL TÔNICA FECHADA	Vogal pretônica fechada
	VOGAL TÔNICA ALTA	Alçamento
	VOGAL TÔNICA ABERTA	Vogal pretônica aberta
	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Vogal pretônica aberta, havendo ocorrência significativa da vogal fechada e do alçamento
	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Vogal pretônica fechada
	VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO	Alçamento

Outro trabalho que traz considerações acerca do comportamento das vogais médias pretônicas em municípios amazonenses é o AFBAM (BRITO, 2010). De modo geral, o atlas aponta para a predominância, quanto ao fonema /e/, da variante fechada²¹ [e] (50,37%), seguida da variante aberta [ɛ] (26,79%) e da variante alta [i] (20,18%), embora se verifiquem as ocorrências de:

- (1) [ɐ] *lefante* – 3 ocorrências;
- (2) [ø] *lefante* – 6 ocorrências;
- (3) *dir[ey]tora* – 5 ocorrências.

Quanto ao fonema /o/, o AFBAM aponta para a predominância da variante fechada [o] (51,59%), seguida da variante alta [u] (29,79%) e da variante aberta [ɔ] (18,59%).

²¹ Consideraram-se neste trabalho como variante fechada anterior as realizações fonéticas [e] e [ẽ], e como variante alta [i] e [ĩ]. O AFBAM, por sua vez, toma cada realização de modo separado, razão pela qual, para o nosso objetivo, somaram-se os valores apresentados por Brito (2010). O mesmo ocorre no caso das vogais posteriores.

Silva (2009), cuja pesquisa visou investigar a vogal /o/ em contexto tônico e as vogais /e/ e /o/ em contexto pretônico, nos municípios de Itapiranga e Silves, assinala a concorrência entre as variantes fechadas [e] e [o] e as variantes altas [i] e [u], sendo de menor produtividade a variante aberta [ɛ] e [ɔ], afirmando, quanto à hipótese de Nascentes (1953):

Pode-se dizer que, na fala dos municípios em foco, não há uma peculiaridade linguística que possa caracterizá-las como pertencentes ao grupo sulista ou ao nortista; no entanto, o que se pode afirmar é que a fala dos itapiranguenses e dos silvenses está numa fase intermediária entre os dois grandes grupos estabelecidos por Nascentes (1953). Desta forma, pode-se ampliar a divisão de Nascentes (1953), ao invés de dois grupos, têm-se, agora, três: o grupo que realiza essas vogais como abertas /ɔ/, o grupo que realiza como fechada e o grupo que realiza, ora como fechada, ora como alta. E, essa alternância de realização, fechada X alta, é o dado lingüístico inovador, desta pesquisa, que caracteriza a fala dos municípios pesquisados. (SILVA, 2009, p. 59)

A contar os municípios analisados nos trabalhos realizados no estado que fornecem considerações quanto às vogais médias pretônicas, somam-se, entre os 62 que formam o Amazonas, 17 municípios. Nestes, as pesquisas apontam ora para a predominância da variante fechada (ALAM e AFBAM), ora para a concorrência entre fechadas e altas (SILVA, 2009), contrariando a divisão dialetal de Nascentes (1953).

Portanto, ressalta-se a necessidade de que novos estudos sejam realizados a fim de demonstrar ainda mais a variação das vogais médias pretônicas na região, confirmando o que os estudos já realizados vêm apresentando.

3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Para chegar ao objetivo de traçar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na cidade de Manaus (AM), elaborando um estudo de natureza dialetológica, toma-se o método da Geolinguística no sentido de nortear esta pesquisa, seguindo criteriosamente os princípios desse método amplamente utilizado pela Dialectologia para se delinear os falares brasileiros.

Segundo Cardoso (2010, p. 89), “a pesquisa de cunho dialetal se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários”. Neste capítulo, esboça-se o percurso metodológico seguido para estruturação do tripé desta pesquisa, os critérios adotados para a seleção dos pontos de inquérito e dos informantes, o processo da coleta de dados e de elaboração do questionário fonético a ser aplicado, o método de coleta das conversações livres e seus objetivos. Apresenta-se ainda o caminho adotado na análise, na transcrição e na digitalização dos dados e na elaboração das cartas linguísticas.

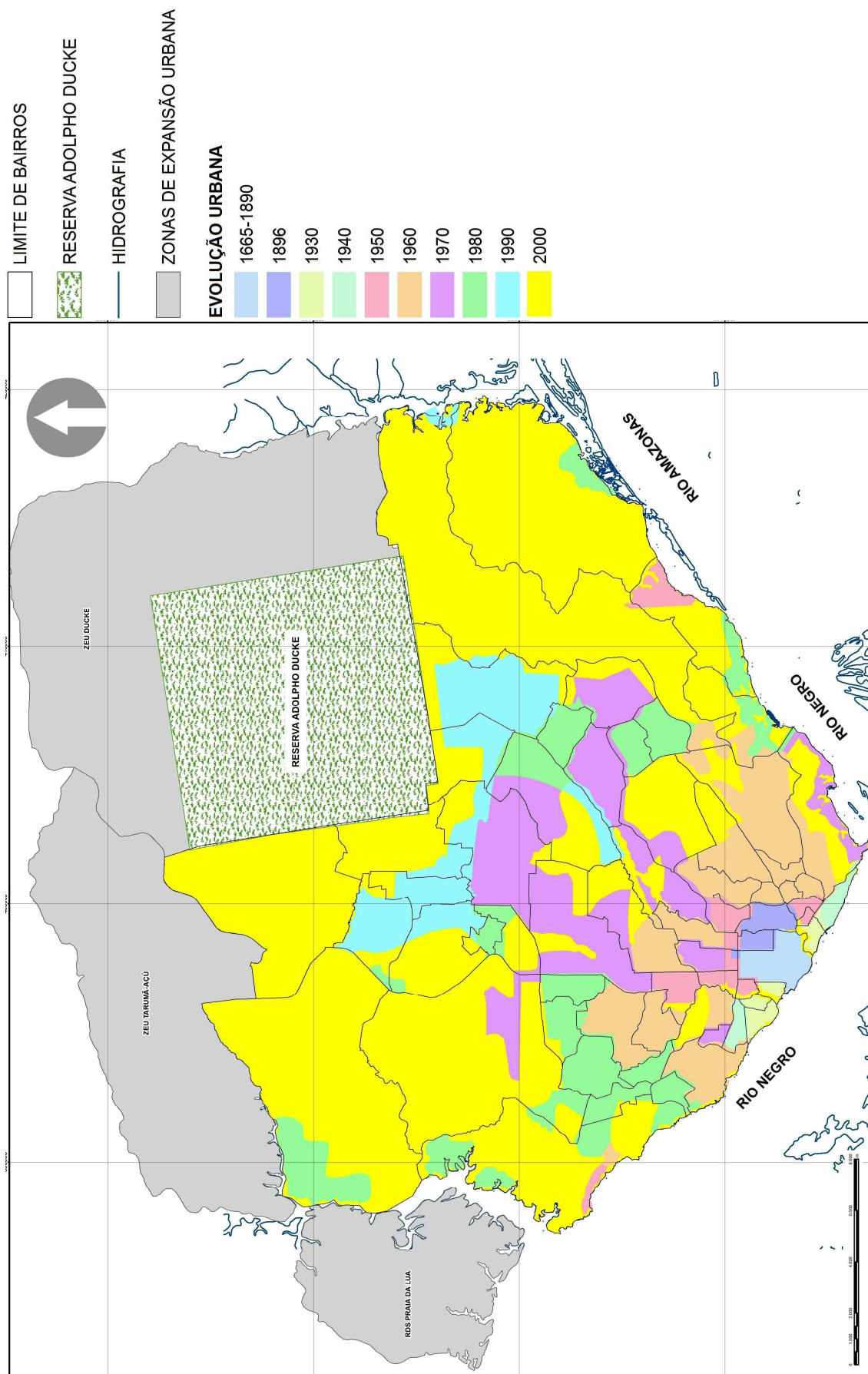
3.1 OS PONTOS DE INQUÉRITO

Cardoso (2010) aponta que a definição da rede de pontos a ser investigada é definida em razão do espaço ou de suas características linguísticas. A seleção de uma localidade, segundo Cardoso e Ferreira (1994), envolve a necessidade de um criterioso estudo socioeconômico e geográfico-histórico, que justificarão a definição dos pontos de inquérito.

De acordo com a Lei n.º 1.401, de 14/01/2011, Manaus possui 63 bairros, os quais são distribuídos administrativamente em seis zonas distintas (sul, centro-sul, oeste, leste, centro-oeste e norte), de acordo com o Plano Diretor da cidade, elaborado pelo Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano – IMPLURB.

Para o estudo de Manaus, optou-se por delimitar um bairro representativo de cada zona da cidade, seguindo critérios fundamentados nas proposições de Cardoso e Ferreira (1994): (1) o bairro mais antigo e (2) mais populoso da zona. Após essa delimitação, seriam selecionados seis bairros, no entanto, durante as pesquisas preliminares referentes aos aspectos histórico-geográficos e socioculturais de cada bairro, realizadas junto ao IMPLURB e ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, verificou-se que duas zonas de Manaus não dispunham de bairros com tempo de urbanização suficiente para que se encaixassem na metodologia da Geolinguística, motivo pelo qual foram desconsideradas as zonas norte e centro-oeste para esta pesquisa.

Figura 29 – Evolução urbana da cidade de Manaus



Fonte: IMPLURB (2010)

Seguindo os dados do IBGE (2007), que disponibiliza números particulares a cada bairro, bem como o mapa de evolução urbana da cidade de Manaus, elaborado para o Plano Diretor de Manaus a ser publicado pelo IMPLURB, além de registros histórico-culturais de cada bairro, elaborou-se um levantamento prévio de possíveis pontos de inquérito, a partir do qual foram definidos os bairros a serem investigados nesta pesquisa, priorizando o critério de maior tempo de fundação e, em seguida, o critério de maior população.

A região mais antiga de Manaus é a zona sul, onde se localizam os bairros mais antigos, que remontam à colonização da cidade (Quadro 3):

Quadro 3 – Bairros mais antigos da zona sul de Manaus

ZONA SUL		
Bairro	Ano de Criação	População em 2007
Centro	1665-1890	28.336
Cachoeirinha	1892	18.706
Praça 14 de Janeiro	1892	11.409
Educandos	1856/1930	15.635
N. S. Aparecida	Década de 1930	6.184
Colônia Oliveira Machado	Década de 1940	12.693
Betânia	Década de 1950	11.639
Morro da Liberdade	Década de 1950	13.046
São Francisco	Década de 1950	16.226
Presidente Vargas	Década de 1950	9.738
Distrito Industrial I e II	Década de 1960	29.120
Vila Buriti	Década de 1960	1.839
Crespo	Década de 1960	9.373
Raiz	Década de 1960	15.724
São Lázaro	Década de 1960	11.368
Petrópolis	Década de 1960	41.228
Japiim	Década de 1960	52.643

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Entre os bairros mais antigos da zona sul, selecionou-se para esta pesquisa o Centro de Manaus, por se encaixar no primeiro parâmetro delimitado, sendo o do mais antigo, não obstante o bairro Japiim ser o bairro mais populoso, de acordo com o IBGE. Outro fator levado em consideração é a representatividade do Centro para a cidade, que tem uma intensa atividade comercial e abriga muitos prédios e residências antigas.

Do quadro de bairros mais antigos da zona centro-sul da cidade (Quadro 4), mesmo sendo o bairro Flores o mais populoso, selecionou-se o bairro Parque 10 de Novembro, visto que a indicação histórica é de que o bairro iniciou em 1938, apesar de o IMPLURB datar a

urbanização da área da década de 1960, caracterizando-se, dessa forma, como o bairro mais antigo da zona em que se encontra.

Quadro 4 – Bairros mais antigos da zona centro-sul de Manaus

ZONA CENTRO-SUL		
Bairro	Ano de Criação	População em 2007
Parque 10 de novembro	1938/1960	35.887
Chapada	1958	9.738
Adrianópolis	Início sec. XX/1950-1960	7.987
São Geraldo	Década de 1950	7.558
Flores	Década de 1970	44.686
Aleixo	Década de 1970	18.432

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quanto à zona oeste (Quadro 5), durante o levantamento prévio, verificou-se que o bairro Tarumã seria o mais antigo, onde de fato se iniciou a ocupação de Manaus. Segundo Monteiro (1998), o local era habitado por índios Aruaque e Alófila, sendo colonizado por tropa de resgate que fincou uma cruz jesuítica e batizou o local com o nome de Missão do Tarumã. No entanto, o IMPLURB indica que a efetiva urbanização do local se deu por volta da década de 1970, sendo a maior parte datada da década de 2000, com seguidas invasões.

Assim, o bairro de mais antiga urbanização selecionado foi o São Raimundo, ainda que não figure entre os mais populosos.

Quadro 5 – Bairros mais antigos da zona oeste de Manaus

ZONA OESTE		
Bairro	Ano de Criação	População em 2007
São Raimundo	1849/1930	16.304
Glória	Início sec. XX/1930	8.239
Tarumã	1657/1970	26.360
Santo Antônio	Década de 1940	20.097
Ponta Negra	Década de 1950	2.748
São Jorge	Década de 1960	24.548
Compensa	Década de 1960	74.095
Vila da Prata	Década de 1970	11.461

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Entre os bairros de maior tempo de fundação da zona leste de Manaus (Quadro 6), o São José é, de longe, o mais populoso. Contudo, o Colônia Antônio Aleixo é o mais antigo da região, apresentando uma pequena área, cuja urbanização se deu por volta das décadas de 1930-1940, segundo o IMPLURB.

Quadro 6 – Bairros mais antigos da zona leste de Manaus

ZONA LESTE		
Bairro	Ano de Criação	População em 2007
Colônia Antônio Aleixo	Década de 1930-1940	13.800
Puraquequara	1910	5.422
São José	Década de 1970	103.950

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Assim, foram os bairros Centro (zona sul), Parque 10 de Novembro (zonal centro-sul), São Raimundo (zona oeste) e Colônia Antônio Aleixo (zona leste) os selecionados como pontos de inquérito para esta pesquisa.

3.2 A SELEÇÃO DOS INFORMANTES

A seleção dos informantes envolve os aspectos comuns à tradição das pesquisas de cunho dialetal: o falante deve ser analfabeto ou com escolaridade até o 5º ano do ensino fundamental; natural da localidade estudada e com pais e cônjuge também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação.

Procurando seguir os parâmetros metodológicos das pesquisas realizadas em nível estadual e nacional, inicialmente, os perfis de informantes foram delineados para abarcar, além da dimensão diatópica, as dimensões diagenérica e diageracional e diastrática.

Nesse sentido, considerou-se que, nas capitais brasileiras, o ALiB vem considerando 08 informantes (02 faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – sendo contemplados os gêneros masculino e feminino, e 02 níveis de escolaridade – alfabetizados com até o 9º ano do ensino fundamental e nível superior). Por outro lado, a metodologia do ALAM e das demais pesquisas que vêm sendo desenvolvidas na área rural do Amazonas consideram 06 informantes (03 faixas etárias – 18 a 35, 36 a 55 e 56 em diante – nos dois gêneros e em 01 nível de escolaridade – analfabetos ou que tenham cursado até o 5º ano do ensino fundamental).

Serafim da Silva Neto, em seu *Guia para Estudos Dialetológicos*, sugere que o método de pesquisa deve ser homogêneo em todo o território, para que seja possível a comparação entre os falares. “[...] se não usarmos a mesma pauta, o mesmo método de

pesquisa para todos os falares, não poderemos compará-los depois”. (SILVA NETO, 1957, p. 20)

Diante do exposto, considerou-se que o ideal para satisfazer o controle das dimensões diatópica, diageracional, diagenérica e diastrática, de modo que também seja possível tecer futuras comparações entre o falar da capital e os falares do interior do Amazonas, cujos estudos ora se ampliam, bem como atendendo ainda aos requisitos da Geolinguística Pluridimensional, seriam suficientes 12 informantes por localidade (03 faixas etárias – 18 a 35, 36 a 55 e 56 em diante – nos dois gêneros e em 02 níveis de escolaridade – alfabetizados com até o 9º ano do ensino fundamental e nível superior).

Nesse sentido, considerando ainda o prazo estabelecido para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por não considerar neste estudo o nível alto de escolaridade (nível superior). Dessa forma, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, em cada localidade foi prevista a seleção de seis informantes: 01 homem e 01 mulher, em 03 faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 e 56 em diante), analfabetos ou que tenham cursado até o 9º ano do ensino fundamental. O total, assim, chega a 24 informantes – 06 por ponto de inquérito (Centro, Parque 10 de Novembro, São Raimundo e Colônia Antônio Aleixo).

A dimensão diastrática é considerada também, na medida em que o controle da escolaridade nesta pesquisa possibilite, futuramente, que o estudo seja ampliado, tomando então a escolaridade mais alta, bem como outros fenômenos possam ser considerados, no sentido de permitir a caracterização do falar manauara.

Assim, os informantes selecionados para esta pesquisa apresentam o seguinte perfil quanto à faixa etária, conforme o Quadro 7, que apresenta, ainda, a média de idade dos informantes.

Quadro 7 – Perfil dos informantes: média de idade

Faixa etária	Faixa 01 18-35 anos		Faixa 02 36-55 anos		Faixa 03 Acima de 55 anos	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Localidade						
São Raimundo	18	33	41	42	57	57
Centro	27	30	41	37	61	64
Col. Antônio Aleixo	28	24	42	36	58	64
Parque 10	19	19	44	37	70	59
Média por gênero	23	26,5	42	38	61,5	61
Média por faixa	24,8		40		61,3	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.3 A COLETA DE DADOS

Na pesquisa dialetológica, por meio do método da Geolinguística, “a recolha de dados de caráter dialetal se faz mediante a aplicação de questionário ou através de conversação livre” (CARDOSO, 2010, p. 95). Ferreira e Cardoso (1994) salientam que a aplicação de inquérito *in loco* é a mais recomendável (em contraposição a inquéritos por correspondência).

Os locais onde ocorreram as entrevistas foram os mais variados possíveis. Desde o quarto silencioso, passando por salas e varandas, até a beira de sarjetas, como no caso dos informantes do gênero masculino entrevistados no São Raimundo (3ª faixa etária) e no Parque 10 de Novembro (2ª faixa). No bairro Colônia Antônio Aleixo, por exemplo, duas informantes, mãe e filha, foram entrevistadas enquanto a filha fazia manicure nas unhas da mãe.

Figura 31 – Entrevista realizada no bairro Colônia Antônio Aleixo, na varanda da casa de duas informantes



Figura 32 – Entrevista realizada no Centro, na frente da casa do informante, que assistia jogo de futebol com familiares



Fontes: Acervo da pesquisadora.

A pesquisa de campo foi realizada entre um período de 04 meses, de fevereiro/2012 ao início de maio/2012, de acordo com os intervalos de trabalho – principalmente em fins de semana e feriados. Dessa forma, buscou-se selecionar os informantes durante a semana, agendando a gravação da entrevista para o final de semana ou feriado subsequente.

Vale ressaltar que, devido à coleta intercalada, buscou-se transcrever e analisar o quanto fosse possível os dados, entre uma entrevista e outra.

No intuito de encontrar informantes que se encaixassem nos perfis necessários a esta pesquisa, bem como garantir o máximo de espontaneidade possível às entrevistas, buscou-se contato com moradores conhecidos dos bairros, os quais se comprometeram em acompanhar a pesquisadora nos recrutamentos e nas entrevistas.

Nesse sentido, na maior parte dos casos, a pesquisadora foi apresentada aos potenciais informantes e, por meio de uma conversa informal, que, além de ir deixando o informante mais à vontade, permitia a verificação quanto a se o morador ora apresentado encaixava-se no perfil objetivado. Os principais motivos que levavam ao **descarte** dos moradores apresentados referiam-se ao fato de que, muitas vezes, o conhecido que buscava facilitar a seleção do informante indicava pessoas que não possuíam boas condições de dicção para a pesquisa; noutros casos, os potenciais informantes não tinham pais nascidos em Manaus e, principalmente, não possuíam o nível de escolaridade necessário.

Muitos foram os acontecimentos interessantes envolvidos no processo de coleta de dados, os quais seriam suficientes para gerar um trabalho à parte. Contudo, não sendo esse o objetivo desta pesquisa, buscou-se ressaltar, a seguir, alguns fatos que se destacam.

No Centro, contou-se com a ajuda do líder comunitário da região próxima ao Porto de Manaus, que indicou alguns potenciais informantes. Com sua ajuda, foram realizadas as entrevistas com as informantes do gênero feminino (1ª e 2ª faixas). Em seguida partiu para além das imediações do Porto, passando pela Feira da Manaus Moderna, onde não se encontrou nenhum informante. As próximas investidas no Centro de Manaus foram realizadas na área das vilas construídas por meio do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM)²². Naquela área, que é extensa e se situa por trás da avenida Joaquim Nabuco, começando na altura da av. Sete de Setembro até a av. Tarumã, foram encontrados os demais informantes.

Em todos os pontos de inquérito, foi mais penoso encontrar o informante do gênero masculino da 3ª faixa etária. No Centro, especialmente, um potencial informante nesse perfil foi encontrado, no entanto recusou-se a participar da pesquisa ao ser informado de que a colaboração seria de cunho voluntário e não poderia ser paga, para o desespero da pesquisadora, que, naquele dia, havia andado por toda a área à procura de somente aquele

²² O PROSAMIM é um programa governamental que visa dirimir problemas como falta de saneamento, urbanização e habitação, especialmente em áreas situadas às margens de igarapés, retirando os moradores da região, que passa por obras de saneamento, infraestrutura, com a construção de novas moradias (vilas), que são entregues aos moradores.

informante. Providencialmente, naquele mesmo dia, a pesquisadora encontrou o informante pretendido, próximo à casa do que havia se recusado.

Outro fato curioso no Centro foi a entrevista com o informante do gênero masculino da 2ª faixa etária (Figura 32), realizada na varanda de sua casa, num domingo à tarde, durante a exibição de um jogo de futebol. Alguns de seus parentes estavam bêbados, especialmente o cunhado, que, durante toda a gravação, interferia com brincadeiras e piadas.

Ressalta-se também, como fato interessante, que, à época da realização da pesquisa de campo, a região estava bastante afetada pela cheia histórica deste ano (2012), sendo verificada, portanto, uma situação bastante difícil nas áreas mais próximas ao rio e a igarapés, as quais foram priorizadas pela pesquisadora em razão de mais fácil localização de informantes com baixa escolaridade.

Figura 33 – Quintal da casa de um informante do Colônia Antônio Aleixo, completamente tomado pelas águas



Figura 34 – Quintal da casa de um informante do Centro, completamente tomado pelas águas



Fontes: Acervo da pesquisadora.

No Parque 10 de Novembro, contou-se com o auxílio do senhor Willen Lima, amigo pessoal, que, por meio do contato com uma igreja evangélica, conhecia muitos potenciais informantes. A pesquisadora, então, foi apresentada a alguns frequentadores da igreja, que ou se encaixaram nos perfis desejados ou indicaram conhecidos.

Sem dúvida, o bairro Colônia Antônio Aleixo foi o de maior dificuldade, principalmente em razão de este ser o ponto mais distante. Contou-se com a ajuda de uma moradora antiga do bairro, Maria dos Anjos, que acompanhou a pesquisadora em toda a seleção e coleta de dados, inclusive oferecendo alimentação e local para descansar. Nesse

bairro, um fato interessante: uma potencial informante que se encaixava em todo o perfil para a 2ª faixa recusou-se a participar da pesquisa, em razão de não gostar da moradora que ora estava auxiliando a pesquisadora.

Figura 35 – Área à beira do igarapé no Parque 10 de Novembro



Figura 36 – Área à beira do igarapé no Parque 10 de Novembro



Figura 37 – Área ribeirinha no bairro Colônia Antônio Aleixo



Fontes: Acervo da pesquisadora.

Estes foram alguns dos acontecimentos que permearam a coleta de dados para a realização deste estudo, indubitavelmente, a parte mais trabalhosa e onerosa desta pesquisa, especialmente devido aos custos com locomoção e alimentação, bem como pelo alto desgaste físico empreendido nas exaustivas caminhadas em busca de informantes ideais.

Contudo, o esforço é mínimo se comparado ao que é necessário quando se trata de pesquisas no interior do estado, para onde não se dispõe de rodovias em boas condições de tráfego, cuja locomoção, em muitos casos, restringe-se à cara via aérea ou à demorada via fluvial.

3.3.1 Questionário Fonético-Fonológico

Para satisfazer os objetivos desta pesquisa, de uma investigação no âmbito fonético-fonológico, julgou-se necessária a aplicação de um questionário fonético-fonológico (QFF), que foi elaborado tomando por base os QFFs do ALAM (CRUZ, 2004) e de Silva (2009).

Do questionário de 180 questões de Silva (2009), foram excluídas as questões pertinentes à investigação da vogal /o/ em posição tônica, restando, dessa forma, 71 questões, das quais ainda foram descartadas 02 questões, por prévia verificação de que não seriam conseguidas as respostas objetivadas. Das 69 restantes, 37 fazem parte também do questionário do ALAM.

Mais 14 questões do inquérito do ALAM não presentes em Silva (2009) foram adicionadas, bem como outras 18 perguntas, consideradas relevantes para esta pesquisa, tomando por base outras pesquisas analisadas e hipóteses levantadas.

Dessa forma, o QFF estabelecido para esta pesquisa contou com um total de 101 questões do tipo palavra-coisa.

Das questões que compõem o QFF estabelecido para esta pesquisa, algumas não foram consideradas, isto é, não redundaram em cartas, em razão dos seguintes fatores:

- (a) Questões não respondidas – os informantes não souberam responder/nenhum informante respondeu – QFF 002 (*aborrecida*); 013 (*borbulhas*); 014 (*automóvel*); 031 (*proibido*); 041 (*leiloeiro*), 043 (*polvilho*); 053 (*folia*);
- (b) Questões respondidas com itens não equivalentes ao objetivado: QFF 006 (*temporal*); 017 (*horroroso*).

Para a questão QFF 006 (*temporal*), os informantes sugeriam outros vocábulos, como *tempestade*; para 017 – “um homem muito feio é um homem...” (*horroroso*), surgiram *horrível*, *monstro*, entre outras.

A questão QFF 043 – “qual o nome daquele pó fino que fica depois que se lava a tapioca?” (*polvilho*), os informantes sugeriram com frequência como resposta *goma*. Quando questionados a respeito do pó usado para fazer pão de queijo, sugeriram *trigo*, *maisena*, entre outros.

3.3.2 Conversação Livre

Seguindo os padrões das pesquisas dialetais que vêm sendo realizadas no Amazonas, previu-se, além da aplicação do QFF, a coleta de conversação livre, tendo em vista a grande

dificuldade na realização de recolha de dados e formação de *corpus*, bem como para encontrar informantes ideais.

Pretendeu-se, dessa forma, por meio da coleta de dados para esta pesquisa, possibilitar, posteriormente, a construção de um Banco de dados que disponibilize *corpus* para a realização de pesquisas dialetais sobre Manaus, em variados níveis linguísticos, inclusive pesquisas mais amplas, que abranjam maior número de localidades, uma vez que outros 16 municípios (09 do ALAM, 02 de Silva (2009) e Torres (2009), 05 do AFBAM), e atualmente mais outros 05 municípios (03 de Maia (2012) e 02 do ALFARIN) também possuem registros desse tipo.

Os registros referem-se a relatos pessoais acerca de fatos importantes da vida dos informantes, bem como situações de perigo vivenciadas pelos mesmos. Durante a coleta de dados, percebeu-se serem de maior produtividade relatos relacionados às condições de vida do bairro, quanto à segurança, saúde, educação e transporte público.

3.4 MÉTODO DE TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados envolve os aspectos relacionados ao registro, codificação, transcrição e informatização dos dados.

O áudio das entrevistas foi registrado por meio de gravador de voz, da marca *Panasonic RR-US591 – Stereo MP3 Recording – 2GB*. Após a realização de cada entrevista, os arquivos de áudio mp3 foram ouvidos para verificação quanto à qualidade da gravação, sendo em seguida transferidos para um notebook, e gravados, pouco a pouco, em um conjunto de 9 CDs, em três vias, no sentido de evitar qualquer possibilidade de perda de dados.

Cada informante recebeu uma denominação codificada, que agrupa as informações pertinentes ao ponto de inquérito, à faixa etária e ao gênero, respectivamente, conforme explicitado no Quadro 8, a seguir.

Quadro 8 – Rotulação dos 24 informantes entrevistados para a pesquisa

	CENTRO		SÃO RAIMUNDO		COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO		PARQUE 10 DE NOVOEMBRO	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Faixa 01 18 a 35 anos	CEN-01M	CEN-01F	SRM-01M	SRM-01F	CAA-01M	CAA-01F	PDN-01M	PDN-01F
Faixa 02 36 a 55 anos	CEN-02M	CEN-02F	SRM-02M	SRM-02F	CAA-02M	CAA-02F	PDN-02M	PDN-02F
Faixa 03 acima de 55	CEN-03M	CEN-03F	SRM-03M	SRM-03F	CAA-03M	CAA-03F	PDN-03M	PDN-03F

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.4.1 Transcrição e digitalização

A transcrição fonética dos dados pertinentes à pesquisa foi realizada por meio da utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA (na sigla em inglês), com alguns ajustes, conforme explicitado nos quadros seguintes:

Quadro 9 – Símbolos fonéticos consonantais

		PONTOS DE ARTICULAÇÃO											
		Bilabial		Labiodental		Alveolar		Pós-alveolar (palatal)		Velar		Glotal	
		surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora
MODOS DE ARTICULAÇÃO	Oclusiva	p	b			t	d			k	g		
	Fricativa			f	v	s	z	ʃ	ʒ	x	ɣ	h	ɦ
	Africada							tʃ	dʒ				
	Nasal		m				n		ɲ ɣ̃				
	Lateral						l		ʎ l ^j				
	Vibrante						r						
	Retroflexa						ɭ						
	Tepe						ɾ						

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 10 – Símbolos fonéticos vocálicos

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

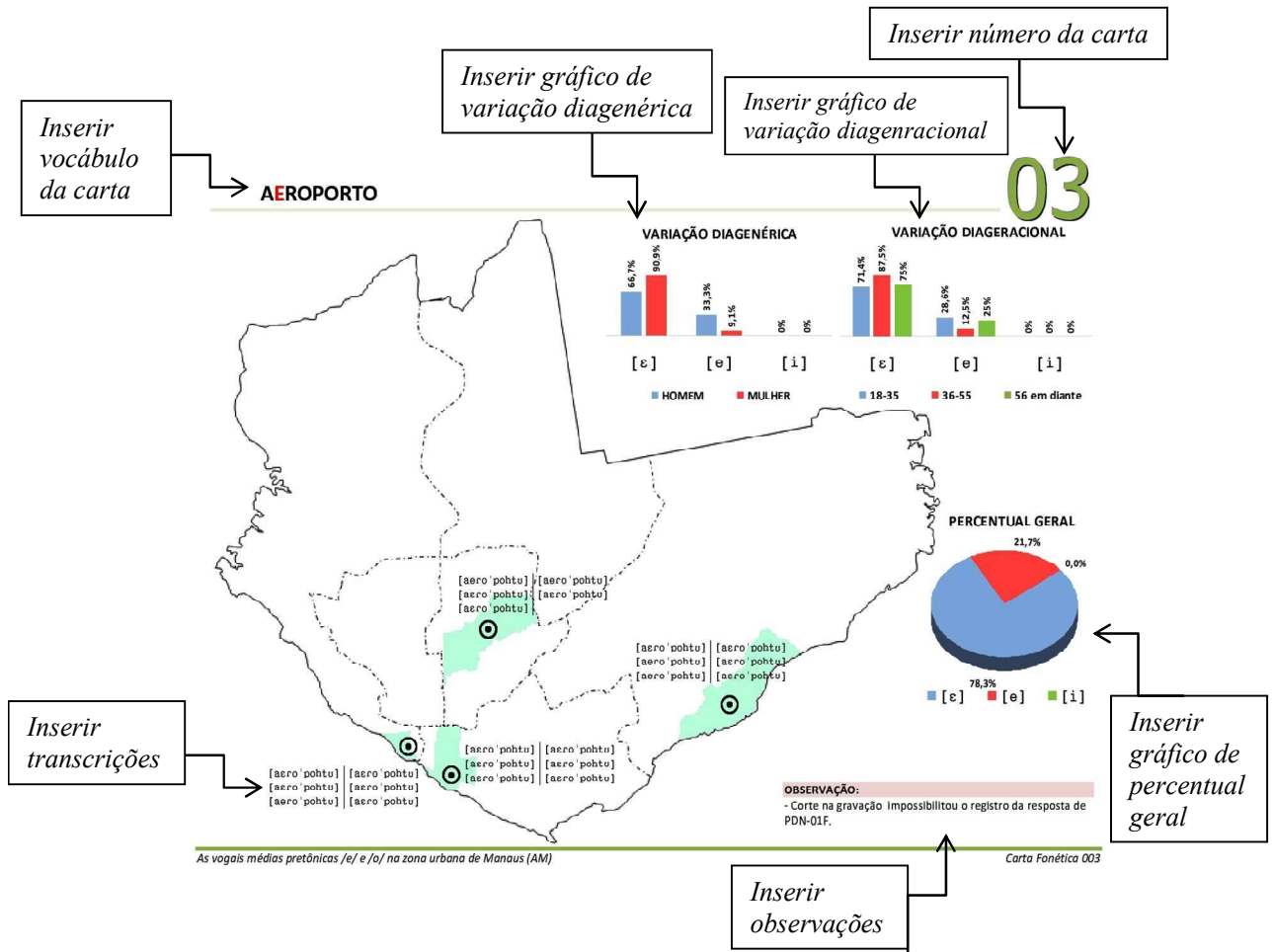
Importante ressaltar a utilização dos símbolos ɪ, u e ɐ para as vogais /i/, /u/ e /a/ em contexto postônico final, respectivamente, bem como a utilização dos símbolos y e w para marcar a realização das semivogais.

3.4.2 Elaboração de Cartas Linguísticas

Para a elaboração das cartas linguísticas, utilizaram-se os programas *Microsoft Office 2007*. No *Word*, procedeu-se a elaboração do mapa-base, bem como das tabelas para a inserção das transcrições fonéticas. Também foi elaborado o *layout* de carta padronizado para este trabalho. Esse processo gerou uma carta-modelo, a partir da qual geraram-se todas as outras.

Na figura adiante, é possível verificar uma das cartas fonéticas elaboradas para a pesquisa, detalhadamente explicitada:

Figura 38 – Modelo de carta fonética construída para a pesquisa



Fonte: elaborado pela pesquisadora

As realizações dos informantes, devidamente digitalizadas no *Word*, utilizando-se a fonte SILManuscript IPA93, foram inseridas nas cartas, e, por meio de tabelas estatísticas criadas no *Excel*, geraram-se os gráficos referentes ao percentual geral de ocorrências, à variação diagenérica e à variação diageracional, os quais foram inseridos na carta no *Word*. Nesse processo, foram geradas 96 cartas fonéticas.

Os dados estatísticos dessas cartas foram agrupados de acordo com contextos fonético-fonológicos, conforme descrito no quadro a seguir, gerando, dessa forma, 13 cartas fonético-contextuais, as quais trazem, ainda, dados estatísticos por ponto de inquérito.

Quadro 11 – Questionário e distribuição contextual de vocábulos

NÚMERO DA CARTA/CONTEXTO		SEGMENTO	VOCÁBULOS	
VOGAL MÉDIA ANTERIOR /e/	01.	VOGAL TÔNICA FECHADA	/e/	PENEIRA
			/o/	TESOURA, AEROPORTO, PROFESSORA, DIRETORA, PESCOÇO, DEPOIS
	02.	VOGAL TÔNICA ALTA	/i/	MENINO, BEBIDA, PERDIDO, PEDIDO, MEDICINA, MELANCIA
			/u/	PERFUME, VERDURA
	03.	VOGAL TÔNICA ABERTA	/a/	REAL, REAIS, RESULTADO, DEVAGAR, DEMAIS
			/ɛ/	REMÉDIO
			/ɔ/	NERVOSA, MELHOR
	04.	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ã/	LEÃO, ELEFANTE, EXAME, EDUCAÇÃO
			/ẽ/	PRESENTE, TREZENTOS, PRESIDENTE
			/õ/	AZEITONA
			/ũ/	DEFUNTO
	05.	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ẽ/	ENCONTRO, MENDIGO, ENCHENTE, MENTIRA, EMPREGO
	06.	DE(S)- (PREFIXO OU NÃO)	DES-	DESCOBRIR, DESMAIO, DESOVAR
07.	VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR –S	/eS/	ESCOLA, ESTOPA, ESCOVA, ESTRAGADA, ESQUECER, ESPINHA, ESGOTO	
VOGAL MÉDIA POSTERIOR /o/	08.	VOGAL TÔNICA FECHADA	/e/	MORCEGO, MORREU, ORELHA, CHOVER, COMER
			/o/	AEROPORTO, PROFESSORA, COROA, MOTOR
	09.	VOGAL TÔNICA ALTA	/i/	POLÍCIA, POLÍTICO, IMPOSSÍVEL, NOTÍCIA, ASSOBO/ASSOVIO, BONITO, MOSQUITO, DESCOBRIR, FOCINHO, VOMITA, DORMIR
	10.	VOGAL TÔNICA ABERTA	/a/	RODOVIÁRIA, TOMATE, COMADRE, SOLDADO, AFOGAR, ADVOGADO, OBRIGADO, SOVACO, TEMPORAL, CHOCALHO, BORRACHA, DESOVAR, GOIABA
	11.	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ã/	CHORÃO, CORAÇÃO, TROVÃO, BOTÃO
			/ẽ/	OITENTA, INOCENTE
	12.	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/õ/	LOMBRIGA, CONVERSANDO
13.	VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO	/e/	JOELHO, MAGOADO, COELHO	
		/a/	TOALHA, COADOR, ASSOALHO	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Assim, as cartas linguísticas geradas constam no Volume II deste trabalho, que apresenta as normas de elaboração, 11 cartas de caráter introdutório, 96 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais.

4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MANAUS (AM)

Conforme mencionado no capítulo anterior, os resultados desta pesquisa constam do segundo volume deste trabalho, que apresenta **96 cartas fonéticas**, geradas a partir de um questionário fonético-fonológico de 101 questões, além de **13 cartas fonético-contextuais**, que, reunindo dados das cartas fonéticas, apresenta o comportamento das vogais médias pretônicas de acordo com contextos fonético-fonológicos.

Este capítulo trata dos resultados quantitativos desta pesquisa, seguindo os princípios metodológicos traçados no capítulo anterior. A exposição a seguir traz primeiramente o resultado geral das ocorrências das vogais médias pretônicas em Manaus, tanto de /e/ como de /o/, marcando quais as variantes (abertas, fechadas ou altas) que predominam no falar dos informantes entrevistados de modo geral.

Depois, passa-se à apresentação dos dados, primeiramente em relação à realização da vogal média anterior /e/, em seguida quanto ao comportamento da vogal média posterior /o/, analisando a questão das variáveis extralinguísticas gênero e faixa etária, controladas para esta pesquisa.

Traça-se também como se dá a realização das vogais médias /e/ e /o/ por ponto de inquérito – São Raimundo, Centro, Colônia Antônio Aleixo e Parque 10 Novembro – passando-se às considerações acerca do fenômeno em estudo de acordo com as variantes intralinguísticas controladas, ou seja, considerando os contextos fonético-fonológicos, conforme a distribuição das cartas fonético-contextuais apresentadas no segundo volume deste trabalho, buscando explicitar a ocorrência das variantes condicionadas pelos contextos linguísticos em que estão inseridas.

Cabe ressaltar que esta pesquisa não objetiva apresentar como se dá o comportamento das vogais médias como se os resultados ora explicitados fossem o único modo de falar manauara. Busca-se, na verdade, apresentar um retrato do falar de 24 informantes da região, configurando, dessa forma, um recorte desse dialeto, que poderá ser posteriormente ampliado, a partir de novas pesquisas.

Nesse sentido, os dados estatísticos aqui apresentados não podem ser tomados de modo generalizado, como referentes a toda a população manauara, visto que, para tanto, seria necessária uma amostra maior de habitantes entrevistados.

4.1. RESULTADOS GERAIS

Nos quatro pontos de inquérito investigados, a vogal média anterior /e/ em contexto pretônico pode ser realizada como [e], como [ɛ], configurando abaixamento, ou como [i], configurando alçamento/alteamento. Já a vogal média posterior /o/ em contexto pretônico pode ser realizada como [o], como [ɔ], configurando abaixamento, ou como [u], configurando alçamento/alteamento. Além disso, em casos específicos, verificou-se a ocorrência de [a], na realização dos vocábulos [e]lefante, s[o]ldado e l[o]mbriga, e de [ø] na realização do vocábulo [e]lefante.

Nesse sentido, tomado os dados coletados de modo geral, não levando em consideração nenhum contexto interno e ressaltando que os vocábulos do questionário aplicado não se encontram em equilíbrio quanto ao número de questões para cada contexto, as variantes predominantes das vogais médias pretônicas na região em estudo são as fechadas [e] e [o], conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 – Percentual geral de ocorrências de /e/ e /o/

VARIANTES	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
ABERTAS [ɛ] e [ɔ]	511/2206	22%
FECHADAS [e] e [o]	1011/2206	46,3%
ALTAS [i] e [u]	675/2206	31,3%
OUTRAS [a] e [ø]	9/2206	0,4%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Tais resultados contrariam a hipótese de Nascentes (1953), de que, nos falares do norte do país predominaria o uso das variantes abertas, e corrobora com os dados do ALAM (CRUZ, 2004) para o Amazonas.

4.2. VOGAL MÉDIA ANTERIOR

As realizações da vogal média /e/ totalizaram 1.125 ocorrências, objeto de **56 cartas linguísticas**, as quais constam no segundo volume deste trabalho, sendo **49 cartas fonéticas**, cujos dados analisados geraram **07 cartas fonético-contextuais**, conforme descrito a seguir.

Quadro 12 – Ocorrências de /e/: cartas fonéticas e cartas fonético-contextuais

CARTA FONÉTICA	CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL
(01) PENEIRA (02) TESOURA, (03) AEROPORTO (04) PROFESSORA (05) DIRETORA (06) PESCOÇO (07) DEPOIS	(01) VOGAL TÔNICA FECHADA
(08) MENINO (09) BEBIDA (10) PERDIDO (11) PEDIDO (12) MEDICINA (13) MELANCIA (14) PERFUME (15) VERDURA	(02) VOGAL TÔNICA ALTA
(16) REAL (17) REAIS (18) RESULTADO (19) DEVAGAR (20) DEMAIS (21) REMÉDIO (22) NERVOSA (23) MELHOR	(03) VOGAL TÔNICA ABERTA
(24) CONVERSANDO (25) LEÃO (26) ELEFANTE (27) ELEFANTE (28) EXAME (29) EDUCAÇÃO (30) PRESENTE (31) TREZENTOS (32) PRESIDENTE (33) AZEITONA (34) DEFUNTO	(04) VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA
(35) ENCONTRO (36) MENDIGO (37) ENCHENTE (38) MENTIRA (39) EMPREGO	(05) VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA
(40) DESCOBRIR (41) DESMAIO (42) DESOVAR	(06) DE(S)- (PREFIXO OU NÃO)
(43) ESCOLA (44) ESTOPA (45) ESCOVA (46) ESTRAGADA (47) ESQUECER (48) ESPINHA (49) ESGOTO	(08) VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR –S

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Contabilizando os dados pertinentes à vogal média /e/, verifica-se, de modo geral, a predominância da variante média fechada (42,3%), seguida pela variante alta (29,1%) e pela variante aberta (28,4%), conforme a tabela adiante apresentada:

Tabela 2 – Percentual geral de ocorrências de /e/

VARIANTES	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
ABERTA [ɛ]	319/1125	28,4%
FECHADA [e] e [ẽ]	476/1125	42,3%
ALTA [i] e [ĩ]	327/1125	29,1%
OUTRAS [a] e [ø]	3/1125	0,3%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Representando apenas 0,3% das ocorrências, figuram as 02 ocorrências de [a] e 01 ocorrência de [ø], verificadas na **Carta Fonética 26 – ELEFANTE**, fato também documentado em municípios do Baixo-Amazonas pelo AFBAM (BRITO, 2010) – 03 ocorrências de [a] *lefante* e 06 ocorrências [ø] *lefante*.

Tais dados corroboram com os dados do ALAM, conforme apontam Brandão e Cruz (2005), ao indicarem 46% de ocorrência da variante fechada, parecendo ser esta, portanto, o uso predominante no estado do Amazonas. Os dados, por outro lado, contrariam a hipótese traçada por Nascentes (1953), mostrando a preferência pelo uso da fechada e não da aberta, indicada como predominante no que denominou *subfalar amazônico*.

4.2.1. Variação diagenérica

As realizações de [ɛ], [e] e [i] totalizam 1.122 ocorrências²³, das quais 557 são de informantes do gênero masculino e 565 do gênero feminino, distribuídas conforme a tabela:

Tabela 3 – Ocorrências de /e/ por gênero

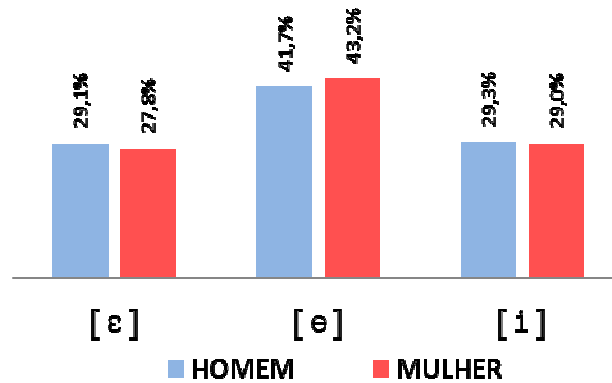
	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ẽ]	ALTA [i] e [ĩ]
HOMEM	162/1122	232/1122	163/1122
MULHER	157/1122	244/1122	164/1122

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

²³ Excluídas as 03 ocorrências de [a] e [ø].

Analisando os dados gerais de ocorrências de [ɛ], [e] e [i], verifica-se que, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas empregam predominantemente o uso da variante fechada, que representa 41,7% e 43,2%, respectivamente. O uso das variantes aberta e alta se mantêm equilibradas entre si.

Gráfico 1– Percentual de ocorrências de /e/ por gênero



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.2.2. Variação diageracional

Das 1.122 ocorrências de [ɛ], [e] e [i], o total de 369 são de informantes da 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 376 da 2ª faixa (36 a 55 anos) e 377 da 3ª faixa (acima de 55 anos), distribuídas conforme a tabela abaixo:

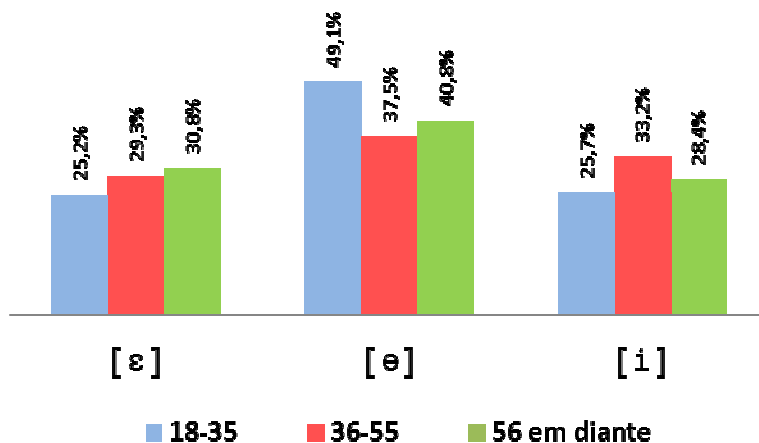
Tabela 4 – Ocorrências de /e/ por faixa etária

	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ẽ]	ALTA [i] e [ĩ]
18 a 35 anos	93/1122	181/1122	95/1122
36 a 55 anos	110/1122	141/1122	125/1122
56 em diante	116/1122	154/1122	107/1122

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesse sentido, analisando os dados acima apresentados, verifica-se que o emprego da variante fechada é predominante nas três faixas de idade, enquanto que o uso das variantes aberta e alta se mantêm equilibradas entre si, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Percentual de ocorrências de /e/ por faixa etária



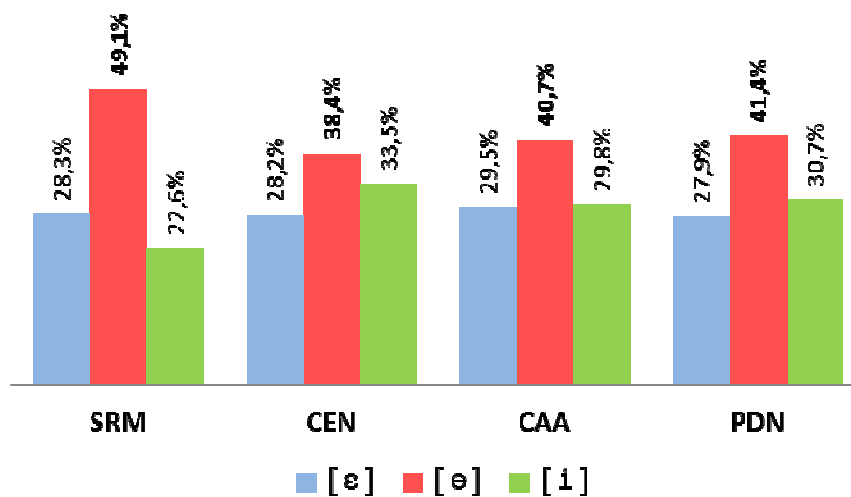
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se, ainda, por meio do Gráfico acima, que a primeira faixa etária (49,1%) é a que mais emprega o uso da variante fechada, seguida pela 3ª e 2ª faixas (40,8% e 37,5%, respectivamente).

4.2.3. Comportamento de /e/ por ponto de inquérito

Verifica-se, por meio do Gráfico adiante, o percentual de ocorrências de /e/ por ponto de inquérito, indicando que em todos os bairros investigados ocorre a predominância do uso da variante fechada.

Gráfico 3 – Percentual de ocorrências de /e/ por ponto de inquérito



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nota-se, ainda, que o bairro São Raimundo é o que mais emprega o uso da realização fechada (49,1%), e o que menos emprega é o Centro (38,4%), onde há maior ocorrência de alçamento (33,5%). O uso da variante aberta é equilibrado nos quatro pontos de inquérito averiguados nesta pesquisa, havendo no bairro Colônia Antônio Aleixo quase que o mesmo percentual para [ɛ] e [i], com 29,5% e 29,8%, respectivamente.

4.2.4. Comportamento de /e/ por contexto fonético fonológico

De modo geral, verificou-se até aqui a predominância do uso da variante fechada [e], resultado que se mantém quando analisadas as variáveis extralinguísticas gênero e faixa etária. Contudo, as ocorrências da variante aberta [ɛ] e de alçamento [i] são expressivas, fato que se dá em razão da predominância do uso dessas variantes em contextos específicos, fazendo-se necessário apresentar, portanto, as ocorrências de acordo com contextos fonético-fonológicos, conforme sugerido nas hipóteses dessa pesquisa.

As cartas fonético-contextuais referentes à vogal média anterior que constam no segundo volume deste trabalho apresentam 07 contextos, os quais serão explicitados adiante, sempre comparando os resultados desta pesquisa aos dados encontrados pelo ALAM (CRUZ, 2004).

4.2.4.1. Vogal tônica fechada

Em vocábulos cuja vogal tônica é fechada, verifica-se a predominância do emprego da variante fechada (83,1%), chegando a ser categórica em alguns casos, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica fechada

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ẽ]	ALTA [i] e [ĩ]
01 – peneira		100%	
02 – tesoura*		58,3%	41,7%
03 – aeroporto	78,3%	21,7%	
04 – professora		100%	
05 – diretora*		100%	
06 – pescoço*		100%	
07 – depois*		100%	
PERCENTUAIS GERAIS	10,8%	83,1%	6,0%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dos 07 vocábulos analisados, 05 apresentam emprego categórico da vogal fechada, com a exceção de *tesoura*, com expressiva ocorrência de alçamento (41,7%), e *aeroporto*, que apresenta predominância do uso da variante aberta (78,3%).

Nesse último caso, a predominância do uso da variante aberta pode estar relacionada ao fato de que a palavra, que é composta, tenha mantido a natureza aberta da vogal tônica da raiz *aéreo*, apresentando um acento secundário [a,εro'pohtu].

O resultado desse contexto se encontra em acordo com o ALAM, demonstrando haver, nesse contexto, a atuação de um processo de harmonização vocálica (BISOL, 1981).

4.2.4.2. Vogal tônica alta

Em vocábulos cuja vogal tônica é alta, contexto que se mostra condicionador de alçamento em outras regiões, por atuação de processo de harmonização vocálica, verifica-se a uma concorrência entre a variante fechada e a aberta, sendo esta de maior ocorrência (46%), conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica alta

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ε]	FECHADA [e] e [ê]	ALTA [i] e [î]
08 – menino		31,6%	68,4%
09 – bebida*		87,5%	12,5%
10 – perdido*	29%	70,8%	
11 – pedido		57,1%	42,9%
12 – medicina*	34,8%	65,2%	
13 – melancia*	95,8%	4,2%	
14 – perfume*	78,3%	21,7%	
15 – verdura	86,4%	13,6%	
PERCENTUAIS GERAIS	41,7%	43,9%	14,4%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados do ALAM, conforme apontam Brandão e Cruz (2005), indicam para este contexto o percentual de 53% para [e], 42% para [ε] e 5% para [i]. Em comparação com os dados aqui demonstrados, verifica-se que a proporção da ocorrência de alçamento é maior que a do ALAM, assim como a ocorrência da variante aberta, o que está relacionado à quantidade de vocábulos neste contexto, uma vez que enquanto *verdura* impulsiona o aumento percentual para [ε], *pedido* puxa o incremento percentual para [i]. Outro fator é que o ALAM aponta predominância da variante fechada (70%) para o vocábulo *perfume*, com 30% para a variante

aberta; os dados aqui apresentados demonstram quase o contrário: maior emprego de [ɛ] (78,3%) e menor uso de [e] (21,7%).

Assim, das 07 cartas fonéticas analisadas, apenas 03 apresentam ocorrências de alçamento – *menino* (68,4%), *bebida* (12,5%) e *pedido* (42,9%) – demonstrando que a regra da harmonia vocálica, neste contexto, não se mostra produtiva em Manaus, ao contrário do que comumente ocorre em outras localidades, porém em consonância com os dados pertinentes ao Amazonas.

4.2.4.3. Vogal tônica aberta

Em vocábulos cuja vogal tônica é aberta, verifica-se a tendência ao abaixamento, ou seja, ao emprego da variante aberta (59%), sob atuação do processo de harmonização vocálica, havendo, no entanto, a predominância de outras variantes em determinadas palavras, conforme a Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica aberta

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ê]	ALTA [i] e [ĩ]
16 – real*	100%		
17 – reais*	100%		
18 – resultado*	16,7%	83,3%	
19 – devagar*	4,3%	8,7%	87,0%
20 – demais		8,3%	91,7%
21 – remédio*	54,2%	45,8%	
22 – nervosa	100%		
23 – melhor*	100%		
PERCENTUAIS GERAIS	59,0%	18,6%	22,3%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados mostram o uso categórico da variante aberta em 04 dos 08 vocábulos analisados – *melhor*, *real*, *reais* e *nervosa*. Tal como no ALAM, *resultado* apresenta predominância no uso da variante fechada (83,3%, sendo 92% no ALAM) e baixo emprego da aberta (16,87%, sendo 8% no ALAM).

Não houve em Manaus a realização *m[i]lhor*, como encontrado no ALAM (32%), ao passo que verificou-se a predominância da variante alta para *devagar* e *demais*. Em *remédio* nota-se que predomina o emprego da variante aberta (54,2%), havendo, entretanto, expressivo percentual da variante fechada (45,8%).

4.2.4.4. Vogal tônica de nasalidade fonológica

Nos vocábulos cuja vogal tônica apresenta nasalidade de natureza fonológica, predomina o uso da variante aberta (46,2%), verificando-se, contudo, ocorrência significativa da variante fechada (42,6%), seguida pela variante alta (11,2%), conforme a Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ê]	ALTA [i] e [ĩ]
24 – leão	8,3%	91,7%	
25 – conversando	100%		
26 – (e)lefante**	79,2%	8,3%	
27 – el(e)fante	87,5%	12,5%	
28 – exame		45,8%	54,2%
29 – educação*	29,2%	70,8%	
30 – presente*	100%		
31 – trezentos	100%		
32 – presidente		100%	
33 – azeitona		100%	
34 – defunto		16,7%	83,3%
PERCENTUAIS GERAIS	46,2%	42,6%	11,2%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

**Vocábulo apresentou, ainda, ocorrência de [a] (8,3%) e [ø] (4,2%)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se que, das 11 cartas analisadas, 05 apresentam a predominância da variante aberta, 03 delas com ocorrência categórica, ao passo que em 04 delas se observa maior emprego da variante fechada (02 delas com emprego categórico). Em 02 vocábulos verifica-se o predomínio do alçamento.

Nota-se, ainda, que em vocábulos que possuem vogais pretônicas de mesma natureza, verifica-se que a tendência de realiza-las do mesmo modo, ou seja, de harmonizá-las, de modo que ambas são produzidas ou como abertas ou como fechadas, mesmo que o vocábulo tenha apresentado 02 ocorrências como [a] *lefante* (8,3%) e 01 como [ø] *lefante* (4,2%).

Outra ocorrência interessante foi *l[ey]ão*, com ditongação, realização feita pela informante do gênero feminino da 1ª faixa etária do bairro Parque 10 de Novembro. A ditongação nesse tipo de contexto também foi observada no AFBAM (Brito, 2010), no vocábulo *dir[ey]tora*, com 06 ocorrências.

Os percentuais referentes aos vocábulos *educação* e *presente* se encontram em consonância com o ALAM, havendo, no primeiro, a predominância da variante fechada (70,8%, sendo 68% no ALAM) e, no segundo, ocorrência categórica da variante aberta (sendo 83% no ALAM).

4.2.4.5. Vogal pretônica de nasalidade fonológica

Nos vocábulos em que a pretônica apresenta nasalidade de natureza fonológica, aponta-se para maior probabilidade de ocorrência de alçamento em outras localidades, como no estado do Pará, segundo Brandão e Cruz (2005). No entanto, observa-se, na tabela abaixo, a predominância da variante fechada (64,6%), enquanto que a ocorrência de alçamento se mantém em 35,4%.

Tabela 9 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ẽ]	ALTA [i] e [ĩ]
35 – encontro		75%	25%
36 – mendigo		100%	
37 – enchente		33,3%	66,7%
38 – mentira*		52,2%	47,8%
39 – emprego		54,2%	45,8%
PERCENTUAIS GERAIS		64,6%	35,4%

*Vocábulo também apresentado nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados se encontram em consonância com o ALAM, que aponta, para *mentira*, 57% para a variante fechada e 43% para o alçamento. No entanto, verifica-se o emprego categórico da variante fechada em *mendigo*, bem como alto índice (75%) para *encontro*. Neste contexto, assim, a única carta que apresentou maior incidência de alçamento foi *enchente* (66,7%), contra 33,3% de [e].

4.2.4.6. Vogal pretônica na sequência DES-

O ALAM aponta que vocábulos que iniciam com sequência DES-, seja ela prefixo ou não, têm forte tendência ao alçamento, o que se confirma neste trabalho, conforme a tabela abaixo:

Tabela 10 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica na sequência DES-

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ê]	ALTA [i] e [î]
40 – descobrir		20%	80%
41 – desmaio		17,4%	82,6%
42 – desovar*		20,8%	79,2%
PERCENTUAIS GERAIS		19,4%	80,6%

*Vocábulo também apresentado nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se, assim, a predominância da ocorrência de alçamento neste contexto, corroborando com os dados do ALAM, que aponta, para *desovar*, 76% de ocorrência de [i], contra 24% de [e], seguindo as demais cartas proporção percentual semelhante.

4.2.4.7. Vogal pretônica inicia sílaba travada por /S/

Quando a vogal média inicia sílaba travada por /S/ em posição de coda silábica, há uma forte tendência ao emprego do alçamento, mesmo o /S/ concretizando-se como alveolar [s z] ou palatal [ʃ ʒ], conforme se verifica na tabela a seguir:

Tabela 11 – Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica em início de sílaba travada por /S/

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɛ]	FECHADA [e] e [ê]	ALTA [i] e [î]
43 – escola		23,8%	76,2%
44 – estopa/estopilha		10%	90%
45 – escova		18,2%	81,8%
46 – estragada*		4,2%	95,8%
47 – esquecer		20,8%	79,2%
48 – espinha*		37,5%	62,5%
49 – esgoto *		25%	75%
PERCENTUAIS GERAIS		20,1%	79,9%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

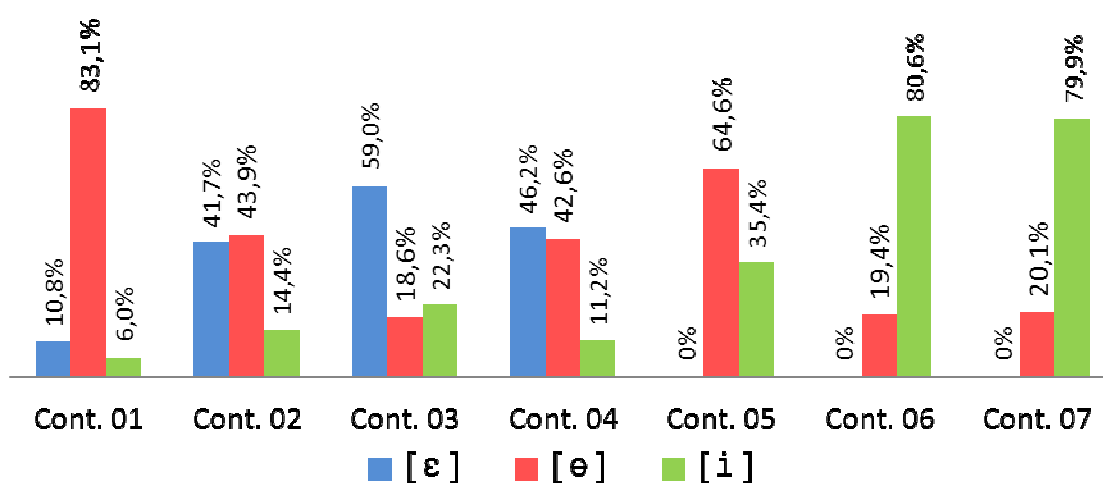
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em todas as cartas acima, a norma é o uso da variante alta, corroborando com os dados do ALAM – *estragada* (97%), *esgoto* (87%) e *espinha* (74%) – e a exemplo do que ocorre em outros falares brasileiros, como no estado do Pará, por exemplo, conforme dados do ALiSPA (BRANDÃO; CRUZ, 2005), que apresenta três vocábulos para este contexto, nos quais predomina o uso da variante alta: *estrada* (89,5%), *escola* (83%) e *esquerdo* (92%).

4.2.4.8. Síntese da análise contextual das ocorrências de /e/

Após a discussão, contexto a contexto, fica evidente que, apesar de predominar no falar dos informantes manauaras entrevistados a variante fechada, verifica-se que determinados contextos intralinguísticos favorecem a predominância de outras variantes. Uma visão panorâmica acerca do comportamento da vogal média pretônica /e/ por contextos pode ser observado no gráfico adiante.

Gráfico 4 – Síntese das ocorrências de /e/ por contexto



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Analisando o Gráfico, verifica-se que, dos 07 contextos analisados, a variante fechada predomina em 03 deles: Contexto 01 – em vocábulos cuja vogal tônica é fechada (83,1%); Contexto 05 – em vocábulos cuja vogal pretônica tem nasalidade de natureza fonológica (64,6%); e Contexto 02 – em vocábulos cuja vogal tônica é alta (43,9%).

Esse último contexto, que em outros falares é condicionador do emprego da vogal, por atuação do processo de harmonia vocálica, apresenta ocorrência significativa da variante aberta (41,7%), indicando uma concorrência entre abertas e fechadas, além de baixa ocorrência de alçamento.

A variante aberta predomina em 02 contextos: Contexto 03 – em vocábulos cuja vogal tônica é aberta (59%); e Contexto 04 – vocábulos cuja vogal tônica apresenta nasalidade de natureza fonológica (46,2%). Enquanto o segundo contexto apresenta significativo índice de emprego da variante fechada (42,6%), o primeiro apresenta ocorrências da variante fechada (18,6%) e de alçamento (22,3%) mais baixas.

Os contextos que se mostraram condicionadores de alçamento foram: Contexto 06 – vocábulos que iniciam com a sequência DES-, prefixo ou não (80,6%); e Contexto 07 – vocábulos em que a pretônica inicia sílaba travada por /S/ (79,9%), não ocorrendo, nesses casos, o emprego da variante aberta, com baixa ocorrência da variante fechada.

Por esse prisma, não se pode afirmar uma contrariedade absoluta à hipótese de Nascentes (1953), visto que, ainda que os dados gerais demonstrem predominância da variante fechada, nos contextos intralinguísticos apontados acima, há a predominância da variante aberta, assim como também se verifica emprego majoritário do alçamento, em contextos específicos.

4.3. VOGAL MÉDIA POSTERIOR

Contabilizando os números gerais pertinentes ao emprego da vogal média /o/, verifica-se a predominância, em contexto pretônico, da variante média fechada (49,5%), seguida pela variante alta (32,2%) e pela variante aberta (17,8%), de acordo com os dados a tabela adiante apresentada:

Tabela 12 – Percentual geral de ocorrências de /o/

VARIANTES	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
ABERTA [ɛ]	192/1081	17,8%
FECHADA [e] e [ẽ]	535/1081	49,5%
ALTA [i] e [ĩ]	348/1081	32,2%
OUTRAS [a] e [ã]	6/1081	0,6%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Representando apenas 0,6% das ocorrências, figuram as 04 ocorrências de [a] na **Carta Fonética 74 – SOLDADO** e 02 de [ã] verificadas na **Carta Fonética 87 - LOMBRIGA**.

Tais dados corroboram com os dados do ALAM, conforme apontam Brandão e Cruz (2005), ao indicarem 45,65% de ocorrência da variante fechada, sendo esta, portanto, o uso predominante no estado do Amazonas, seguida pela variante alta (35,2%) e pela aberta (18,35%). Os dados gerais para /o/, novamente, contrariam a hipótese traçada por Nascentes

(1953), mostrando a preferência pelo uso da fechada e não da aberta, indicada como a que caracteriza o que denominou *subfalar amazônico*.

Como apresenta a tabela acima, as realizações da vogal média posterior /o/ totalizaram 1.081 ocorrências, objeto de **53 cartas linguísticas**, as quais constam no segundo volume deste trabalho, sendo **47 cartas fonéticas**, cujos dados analisados estatisticamente geraram **06 cartas fonético-contextuais**, conforme descrito no quadro a seguir.

Quadro 13 – Ocorrências de /o/: cartas fonéticas e cartas fonético-contextuais

CARTA FONÉTICA	CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL
(50) MORCEGO (51) MORREU (52) ORELHA (53) CHOVER (54) COMER (55) AEROPORTO (56) PROFESSORA (57) COROA (58) MOTOR	(08) VOGAL TÔNICA FECHADA
(59) POLÍCIA (60) POLÍTICO (61) IMPOSSÍVEL (62) NOTÍCIA (63) ASSOPIO (64) BONITO (65) MOSQUITO (66) DESCOBRIR (67) FOCINHO (68) VOMITA (69) DORMIR	(09) VOGAL TÔNICA ALTA
(70) RODOVIÁRIA (71) RODOVIÁRIA (72) TOMATE (73) COMADRE (74) SOLDADO (75) AFOGAR (76) ADVOGADO (77) OBRIGADO (78) SOVACO (79) CHOCALHO (80) BORRACHA (81) DESOVAR (82) GOIABA	(10) VOGAL TÔNICA ABERTA
(83) CHORÃO (84) CORAÇÃO (85) TROVÃO (86) BOTÃO (87) OITENTA (88) INOCENTE	(11) VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA
(89) LOMBRIGA (90) CONVERSANDO	(12) VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA
(91) JOELHO (92) COELHO (93) MAGOADO (94) TOALHA (95) ASSOALHO (96) COADOR	(13) PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.3.1. Variação diagenérica

As realizações de [ɔ], [o] e [u] totalizam 1.081 ocorrências²⁴. Destas, o total de 532 são referentes a informantes do gênero masculino e 543 relativas às do gênero feminino, distribuídas conforme a tabela a seguir, que sintetiza as ocorrências de modo a apresentar a variação diagenérica acerca do comportamento da vogal média /o/ em contexto pretônico de vocábulo.

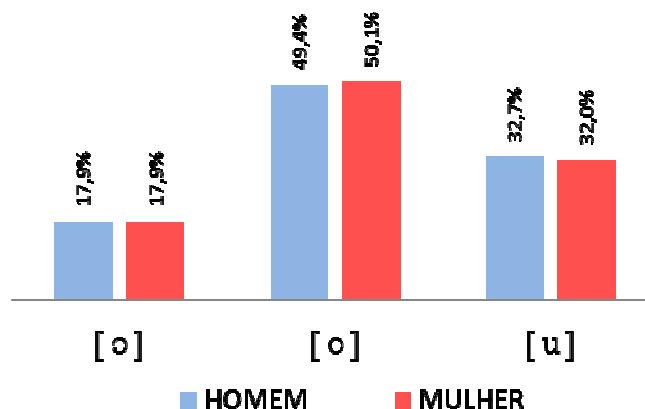
Tabela 13 – Ocorrências de /o/ por gênero

	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
HOMEM	95/1075	263/1075	174/1075
MULHER	97/1075	272/1075	174/1075

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Analisando os dados gerais de ocorrências de [ɔ], [o] e [u], verifica-se que, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas empregam predominantemente o uso da variante fechada, que representa 49,4% e 50,1%, respectivamente, seguida pela variante alta (32,7% e 32%) e pela variante aberta (17,9% e 17,9%), segundo o Gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5 – Percentual de ocorrências de /o/ por gênero



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

²⁴ Excluídas as 06 ocorrências de [a] e [ã].

Verifica-se, ainda, por meio do gráfico acima, de modo geral, que os percentuais para o gênero masculino e feminino se encontram equilibrados para os informantes entrevistados na região investigada.

4.3.2. Variação diageracional

Das 1.075 ocorrências de [ɔ], [o] e [u], o total de 359 são de informantes da 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 360 da 2ª faixa (36 a 55 anos) e 356 da 3ª faixa (acima de 55 anos), distribuídas conforme a tabela adiante, que sintetiza as ocorrências de modo a apresentar a variação diageracional acerca do comportamento da vogal média /o/ em contexto pretônico de vocábulo.

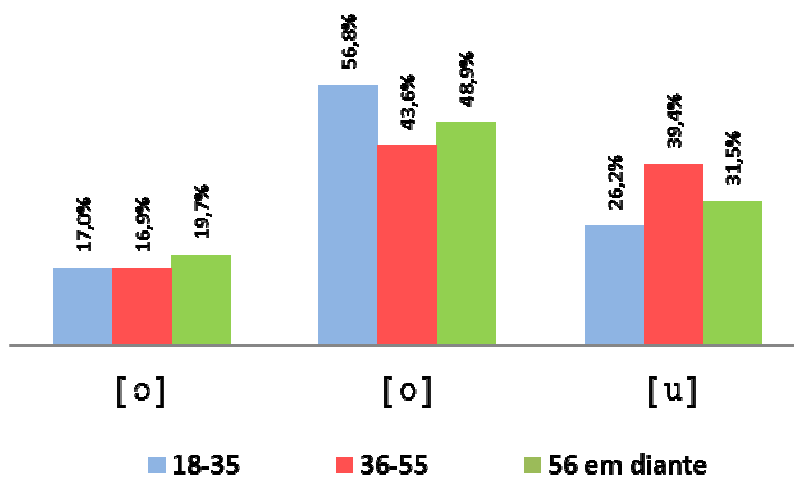
Tabela 14 – Ocorrências de /o/ por faixa etária

	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
18 a 35 anos	61/1075	204/1075	94/1075
36 a 55 anos	61/1075	157/1075	142/1075
56 em diante	70/1075	174/1075	112/1075

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesse sentido, analisando os dados acima apresentados, verifica-se que o emprego da variante fechada é predominante nas três faixas de idade, enquanto que o uso das variantes aberta e alta se mantêm equilibradas entre si, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Percentual de ocorrências de /o/ por faixa etária



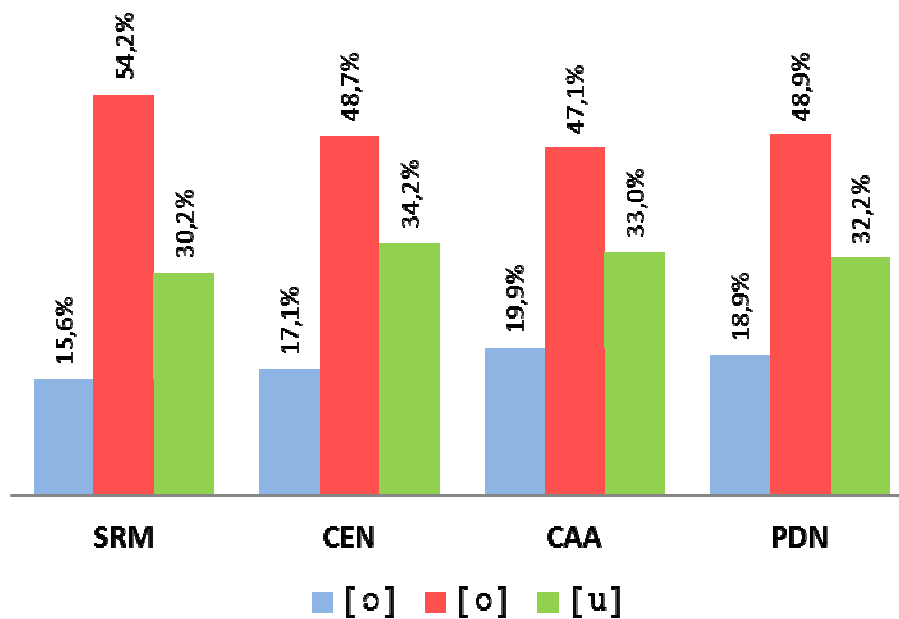
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se, ainda, por meio do gráfico, que a primeira faixa etária (56,8%) é a que mais emprega o uso da variante fechada, seguida pela 3ª e 2ª faixas (48,9% e 43,6%, respectivamente). A segunda faixa etária é a que mais emprega o uso do alçamento, apresentando índice expressivo a variante alta (26,2%).

4.3.3. Comportamento de /o/ por ponto de inquérito

Verifica-se, por meio do gráfico adiante, o percentual de ocorrências de /o/ por ponto de inquérito, indicando que em todos os bairros investigados ocorre a predominância do uso da variante fechada.

Gráfico 7 – Percentual de ocorrências de /o/ por ponto de inquérito



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nota-se, ainda, que o bairro São Raimundo é o que mais emprega o uso da realização fechada (54,8%), e o que menos emprega é o Colônia Antônio Aleixo (47,1%), onde há maior ocorrência da variante alta (19,9%). O uso da variante alta é superior no Centro (34,2%) e menor no São Raimundo (30,2%).

4.3.4. Comportamento de /o/ por contexto fonético fonológico

Verificou-se até aqui a predominância do uso da variante fechada [ɔ] nos dados gerais deste estudo, resultado que se mantém quando analisadas as variáveis diageracional e diagenérica.

Assim, como para o emprego do /e/, as ocorrências da variante aberta [ɔ] e de alçamento [u] são expressivas, fato que se dá em razão da predominância do uso dessas variantes em contextos específicos, fazendo-se necessário apresentar, portanto, as ocorrências de acordo com contextos fonético-fonológicos, conforme sugerido nas hipóteses dessa pesquisa.

As cartas fonético-contextuais referentes à vogal média posterior que constam no segundo volume deste trabalho apresentam 06 contextos (Quadro 13), os quais serão explicitados adiante, sempre comparando os resultados desta pesquisa aos dados encontrados pelo ALAM (CRUZ, 2004).

4.3.4.1. Vogal tônica fechada

Em vocábulos cuja vogal tônica é fechada, verifica-se a tendência ao uso da variante fechada (82,7%), chegando a ser categórico em alguns casos, de acordo com o que demonstra a Tabela 15.

Tabela 15 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica fechada

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɔ]	FECHADA [ɔ] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
50 – morcego		37,5%	62,5%
51 – morreu*		100%	
52 – orelha*	4,2%	87,5%	8,3%
53 – chover		50%	50%
54 – comer*		75%	25%
55 – aeroporto		100%	
56 – professora		100%	
57 – coroa		100%	
58 – motor		100%	
PERCENTUAIS GERAIS	0,5%	82,7%	16,8%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Observa-se que dos 09 vocábulos analisados, 05 apresentam emprego categórico da vogal fechada, com a exceção de *chover*, com ocorrência de alçamento equiparada a variante

fechada (50%), *morcego*, que apresenta predominância do uso do alçamento (62,5%), *comer*, que apresenta expressiva ocorrência da variante alta, e *orelha*, com índice também de alçamento (8,3%) e com a única ocorrência da variante aberta nesse contexto (4,2%).

O caso do vocábulo *chover* pode estar relacionado ao fato de que o verbo, mesmo apresentando vogal tônica fechada, tenha em sua raiz *chuva* uma vogal tônica alta, assim como os demais nomes derivados dessa raiz, como *chuvisco*, *chuveiro*, *chuvoso*.

O resultado desse contexto se encontra em acordo com o ALAM, que apresenta percentual de 84,8% para a variante fechada, seguida da variante alta (14%), com um percentual mínimo para a variante aberta (1,2%), demonstrando haver, nesse contexto, a atuação de um processo de harmonização vocálica no falar dos manauaras entrevistados.

4.3.4.2. Vogal tônica alta

Em vocábulos que apresentam vogal tônica alta, a tendência é que, por atuação do processo de harmonização vocálica, a vogal média pretônica seja realizada como alta, ocasionando alçamento. Verifica-se, nos dados deste trabalho, a predominância do uso da variante alta nesse contexto (53,9%), no entanto, nota-se a ocorrência significativa da variante fechada (46,1%).

Tabela 16 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica alta

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
59 – polícia		12,5%	87,5%
60 – político		33,3%	66,7%
61 – impossível		83,3%	16,7%
62 – notícia*		100%	
63 – assobio*		16,7%	83,3%
64 – bonito*		20,8%	79,2%
65 – mosquito*		45%	55%
66 – descobrir		22,2%	77,8%
67 – focinho		26,1%	73,9%
68 – vomita		95,5%	4,5%
69 – dormir		45,8%	54,2%
PERCENTUAIS GERAIS		46,1%	53,9%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Impulsionam o significativo percentual geral do uso da variante fechada os vocábulos *notícia*, com emprego categórico de [o], *impossível* (83,3%) e *vomita* (95,5%).

Os vocábulos *mosquito* e *dormir*, em que predomina o alçamento (55% e 54,2%, respectivamente), apresentam expressiva ocorrência de [o], com 45% e 45,8%, respectivamente.

Os dados demonstram, assim, tal como se verifica com a vogal média anterior, que nesse contexto a harmonia vocálica não se mostra produtiva em Manaus de modo majoritário, ao contrário do que comumente ocorre em outras localidades, porém em consonância com os dados pertinentes ao Amazonas, que apontam 39,2% para a variante fechada e 54,2% para a variante alta.

4.3.4.3. Vogal tônica aberta

Nos vocábulos que apresentam vogal tônica aberta, contexto condicionador do emprego da vogal média também aberta, em decorrência do processo de harmonização vocálica, verifica-se, nos dados pertinentes a esta pesquisa, a predominância do uso da variante aberta (40,9%), havendo, no entanto, expressiva ocorrência da variante fechada (38,5%), conforme a Tabela 17.

Tabela 17 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica aberta

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [o]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
70 – r(o)doviária	25%	75%	
71 – rod(o)viária	20,8%	79,2%	
72 – tomate*		83,3%	16,7%
73 – comadre*		50%	50%
74 – soldado**	83,3%		
75 – afogar*	100%		
76 – advogado*	100%		
77 – obrigado*	25%	75%	
78 – sovaco			100%
79 – chocalho		5,9%	94,1%
80 – borracha	8,3%	66,7%	25%
81 – desovar*	100%		
82 – goiaba*	50%	50%	
PERCENTUAIS GERAIS	40,9%	38,5%	20,6%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

**Vocábulo também apresentado nas cartas do ALAM; não consta na tabela o percentual de 16,7%, relativo às ocorrências de [a]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados do ALAM apontam 61,7% para a variante aberta, 26,6% para a variante fechada e 11,7% de alçamento. Em relação ao ALAM, impulsionam, neste estudo, o aumento

no percentual geral de alçamento os vocábulos *sovaco* (com uso categórico da variante alta) e *chocalho*, com 94,1% de alçamento.

Puxam o incremento no percentual relativo ao uso da variante fechada os vocábulos *rodoviária* (cartas 70 e 71), *borracha* (que apresenta apenas 8,3% de realização aberta) e *obrigado*, que apresentou nesta pesquisa, comportamento diferenciado em comparação ao ALAM, onde se verifica a concretização predominantemente aberta (72%) e as ocorrências da variante fechada representam 23%. A carta do ALiSPA, por outro lado, corrobora com os dados aqui apresentados, apontando predominância da variante fechada (62%) e menor ocorrência da variante aberta (38%).

Cabe mencionar que Silva (2009), na fala de 12 informantes, aponta para esse vocábulo 03 ocorrências de [ɔ], 04 ocorrências de [o] e 05 ocorrências de [ø], apontando uma concorrência entre as variantes. De outro lado, o AFBAM (BRITO, 2010), na fala de 29 informantes (01 não respondeu à questão), confirma uma predominância da variante aberta, indicando 05 ocorrências de [ɔ], 17 ocorrências de [o] e 06 ocorrências de [ø] e 01 ocorrência de [u].

Tal como observado em *(e)lefante* e *el(e)fante* (Cartas Fonéticas 26 e 27), nota-se, em 70 – *r(o)doviária* e 71 – *rod(o)viária*, vocábulo que possui vogais pretônicas de mesma natureza, a tendência de realiza-las do mesmo modo, ou seja, de harmonizá-las, de modo que ambas são produzidas ou como abertas ou como fechadas.

O vocábulo *soldado*, em que se observa alto índice de uso da variante aberta (83,3%), também apresenta índice significativo da concretização da vogal pretônica como [a] (16,7%, 4/24 ocorrências), indicando alto grau de harmonização vocálica.

Outro ponto interessante é o caso de *comadre* e *tomate*, que não seguem a padrão do processo de harmonia vocálica, em razão de haver assimilação da nasalidade da consoante nasal [m], fazendo com o que o comportamento das vogais seja distinto, sendo semelhante ao contexto em que as vogais médias apresentam nasalidade de natureza fonológica (Item 4.3.4.5).

4.3.4.4. Vogal tônica de nasalidade fonológica

Em vocábulos cuja vogal tônica apresenta nasalidade de cunho fonológico, verifica-se a tendência de a pretônica média posterior ser realizada como aberta (47,9%), havendo índices significativos do uso da variante fechada (33,1%).

Tabela 18 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
83 – chorão*	100%		
84 – coração*	100%		
85 – trovão*	4,2%	66,7%	29,2%
86 – botão	4,2%	20,8%	75%
87 – oitenta*		100%	
88 – inocente*	81,8%	9,1%	9,1%
PERCENTUAIS GERAIS	47,9%	33,1%	19%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados então corroboram com os dados do ALAM, que indica percentual de 43,5% para a variante aberta e 35,7% para a fechada. Tal como no referido Atlas, *coração* e *oitenta* apresentam ocorrência categórica, respectivamente, da variante aberta e da variante fechada.

4.3.4.5. Vogal pretônica de nasalidade fonológica

Quando a vogal média apresenta nasalidade de natureza fonológica, verifica-se a predominância da vogal fechada (95,5%), resultado que corrobora com os dados do ALAM, que aponta ocorrência categórica para a variante fechada na *Carta 43 – conversando*, tal como também se observa na tabela abaixo.

Tabela 19 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
89 – lombriga**		79,2%	12,5%
90 – conversando *		100%	
PERCENTUAIS GERAIS		92,5%	7,5%

*Vocábulo também apresentado nas cartas do ALAM

**Não consta na tabela o percentual 8,3% de ocorrências de [ã]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Verifica-se que o vocábulo *lombriga*, em que se observa alto índice de uso da variante fechada (79,2%), também apresenta também a concretização da vogal pretônica como [a] (8,3%, 2/24 ocorrências), além do percentual de 12,5% de alçamento.

Retomando os casos de *tomate* e *comadre* (Item 4.3.4.3), cujas vogais tônicas são abertas, no entanto verificou-se que assimilam a nasalidade da consoante [m], observa-se que apresentam, respectivamente, predominância da realização fechada (83,3%) e concorrência entre a variante fechada e a alta, comportamento este semelhante ao aqui descrito.

4.3.4.6. Vogal pretônica em contexto de hiato

Em vocábulos cuja vogal média posterior se encontra em contexto de hiato, verifica-se a tendência à ocorrência da variante alta (64%), havendo índice expressivo da realização fechada (36%), tal como apresenta a tabela a seguir.

Tabela 20 – Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal pretônica em contexto de hiato

CARTAS FONÉTICAS	ABERTA [ɔ]	FECHADA [o] e [õ]	ALTA [u] e [ũ]
91 – joelho*		16,7%	83,3%
92 – coelho		25%	75%
93 – magoado*			100%
94 – toalha		50%	50%
95 – assoalho*		45,8%	54,2%
96 – coador*		73,9%	26,1%
PERCENTUAIS GERAIS		36%	64%

*Vocábulos também apresentados nas cartas do ALAM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Puxam o significativo percentual da variante fechada os vocábulos *toalha* (50%), em que se verifica uma concorrência com a variante alta (50%), *coador* (73,9%) e *assoalho* (45,8%), este último apresentando predominância de alçamento (54,2%).

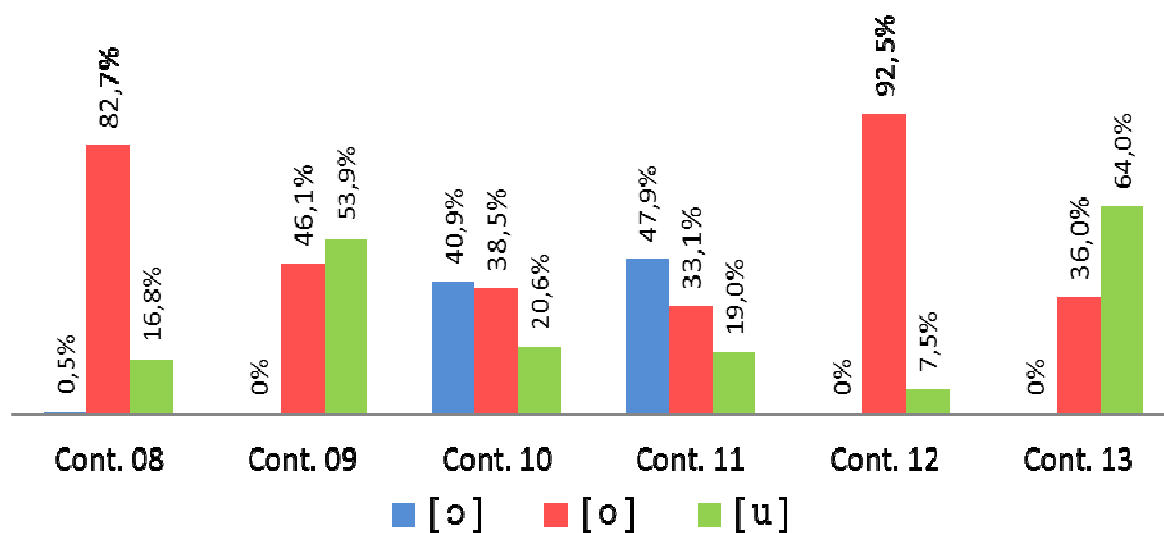
O resultado corrobora com o que se observa nos falares amazonenses investigados pelo ALAM, que aponta percentual de 61% para o alçamento e 32% para a variante fechada, apresentando, ainda, o percentual de 5,5% para a variante aberta, da qual não houve ocorrências nos dados deste estudo para este contexto.

4.3.4.7. Síntese da análise contextual das ocorrências de /o/

Após a discussão, contexto a contexto pertinentes à vogal média posterior, fica evidente que, apesar de predominar no falar dos informantes manauaras entrevistados a variante fechada, verifica-se que determinados contextos intralinguísticos favorecem a predominância de outras variantes.

Uma visão panorâmica acerca do comportamento da vogal média pretônica /o/ por contextos pode ser observado no gráfico adiante.

Gráfico 8 – Síntese das ocorrências de /o/ por contexto



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Analisando o gráfico, verifica-se que, dos 06 contextos analisados, a variante fechada predomina em 02 deles: Contexto 08 – em vocábulos cuja vogal tônica é fechada (82,7%) e Contexto 12 – em vocábulos cuja vogal pretônica tem nasalidade de natureza fonológica (92,5%).

A variante aberta predomina em 02 contextos: Contexto 10 – em vocábulos cuja vogal tônica é aberta (40,9%) e Contexto 11 – vocábulos cuja vogal tônica apresenta nasalidade de natureza fonológica (47,9%). Verifica-se ainda que ambos apresentam expressiva ocorrência das demais variantes.

Os contextos que se mostraram condicionadores de alçamento foram: Contexto 09 – em vocábulos cuja vogal tônica é alta (53,9%) e Contexto 13 – vocábulos com pretônica em contexto de hiato (64%), não ocorrendo, nesses casos, o emprego da variante aberta, mas constatando-se índices significativos de [o] (46,1% e 36%, respectivamente).

Nesse sentido, não se pode afirmar, tal como no caso da vogal média anterior, uma contrariedade absoluta à hipótese traçada por Antenor Nascentes (1953), uma vez que, mesmo que os índices gerais apresentem predominância da variante fechada neste trabalho, nos contextos intralinguísticos observados acima, constata-se em contextos específicos a predominância da variante aberta, assim como também se pode verificar o emprego majoritário da variante fechada.

4.4. QUADRO SINTÉTICO DOS RESULTADOS

Quadro 14 – Síntese dos resultados

CONTEXTOS		VOGAL PRETÔNICA PREDOMINANTE
VOGAL MÉDIA ANTERIOR /e/	PERCENTUAL GERAL	Fechada [e] – 42%
	VOGAL TÔNICA FECHADA	Fechada [e] – 83,1%
	VOGAL TÔNICA ALTA	Concorrência entre aberta [ɛ] e fechada [e] – 41,7% e 43,9%, respectivamente
	VOGAL TÔNICA ABERTA	Aberta [ɛ] – 59%
	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Aberta [ɛ] – 46,2%, com ocorrência expressiva da fechada (42,6%)
	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Fechada [e] – 64,6%, com ocorrência expressiva da alta [i] (35,4%)
	DE(S)- (PREFIXO OU NÃO)	Alta [i] – 80,6%
	VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR /S/	Alta [i] – 79,9%
VOGAL MÉDIA POSTERIOR /o/	PERCENTUAL GERAL	Fechada [o] – 49,5%
	VOGAL TÔNICA FECHADA	Fechada [o] – 82,7%
	VOGAL TÔNICA ALTA	Alta [u] – 53,9%, com ocorrência expressiva da fechada [o] (46,1%)
	VOGAL TÔNICA ABERTA	Aberta [o] – 40,9%, com ocorrência expressiva da fechada [o] (38,5%)
	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Aberta [o] – 47,9%, com ocorrência expressiva da fechada [o] (33,1%)
	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	Fechada [o] – 92,5%
	VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO	Alta [u] – 64%, com ocorrência expressiva da fechada [o] (36%)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa, objetivou-se, de modo geral, contribuir para o incremento do conhecimento linguístico do estado do Amazonas, levando em consideração uma localidade ainda não estudada e de grande relevância para o estado do Amazonas: sua capital, Manaus. Apresentou-se um recorte do falar urbano manauara, focalizando a variação das vogais médias /e/ e /o/ em contexto pretônico de vocábulo, fenômeno objeto de várias pesquisas no Português Brasileiro.

De modo específico, buscou-se (1) investigar, em contexto formal, por meio de questionário fonético-fonológico, quais variantes das vogais médias pretônicas predominam na fala de informantes da região em estudo e a ocorrência ou não de alçamento, considerando as variáveis gênero e faixa etária, a fim de observar a influência desses fatores na escolha da variante pelo falante; (2) observar, também, a influência de contextos fonológicos específicos na escolha da variante pelo falante; (3) elaborar cartas fonéticas que demonstrem os resultados e (4) coletar dados do tipo elocução livre para a criação de um banco de dados para estudos posteriores.

Seguindo-se procedimentos metodológicos fundamentados nos princípios da Dialetoлогия e no método da Geografia Linguística, a investigação se deu por meio da coleta e análise da fala de 24 informantes, oriundos de 04 pontos de inquérito – Centro (representante da zona sul da cidade), Parque 10 de Novembro (zona centro-sul), Colônia Antônio Aleixo (zona leste) e São Raimundo (zona oeste) – sendo seis em cada ponto – um homem e uma mulher, em três faixas de idade (18-35 anos, 36-55 anos e 56 em diante).

Os informantes foram selecionados de acordo com o seguinte perfil geral: analfabetos ou com escolaridade até o 9º ano do ensino fundamental; naturais da localidade estudada e com pais e cônjuges também naturais da região; não terem se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação.

Retomando os objetivos específicos traçados para este trabalho, verifica-se que:

- (1) De modo geral, as vogais médias /e/ e /o/, em contexto pretônico, tendem a ser realizadas como fechadas [e] e [o], embora se constatem índices expressivos das variantes abertas [ɛ] e [ɔ] e das altas [i] e [u], inclusive ocorrências categóricas dessas variantes em alguns vocábulos, resultados que se mantêm para gênero e faixa etária.
- (2) A partir da análise dos resultados, observou-se que contextos intralinguísticos influem na realização das vogais médias:

- A média anterior /e/ é predominantemente realizada como fechada [e] em vocábulos cuja vogal tônica é fechada e quando apresenta nasalidade de natureza fonológica, neste último caso, com expressiva ocorrência da vogal alta [i];
 - A média anterior /e/ é predominantemente realizada como aberta [ɛ] em vocábulos com vogal tônica aberta e vogal tônica fonologicamente nasal, neste último caso, com expressiva ocorrência da vogal fechada [e];
 - A média anterior /e/ é predominantemente realizada como alta [i] em vocábulos que iniciam com a sequencia DES- e nos quais a vogal média inicia sílaba travada por /S/;
 - Na realização da média anterior /e/, em vocábulos cuja vogal tônica é alta, ao invés de se constatar a predominância do alçamento, por atuação da harmonização vocálica, o que se observa é a concorrência entre a vogal aberta e a fechada;
 - A média posterior /o/ é predominantemente realizada como fechada [o] em vocábulos cuja vogal tônica é alta e quando apresenta nasalidade de natureza fonológica;
 - A média posterior /o/ é predominantemente realizada como aberta [ɔ] em vocábulos cuja vogal tônica é alta e quando a tônica é fonologicamente nasal (com significativa ocorrência da vogal fechada [o]);
 - A média posterior /o/ é predominantemente realizada como alta [u] em vocábulos cuja vogal tônica é alta e quando se encontra em contexto de hiato (havendo índices significativos da vogal fechada [o]).
- (3) No sentido de demonstrar os resultados segundo o método da Geolinguística, por meio da aplicação de um questionário fonético-fonológico de 101 questões, à construção de 96 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, as quais constam do segundo volume deste trabalho.
- (4) Tal como previsto, foram realizadas gravações do tipo elocução livre, visando à criação de um banco de dados para estudos posteriores.

Não constituiu objetivo deste estudo explorar à exaustão os aspectos e as motivações de ordem linguística envolvidos na variação das vogais médias /e/ e /o/ em contexto pretônico, o que se buscou aqui, primordialmente, foi a disponibilização dos dados em formato de cartas linguísticas, bem como a análise contextual à luz dos estudos já produzidos

na região, especialmente o Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004) e a comparação relativa à variação das vogais médias entre as cartas deste e do Atlas do Pará (ALiSPA), estudo elaborado por Brandão e Cruz (2005). Esses trabalhos traçam contextos propícios à ocorrência de uma ou outra variante; o objetivo consistiu em verificar se, nesses contextos, nos dados coletados em Manaus, se manteriam os mesmos resultados. Fica aqui uma lacuna que estudos mais aprofundados poderão vir a preencher futuramente.

Importante ressaltar que, a tomarem-se os índices gerais deste trabalho, chegar-se-ia à conclusão de que tem-se aqui uma contrariedade à hipótese de Nascentes (1953). No entanto, como se constata na análise contextual, há sim, a predominância das vogais médias abertas em determinados contextos intralinguísticos.

Nesse sentido, não se pode afirmar, categoricamente, que o falar manauara, parte da região do subfalar denominado amazônico, não é caracterizado pelas vogais médias abertas, contrariando a proposta de divisão dialetal do Brasil elaborada por Nascentes. Fica aqui outra lacuna que novos estudos poderão vir a preencher futuramente.

Assim, acreditando-se terem sido cumpridos os objetivos inicialmente propostos para a realização desta pesquisa, ressalta-se que os resultados aqui apresentados não podem ser tomados como generalizadamente o falar manauara.

Para tanto, seria necessária uma seleção de um quantitativo maior de informantes por perfil, calculado de modo estatístico, levando-se em consideração, também, classes sociais/escolaridades (nível médio e superior), com a coleta, além do questionário, que é um contexto formal, de elocução livre e de leitura de texto, tudo realizado por uma equipe, no âmbito de um macroprojeto, o que, neste momento, ainda é um sonho na realidade amazonense. Sonho de muitos, que, ao longo dessas pouco mais de três décadas das primeiras notícias do falar do “caboco” amazonense (CORRÊA, 1980) e quase uma década da defesa do Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), têm sido cientificamente gerados, número crescente de pesquisadores que vêm “aprendendo a fazer fazendo”, nas palavras do ilustre Nelson Rossi.

Tem-se aqui um recorte de como se dá o comportamento das vogais médias no falar de 24 informantes da região, uma modesta contribuição para o conhecimento acerca da variação linguística em Manaus, oferecendo-se, nesta oportunidade, apenas uma fagulha para a realização de novos e mais amplos estudos na capital amazonense.

Espera-se que este trabalho venha abrir novas perspectivas, impulsionar novas pesquisas, levantar novos questionamentos, contribuir, enfim, para o desenvolvimento, crescimento e aprimoramento dos estudos dialetológicos no estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. 1ª ed. Londrina: UEL, 1998.

_____. (Org.). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

ASSOCIAÇÃO AMAZONENSE DE MUNICÍPIOS. **Guia dos municípios do Amazonas 2012**. 7 ed. Manaus: 2012.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese de Doutorado em Linguística.

BORTONI, Stela M. et al. **A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical**. In: *Revista Estudos da Linguagem*, n. 1, p. 9-30, jul./dez. 1992.

BRANDÃO, Sílvia F. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. & CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA**. IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade, org. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

CAMPOS, Maria Sandra. **O alicamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009. Tese de Doutorado em Letras.

CARDOSO, Suzana & FERREIRA, Carlota. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica**. In: AGUILERA, V. A. (org.). **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: UEL, 1999, p. 93-124.

_____. & MOTA, Jacyra Andrade. **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

_____. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: ALFAL, 1982.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de. **O falar do caboclo: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Rio de Janeiro: PUC, 1980. Dissertação de Mestrado em Letras: Língua Portuguesa.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus 1890-1920**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2007a.

DIAS, Daniele de Oliveira. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007b. (Relatório de pesquisa).

GARCIA, Etelvina. **Manaus: notícias da história – período colonial**. 2 ed. Manaus: Norma Editora, 2006.

IBGE. **Censo 2007: Indicadores de bairros – região norte**. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 13 mai 2011.

_____. **Censo 2010: Indicadores de bairros – região norte**. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 25 jun 2012.

JORNAL DO COMMERCIO. **Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 338º aniversário da cidade de Manaus**. Manaus, 24 de Outubro de 2007.

_____. **Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 339º aniversário da cidade de Manaus**. Manaus, 24 de Outubro de 2008.

_____. **Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 340º aniversário da cidade de Manaus**. Manaus, 24 de Outubro de 2009.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. (Projeto de pesquisa)

LEMOS, Fernando Antônio Pereira. **O alicamento das vogais médias pretônicas e postônicas mediais**. CEFET – MG, 2003.

MAIA, Edson Galvão. **Estudo dialectológico e sociolingüístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. (Trabalho Monográfico).

_____. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2006. (Relatório de pesquisa).

MANAUS. **Lei n.º 1.401, de 14 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências.

Lex: Diário Oficial do Município, Edição 2365, Manaus, quinta-feira, 14 de janeiro de 2010, pp. 1-7.

MARTINS, Flávia Santos. **A pronúncia do -S pós-vocálico os municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Relatório de pesquisa).

_____. **A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2006. (Relatório de pesquisa).

MESQUITA, Otoni. **Manaus- história e arquitetura (1852-1910).** Manaus: Editora Valer, 2006.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus.** Vol. 1 e 2. Manaus: Universidade do Amazonas, 1998.

_____. **Fundação de Manaus.** 4 ed. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

NASCENTES, Antenor. **Études dialectologiques du Brésil.** ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

_____. **Études dialectologiques du Brésil.** ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

_____. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Casa de Rui Barbosa, vol I, 1958, vol. II, 1961.

NOLL, Volker. **As peculiaridades do português brasileiro em contraste com o português europeu.** IN: NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contraste.** SP: Globo, 2005.

NORONHA, Marcondes Carvalho de. **Geoespaço: o espaço geográfico do Amazonas.** Manaus: Cecil Concorde, 2003.

PNUD. **Desenvolvimento humano em Manaus: atlas municipal 1991-2000.** V. 1. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/Atlas.aspx?view=atlasmanaus>.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de história do Amazonas.** Manaus: Editora Valer, 2000.

PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Orais.** São Paulo: FFLCH, 1993.

RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: FAPERJ/ Ed. 7 Letras.

QUARA, Hariele. **Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Relatório de pesquisa)

RADTKE, Edgar & THUN, Harald (orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl, 1996.

SCHWINDT, L. C.. **A regra variável de harmonização vocálica no RS**. In: BISOL, L. & BRESCANCINI (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.161-182.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira da. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. Manaus: UFAM, Instituto de Ciências Humanas e Letras, 2009. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

SILVA, Taís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. 7 ed. São Paulo: Contexto 2003.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, Brasília: INL, 1986.

_____. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes /k/ e /p/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas)**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. Dissertação de mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Belo Horizonte: UFMG, 1987, 231 p. Dissertação de Mestrado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HARIELE REGINA GUIMARÃES QUARA

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE MANAUS (AM)

MANAUS – AMAZONAS
2012

HARIELE REGINA GUIMARÃES QUARA

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR DE MANAUS (AM)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS – AMAZONAS

2012

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de verificar o comportamento fonético-fonológico das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na zona urbana de Manaus. Para tanto, o trabalho segue os princípios da Dialetoлогия e do método da Geolinguística e foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e de campo, por meio da aplicação de questionário fonético-fonológico, baseado em Cruz (2004) e Silva (2009), aplicado a vinte e quatro informantes, falantes de língua portuguesa, moradores de quatro bairros de Manaus, sendo, em cada bairro, um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 em diante, tendo cursado até o 9º ano do Ensino Fundamental. A produção deste trabalho viabilizará o aprofundamento e o avanço dos estudos dialetológicos realizados no Brasil e contribuir com os registros fonéticos presentes no *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004). Diante disso, observa-se a importância desta pesquisa no sentido de contribuir para o conhecimento das particularidades do falar amazonense, de um estado tão pouco explorado quanto aos estudos linguísticos, disponibilizando dados a respeito de uma localidade ainda não estudada, possibilitando, dessa forma, comparação entre regiões levando em consideração, também, a capital do Amazonas. Os resultados contam com a produção de 96 cartas linguísticas e de 13 cartas fonético-contextuais, as quais demonstram o uso predominante das variantes fechadas [e] e [o], porém o emprego majoritário das variantes altas [ɛ] e [ɔ] e das altas [i] e [u] em contextos intralinguísticos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия; Geografia Linguística; variação fonética; vogais médias pretônicas.

ABSTRACT

This work has the objective of verify phonetic-phonological behavior of pretonic vowels /e/ and /o/ in the Manaus's urban zone. Thus, the study follows Dialectology principles and Linguistic Geography methods, and it was developed by bibliographic and field researches. A questionnaire based of Cruz (2003) and Silva (2009) works was applied to 24 informants, distributed by gender and three age range (18-35, 36-55 and more of 55 years old), which has studied until the 9th year of elementary school, Portuguese language speakers, inhabitants of four Manaus's districts: São Raimundo, Centro, Colônia Antônio Aleixo and Parque 10 de Novembro. The production of this work will enable the strengthening and advancement of studies conducted in Brazil and will contribute to phonetic records present in the Linguist Atlas of Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004). Thereby, it is verified the importance of this research to contribute to the knowledge of the peculiarities of the talking Amazon, a State which has been so little explored with regard to language studies, providing data about a location not yet studied, allowing comparisons between regions into account also the capital of Amazonas. The results rely on the production of 96 linguistic maps and 13 phonetic-contextual maps which demonstrate the predominant use of [e] and [o], although the majority use of variants [ɛ] e [ɔ] and variants [i]e [u] in intralinguistic specific contexts.

KEY-WORDS: Dialectology; Linguistic Geography; phonetic variation; pretonic vowels.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. NORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS CARTAS	7
1.1. CARTAS FONÉTICAS	7
1.2. CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS	9
2. SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA	11
3. PONTOS DE INQUÉRITO	12
3.1. SÃO RAIMUNDO	12
3.2. CENTRO	12
3.3. COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO	13
3.4. PARQUE 10 DE NOVEMBRO	13
4. INFORMANTES	14
4.1. SÃO RAIMUNDO	14
4.1.1. Código: SRM-01M	14
4.1.2. Código: SRM-01F	15
4.1.3. Código: SRM-02M	16
4.1.4. Código: SRM-02F	16
4.1.5. Código: SRM-03M	17
4.1.6. Código: SRM-03F	18
4.2. CENTRO	18
4.2.1. Código: CEN-01M	18
4.2.2. Código: CEN-01F	19
4.2.3. Código: CEN-02M	20
4.2.4. Código: CEN-02F	20
4.2.5. Código: CEN-03M	21
4.2.6. Código: CEN-03F	22

4.3.	COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO.....	22
4.3.1.	Código: CAA-01M.....	22
4.3.2.	Código: CAA-01F.....	23
4.3.3.	Código: CAA-02M.....	24
4.3.4.	Código: CAA-02F.....	24
4.3.5.	Código: CAA-03M.....	25
4.3.6.	Código: CAA-03F.....	26
4.4.	PARQUE 10 DE NOVEMBRO.....	26
4.4.1.	Código: PDN-01M.....	26
4.4.2.	Código: PDN-01F.....	27
4.4.3.	Código: PDN-02M.....	28
4.4.4.	Código: PDN-02F.....	28
4.4.5.	Código: PDN-03M.....	29
4.4.6.	Código: PDN-03F.....	30
5.	QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO.....	31
6.	ÍNDICE DAS CARTAS.....	36

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa se funda na busca por conhecer as variantes dialetais existentes na cidade mais importante do estado do Amazonas – sua capital, Manaus – apresentando um estudo a respeito do falar da zona urbana da cidade, mais especificamente, em relação ao modo como os manauenses realizam as vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica de vocábulo, como seguindo os princípios da Dialectologia, por meio da Geografia Linguística, método por excelência da Dialectologia direcionado à elaboração de mapas linguísticos que demonstrem a variação dialetal de uma região.

Assim, apresenta-se, neste volume, o resultado final deste estudo: um conjunto de 96 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, as quais demonstram um recorte do falar manauara a partir das *vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no falar da zona urbana de Manaus (AM)*. As realizações da vogal média anterior /e/ são objeto de **56 cartas linguísticas**, sendo **49 cartas fonéticas**, cujos dados analisados geraram **07 cartas fonético-contextuais**, e as realizações da vogal média posterior /o/ são apresentadas em **53 cartas linguísticas**, sendo **47 cartas fonéticas** e **06 cartas fonético-contextuais**.

Este segundo volume apresenta, ainda, as normas empregadas na elaboração das cartas e o sistema de transcrição fonética utilizado, bem como informações acerca dos pontos de inquérito e dos informantes e o questionário fonético-fonológico a estes aplicado.

Assim, espera-se que este trabalho venha abrir novas perspectivas, impulsionar novas pesquisas, levantar novos questionamentos, contribuir, enfim, para o desenvolvimento, crescimento e aprimoramento dos estudos dialetológicos no estado do Amazonas.

1. NORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS CARTAS

As cartas apresentadas neste volume são de 03 diferentes tipos: *introdutórias*, *fonéticas* e *fonético-contextuais*.

As *cartas introdutórias*, em número de 07, têm a finalidade de situar a região estudada. Por meio delas é possível conhecer suas divisões, seus limites geográficos, bem como outros aspectos da região, como transportes e hidrografia, por exemplo.

1.1. CARTAS FONÉTICAS

O trabalho traz 96 *cartas fonéticas*, que apresentam, por ponto de inquérito, as transcrições fonéticas referentes à realização, por parte de cada informante, de cada vocábulo constante do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Externo ao mapa, verificam-se gráficos que demonstram percentuais gerais, de gênero (variação diagenérica) e faixa etária (diageracional). Para a leitura dessas cartas, é necessário seguir algumas orientações:

A **Carta Introdutória 07** apresenta o mapa utilizado nas cartas, que traz os *pontos de inquérito* marcados no mapa em relevo verde e com um ponto (⊙), sendo, tal como apresenta a figura 1:

- Na zona oeste: Bairro São Raimundo;
- Na zona sul: Centro;
- Na zona leste: Bairro Colônia Antônio Aleixo;
- Na zona centro-sul: Parque 10 de Novembro.

Figura 1 - Pontos de inquérito

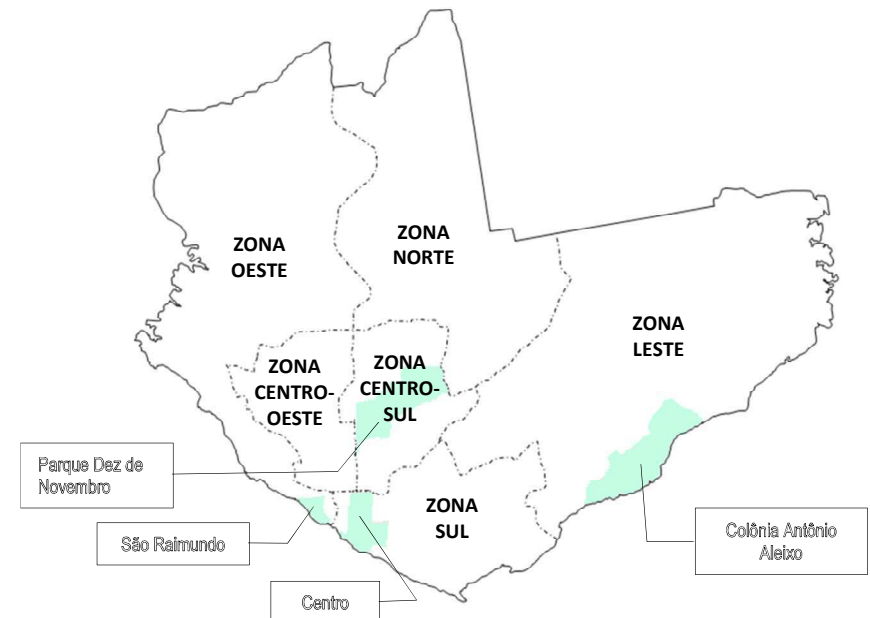
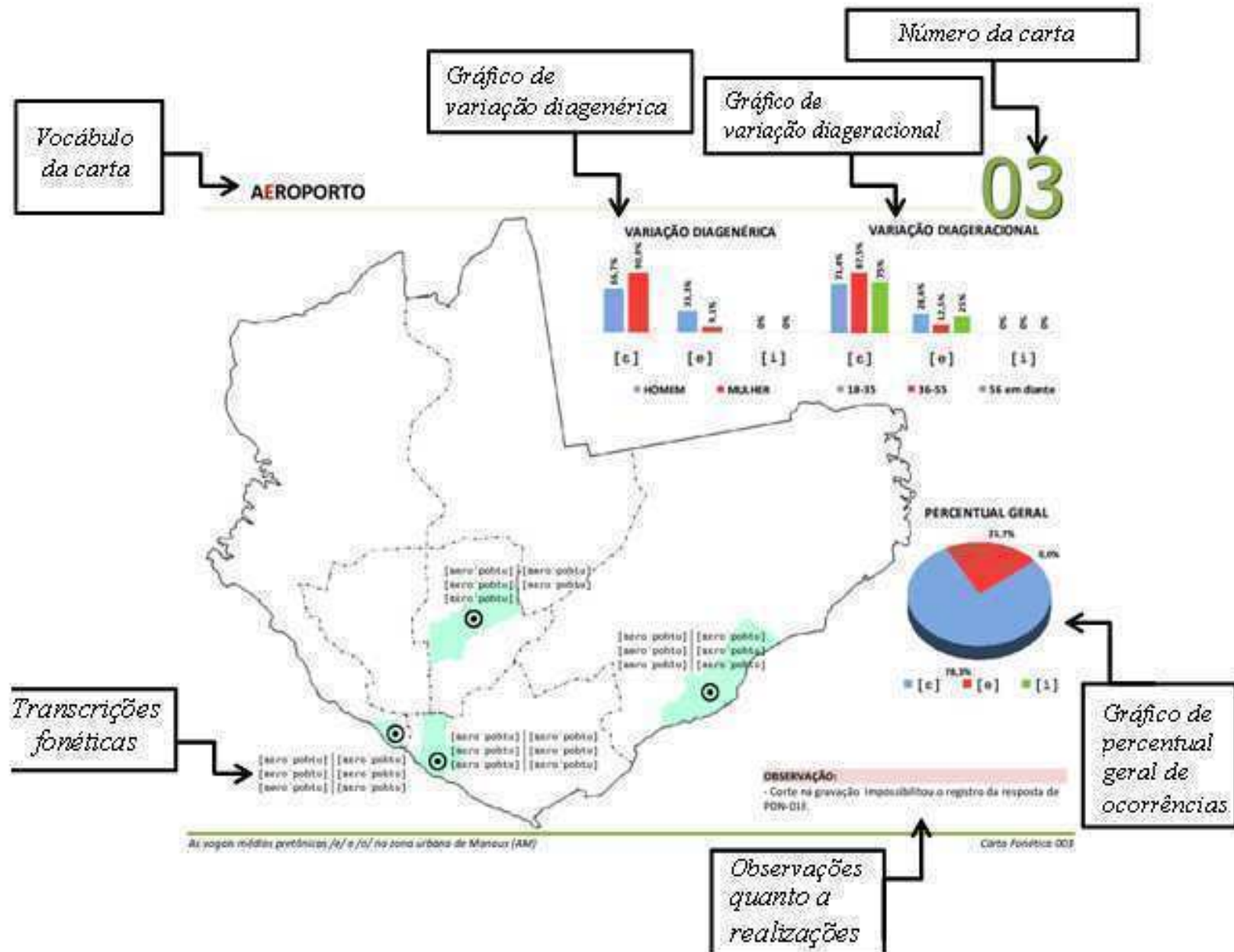


Figura 2 – Carta fonética: composição



O vocábulo objeto da carta fonética traz, em vermelho, o segmento tomado para análise nos gráficos, o que se mostra importante quando se verifica a existência de duas cartas referentes ao mesmo vocábulo, como é o caso de **AEROPORTO**, que apresenta a carta fonética 03 (**AEROPORTO**), referente à realização da vogal média anterior, e a 55 (**AEROPORTO**), referente à vogal média anterior.

Conforme se verifica na figura 2, que apresenta a composição de cada carta fonética, são apresentadas as transcrições pertinentes às realizações de vocábulo de cada informante entrevistado, organizadas da seguinte forma: no eixo vertical, agrupa-se os informantes por gênero: do lado esquerdo encontram-se as transcrições da fala dos informantes do gênero masculino e do lado direito encontram-se as dos informantes do gênero femininos no eixo horizontal, estão de baixo para cima, as transcrições fonéticas da fala dos informantes das três faixas etárias (18-35 anos; 36-55 anos e 56 em diante).

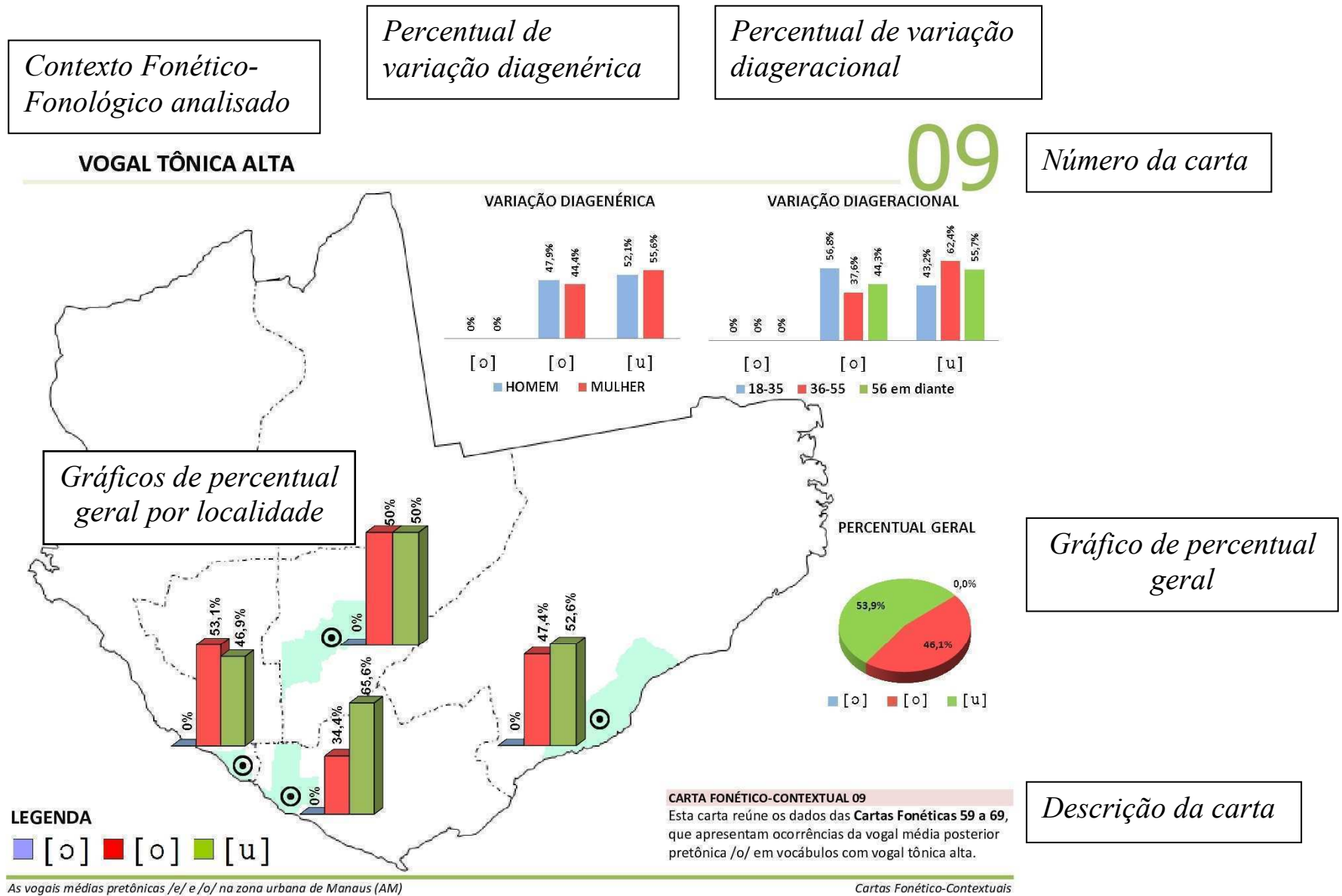
Quadro 1 – Disposição das transcrições fonéticas

3ª faixa – masc.→	[aero'pohtu]		[aero'pohtu]	←3ª faixa – fem.
2ª faixa – masc.→	[aero'pohtu]		[aero'pohtu]	←2ª faixa – fem.
1ª faixa – masc.→	[aero'pohtu]		[aero'pohtu]	←1ª faixa – fem.

1.2. CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS

As *cartas fonético-contextuais*, em número de 13 neste trabalho, foram elaboradas a partir dos contextos fonológicos previstos pelo QFF. Elas reúnem, dentro do mapa, gráficos que apresentam percentuais gerais para cada localidade, localizados junto aos pontos. Fora do mapa, trazem, assim como as cartas fonéticas, os percentuais gerais e percentuais nas variações diagenérica e diageracional, bem como um resumo que indica quais as cartas fonéticas reunidas para sua elaboração e qual contexto apresenta.

Figura 3 – Carta Fonético-Contextual: composição



LEGENDA

[o] [o] [u]

CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 09
 Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 59 a 69**, que apresentam ocorrências da vogal média posterior pretônica /o/ em vocábulos com vogal tônica alta.

Descrição da carta

As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na zona urbana de Manaus (AM)

2. SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

A transcrição fonética dos dados pertinentes à pesquisa foi realizada por meio da utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA (na sigla em inglês), com alguns ajustes, conforme apresentado a seguir:

CONSOANTES:

[p]	oclusiva bilabial surda	[s]	fricativa alveolar surda	[ε]	anterior média aberta
[b]	oclusiva bilabial sonora	[z]	fricativa alveolar sonora	[u]	posterior fechada
[t]	oclusiva alveolar surda	[ʃ]	fricativa pós-alveolar surda	[ʊ]	posterior entre [u] e [o] (átona final)
[d]	oclusiva alveolar sonora	[ʒ]	fricativa pós alveolar sonora	[o]	posterior média fechada
[k]	oclusiva velar surda	[h]	fricativa glotal surda	[ɔ]	posterior média aberta
[g]	oclusiva velar sonora	[ɦ]	fricativa glotal sonora	[a]	central aberta
[m]	nasal bilabial sonora	[l]	lateral alveolar sonora	[ə]	central meio-aberta (átona final)
[n]	nasal alveolar sonora	[ʎ]	lateral palatal sonora		
[ɲ]	nasal palatal sonora	[tʃ]	africada pós-alveolar surda	SEMIVOGAIS:	
[r]	vibrante alveolar sonora	[dʒ]	africada pós-alveolar sonora	[y]	semivogal anterior
[ɾ]	tepe alveolar sonoro			[w]	semivogal posterior
[f]	fricativa labiodental surda	VOGAIS:			
[v]	fricativa labiodental sonora	[i]	anterior fechada	DIACRÍTICOS:	
		[ɪ]	anterior entre [i] e [e] (átona final)	(ˈ)	Antecede a sílaba tônica;
		[e]	anterior média fechada	(̃)	Indica nasalização.

3. PONTOS DE INQUÉRITO

Para o estudo de Manaus, optou-se por delimitar um bairro representativo de cada zona da cidade, seguindo critérios fundamentados nas proposições de Cardoso e Ferreira (1994): (1) o bairro mais antigo e (2) mais populoso da zona. Assim, foram os bairros São Raimundo (representante da zona oeste de Manaus), Centro (zona sul), Colônia Antônio Aleixo (zona leste) e Parque 10 de Novembro (zonal centro-sul) os selecionados como pontos de inquérito para esta pesquisa. São apresentados a seguir os dados referentes aos pontos de inquérito investigados.

3.1. SÃO RAIMUNDO

Localização:	Zona Oeste, às margens do rio Negro
Limites:	Compensa, Santo Antônio, Glória e Nossa Senhora Aparecida
Área Territorial:	112,45 hectares
População:	16.304 habitantes (IBGE, 2007)
Criação:	1849

3.2. CENTRO

Localização:	Zona Sul, às margens do rio Negro
Limites:	Praça 14 de Janeiro, Educandos, Nossa Senhora Aparecida, Presidente Vargas, São Geraldo, Nossa Senhora das Graças, e Cachoeirinha
Área Territorial:	426,24 hectares
População:	28.336 habitantes (IBGE, 2007)
Criação:	1669

3.3. COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO

Localização:	Zona Leste, às margens do rio Negro
Limites:	Mauazinho, Distrito Industrial II e Puraquequara
Área Territorial:	923,82 hectares
População:	13.800 habitantes (IBGE, 2007)
Criação:	1930

3.4. PARQUE 10 DE NOVEMBRO

Localização:	Zona Centro-Oeste
Limites:	Flores, Cidade Nova, Aleixo, Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças e Chapada
Área Territorial:	832 hectares
População:	35.887 habitantes (IBGE, 2007)
Criação:	1938

4. INFORMANTES

No sentido de permitir comparações com outros dados já disponibilizados em outras pesquisas, em estudos posteriores, optou-se por selecionar, em cada ponto de inquérito, seis informantes: 01 homem e 01 mulher, em 03 faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 e 56 em diante), analfabetos ou que tenham cursado até o 9º ano do ensino fundamental. O total, assim, chega a 24 informantes – 06 por ponto de inquérito (São Raimundo, Centro, Colônia Antônio Aleixo e Parque 10 de Novembro).

O perfil envolve os aspectos comuns à tradição das pesquisas de cunho dialetal: o falante deve ser analfabeto ou com escolaridade até o 9º ano do ensino fundamental; natural da localidade estudada e com pais e cônjuge também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação.

4.1. SÃO RAIMUNDO

4.1.1. Código: SRM-01M

Nome (iniciais):	PRSV
Idade:	18 anos
Escolaridade:	7º ano
Estado civil:	Solteiro
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Estudante
Profissão do pai:	Guardador de carros
Profissão da mãe:	Cozinheira
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Varanda do informante

Características psicológicas do informante: tímido vivo perspicaz sarcástico

Espontaneidade da locução: total grande média fraca

Postura do informante durante o inquérito: cooperativa não cooperativa agressiva indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: grande médio pequeno nenhum

Observações:

4.1.2. Código: SRM-01F

Nome (iniciais): SSS

Idade: 33 anos

Escolaridade: 9º ano

Estado civil: Casado

Outro local onde morou: Nenhum

Naturalidade: Manaus (AM)

Naturalidade do pai: Manaus (AM)

Naturalidade da mãe: Manaus (AM)

Naturalidade do cônjuge: Manaus (AM)

Profissão: Cuidadora de idosos/doceira

Profissão do pai: Motorista

Profissão da mãe: Dona de casa

Profissão do cônjuge: Vigia

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica/Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Calçada em frente à casa do informante

Características psicológicas do informante: tímido vivo perspicaz sarcástico

Espontaneidade da locução: total grande média fraca

Postura do informante durante o inquérito: cooperativa não cooperativa agressiva indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: grande médio pequeno nenhum

Observações:

4.1.3. Código: SRM-02M

Nome (iniciais):	FFP
Idade:	41 anos
Escolaridade:	6º ano
Estado civil:	Divorciado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Comerciante de CDs pirateados
Profissão do pai:	Industriário
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Dona de casa

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica/Protestante
-------------------------------------	----------------------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Comércio do informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.1.4. Código: SRM-02F

Nome (iniciais):	ICBS
Idade:	42 anos
Escolaridade:	4º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Cozinheira
Profissão do pai:	Encanador
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Guardador de carros

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.1.5. Código: SRM-03M

Nome (iniciais):	IRS
Idade:	57 anos
Escolaridade:	9º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Vigia
Profissão do pai:	Serralheiro
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Serviços gerais

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica/Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Calçada em frente à casa do informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.1.6. Código: SRM-03F

Nome (iniciais):	AIAP
Idade:	57 anos
Escolaridade:	8º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Dona de casa/salgadeira
Profissão do pai:	Pedreiro
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Relojoeiro

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Sala da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.2. CENTRO

4.2.1. Código: CEN-01M

Nome (iniciais):	RPC
Idade:	27 anos
Escolaridade:	9º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Montador
Profissão do pai:	Auxiliar de enfermagem
Profissão da mãe:	Auxiliar de enfermagem
Profissão do cônjuge:	Dona de casa/doméstica

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Sala da casa do informante

Características psicológicas do informante: [] tímido [x] vivo [] perspicaz [] sarcástico

Espontaneidade da locução: [x] total [] grande [] média [] fraca

Postura do informante durante o inquérito: [x] cooperativa [] não cooperativa [] agressiva [] indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: [] grande [] médio [] pequeno [x] nenhum

Observações:

4.2.2. Código: CEN-01F

Nome (iniciais): KLN

Idade: 30 anos

Escolaridade: 7º ano

Estado civil: Solteiro

Outro local onde morou: Nenhum

Naturalidade: Manaus (AM)

Naturalidade do pai: Manaus (AM)

Naturalidade da mãe: Manaus (AM)

Naturalidade do cônjuge: Manaus (AM)

Profissão: Atendente de lanchonete

Profissão do pai: Vigia

Profissão da mãe: Dona de casa

Profissão do cônjuge: ---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Sala da casa da informante

Características psicológicas do informante: [x] tímido [] vivo [] perspicaz [] sarcástico

Espontaneidade da locução: [] total [x] grande [] média [] fraca

Postura do informante durante o inquérito: [x] cooperativa [] não cooperativa [] agressiva [] indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: [] grande [] médio [] pequeno [x] nenhum

Observações: A informante estava de saída.

4.2.3. Código: CEN-02M

Nome (iniciais):	RLLP
Idade:	41 anos
Escolaridade:	5º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Rio Preto da Eva (5 meses)
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Estoquista/fatiador de queijo
Profissão do pai:	Marceneiro
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Dona de casa

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Pátio da casa do informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:	Havia parentes bêbados acompanhando a entrevista.			

4.2.4. Código: CEN-02F

Nome (iniciais):	RSSC
Idade:	37 anos
Escolaridade:	2º ano
Estado civil:	Solteiro
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Lavadeira
Profissão do pai:	--- (não conheceu)
Profissão da mãe:	Auxiliar de cozinha
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Porta da casa da informante

Características psicológicas do informante: [] tímido [x] vivo [] perspicaz [] sarcástico

Espontaneidade da locução: [x] total [] grande [] média [] fraca

Postura do informante durante o inquérito: [x] cooperativa [] não cooperativa [] agressiva [] indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: [] grande [] médio [] pequeno [x] nenhum

Observações: A informante estava de saída.

4.2.5. Código: CEN-03M

Nome (iniciais): GSA

Idade: 61 anos

Escolaridade: 5º ano

Estado civil: Viúvo

Outro local onde morou: Rio Branco (AC) – 10 meses

Naturalidade: Manaus (AM)

Naturalidade do pai: Manaus (AM)

Naturalidade da mãe: Manaus (AM)

Naturalidade do cônjuge: Manaus (AM)

Profissão: Motorista

Profissão do pai: Vigia

Profissão da mãe: Dona de casa

Profissão do cônjuge: Dona de casa

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito: Sala da casa do informante

Características psicológicas do informante: [] tímido [x] vivo [] perspicaz [] sarcástico

Espontaneidade da locução: [x] total [] grande [] média [] fraca

Postura do informante durante o inquérito: [x] cooperativa [] não cooperativa [] agressiva [] indiferente

Grau de conhecimento entre informante e inquiridor: [] grande [] médio [] pequeno [x] nenhum

Observações: A informante estava de saída.

4.2.6. Código: CEN-03F

Nome (iniciais):	GRC
Idade:	64 anos
Escolaridade:	5º ano
Estado civil:	Viúvo
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Dona de casa
Profissão do pai:	Carpinteiro
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Motorista

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Sala da casa de parentes da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:	A informante estava de saída.			

4.3. COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO

4.3.1. Código: CAA-01M

Nome (iniciais):	RSC
Idade:	28 anos
Escolaridade:	6º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Serralheiro
Profissão do pai:	Pescador
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Serviços gerais

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Quintal da casa de parentes da informante			
Características psicológicas do informante:	<input checked="" type="checkbox"/> tímido	<input type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input checked="" type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input checked="" type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.3.2. Código: CAA-01F

Nome (iniciais):	MLG
Idade:	18 anos
Escolaridade:	7º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Dona de casa
Profissão do pai:	Vigia
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Operador de empilhadeira

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Cozinha da casa de parentes da informante			
Características psicológicas do informante:	<input checked="" type="checkbox"/> tímido	<input type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.3.3. Código: CAA-02M

Nome (iniciais):	RNFS
Idade:	42 anos
Escolaridade:	2º ano
Estado civil:	Divorciado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Auxiliar de produção/pescador
Profissão do pai:	Pescador
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Doméstica

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Quarto do informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.3.4. Código: CAA-02F

Nome (iniciais):	MRBL
Idade:	36 anos
Escolaridade:	9º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Porteira
Profissão do pai:	Vigia
Profissão da mãe:	Zeladora
Profissão do cônjuge:	Vigia

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.3.5. Código: CAA 03M

Nome (iniciais):	OSL
Idade:	58 anos
Escolaridade:	Analfabeto
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Agricultor
Profissão do pai:	Agricultor
Profissão da mãe:	Pescador
Profissão do cônjuge:	Agricultor

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.3.6. Código: CAA-03F

Nome (iniciais):	MNSB
Idade:	64 anos
Escolaridade:	2º ano
Estado civil:	Viúvo
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Zeladora
Profissão do pai:	Agricultora
Profissão da mãe:	Vigia
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4. PARQUE 10 DE NOVEMBRO

4.4.1. Código: PDN-01M

Nome (iniciais):	DLS
Idade:	19 anos
Escolaridade:	9º ano
Estado civil:	Solteiro
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Estudante
Profissão do pai:	Peixeiro
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Sala/Cozinha da casa do informante			
Características psicológicas do informante:	<input checked="" type="checkbox"/> tímido	<input type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4.2. Código: PDN-01F

Nome (iniciais):	NRS
Idade:	19 anos
Escolaridade:	5º ano
Estado civil:	Solteira
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Balconista
Profissão do pai:	---
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input checked="" type="checkbox"/> tímido	<input type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4.3. Código: PDN-02M

Nome (iniciais):	ESS
Idade:	44 anos
Escolaridade:	7º ano
Estado civil:	Solteiro
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Mecânico
Profissão do pai:	Portuário
Profissão da mãe:	Costureira
Profissão do cônjuge:	---

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4.4. Código: PDN-02F

Nome (iniciais):	NML
Idade:	37 anos
Escolaridade:	4º ano
Estado civil:	Casada
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Dona de casa
Profissão do pai:	--- (não conheceu)
Profissão da mãe:	Dona de casa/Grameira
Profissão do cônjuge:	Peixeiro

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Protestante

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4.5. Código: PDN 03M

Nome (iniciais):	LSC
Idade:	70 anos
Escolaridade:	6º ano
Estado civil:	Casado
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Vigia
Profissão do pai:	Agricultor
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Dona de casa

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica: Católica

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

4.4.6. Código: PDN-03F

Nome (iniciais):	IML
Idade:	59 anos
Escolaridade:	Analfabeta
Estado civil:	Viúva
Outro local onde morou:	Nenhum
Naturalidade:	Manaus (AM)
Naturalidade do pai:	Manaus (AM)
Naturalidade da mãe:	Manaus (AM)
Naturalidade do cônjuge:	Manaus (AM)
Profissão:	Grameira
Profissão do pai:	Agricultor
Profissão da mãe:	Dona de casa
Profissão do cônjuge:	Pedreiro

RELIGIÃO

Qual religião/culto pratica:	Católica
-------------------------------------	----------

CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Ambiente da realização do inquérito:	Varanda da casa da informante			
Características psicológicas do informante:	<input type="checkbox"/> tímido	<input checked="" type="checkbox"/> vivo	<input type="checkbox"/> perspicaz	<input type="checkbox"/> sarcástico
Espontaneidade da locução:	<input checked="" type="checkbox"/> total	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> média	<input type="checkbox"/> fraca
Postura do informante durante o inquérito:	<input checked="" type="checkbox"/> cooperativa	<input type="checkbox"/> não cooperativa	<input type="checkbox"/> agressiva	<input type="checkbox"/> indiferente
Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:	<input type="checkbox"/> grande	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> pequeno	<input checked="" type="checkbox"/> nenhum
Observações:				

5. QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

O Questionário Fonético-Fonológico (QFF) estabelecido para esta pesquisa contou com um total de 100 questões do tipo palavra-coisa e foi elaborado tomando por base os QFFs do ALAM (CRUZ, 2004) e de Silva (2009).

Seguindo os padrões das pesquisas dialetais que vêm sendo realizadas no Amazonas, previu-se, além da aplicação do QFF, a coleta de conversação livre, tendo em vista a grande dificuldade na realização de recolha de dados e formação de corpus, bem como para encontrar informantes ideais. Pretendeu-se, dessa forma, por meio da coleta de dados para esta pesquisa, possibilitar, posteriormente, a construção de um Banco de dados que disponibilize corpus para a realização de pesquisas dialetais sobre Manaus, em variados níveis linguísticos.

A entrevista, assim, foi realizada utilizando o seguinte roteiro (QFF + Conversação Livre):

	VOCÁBULOS	QUESTÕES
1.	AEROPORTO	Lugar onde pousam os aviões, o mesmo que campo de aviação?
2.	ABORRECIDA	Pessoa que está chateada, irritada, ela está...
3.	DESCOBRIR	O mesmo que tirar a cobertura da casa, saber um segredo?
4.	CONVERSANDO	Quando alguém está proseando com outro, dizemos que estão...
5.	PROFESSORA	Uma mulher que dá aulas é chamada de...
6.	TEMPORAL	Uma chuva muito forte é chamada de...
7.	SOVACO	Parte que fica embaixo do braço (mostrar) – axila
8.	TOALHA	Pano que serve para se enxugar depois do banho
9.	BOTÃO	Nome dado à peça que entra na casa para fechar a camisa (mostrar)
10.	RODOVIÁRIA	Lugar de onde saem ônibus para outras cidades
11.	MORCEGO	Animal voador que sai à noite para chupar o sangue de pessoas ou animais

12.	LOMBRIGA	Verme que dá nas crianças, elas ficam barrigudas, tem que tomar remédio pra ela sair
13.	BORBULHAS	Bolinhas que saem quando se respira dentro d'água, quando a água ferve sobe aquelas... (figura)
14.	AUTOMÓVEL	Meio de transporte da cidade, o mesmo que carro
15.	COADOR	Pano para coar o café. (figura)
16.	COROA	Enfeite que o rei usa na cabeça. (figura)
17.	HORROROSO	Um homem muito feio é um homem
18.	TOMATE	Fruto vermelho com muitas sementes, bom para comer na salada (figura)
19.	COLHEITA	O mesmo que safra; quando você vai colher sua plantação, você vai fazer a sua...
20.	NOTÍCIA	Quando recebemos uma carta, esperamos que ela traga uma boa...
21.	OBRIGADO	A palavrinha que a gente usa pra agradecer...
22.	AFOGAR	Quem não sabe nadar e cai na água, pode-se...
23.	CONHEÇO	Você conhece o seu vizinho?
24.	COMER	Quando a gente está com fome, temos vontade de...
25.	MOSQUITO	A gente pega malária através da picada de um...
26.	TROVÃO	Barulho forte quando chove, algumas vezes acompanha relâmpago.
27.	INOCENTE	Quem não é culpado é...
28.	MORREU	Quem não está vivo é porque já...
29.	ASSOALHO	O piso de madeira é chamado de...
30.	GOIABA	Fruto com pequenas sementes, dentro é vermelha ou branca, às vezes tem bicho. (figura)
31.	PROIBIDO	O que não é permitido é... (figura)
32.	OITENTA	Qual o número que vem depois de 79? (figura)
33.	ORELHA	Qual o nome disto? (mostrar)
34.	CORAÇÃO	Órgão que se tem no peito, se ele parar de bater a pessoa morre.
35.	JOELHO	Nome da parte do corpo que se dobra quando se vai rezar (mostrar)
36.	VOMITA	Quando a comida faz mal e volta pela boca, você... (mostrar)
37.	COMADRE	A madrinha do seu filho é sua...
38.	DORMIR	Quando anoitece você deita na cama ou na rede pra quê?
39.	BONITO	O contrário de feio.
40.	ADVOGADO	Pessoa que defende outra de um crime ou de uma acusação.

41.	LEILOEIRO	Como se chama quando a gente vende, por exemplo, numa praça pública, um monte de coisas a quem der mais dinheiro? Qual é o nome de quem faz isso, de quem organiza? (figura)
42.	MAGOADO	Se quero dizer que magoei alguém, posso dizer que: fulana ficou... comigo
43.	POLVILHO	Qual o nome daquele pó fino, que fica depois que se lava a tapioca?
44.	CHORÃO	Um menino que chora muito, é um menino...
45.	ASSOBIO	Como se chama isto (assobiar)
46.	SOLDADO	O indivíduo que vai para a guerra defender seu país, é um... (figura)
47.	BORRACHA	Nesta figura, há um lápis e uma... (figura)
48.	POLÍCIA	Quem prende o ladrão? (figura)
49.	IMPOSSÍVEL	Para Deus, nada é...
50.	POLÍTICO	Aquele que se candidata à eleição?
51.	CHOVER	De dia, se o céu fica escuro é porque vai...
52.	FOLIA	Carnaval é tempo de...
53.	COELHO	O animal que bota ovo de páscoa é o...
54.	FOCINHO	Nome que você dá pro [nariz] do porco?
55.	CHOCALHO	Outro nome para Maracá/brinquedo para criança, que faz barulho? (figura)
56.	MOTOR	Como se chama aquela embarcação que traz as pessoas do interior para a cidade? Tipo o recreio. Motor do carro (figura)
57.	MENINO	O mesmo garoto, guri, moleque
58.	AZEITONA	Fruto da oliveira que se tira o azeite. Há também na região um fruto com o mesmo nome, ele é preto e doce, quando você come sua língua fica roxa. Geralmente tem na pizza. (figura)
59.	MENDIGO	Aquele que pede ajuda à beira de calçadas, em praças (fazer gesto com a mão) (figura)
60.	LEÃO	Rei dos animais que tem uma grande juba (figura)
61.	ELEFANTE	Aquele animal grande, gordo, que possui uma imensa tromba (figura)
62.	ESCOLA	Lugar onde se tem aulas, onde se aprende a ler e a escrever
63.	ESCOVA	Objeto que se põe creme dental e serve para limpar os dentes
64.	ESTOPA	Pano para calafetar o barco, a canoa (figura)
65.	DEFUNTO	O morto, o falecido é um...
66.	DIRETORA	Qual o nome que se dá a mulher que dirige a escola? Aquela que coordena é a coordenadora, e a que dirige é a...
67.	NERVOSA	Pessoa que sofre dos nervos é uma pessoa

68.	BEBIDA	Aquilo que se come é comida, o que se bebe é... ou a cachaça é uma...
69.	EDUCAÇÃO	Quando a pessoa recebe um presente e não agradece, dizemos que ela não tem o quê?
70.	ENCHENTE	A época das cheias, das inundações é a época da... (figura)
71.	MENTIRA	O contrário de verdade é...; quem não diz a verdade diz o quê?
72.	PENEIRA	Objeto que serve para passar a goma para ficar bem fininha.
73.	ESTRAGADA	Uma comida que não está boa, se comer faz mal, ela está...
74.	ESQUECER	O contrário de lembrar é...
75.	ESPINHA	Você cata o peixe para não engolir o quê? (figura)
76.	PESCOÇO	Como se chama isto? (mostrar)
77.	DESMAIO	Se eu passo mal e perco os sentidos, então eu... (figura)
78.	TESOURA	Objeto para cortar unha, cabelo. (fazer gestos)
79.	PRESENTE	Quando alguém faz aniversário ou se casa, você dá um...
80.	MELHOR	O contrário de pior é...
81.	PERFUME	Líquido que se passa para ficar cheiroso, o mesmo que extrato. (figura)
82.	PERDIDO	Quando alguém entra na mata e não sabe sair, ele está...
83.	DESOVAR	Quando os peixes sobem os rios para botar ovas, eles vão...
84.	DEVAGAR	Quem não anda depressa, anda como?
85.	ESGOTO	Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja? (figura)
86.	MELANCIA	Como se chama aquela fruta bem grande, verde por fora e bem vermelha por dentro, que tem muitas sementes e muita água? (figura)
87.	REAL	Quanto eu tenho na minha mão? (moeda de 1 real)
88.	REAIS	E agora? Quanto eu tenho? (2 reais)
89.	MEDICINA	Uma pessoa para ser advogada, ele deve ter feito a faculdade de direito. Como se chama a faculdade que um médico tem que fazer para atender as pessoas, para passar remédio, operar...?
90.	RESULTADO	Quando se faz um teste ou um exame, a gente fica aguardando o que? o mesmo que resposta?
91.	REMÉDIO	Quando ficamos doentes, vamos ao médico para que ele nos dê o quê? Um... (figura)
92.	DEPOIS	Primeiro uma criança senta, né? E quando é que ela anda?
93.	TREZENTOS	100 + 100 é duzentos. E mais 100? (figura)
94.	PEDIDO	Quando o rapaz quer casar, ele vai à casa da moça fazer o...
95.	EXAME	Se alguém suspeita de Dengue, o melhor é ir ao hospital e fazer um...

96.	PRESIDENTE	O Lula já foi nosso...
97.	VERDURA	Cheiro verde e pimentão são tipos de... Fazemos salada com... Tem salada de frutas e salada de...
98.	ENCONTRO	Quando a pessoa está paquerando ela marca um...
99.	EMPREGO	Outro nome para “trabalho”? Quando a pessoa está sem trabalho ela sai em busca de um...
100.	DEMAIS	Um é pouco, dois é muito e três é...
ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA (CONVERSAÇÃO LIVRE)		
1.	Você mora aqui há um tempinho já, né? Como era aqui antigamente? Como eram as casas, os igarapés?	
2.	Quais as maiores dificuldades que o seu bairro enfrenta?	
3.	Há, assim, uma história, um acontecimento, uma história muito importante, inesquecível pra você aqui em Manaus?	
4.	Você conhece alguma lenda daqui dessa região?	

6. ÍNDICE DAS CARTAS

CARTAS INTRODUTÓRIAS

Nº	CARTA	PAG.
01	Manaus – Amazonas – Brasil	39
02	Estado do Amazonas	40
03	Região Metropolitana de Manaus	41
04	Manaus: áreas urbana, de expansão urbana e rural	42
05	Área urbana de Manaus	43
06	Manaus: pontos de inquérito	44

CARTAS FONÉTICAS

Nº	CARTA	QUESTÃO QFF	PAG.
1.	Peneira	072	45
2.	Tesoura	078	46
3.	Aeroporto	001	47
4.	Professora	005	48
5.	Diretora	066	49
6.	Pescoço	076	50
7.	Depois	092	51
8.	Menino	057	52
9.	Bebida	068	53
10.	Perdido	082	54
11.	Pedido	094	55
12.	Medicina	089	56
13.	Melancia	086	57
14.	Perfume	081	58
15.	Verdura	097	59
16.	Real	087	60

Nº	CARTA	QUESTÃO QFF	PAG.
17.	Reais	088	61
18.	Resultado	090	62
19.	Devagar	084	63
20.	Demais	100	64
21.	Remédio	091	65
22.	Nervosa	067	67
23.	Melhor	080	68
24.	Leão	060	69
25.	Conversando	004	70
26.	Elefante	061	71
27.	Elefante	061	72
28.	Exame	095	73
29.	Educação	069	74
30.	Presente	079	75
31.	Trezentos	093	76
32.	Presidente	096	78

Nº	CARTA	QUESTÃO QFF	PAG.
33.	Azeitona	058	79
34.	Defunto	065	80
35.	Encontro	098	81
36.	Mendigo	059	82
37.	Enchente	070	83
38.	Mentira	071	84
39.	Emprego	099	85
40.	Descobrir	004	86
41.	Desmaio	077	87
42.	Desovar	083	88
43.	Escola	062	89
44.	Estopa	064	90
45.	Escova	063	91
46.	Estragada	073	92
47.	Esquecer	074	93
48.	Espinha	075	94
49.	Esgoto	085	95
50.	Morcego	011	96
51.	Morreu	028	97
52.	Orelha	033	98
53.	Chover	051	99
54.	Comer	024	100
55.	Aeroporto	001	101
56.	Professora	005	102
57.	Coroa	016	103
58.	Motor	056	104
59.	Polícia	048	105
60.	Político	050	106
61.	Impossível	049	107
62.	Notícia	020	108
63.	Assobio	045	109
64.	Bonito	039	110
65.	Mosquito	025	111

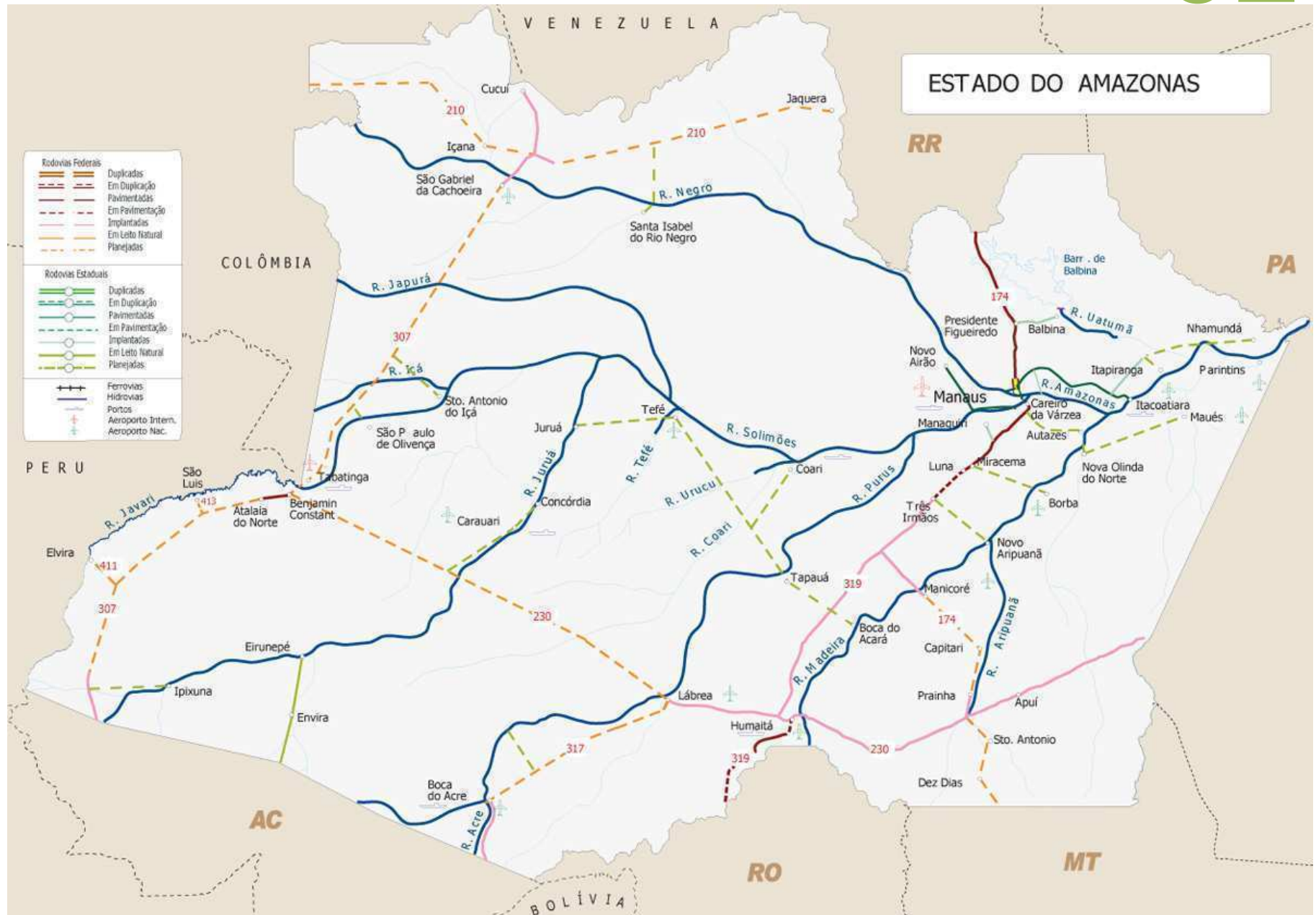
Nº	CARTA	QUESTÃO QFF	PAG.
66.	Descobrir	004	112
67.	Focinho	054	113
68.	Vomita	036	114
69.	Dormir	038	115
70.	Rodoviária	010	116
71.	Rodoviária	010	117
72.	Tomate	018	118
73.	Comadre	037	119
74.	Soldado	046	120
75.	Afogar	022	121
76.	Advogado	040	122
77.	Obrigado	021	123
78.	Sovaco	007	124
79.	Chocalho	055	125
80.	Borracha	047	126
81.	Desovar	083	127
82.	Goiaba	030	128
83.	Chorão	044	129
84.	Coração	034	130
85.	Trovão	026	131
86.	Botão	009	132
87.	Oitenta	032	133
88.	Inocente	027	134
89.	Lombriga	012	135
90.	Conversando	004	136
91.	Joelho	035	137
92.	Coelho	053	138
93.	Magoado	042	139
94.	Toalha	008	140
95.	Assoalho	029	141
96.	Coador	015	142

CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS

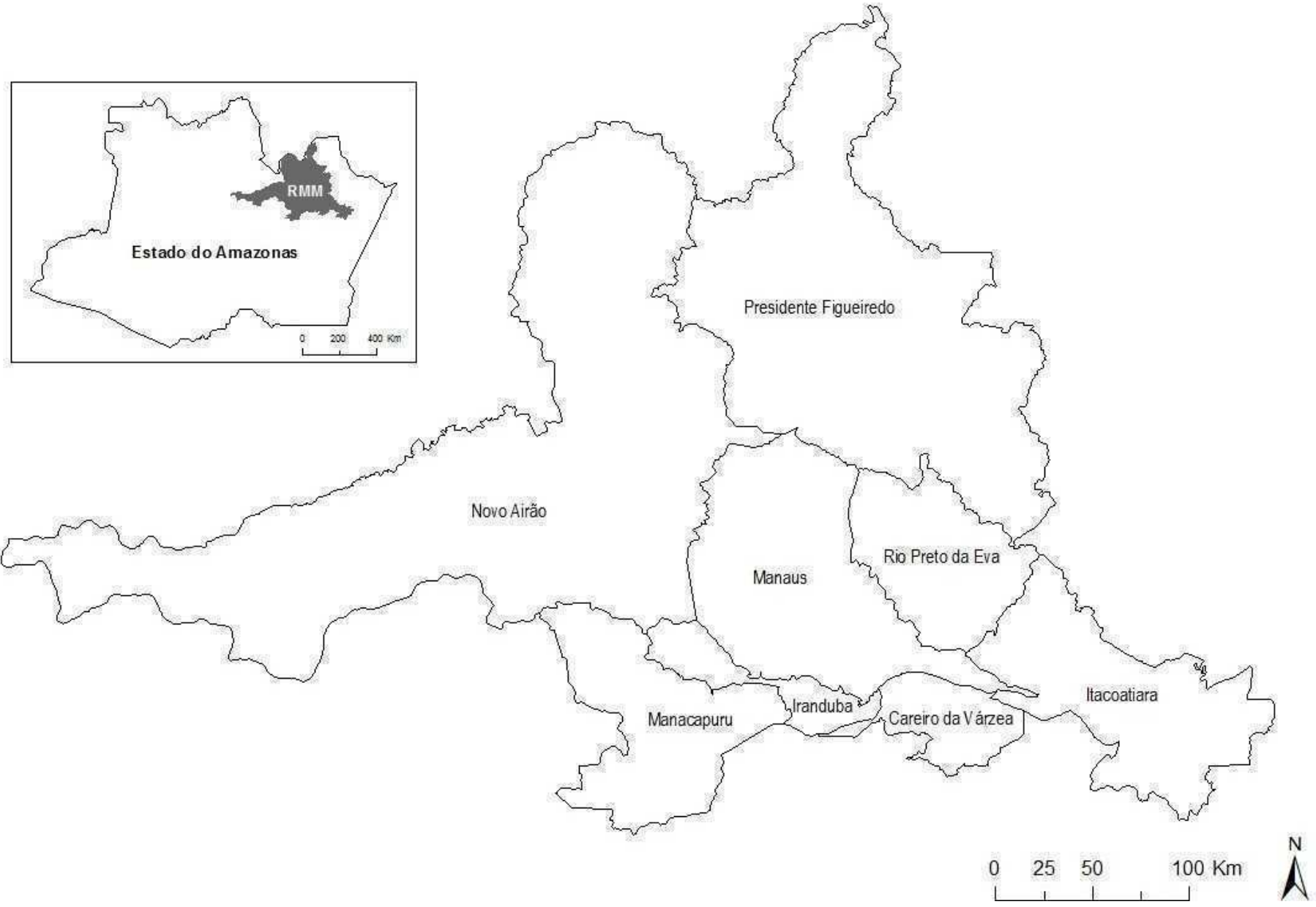
	Nº	CARTA	REÚNE CARTAS	PAG.
Vogal média anterior /e/	01	Vogal tônica fechada	01 – 07	143
	02	Vogal tônica aberta	08 – 15	144
	03	Vogal tônica alta	16 – 23	145
	04	Vogal tônica de nasalidade fonológica	24 – 34	146
	05	Vogal pretônica de nasalidade fonológica	35 – 39	147
	06	Vogal pretônica em vocábulos que iniciam com a sequência DES-	40 – 42	148
	07	Vogal pretônica inicia sílaba travada por /S/	43 – 49	149
Vogal média posterior /o/	08	Vogal tônica fechada	50 – 58	150
	09	Vogal tônica aberta	59 – 69	151
	10	Vogal tônica alta	70 – 80	152
	11	Vogal tônica de nasalidade fonológica	81 – 88	153
	12	Vogal pretônica de nasalidade fonológica	89 – 90	154
	13	Vogal pretônica em contexto de hiato	91 – 96	155



ESTADO DO AMAZONAS

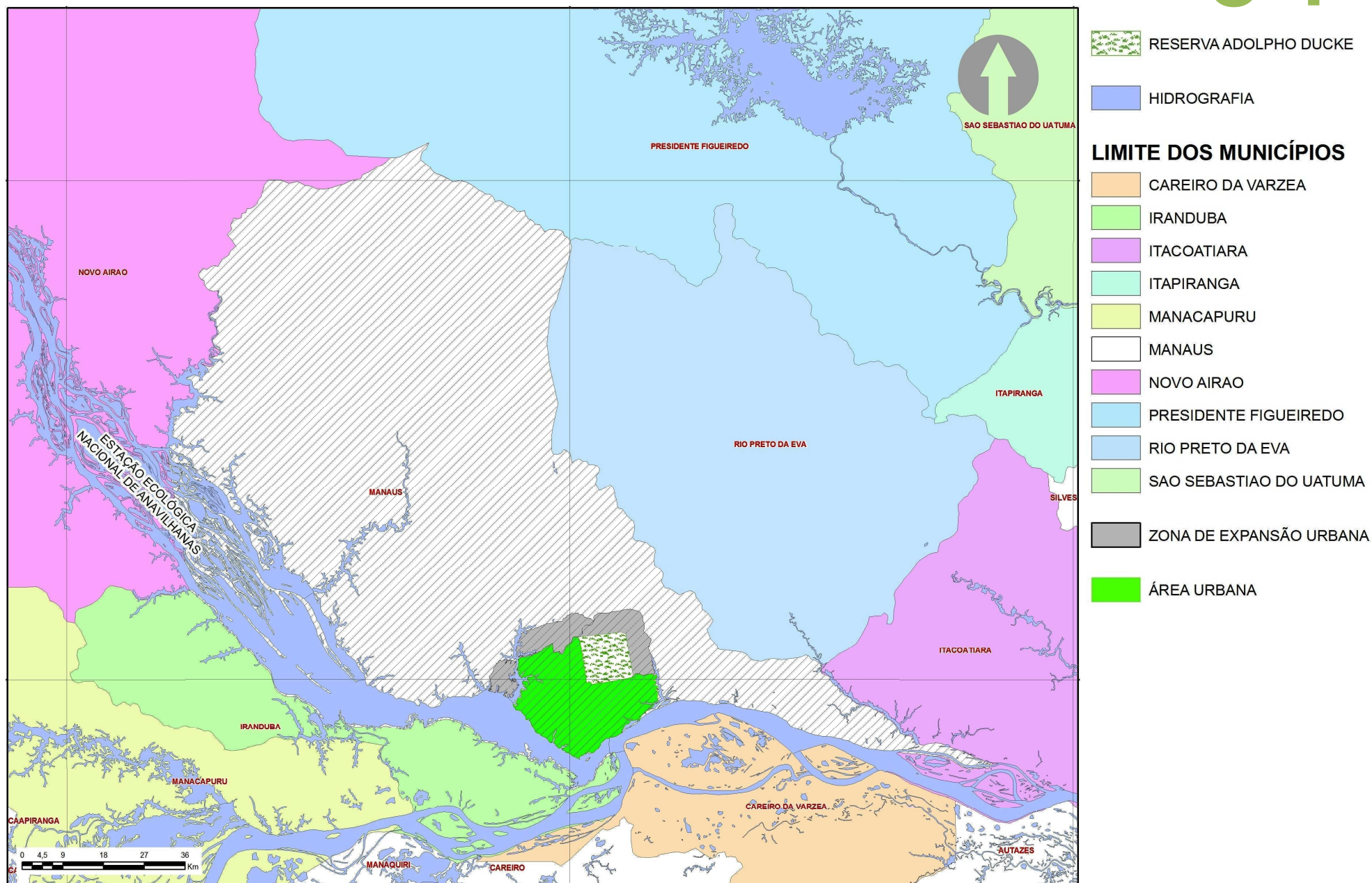


Fonte: Ministério dos Transportes



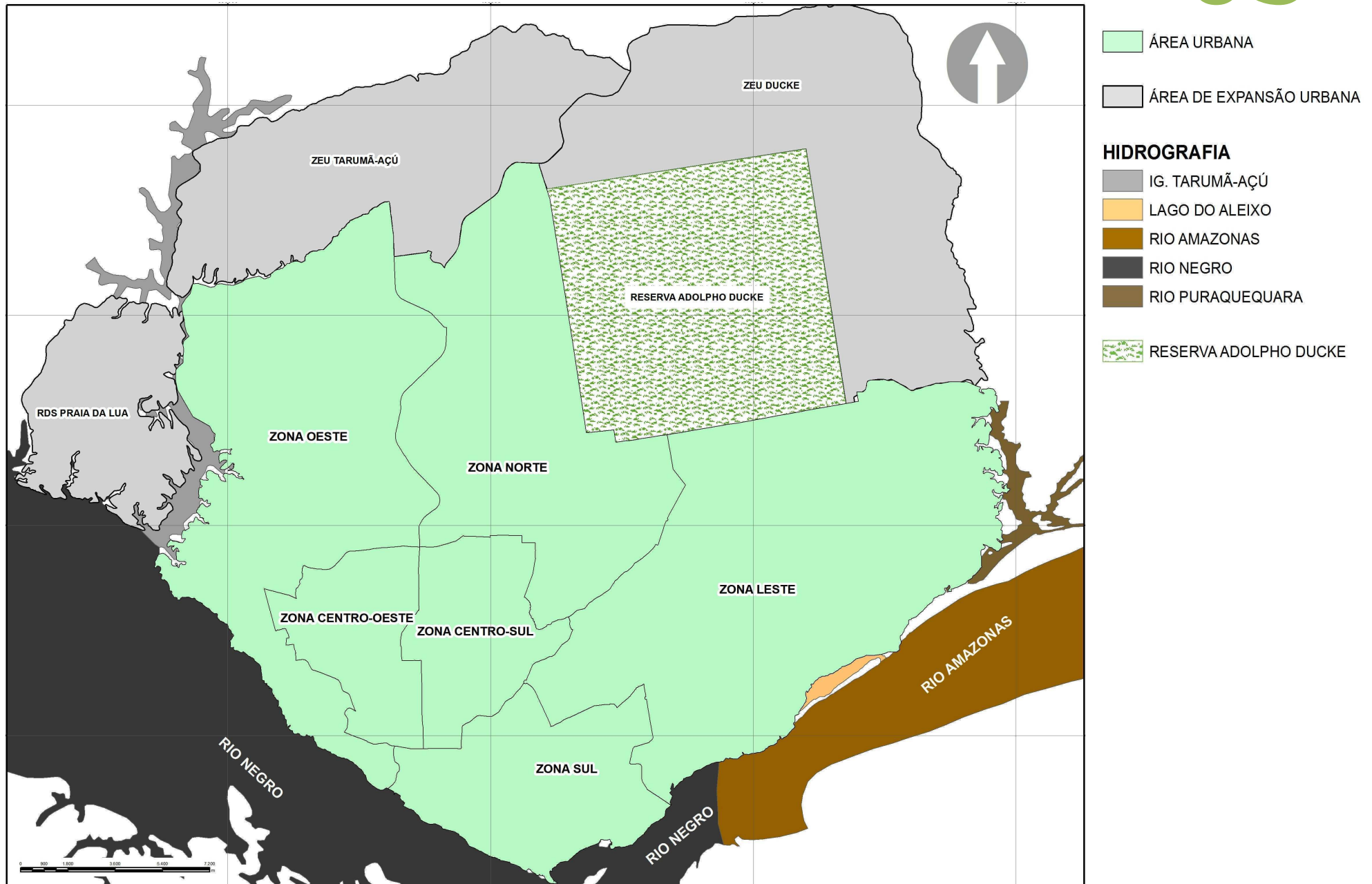
Fonte: Portal da Saúde – SUS

MANAUS – ÁREAS URBANA, DE EXPANSÃO URBANA E RURAL

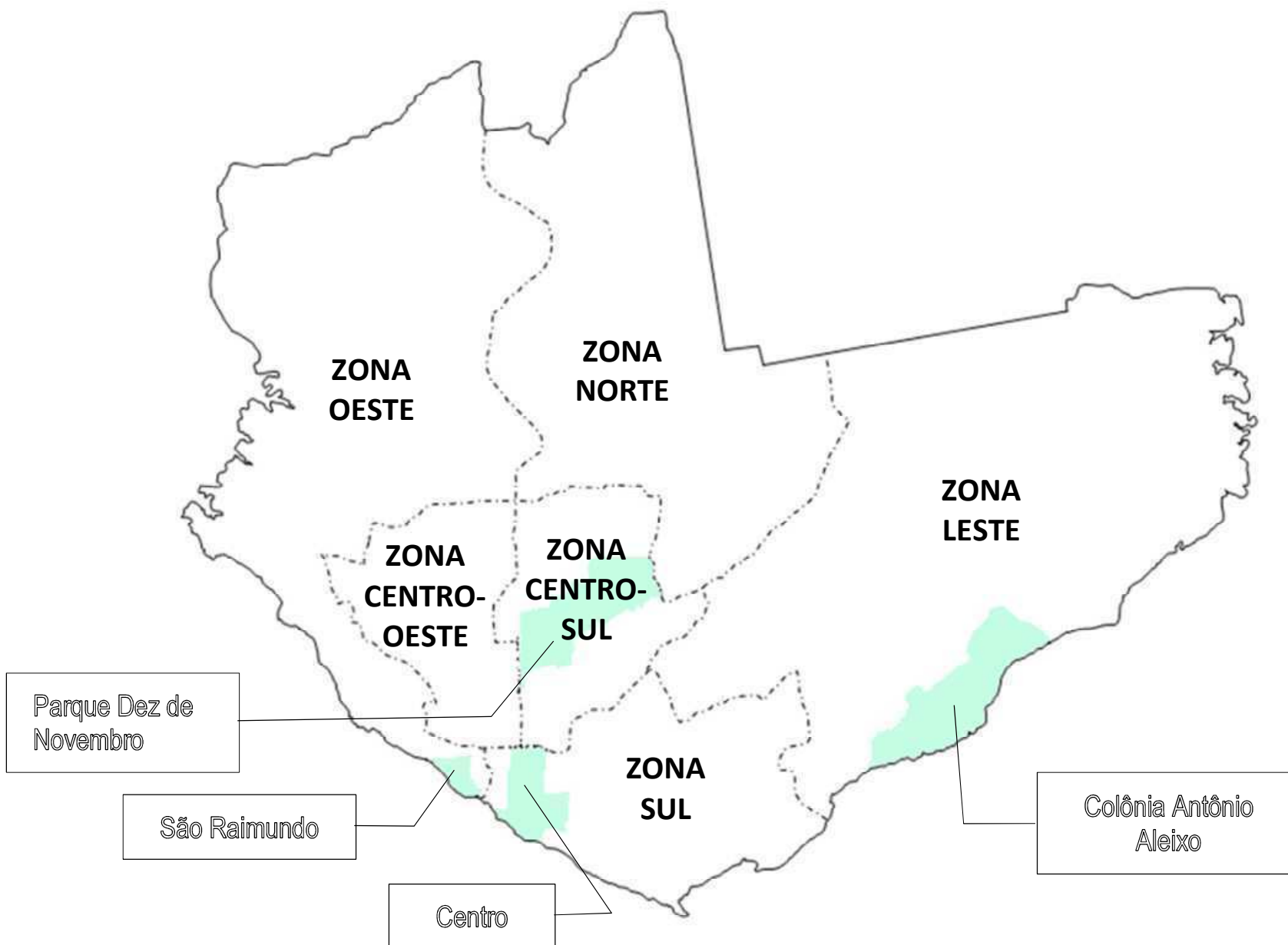


Fonte: Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano – IMPLURB

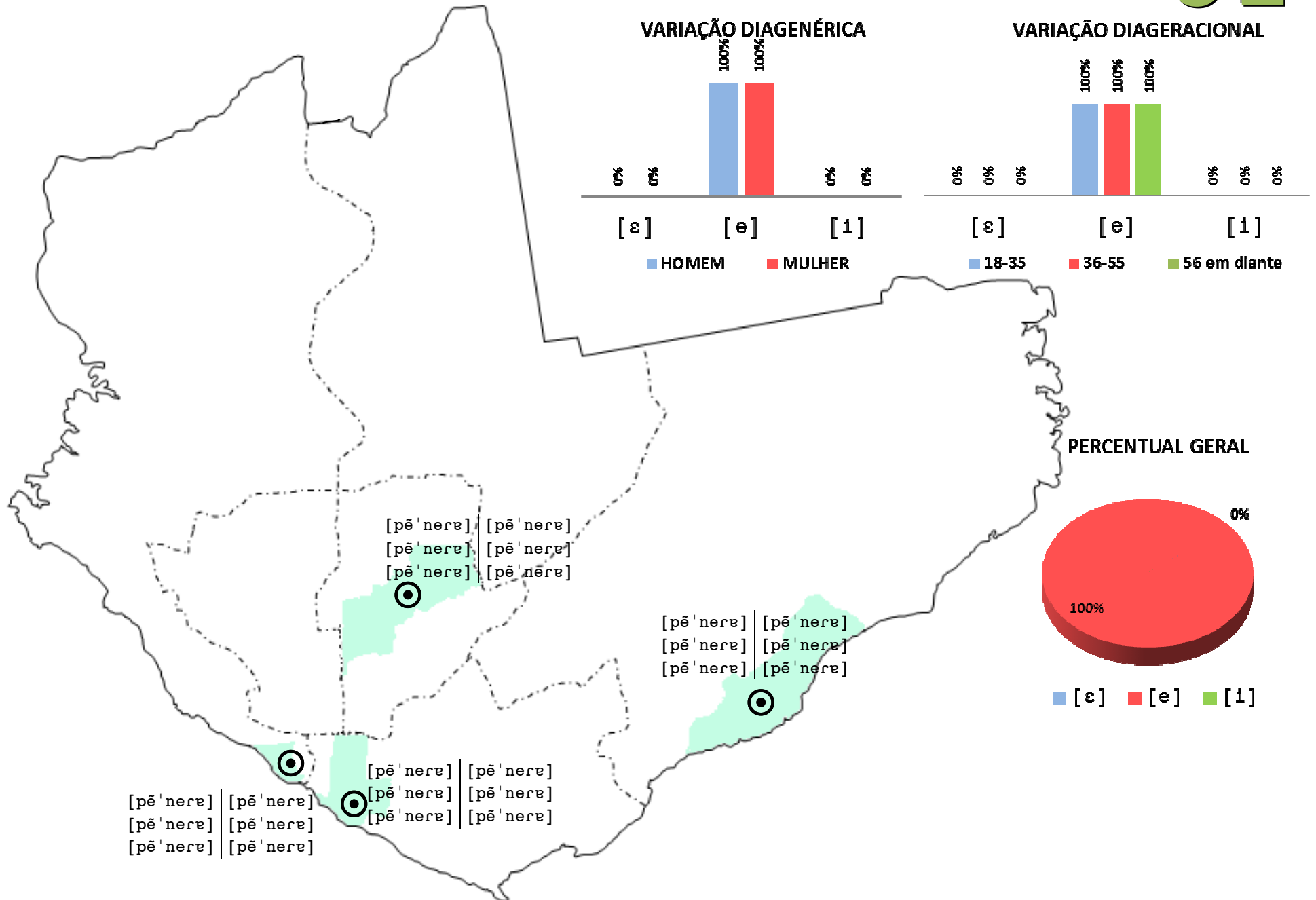
ÁREA URBANA DE MANAUS

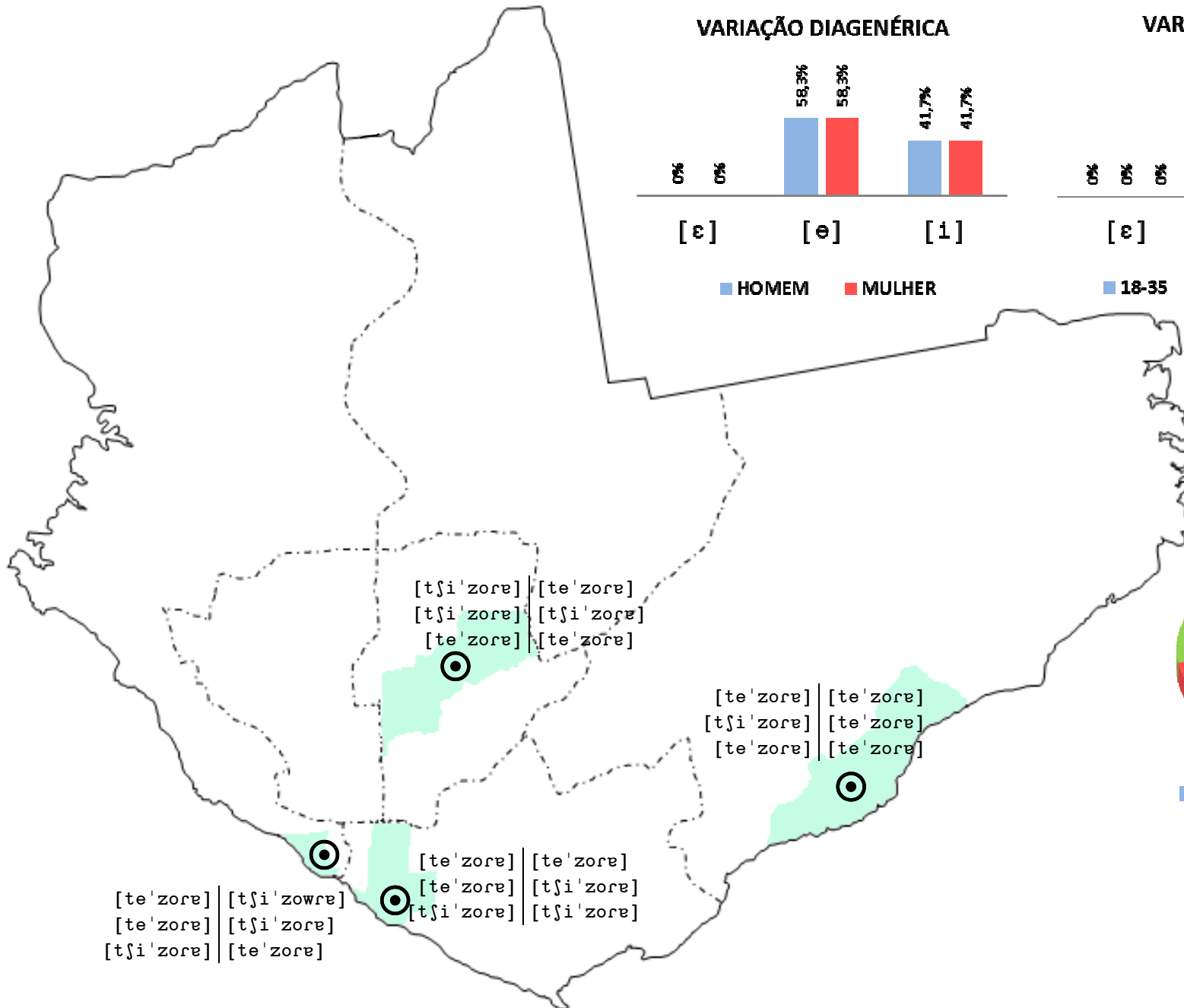


Fonte: Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano – IMPLURB

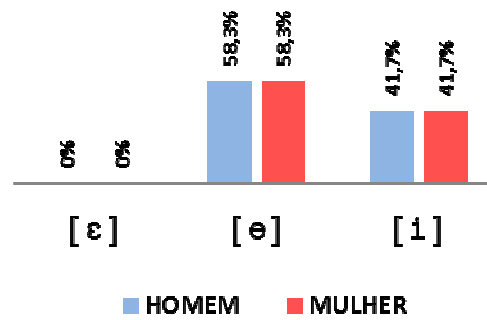


Fonte: Desenho da pesquisadora

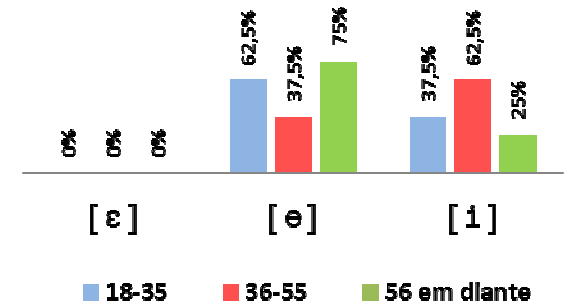




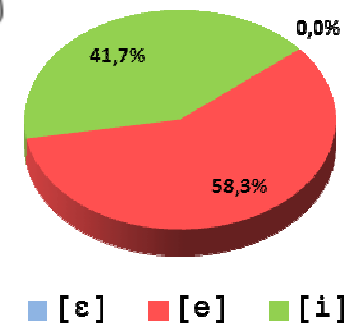
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA

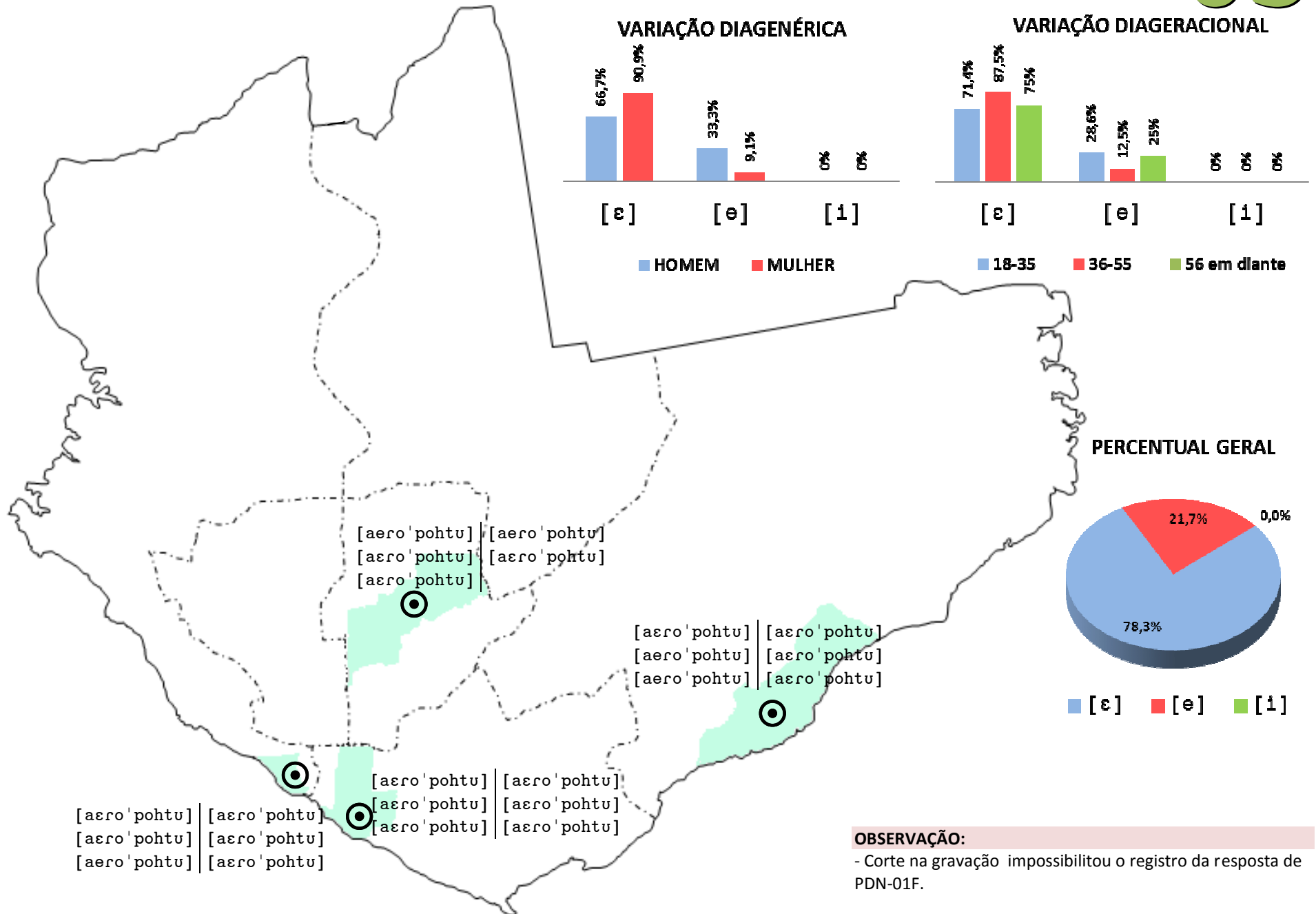


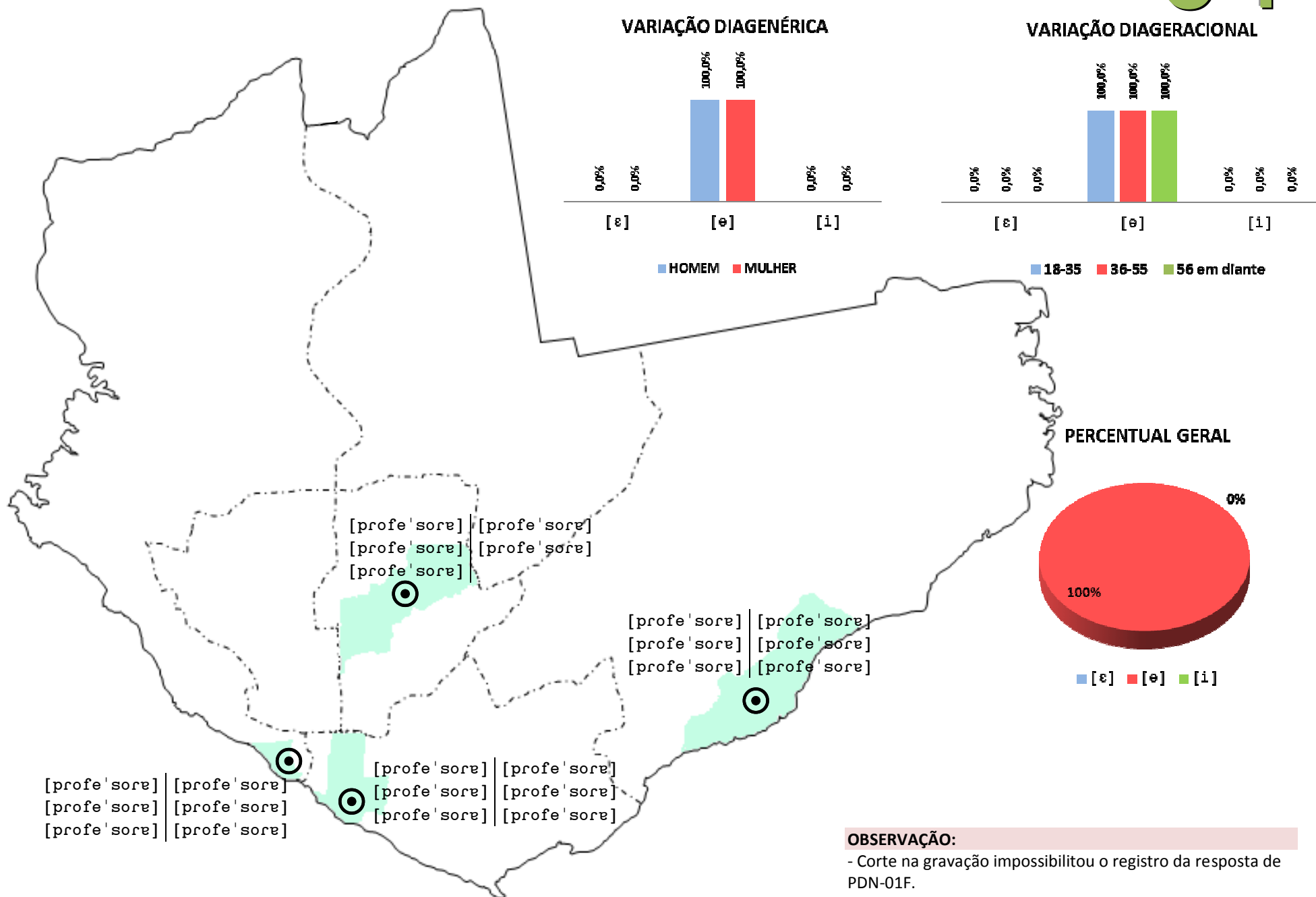
VARIAÇÃO DIAGERACIONAL

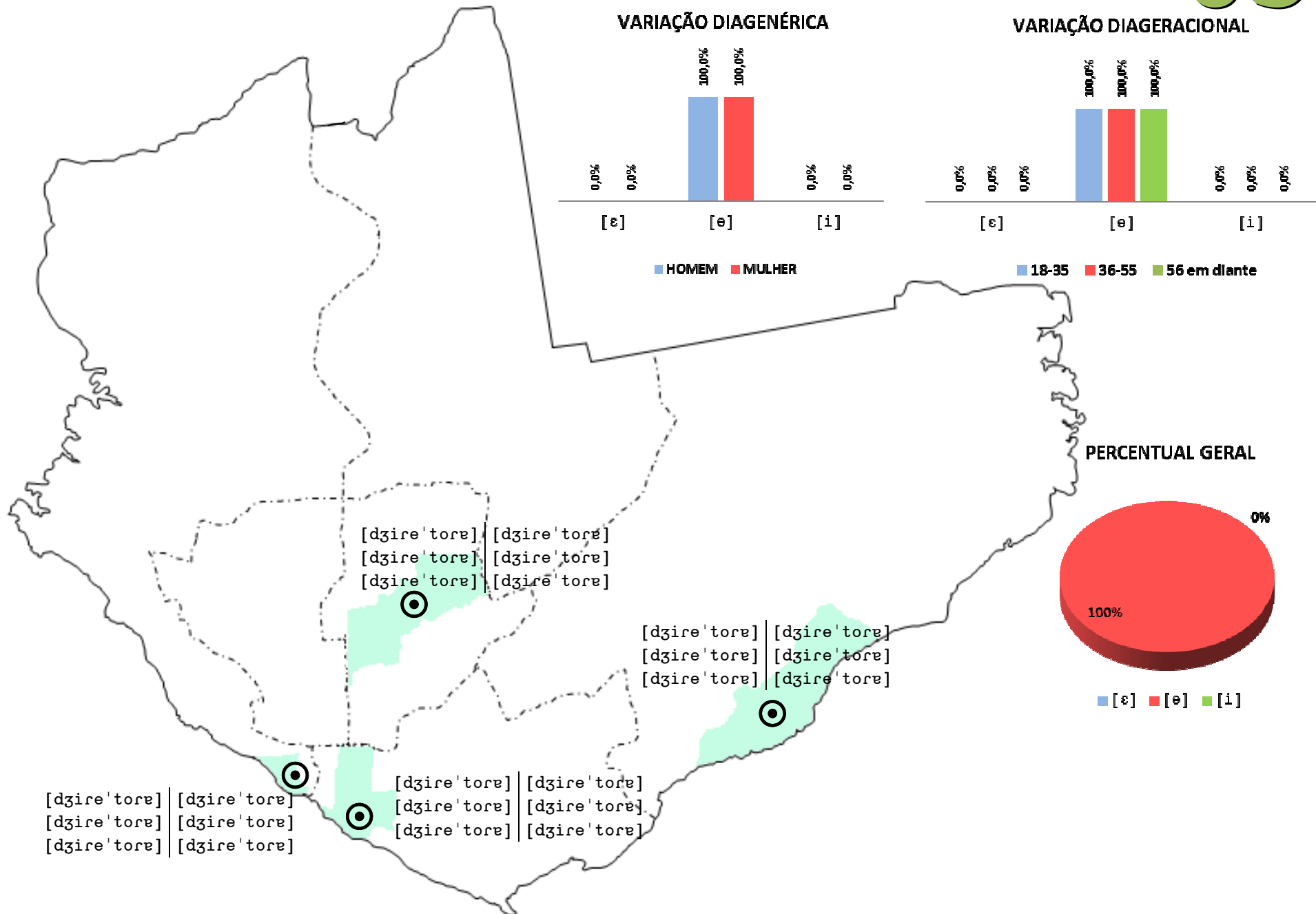


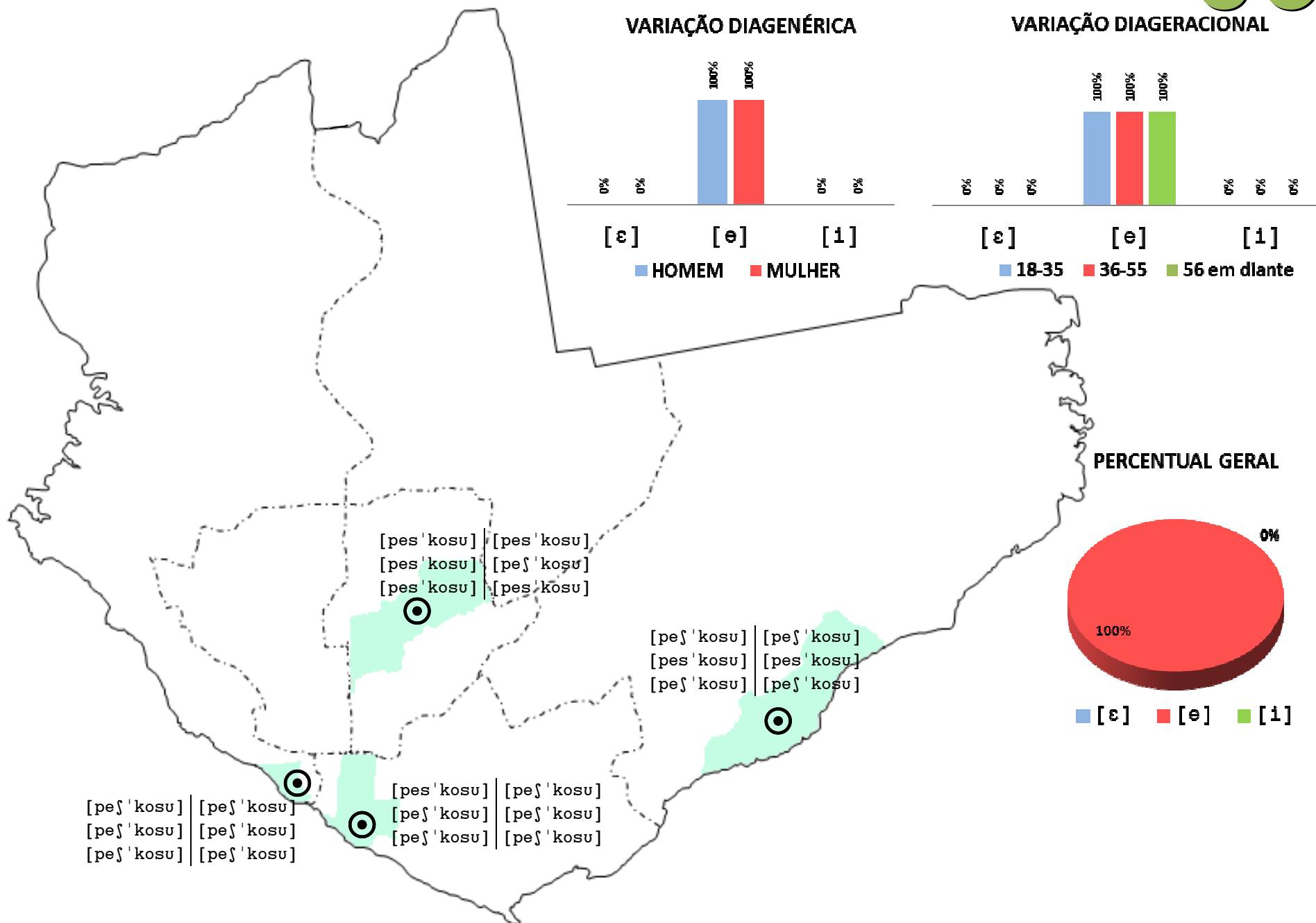
PERCENTUAL GERAL

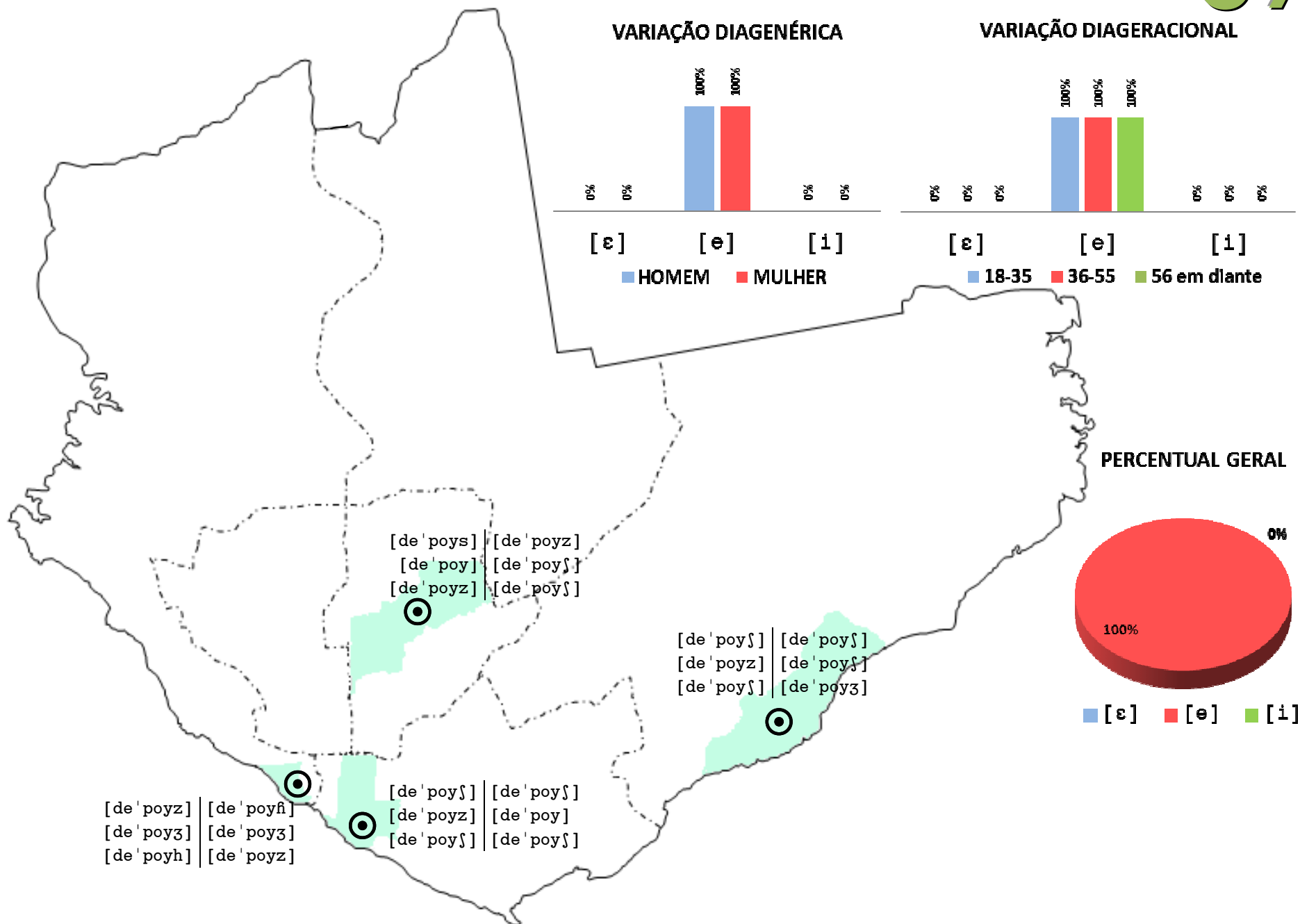




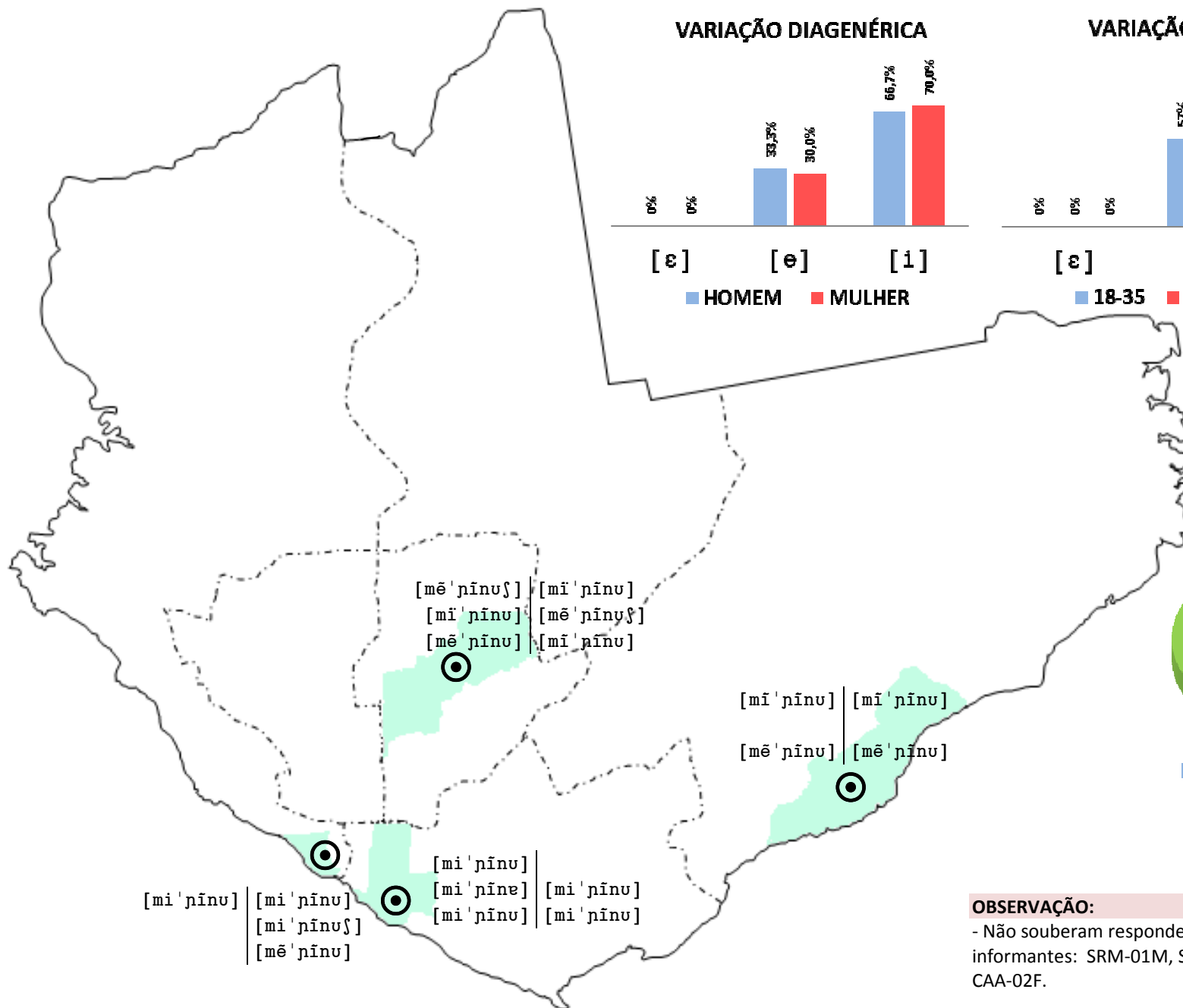




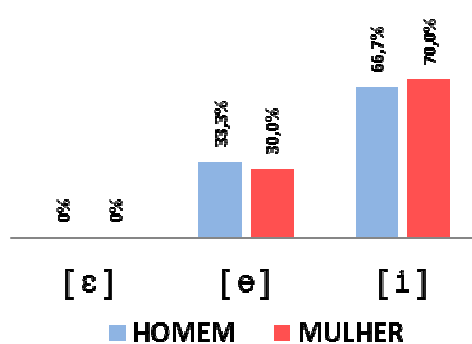




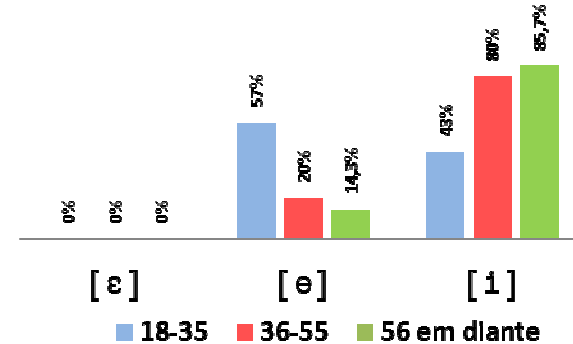
MENINO(S)/MENINA(S)



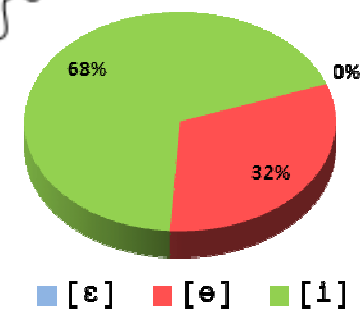
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



VARIAÇÃO DIAGERACIONAL

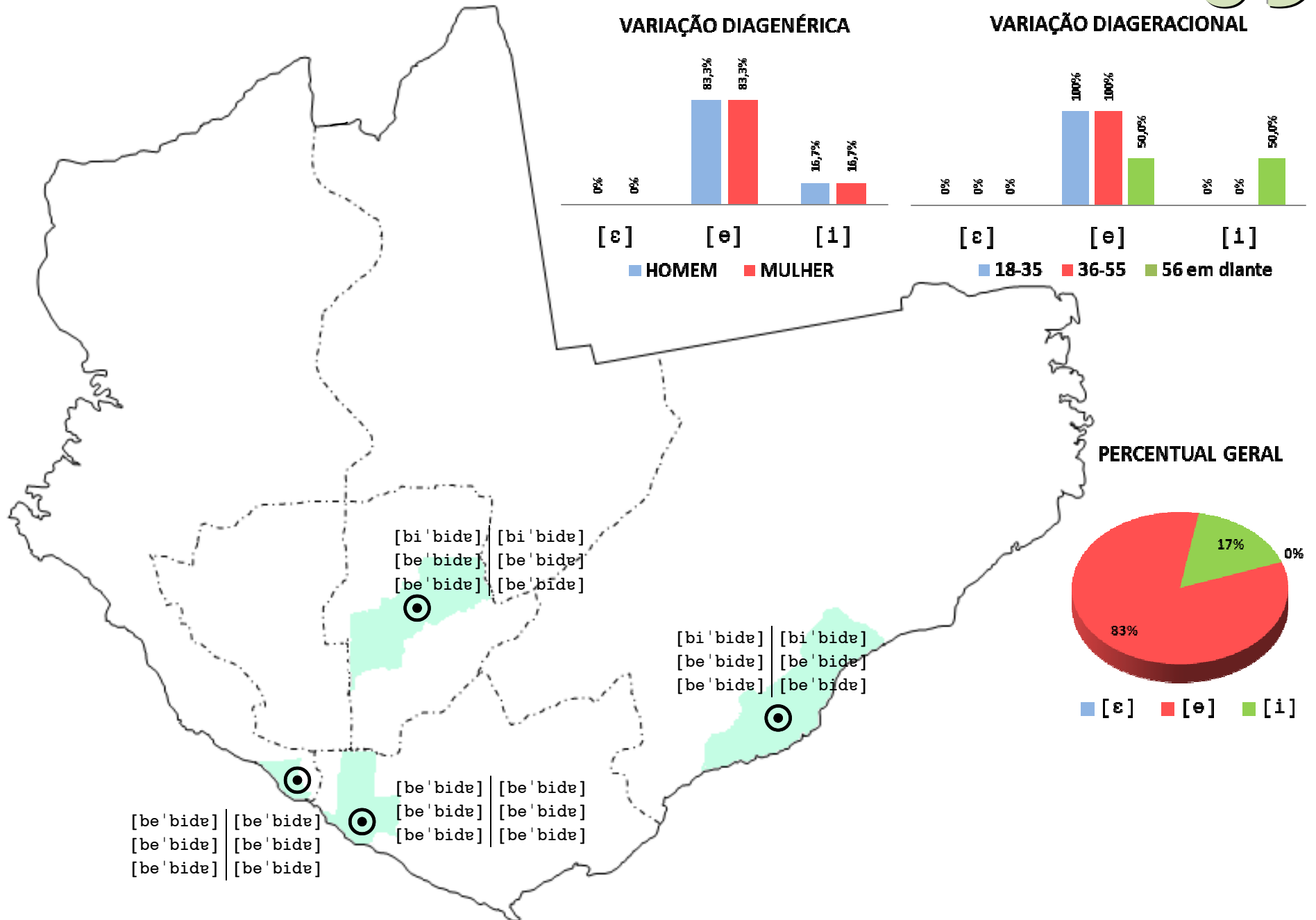


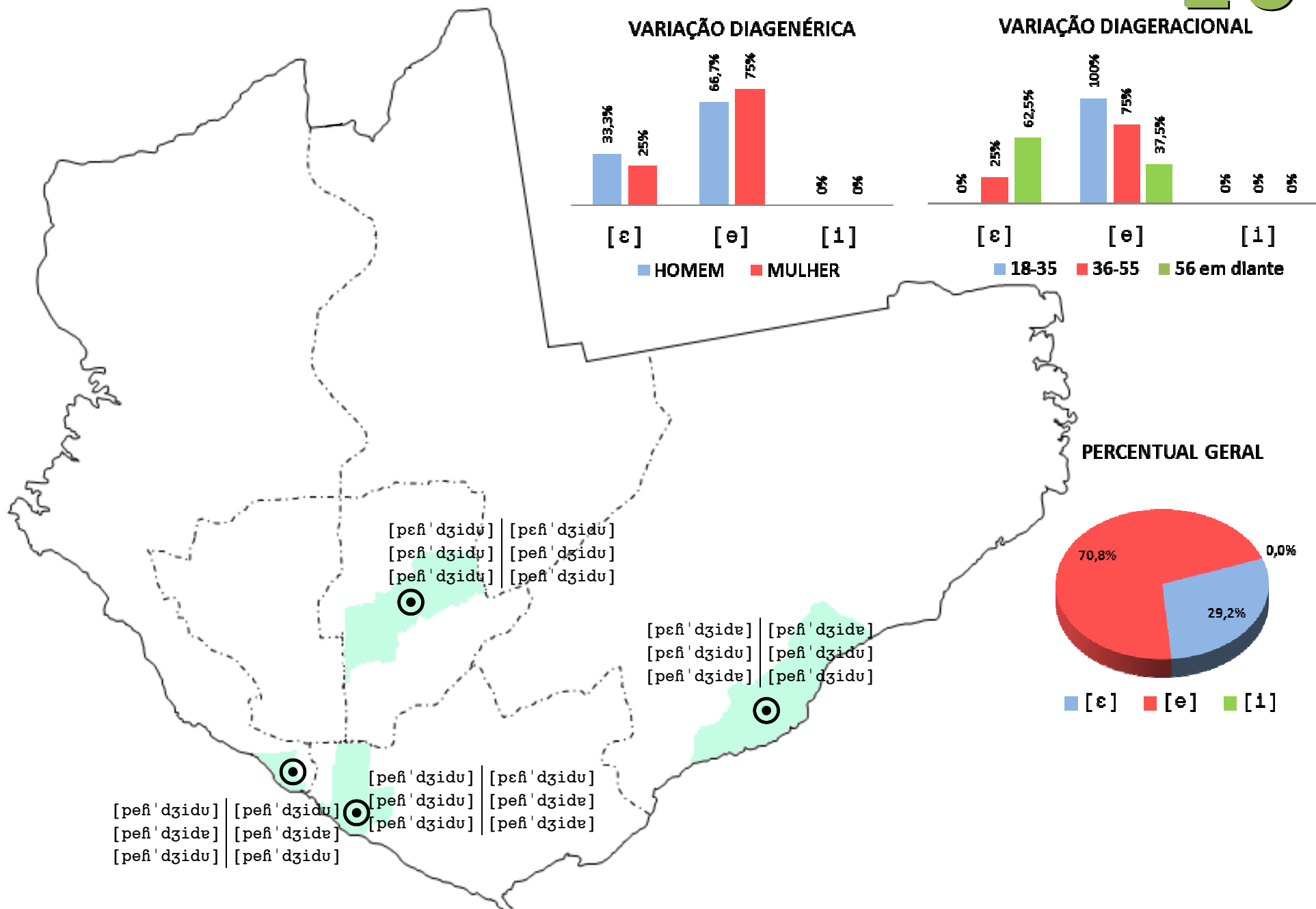
PERCENTUAL GERAL

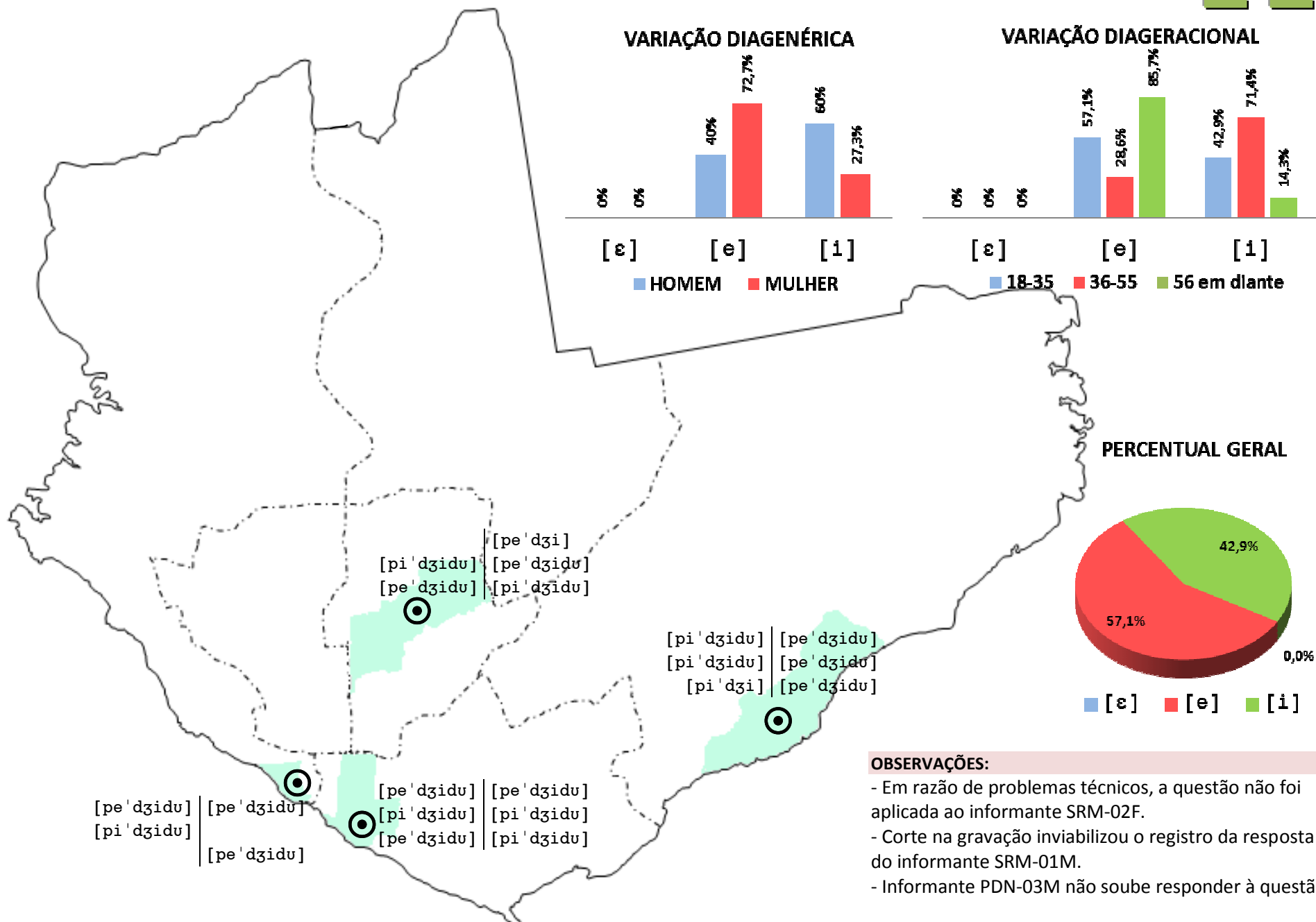


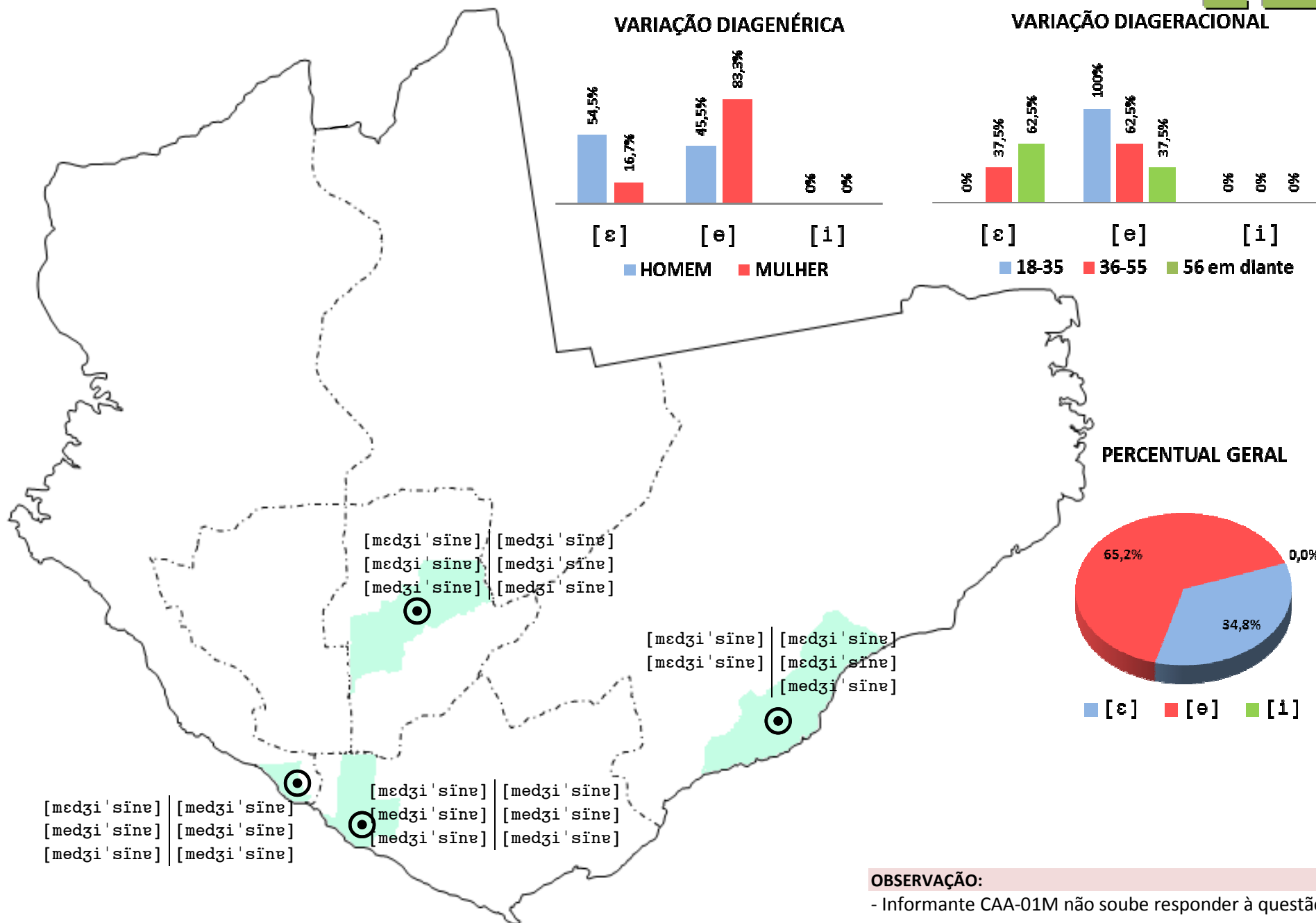
OBSERVAÇÃO:

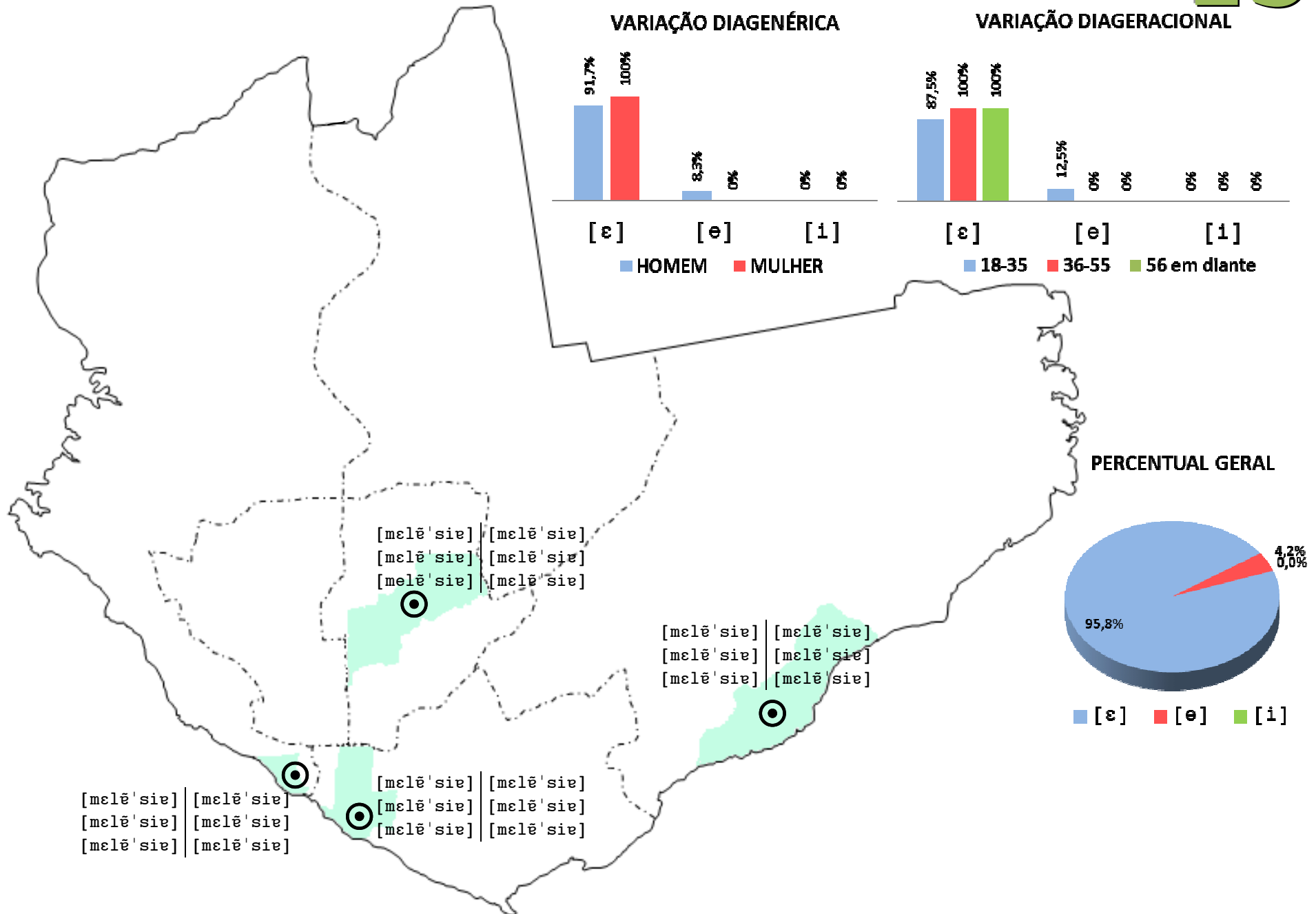
- Não souberam responder à questão os seguintes informantes: SRM-01M, SRM-02M, CEN-03F, CAA-02M e CAA-02F.

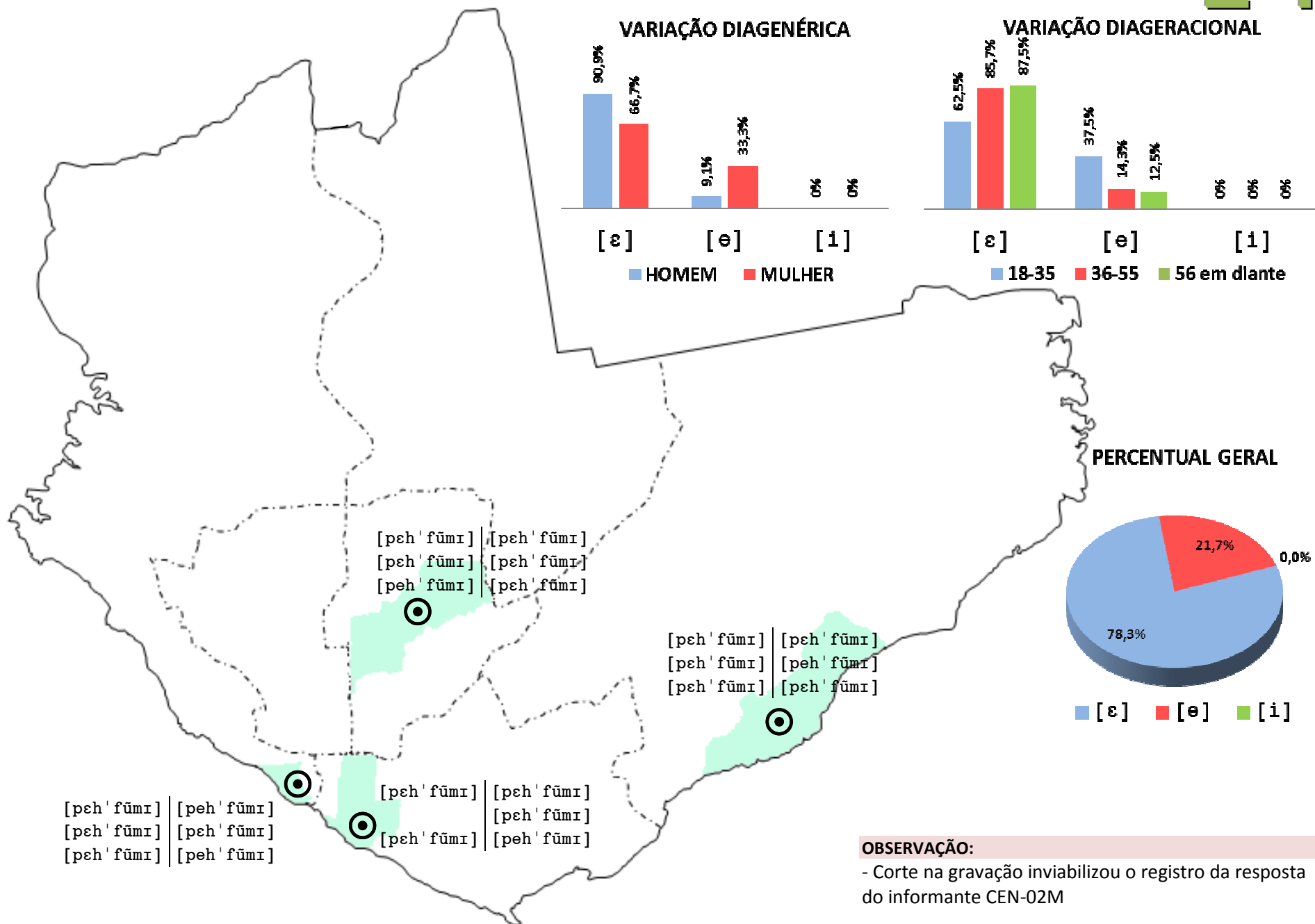


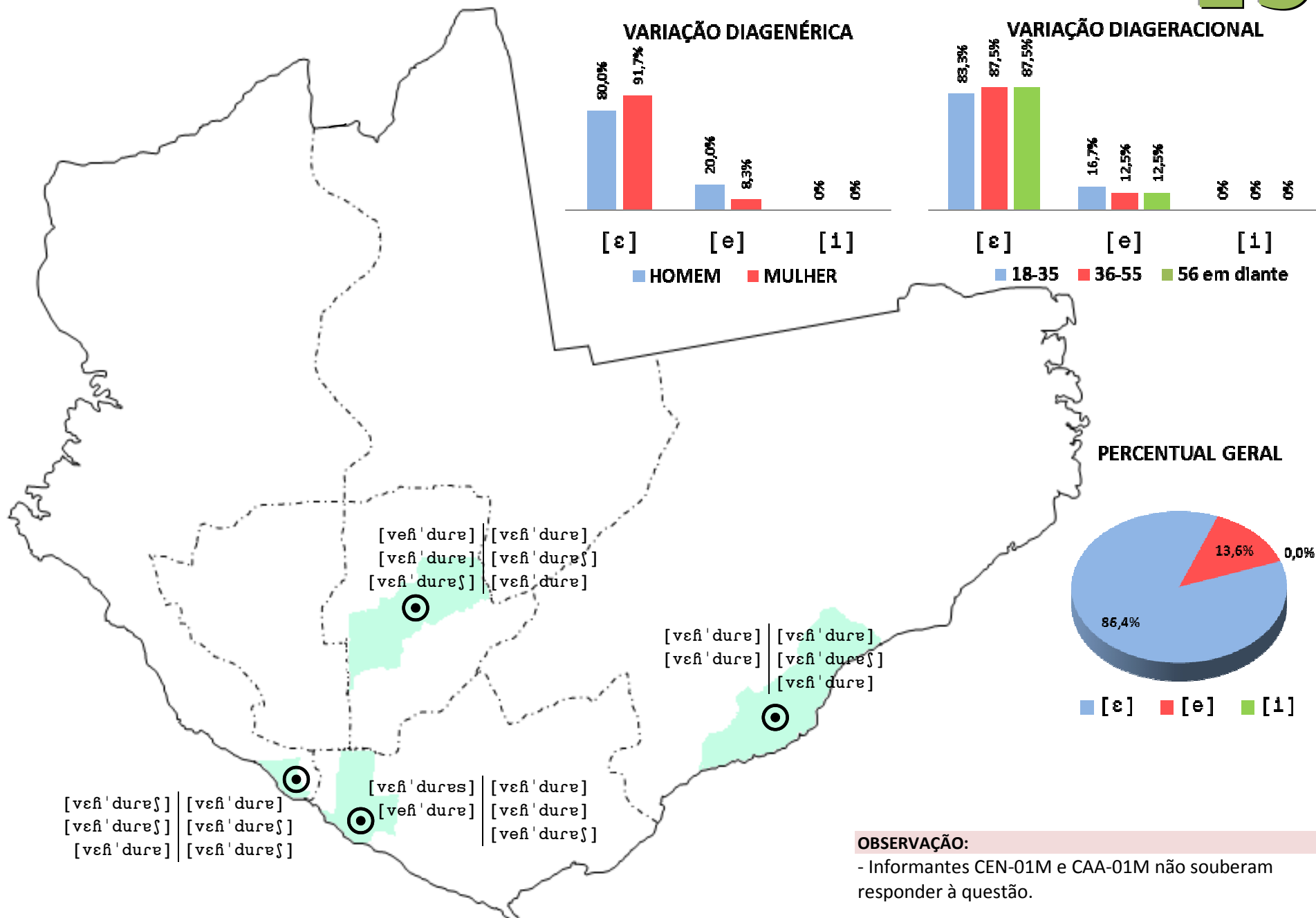


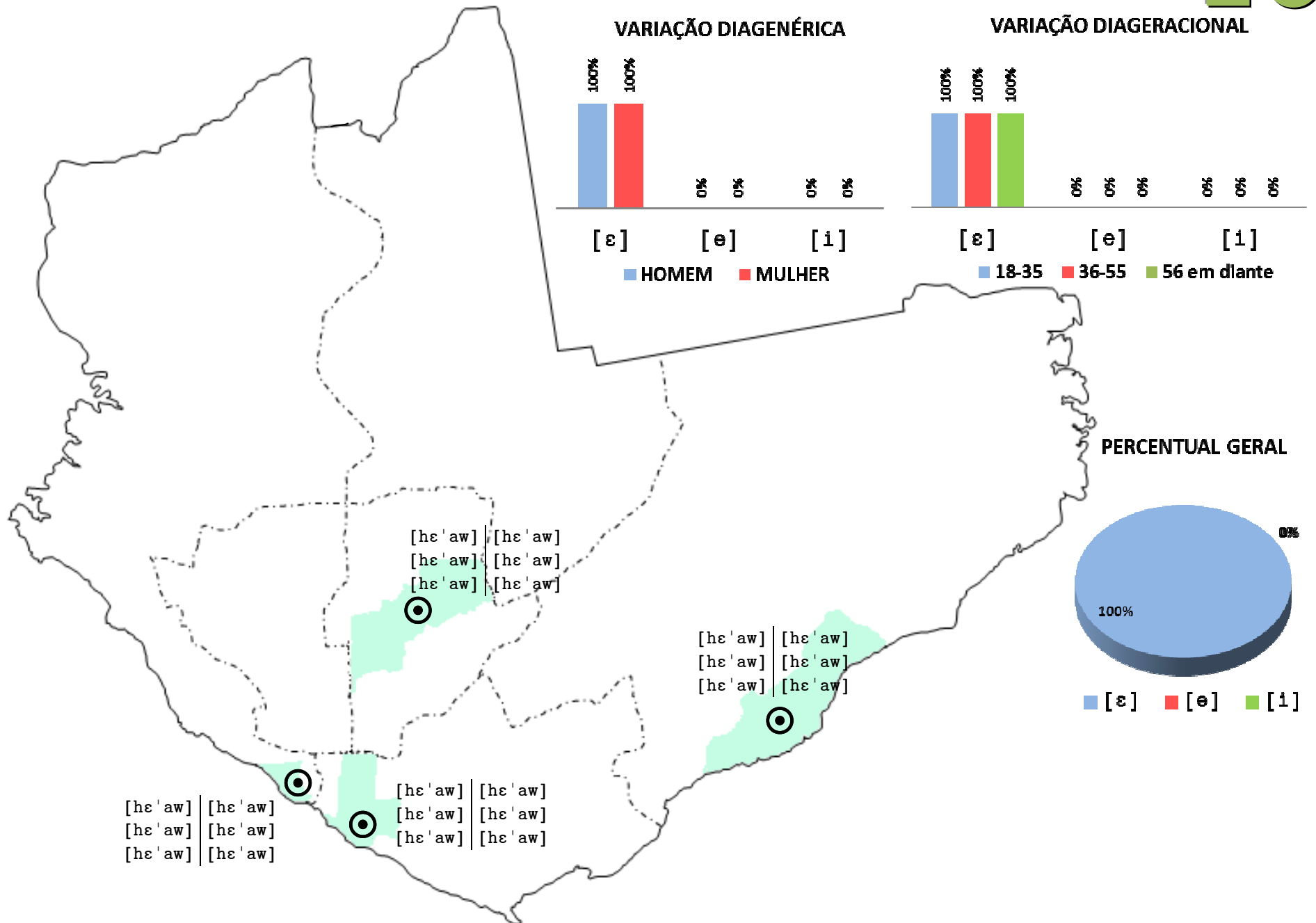


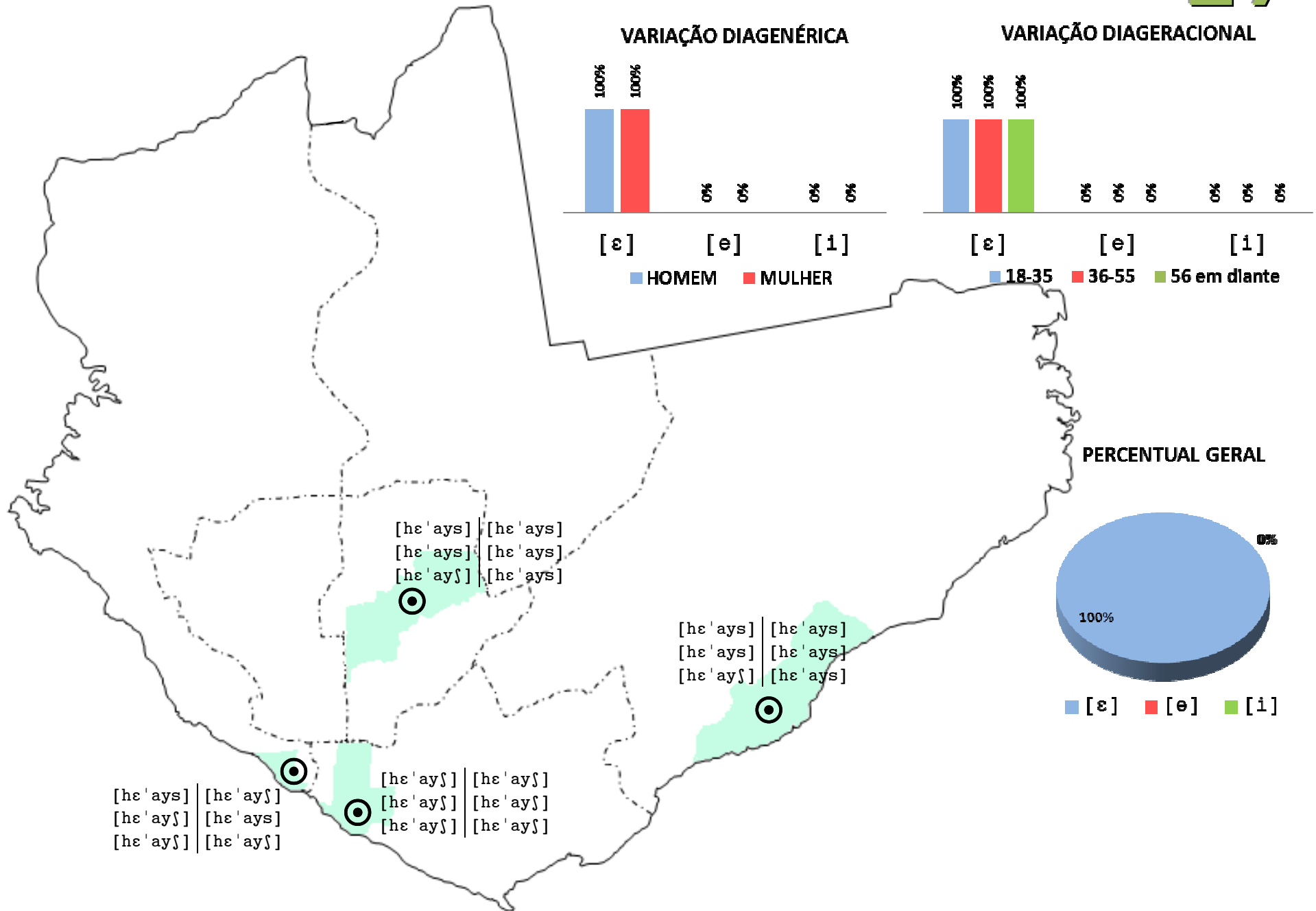


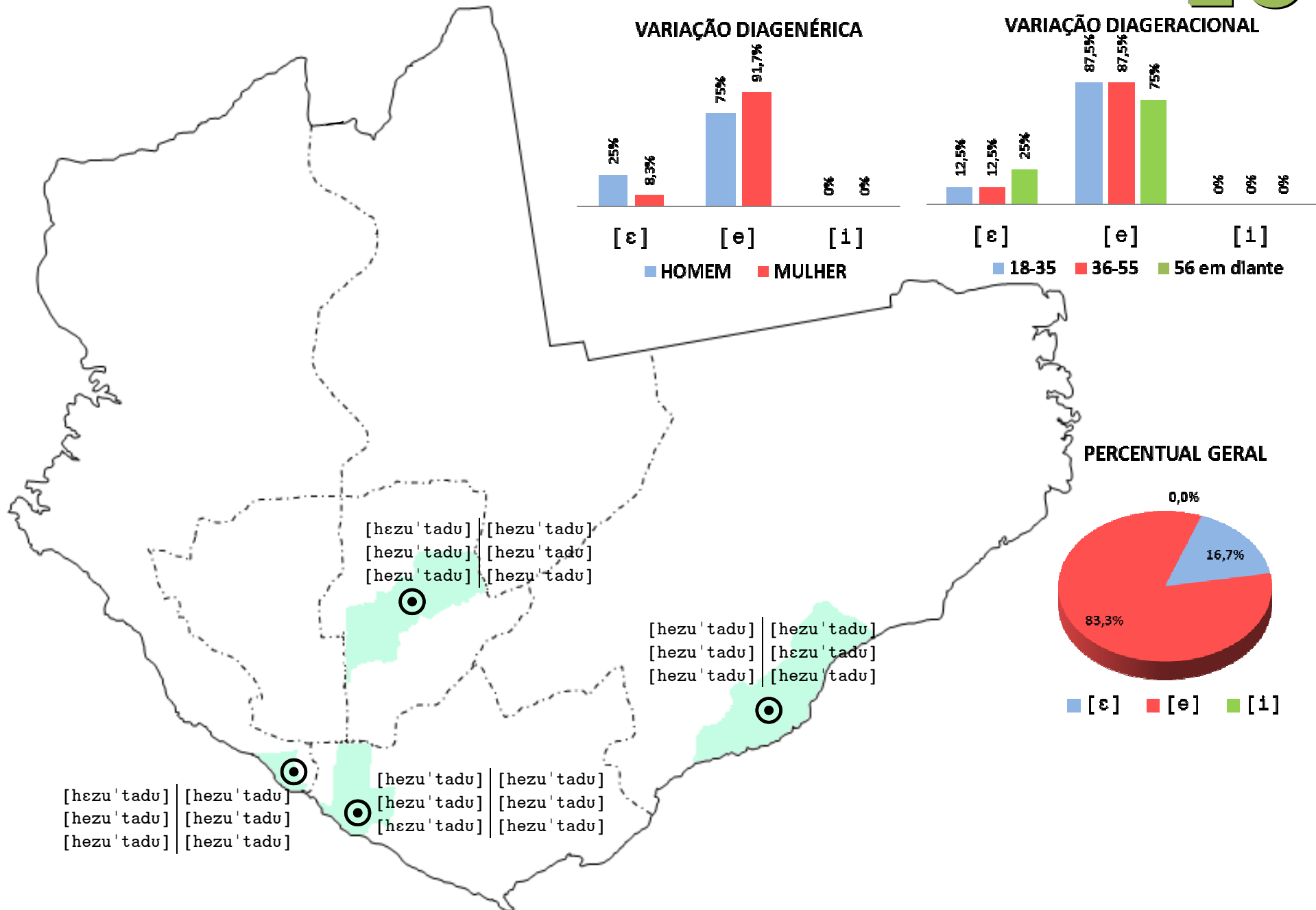


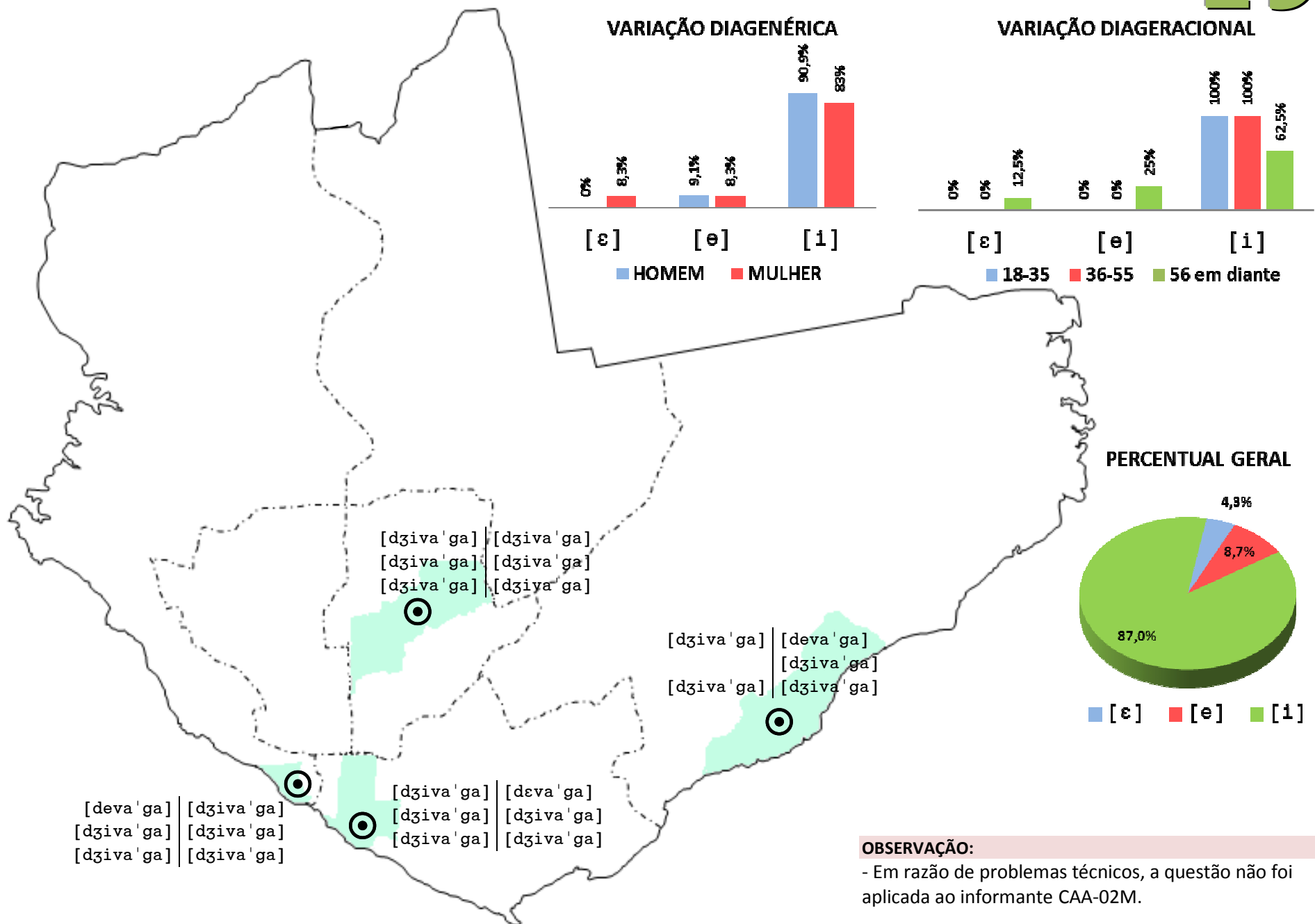


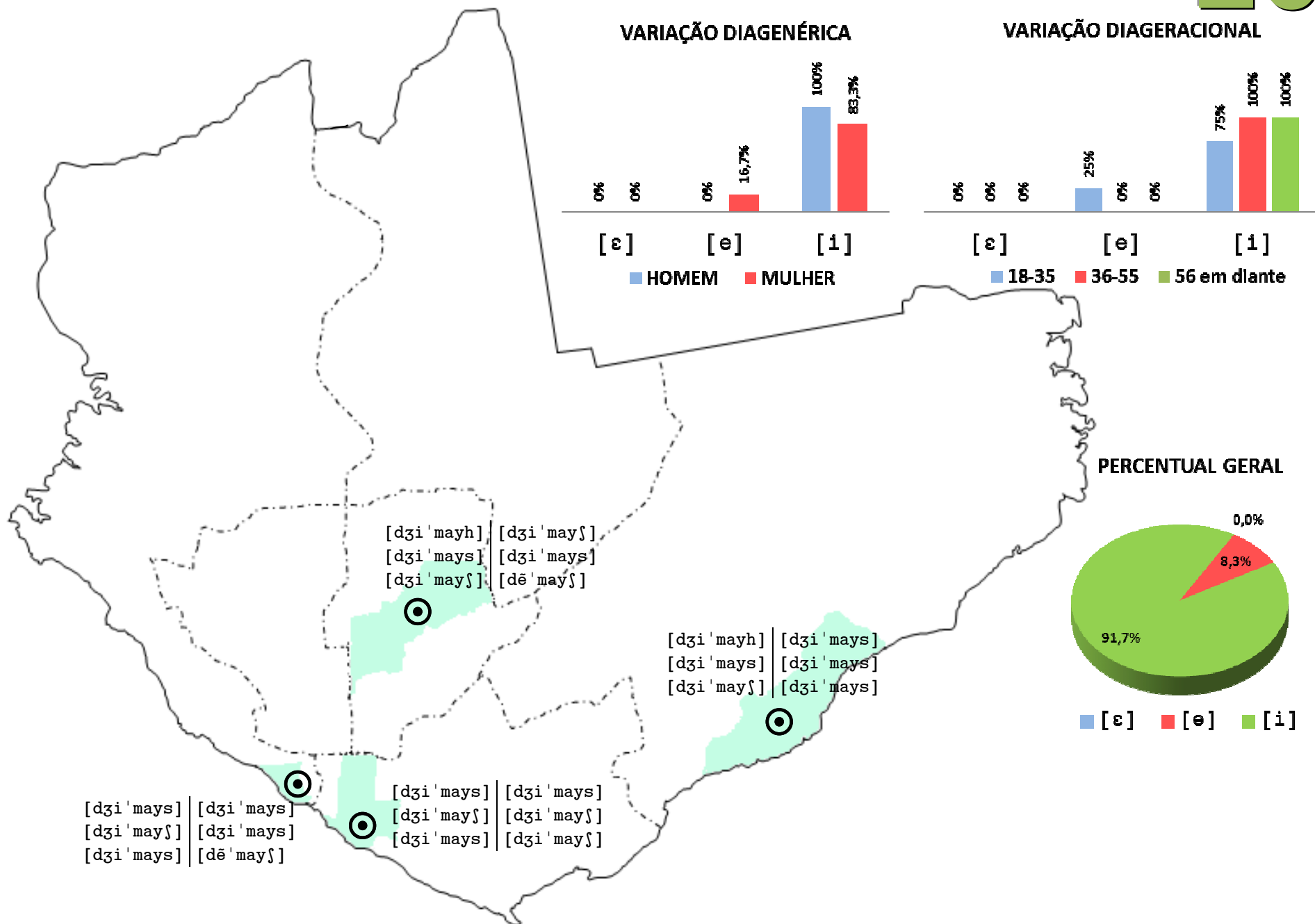


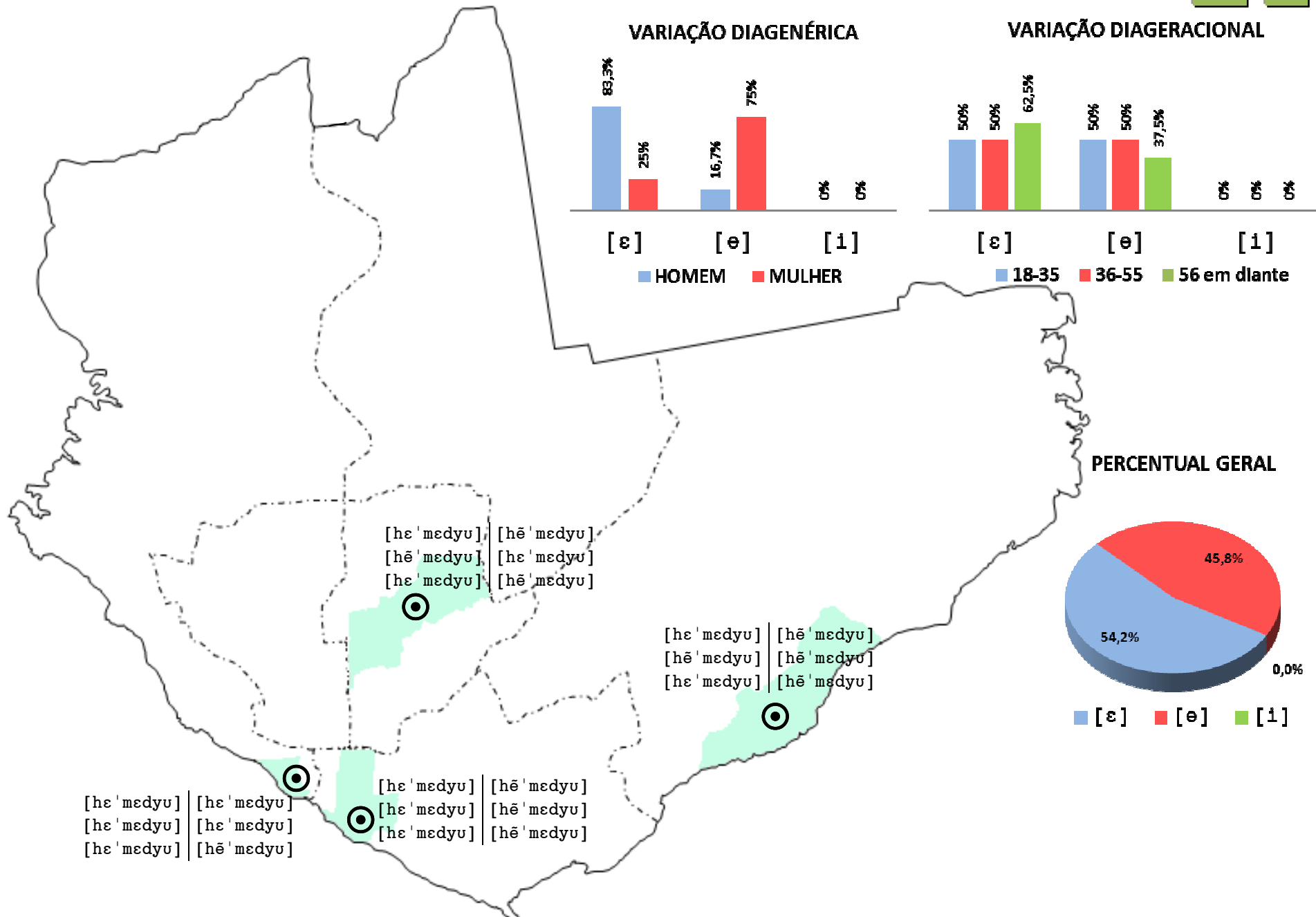


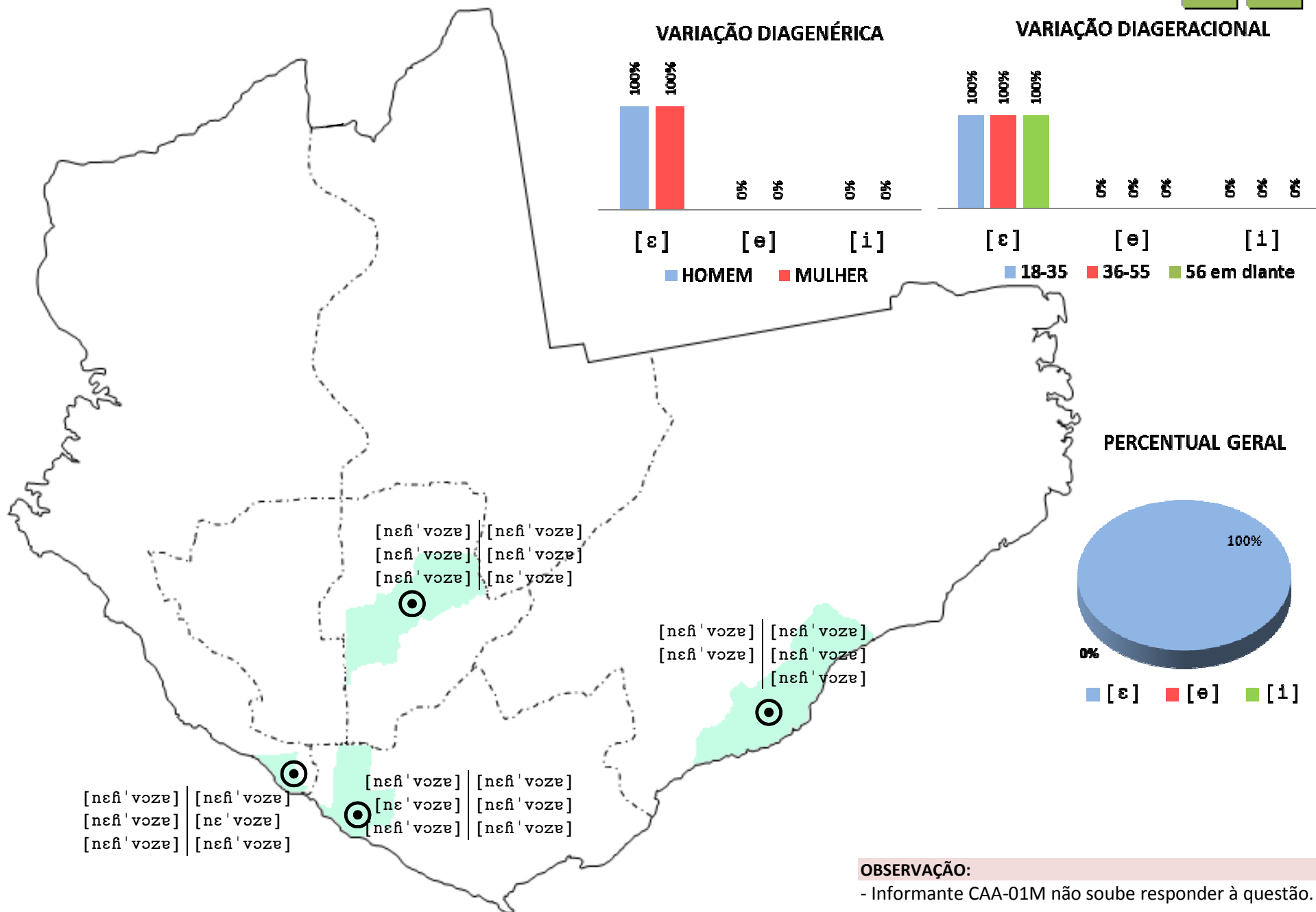




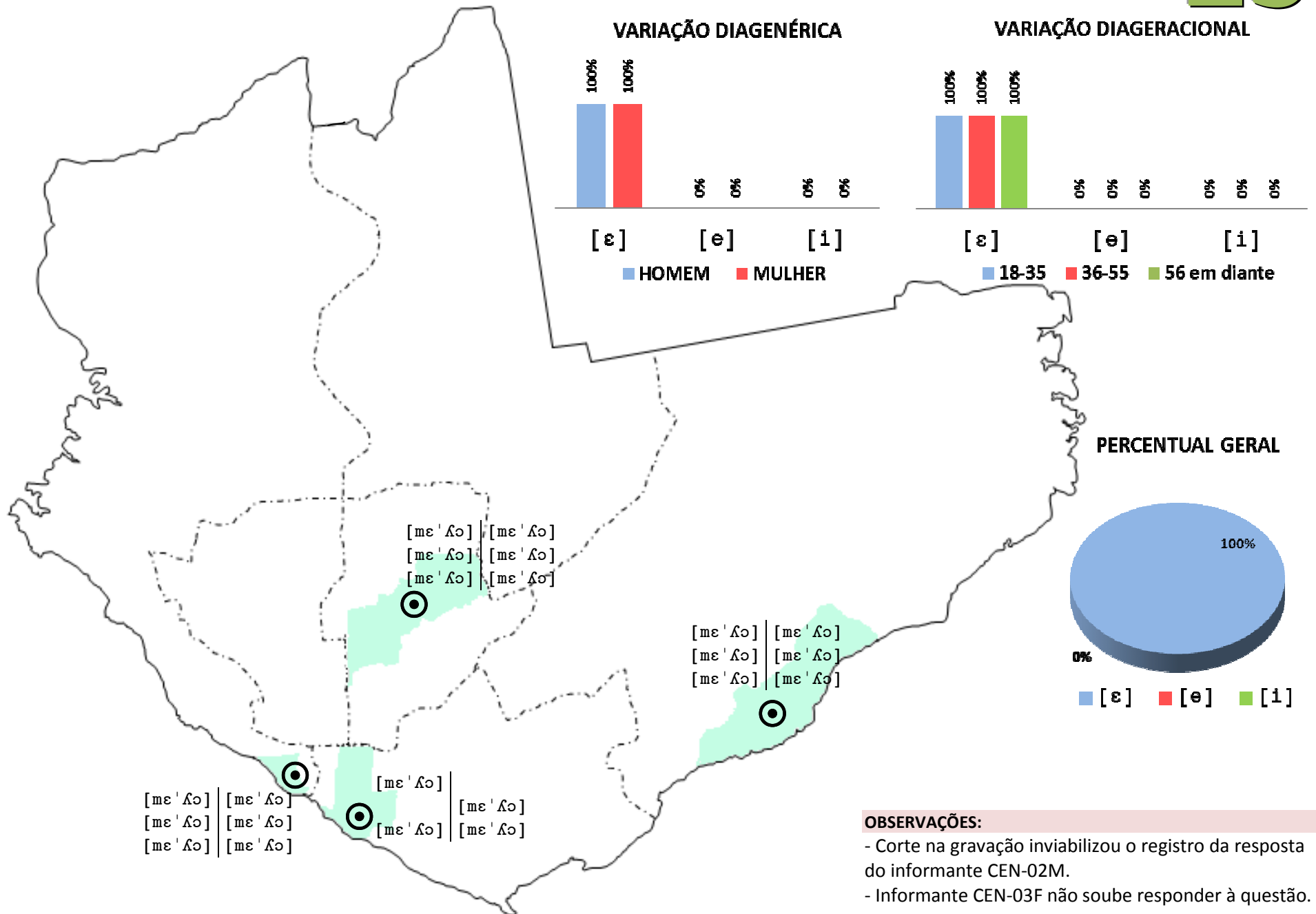


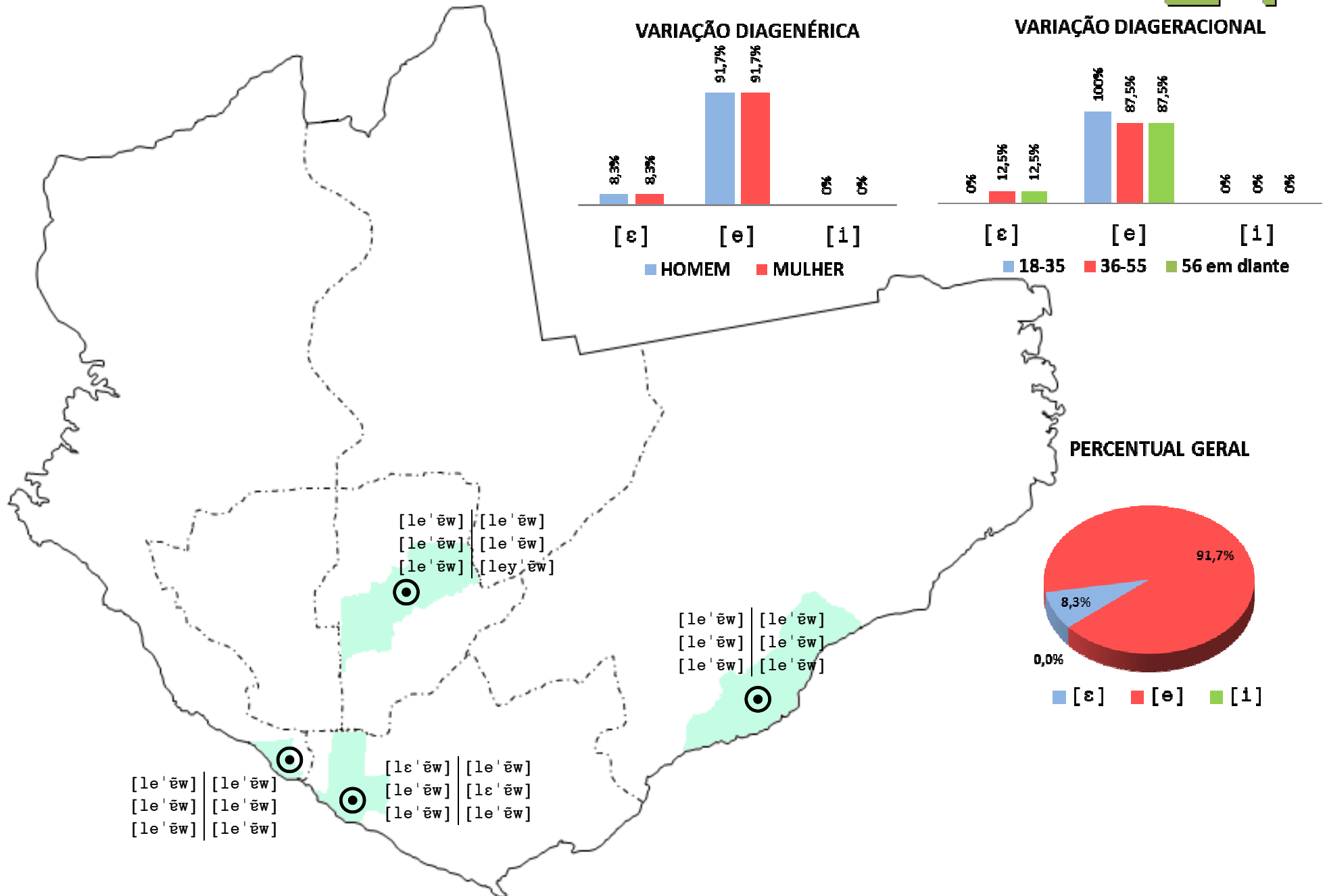


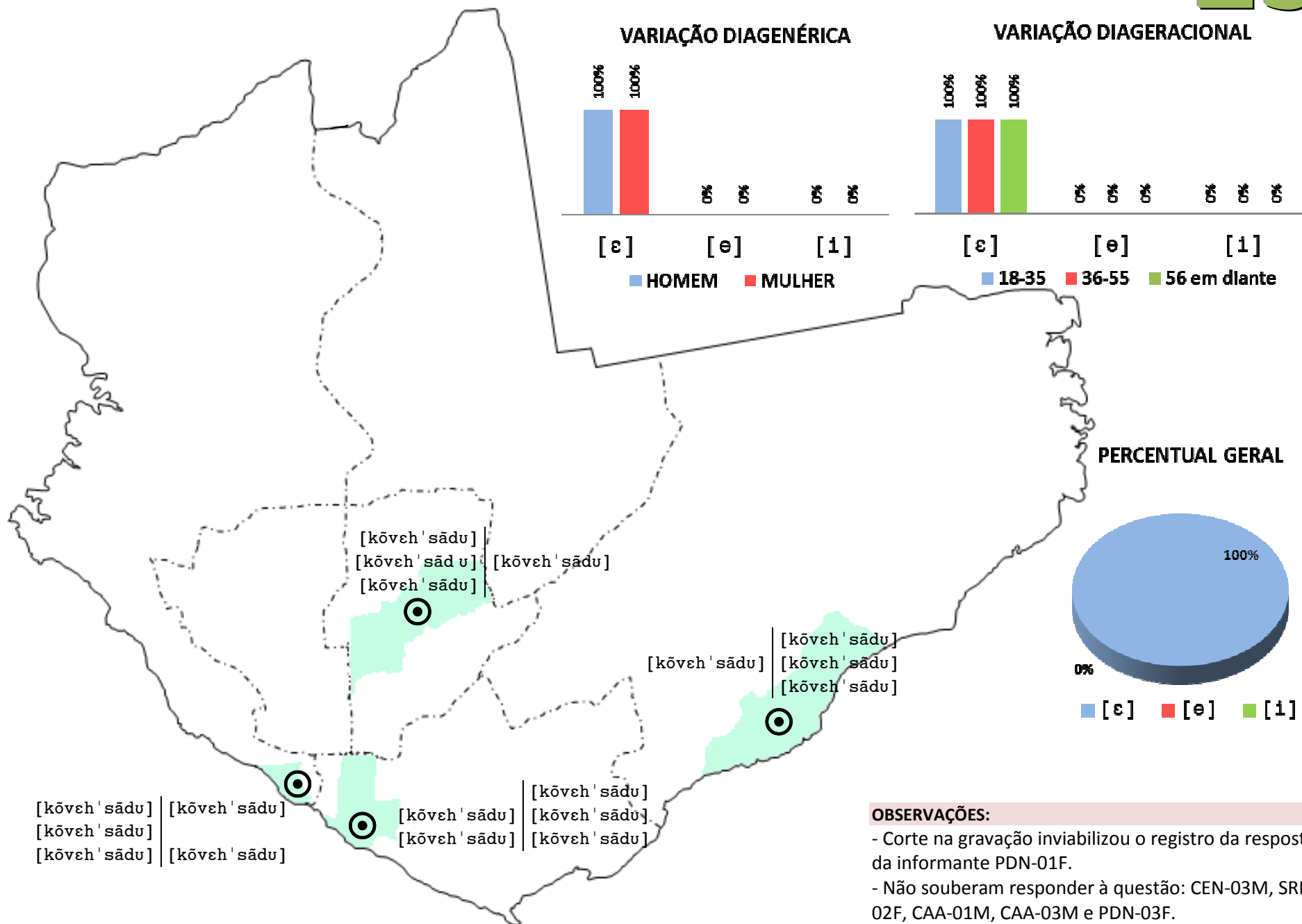


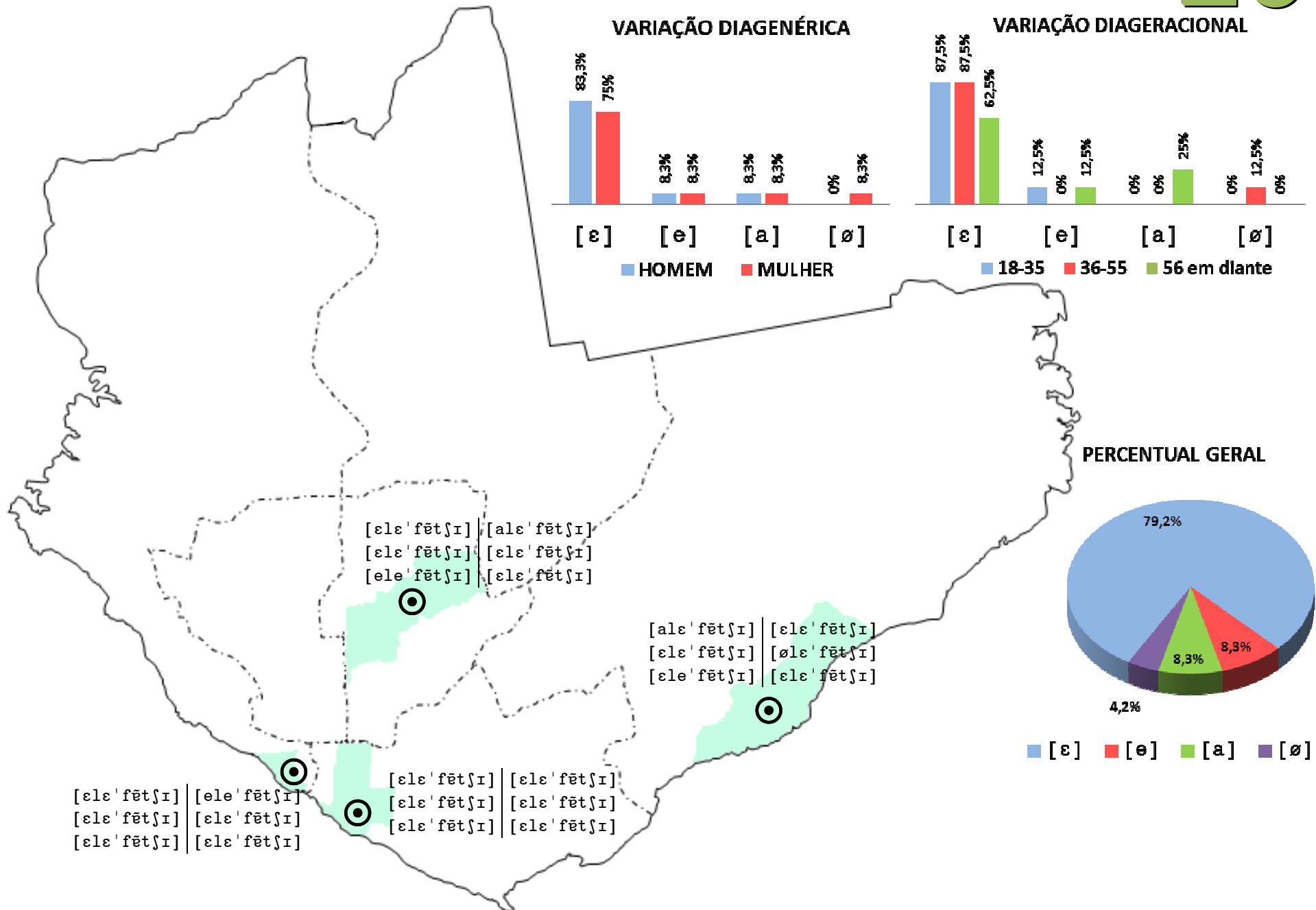


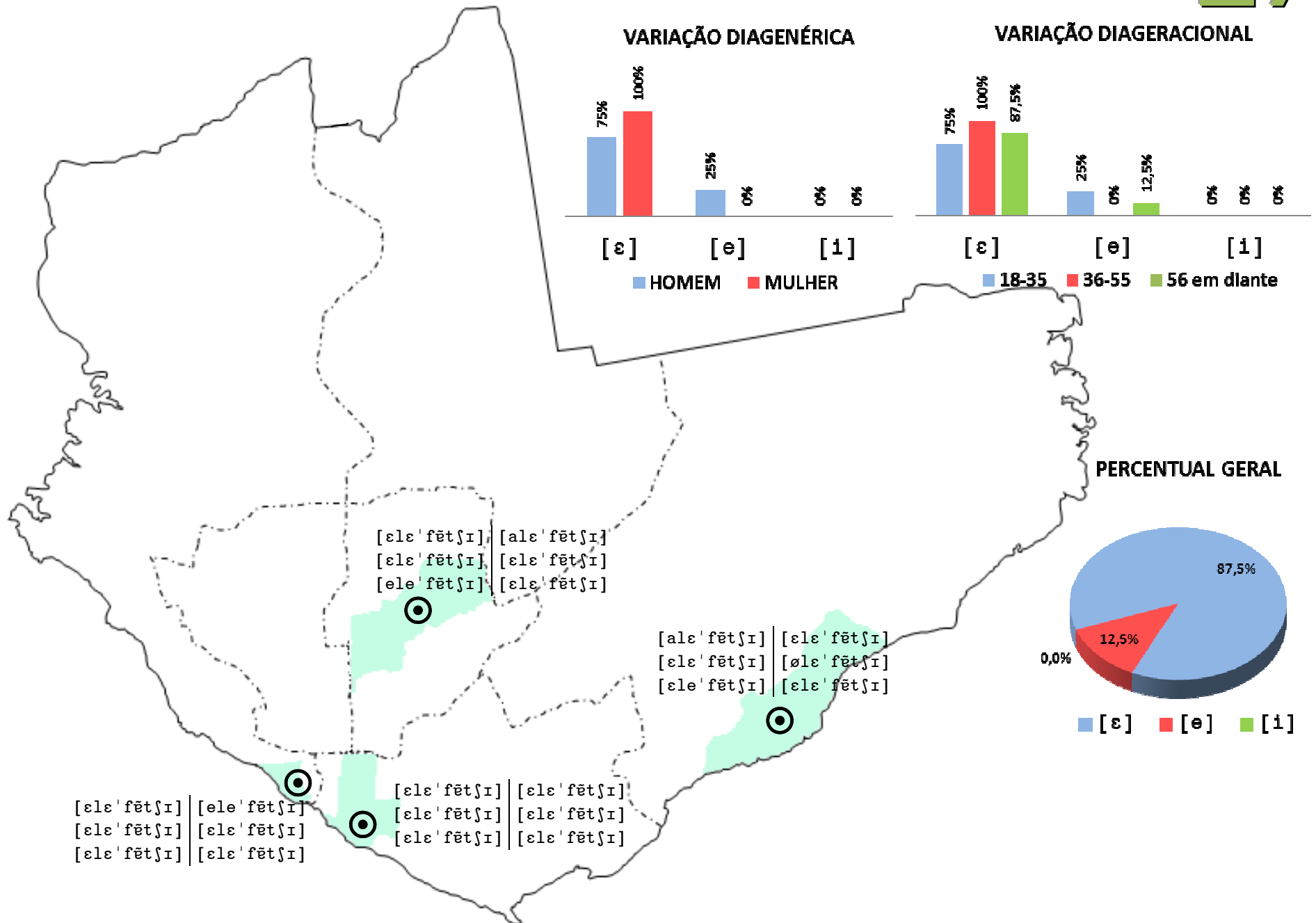
OBSERVAÇÃO:
- Informante CAA-01M não soube responder à questão.

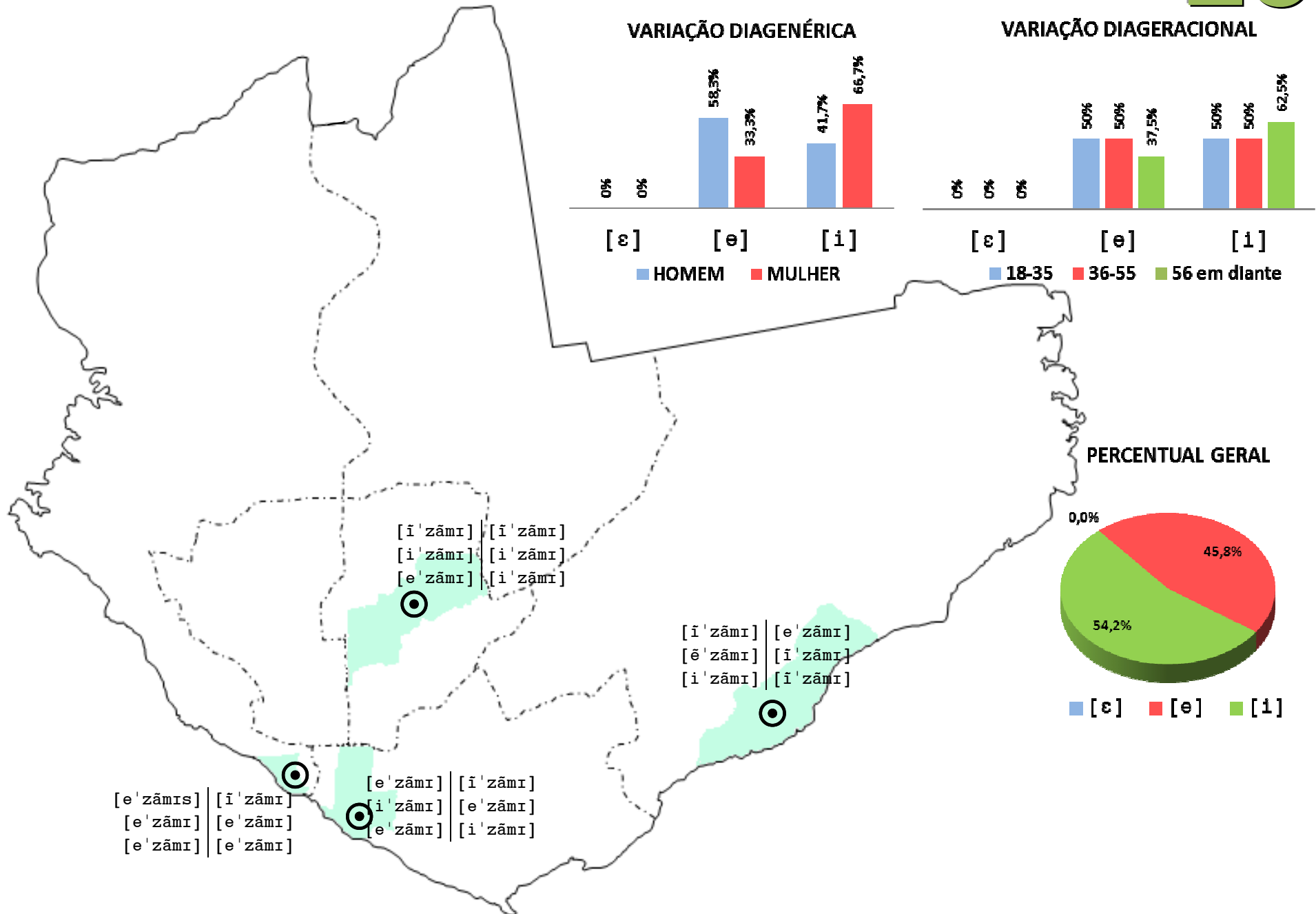


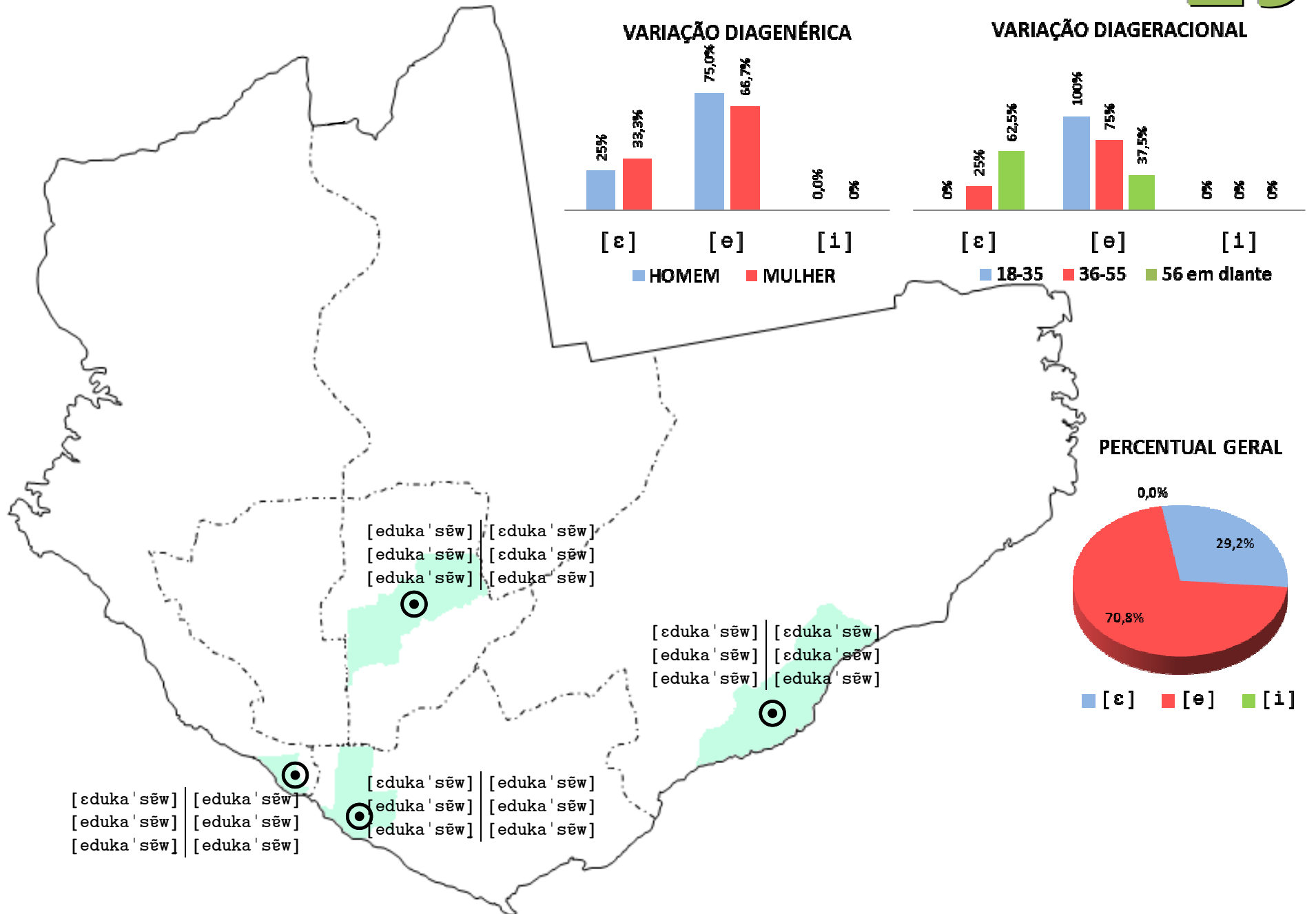


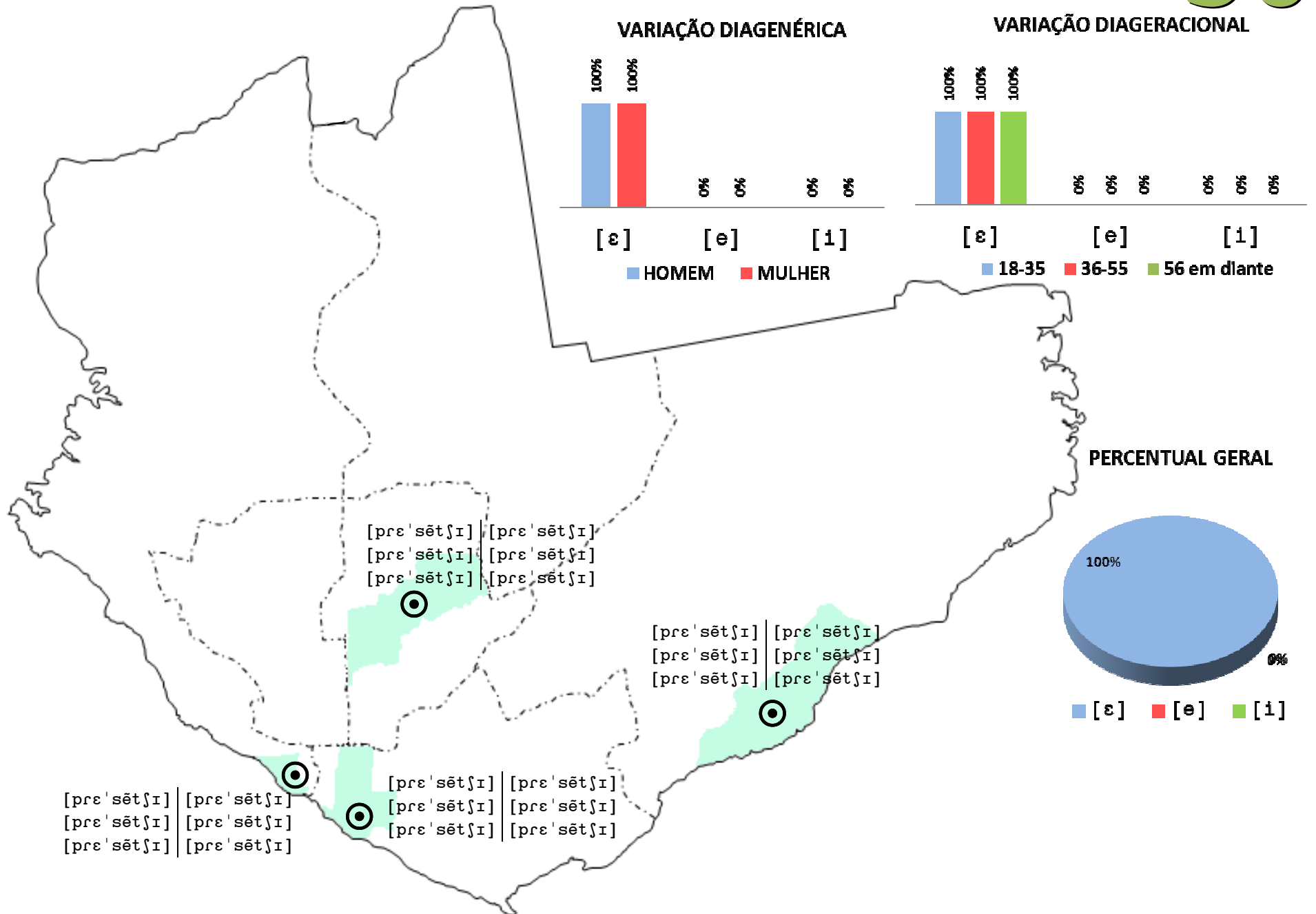


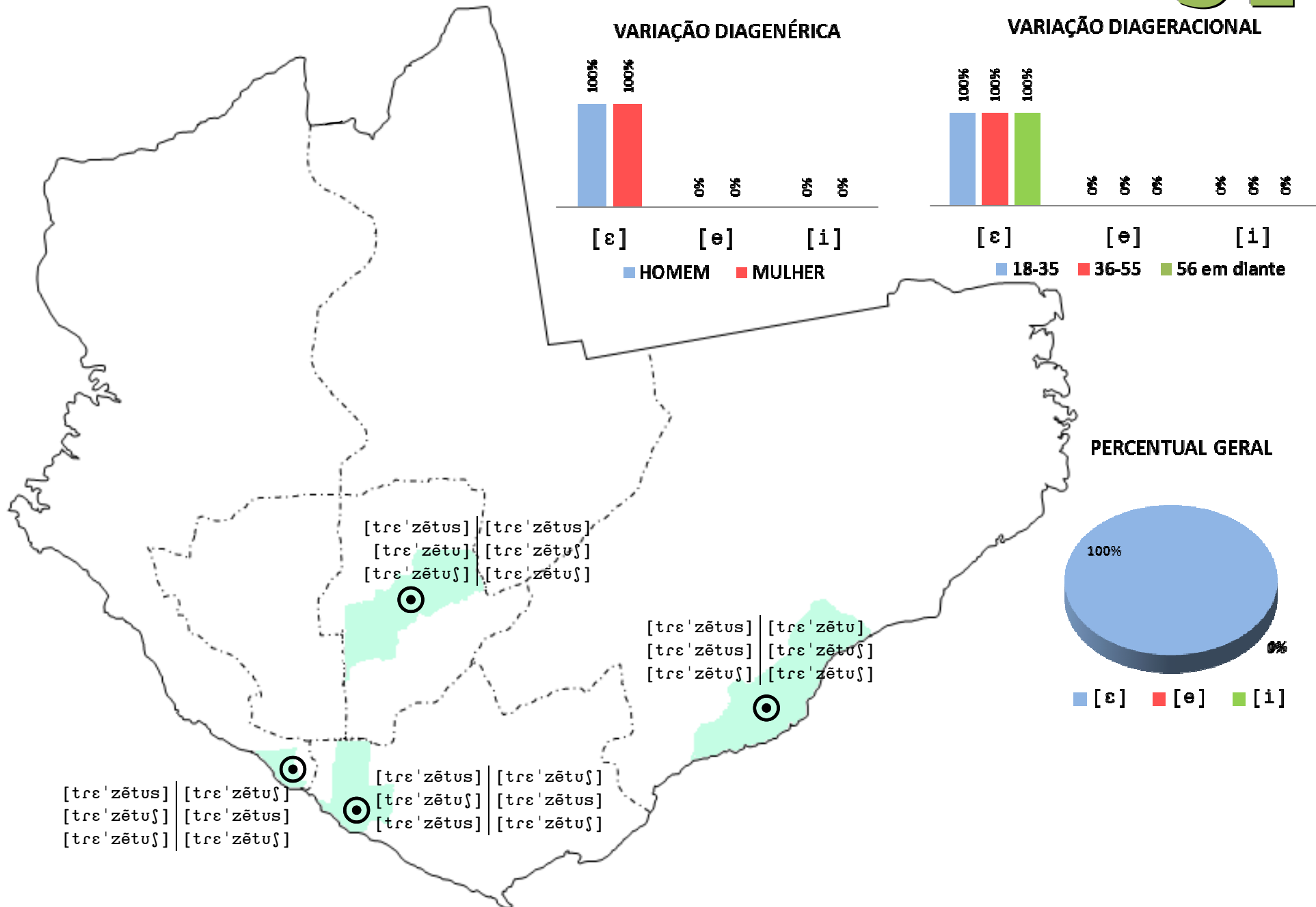


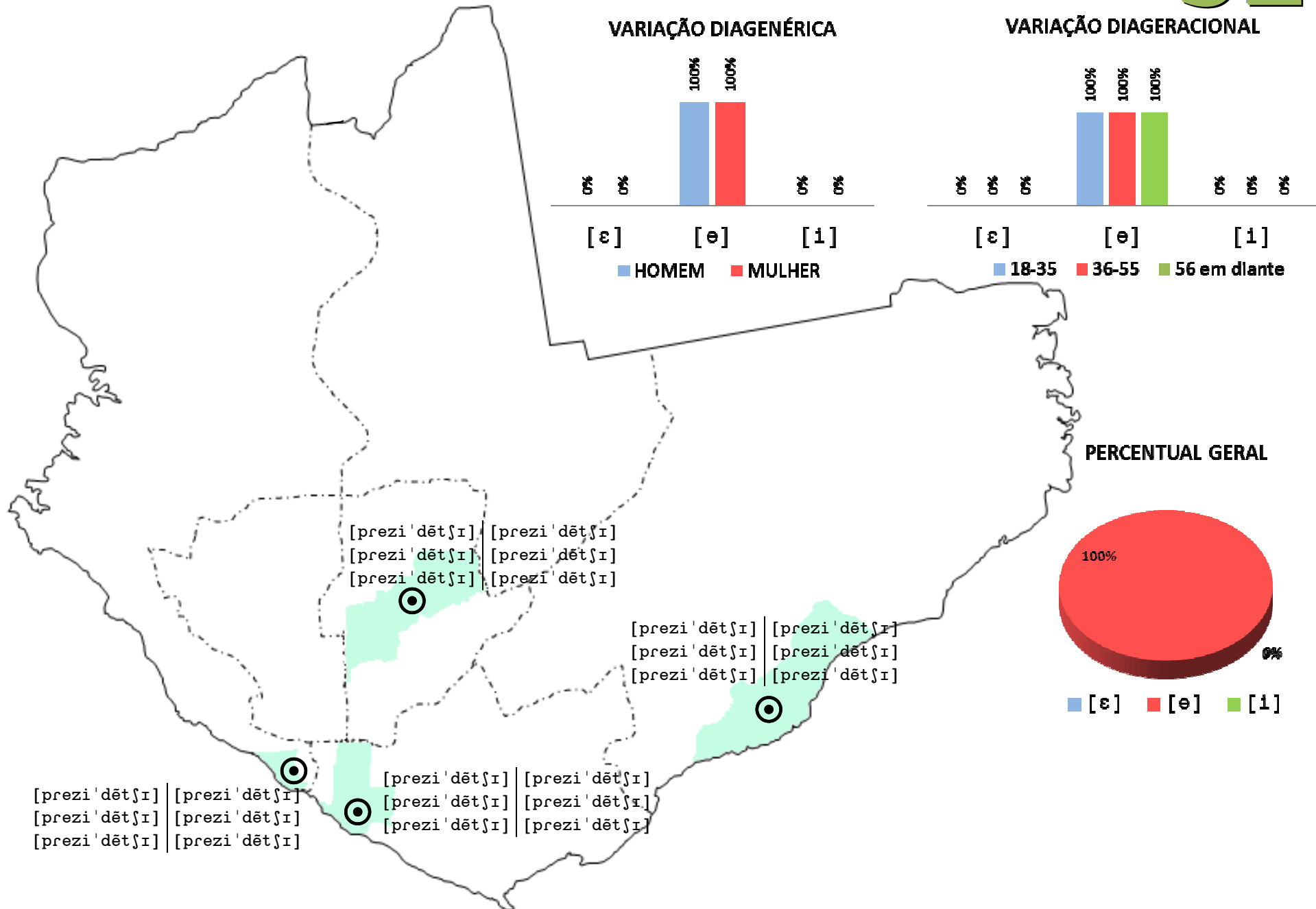


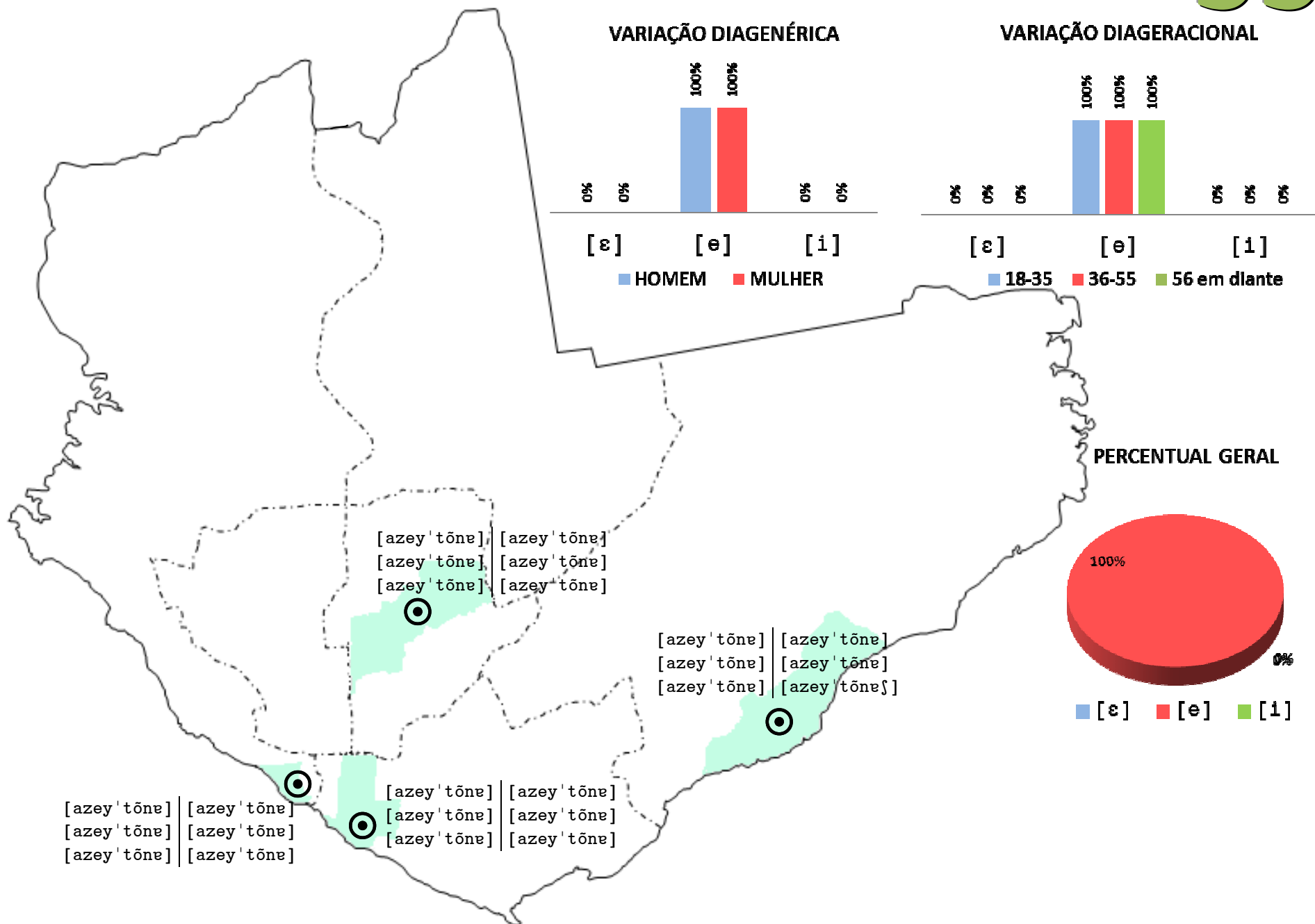


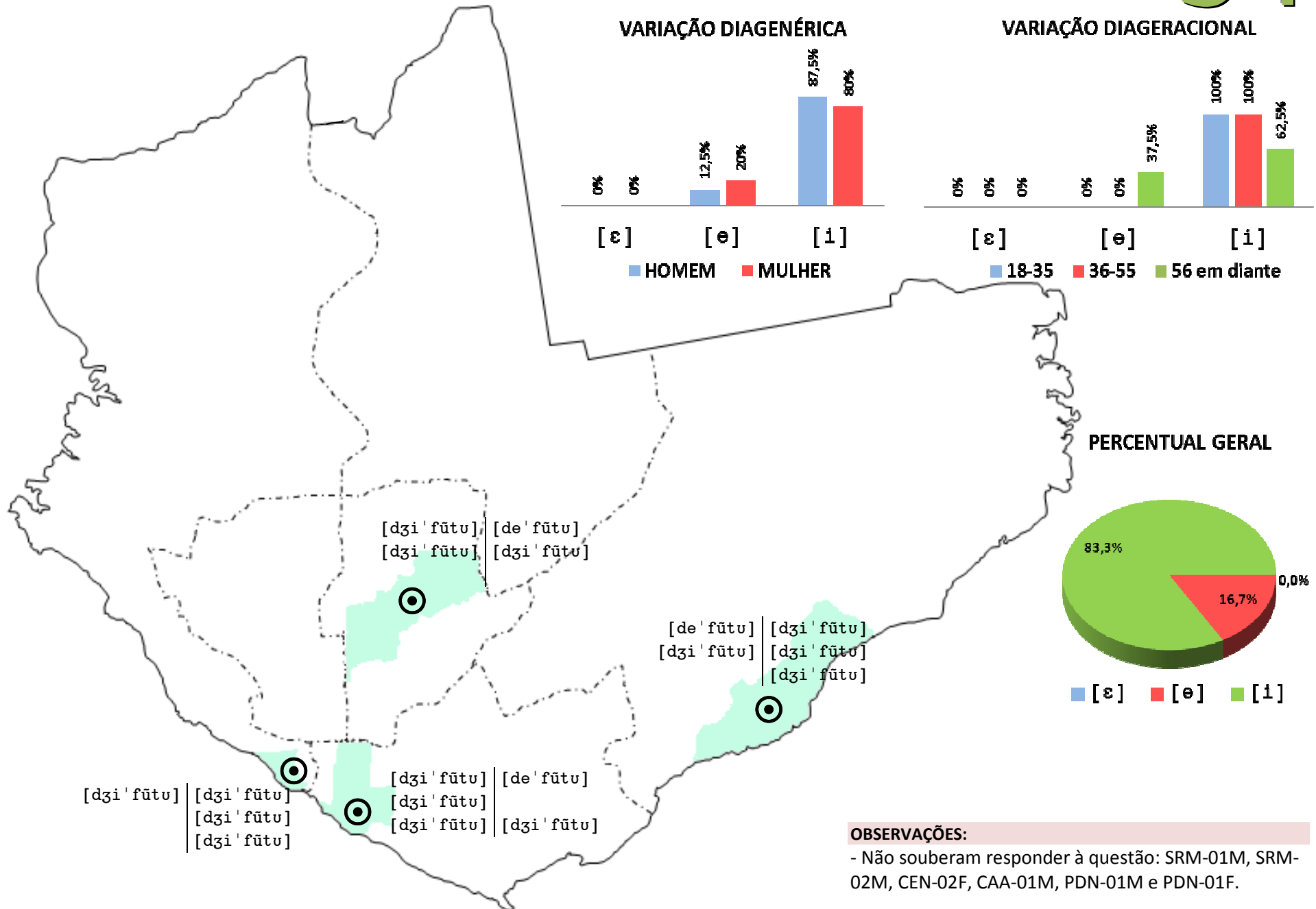


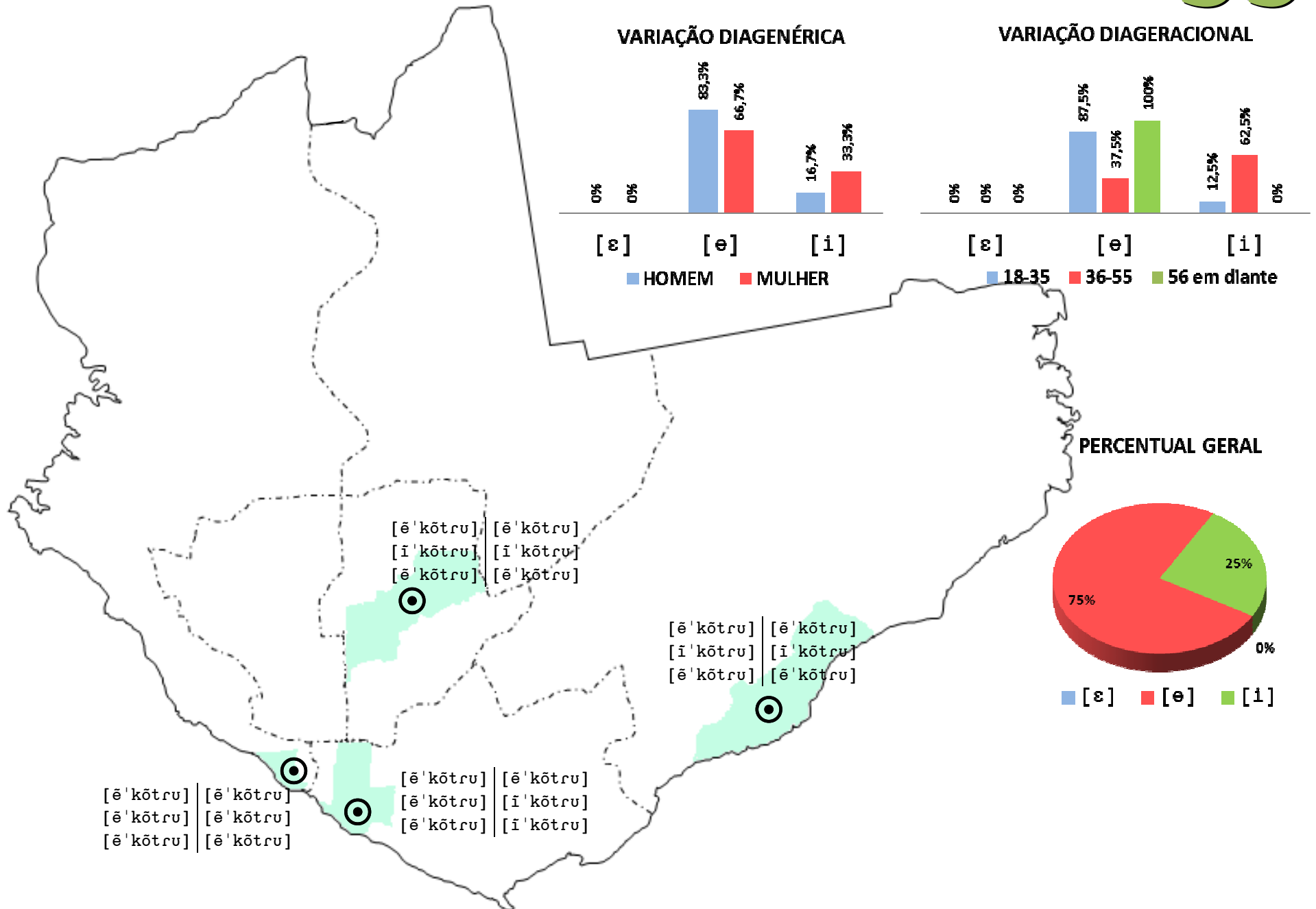


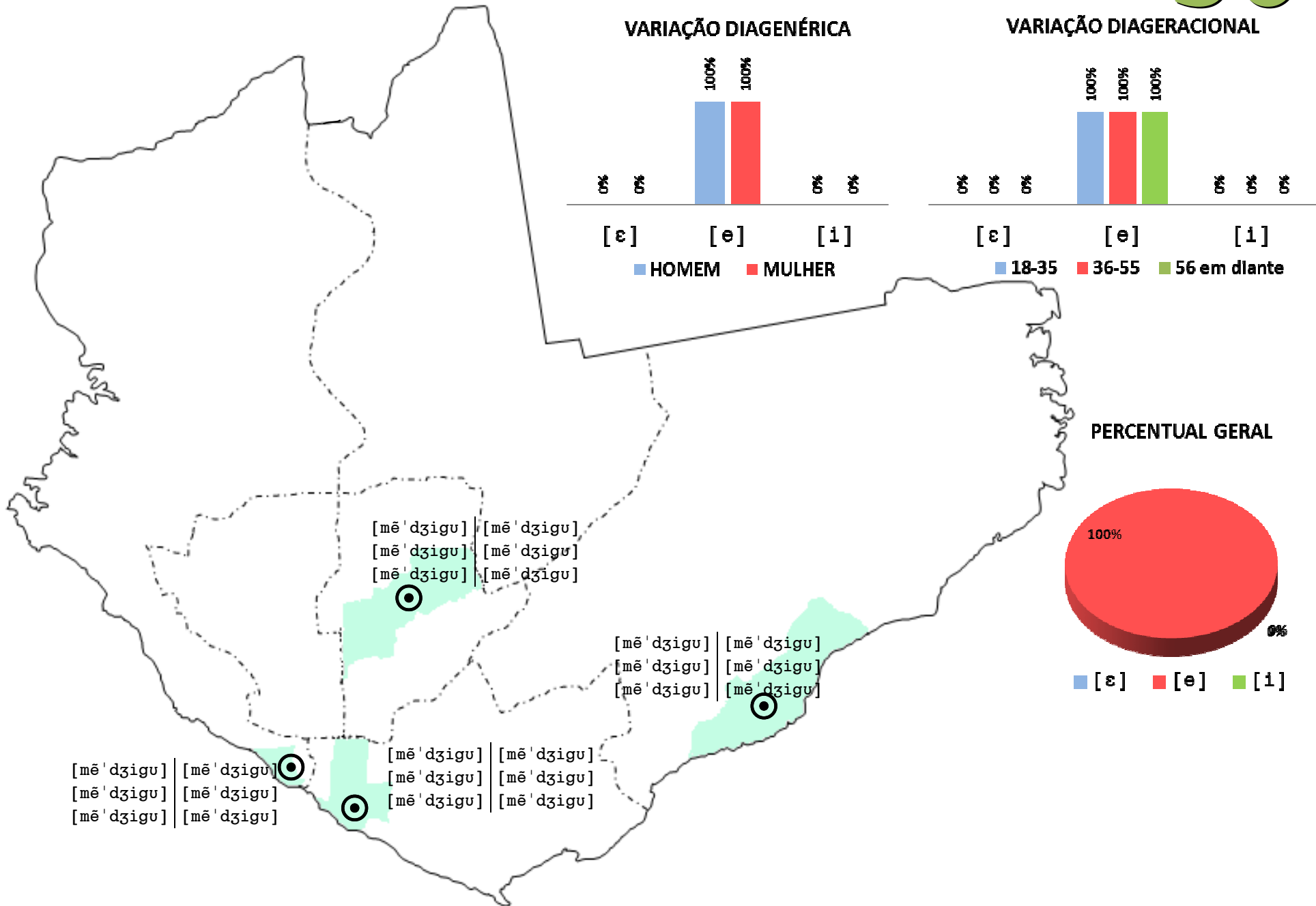


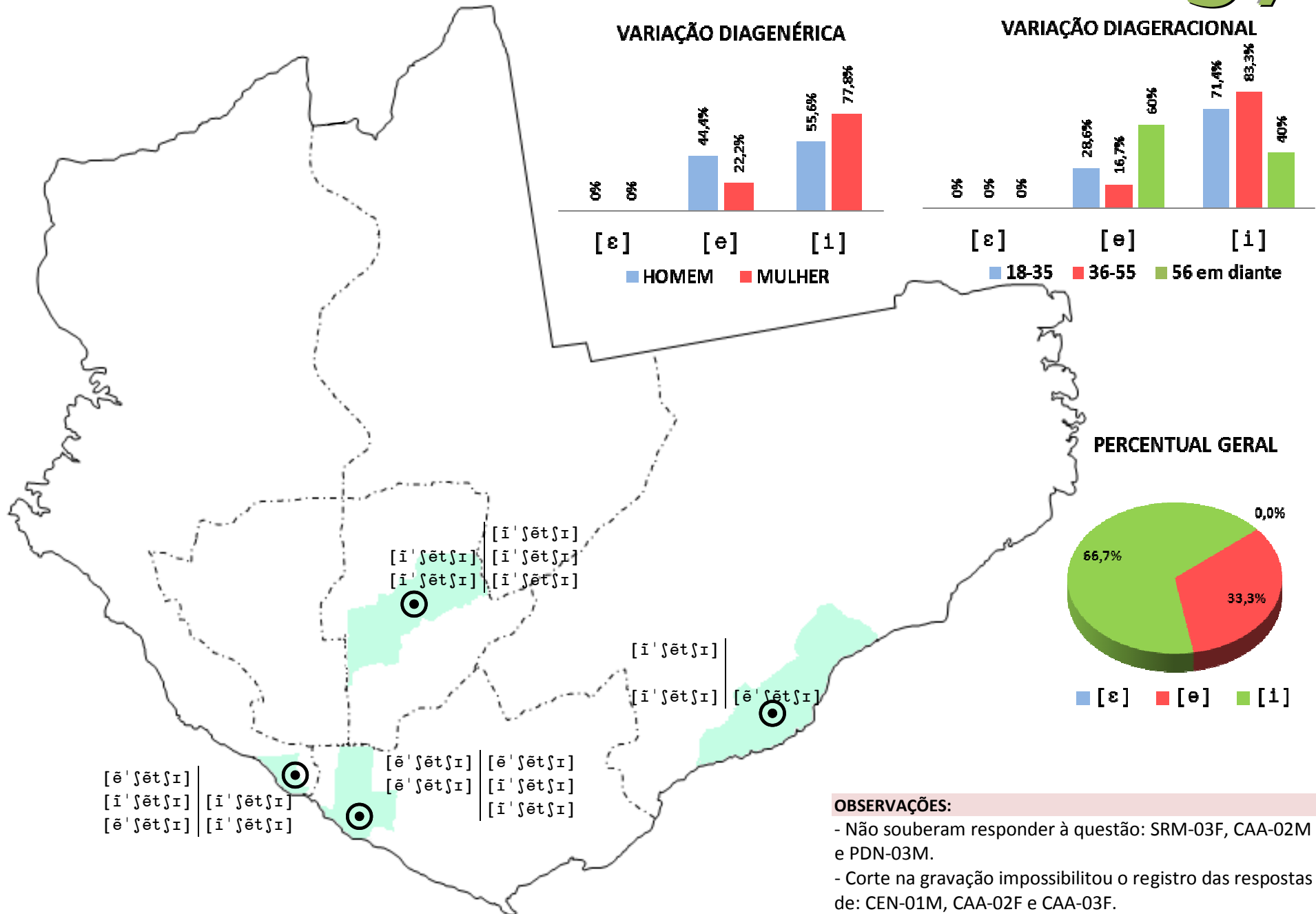


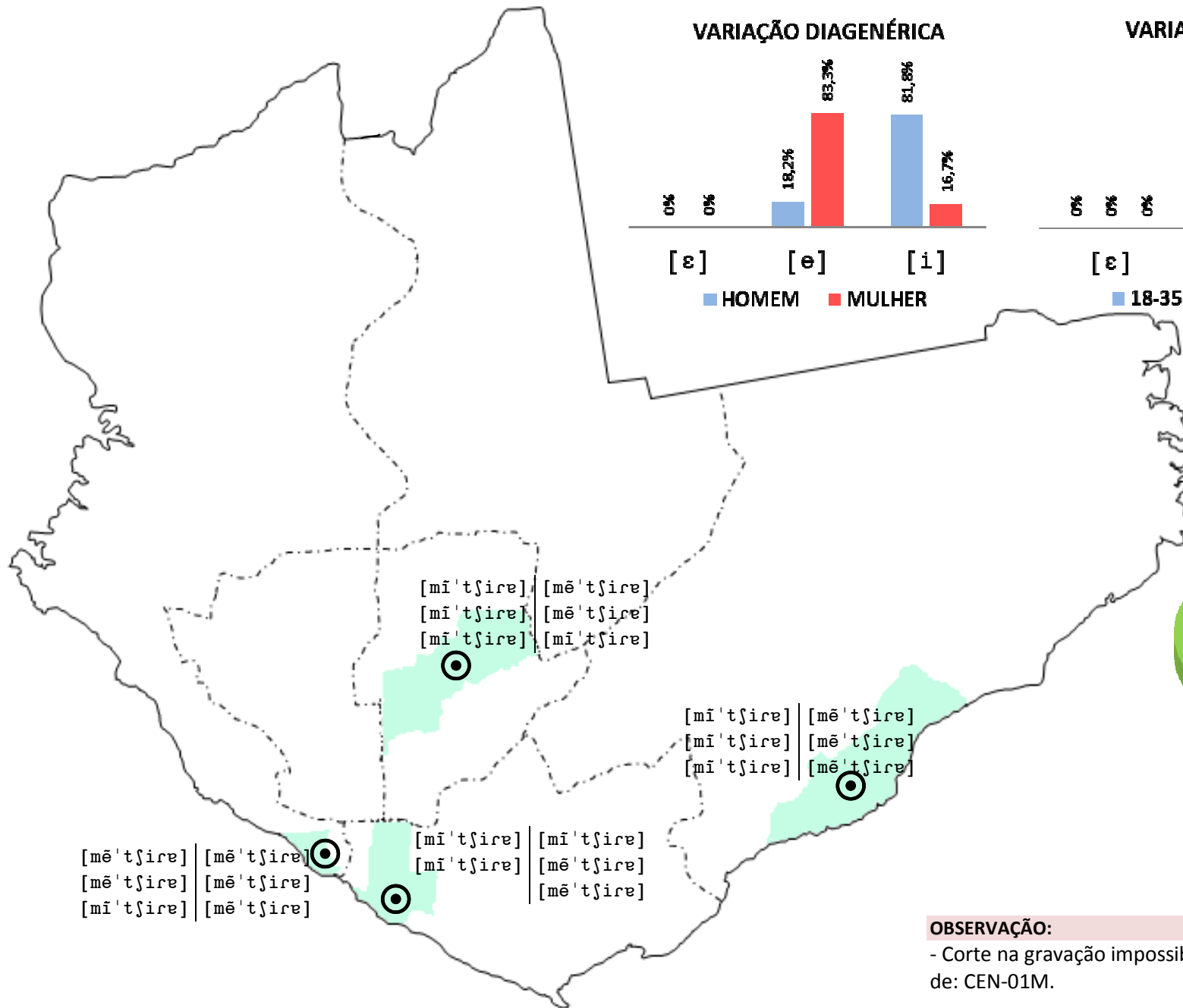




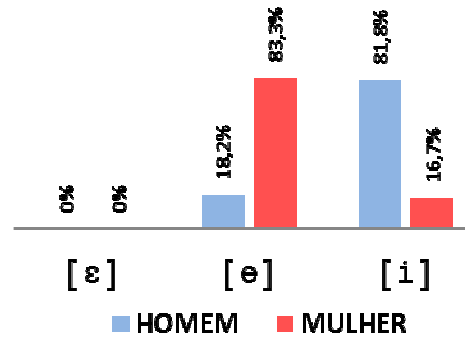




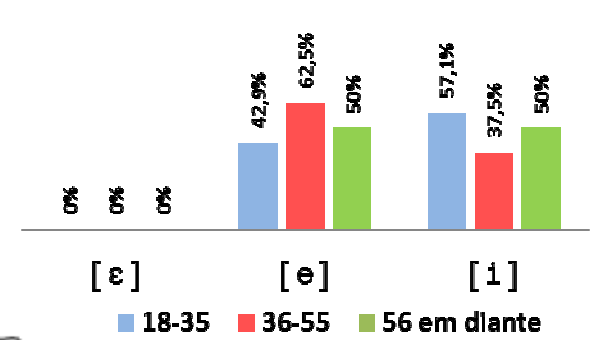




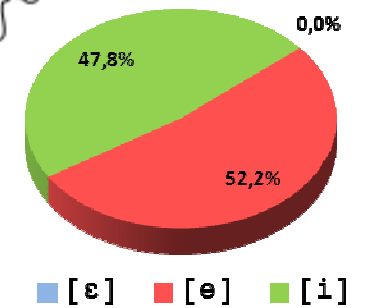
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



VARIAÇÃO DIAGERACIONAL

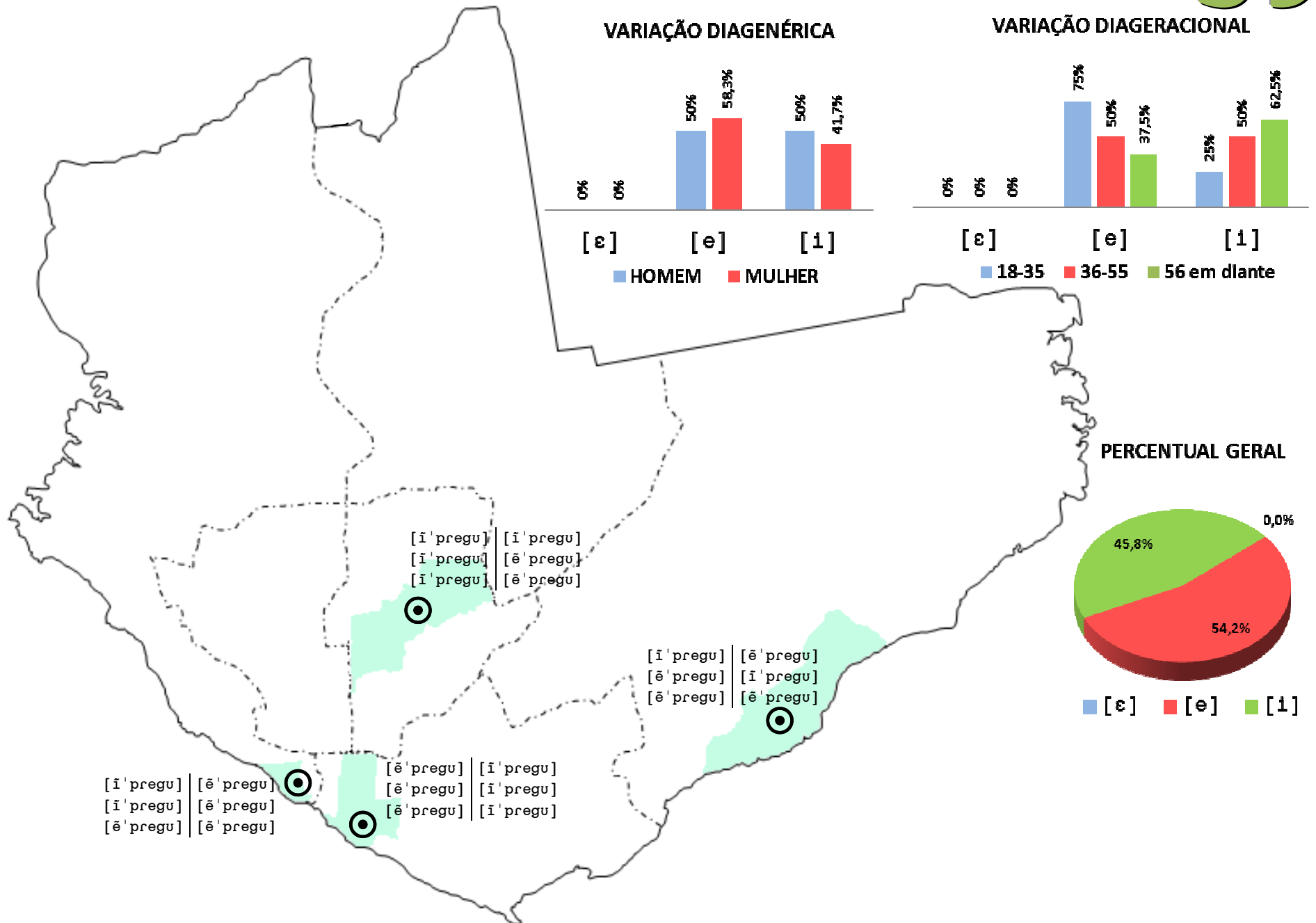


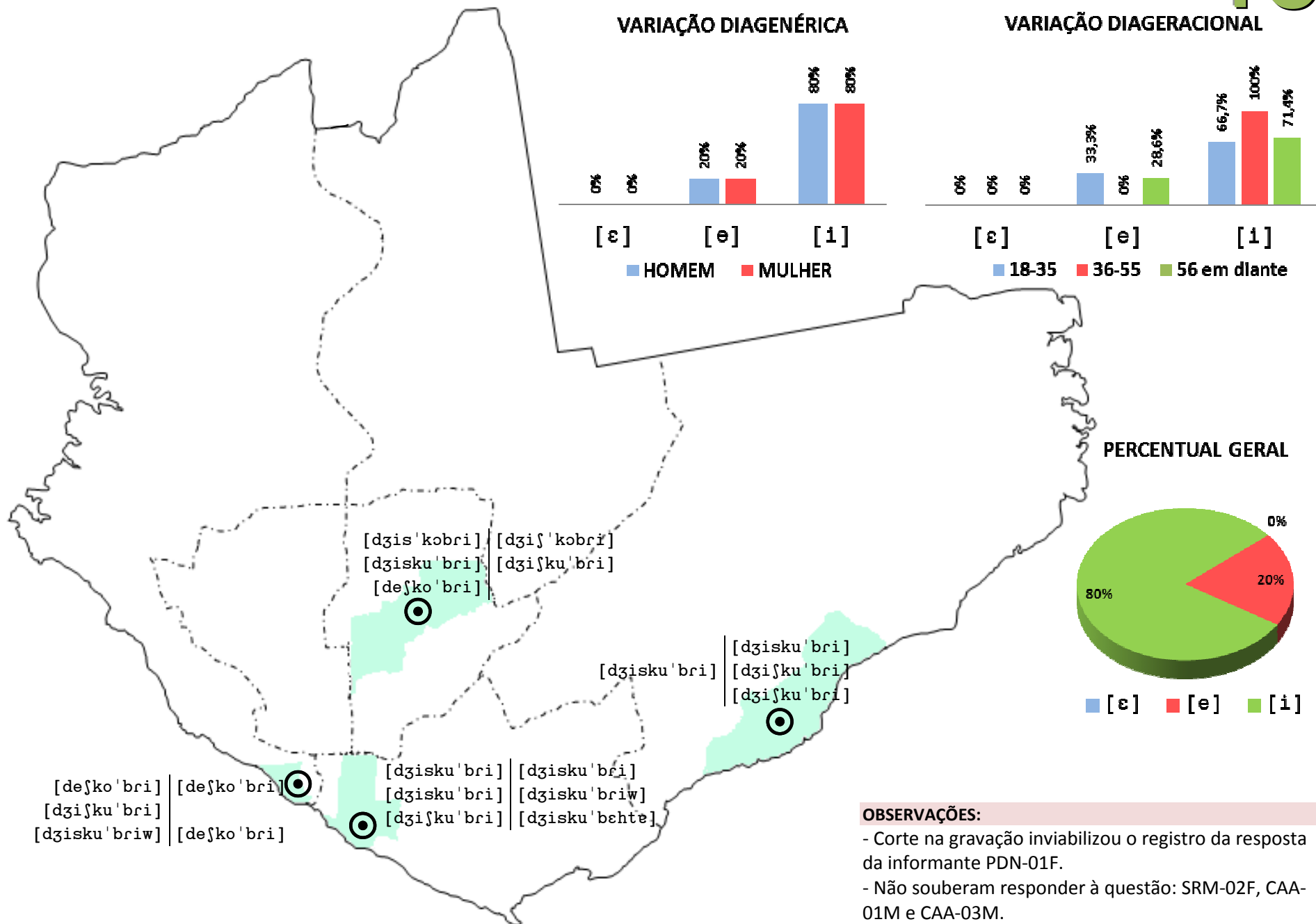
PERCENTUAL GERAL

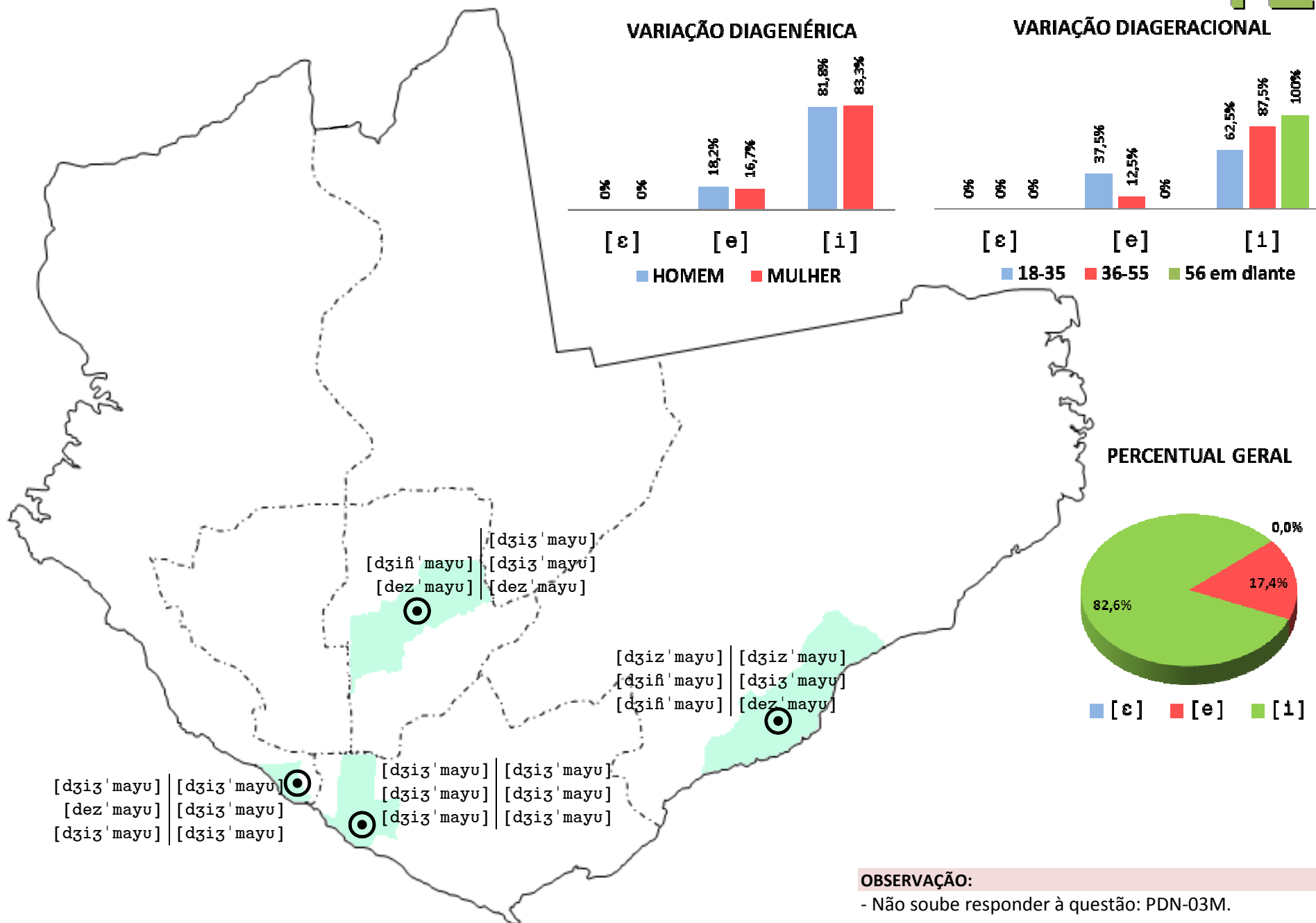


OBSERVAÇÃO:

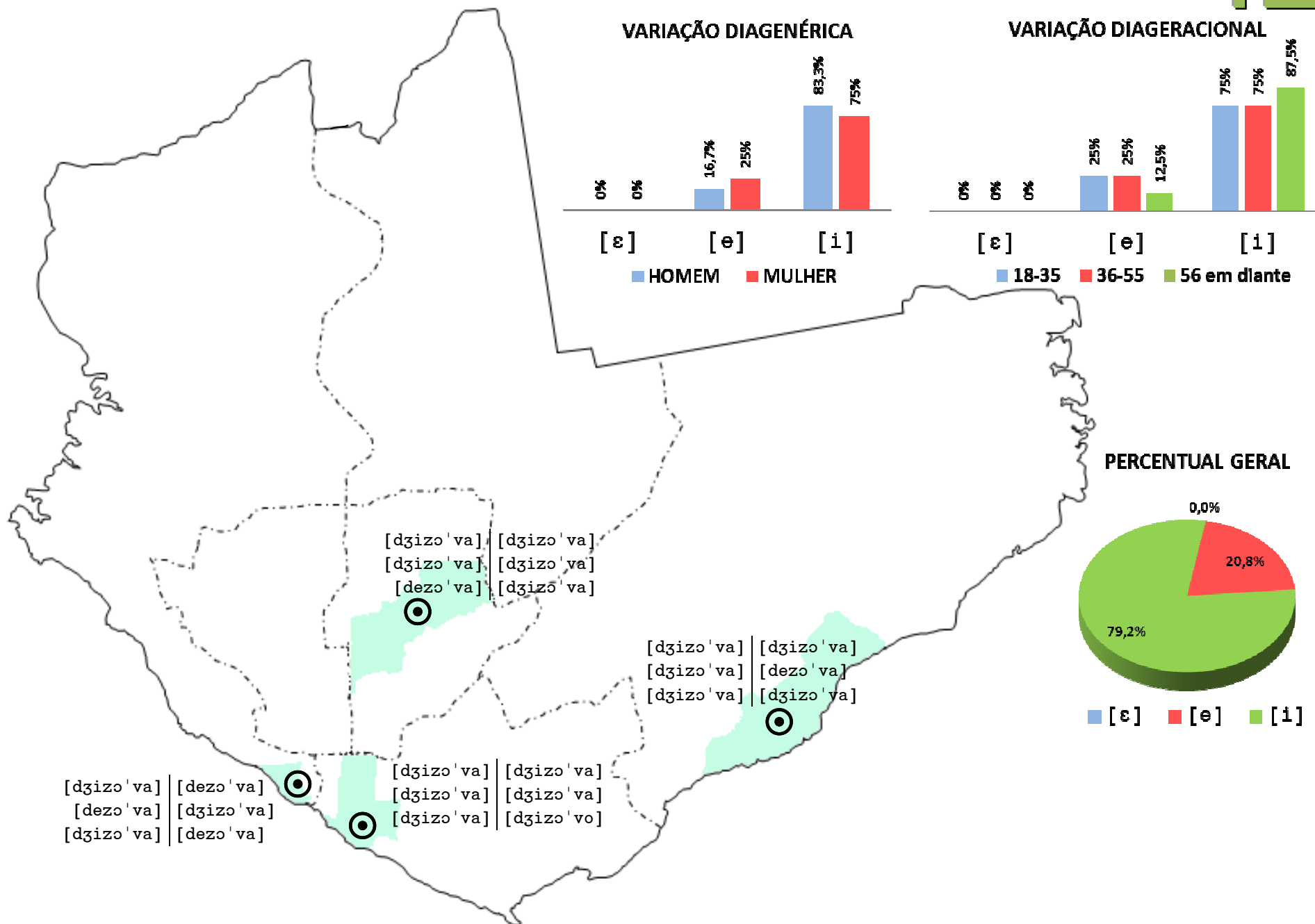
- Corte na gravação impossibilitou o registro da resposta de: CEN-01M.

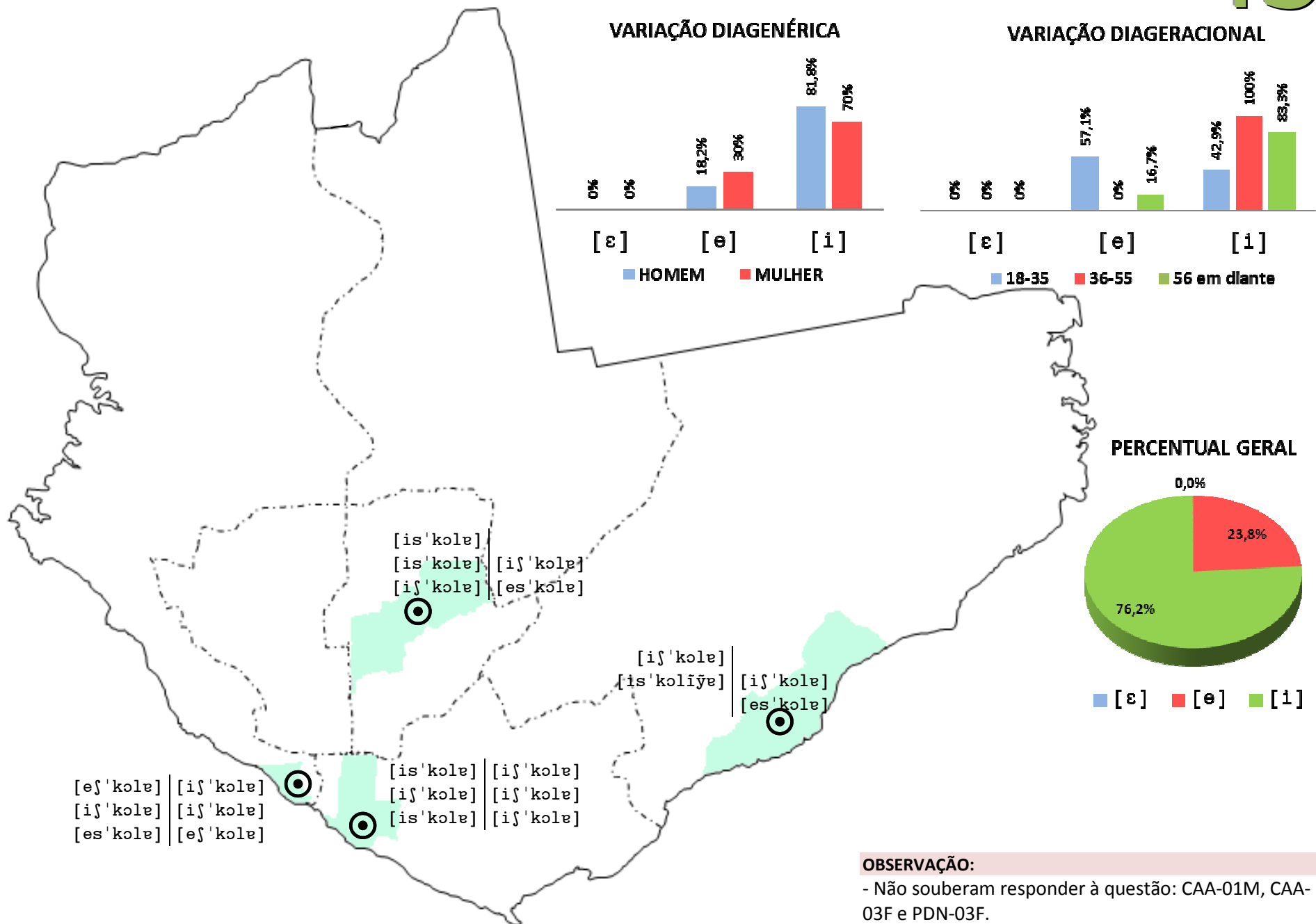


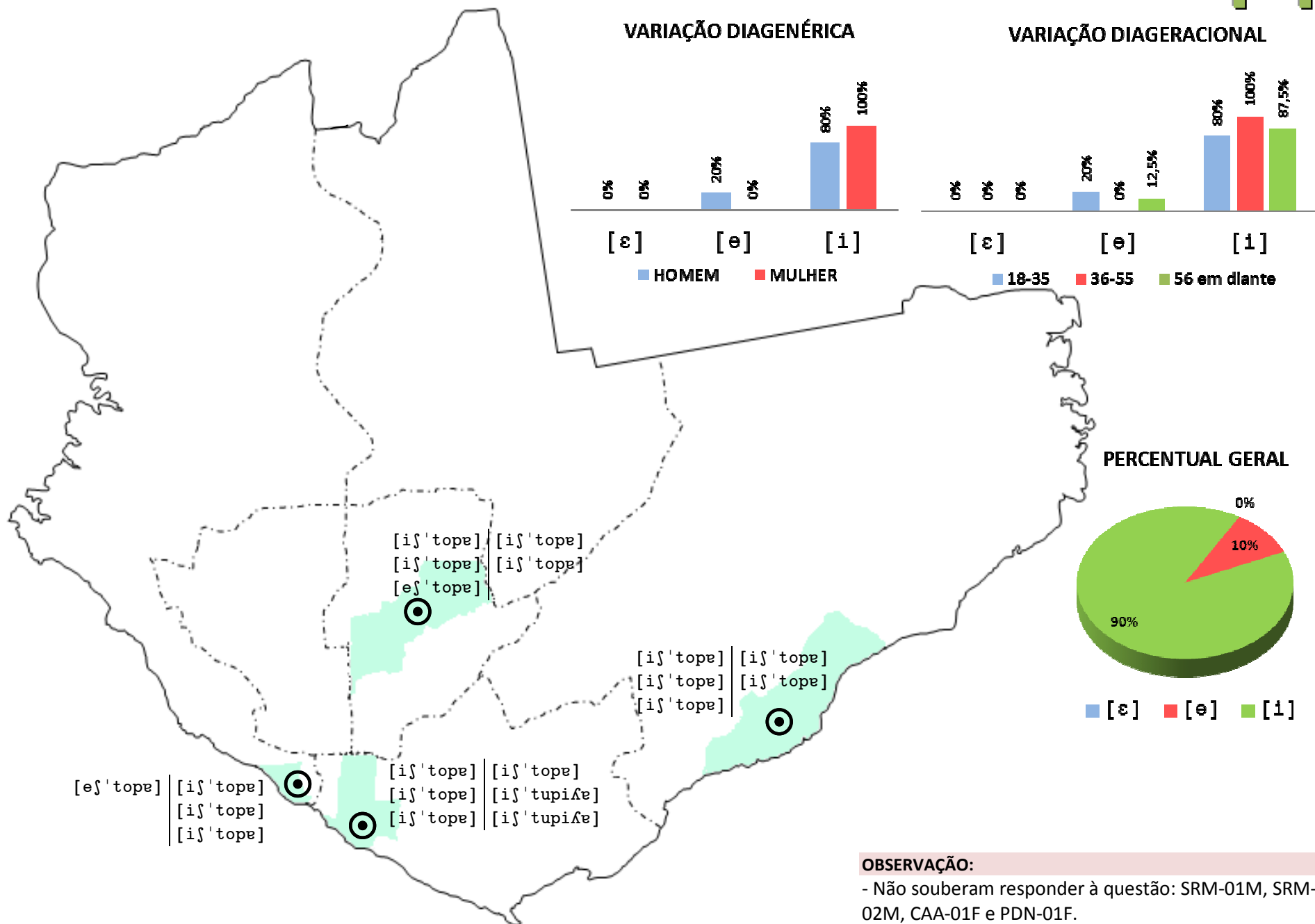


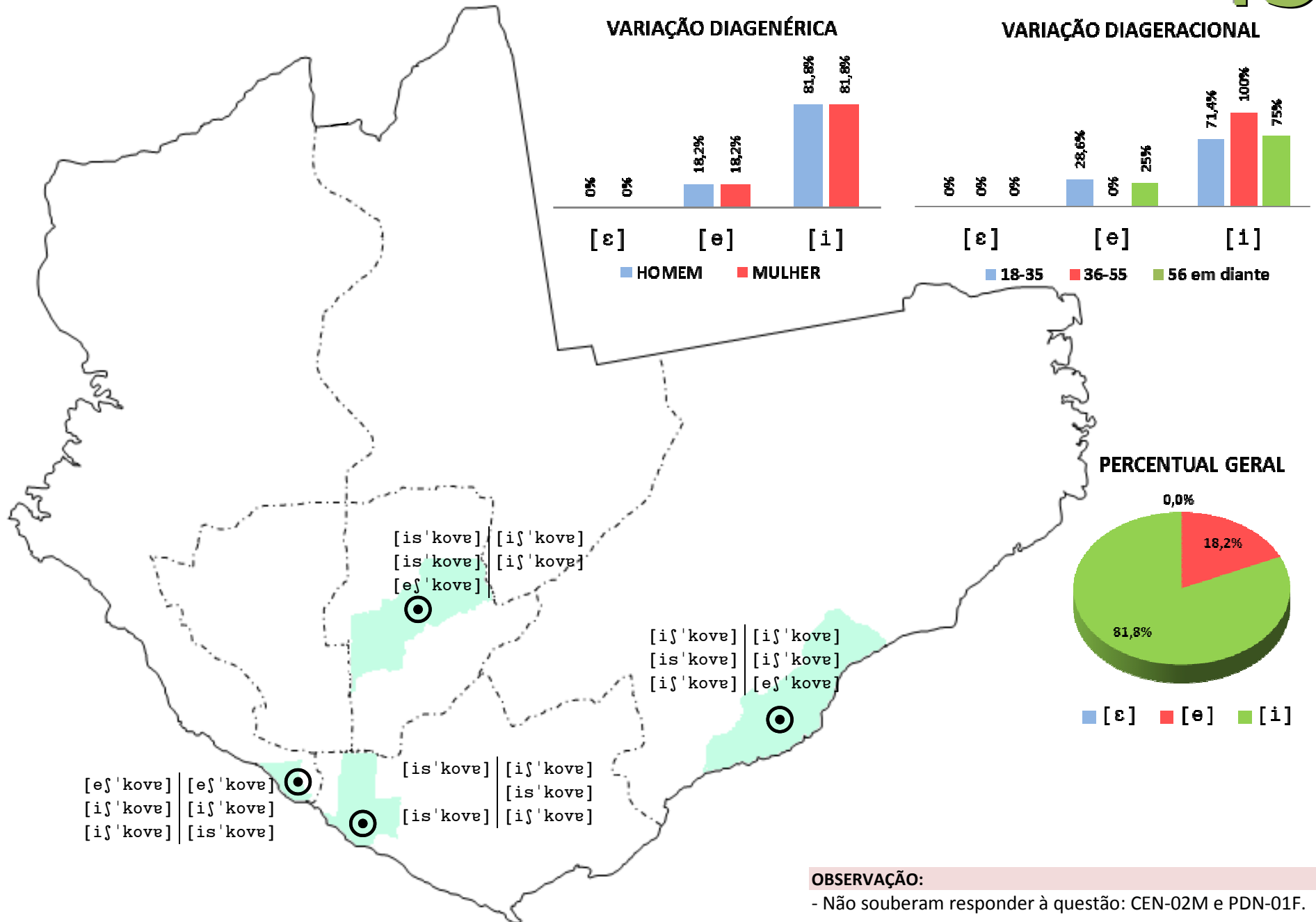


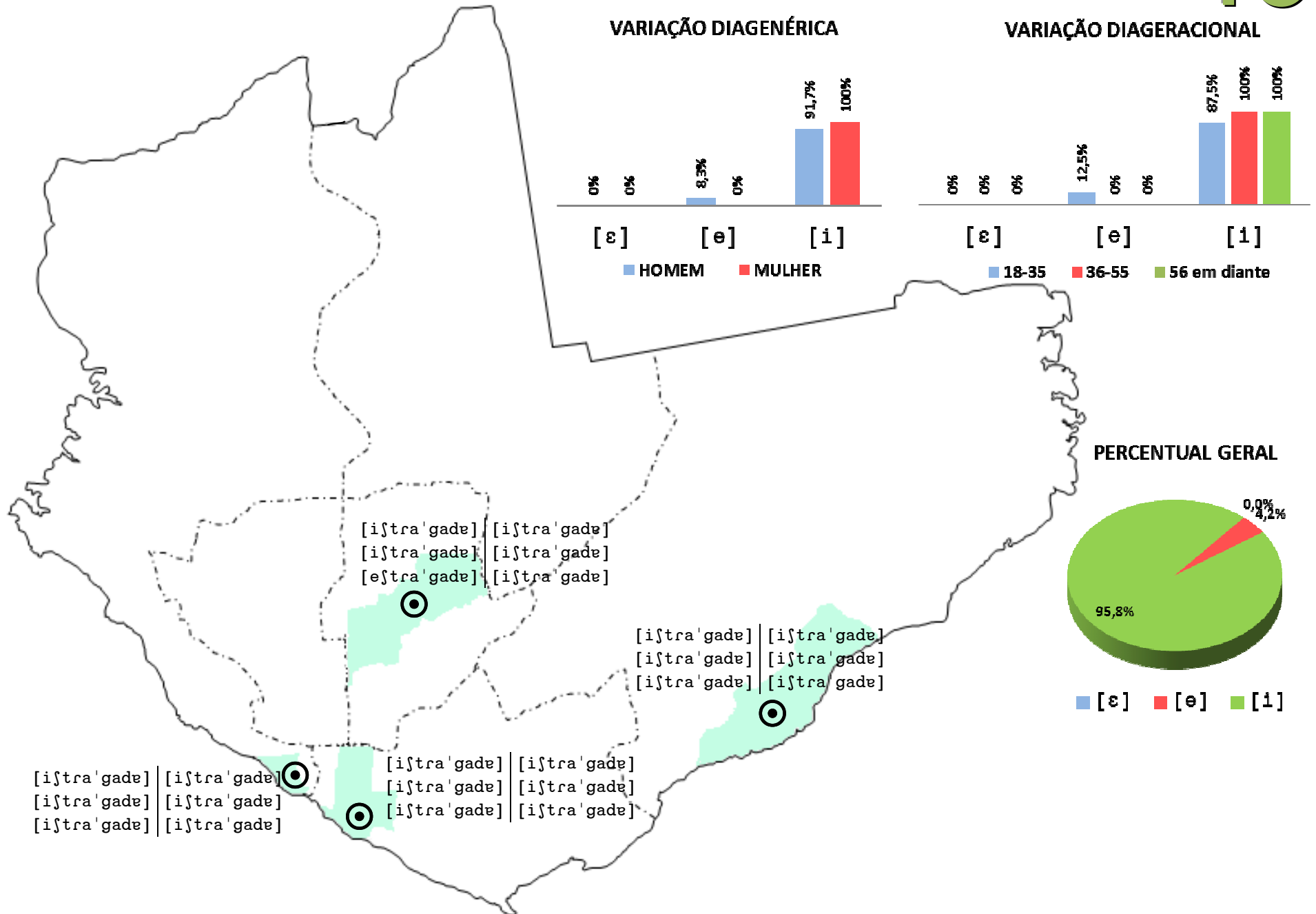
OBSERVAÇÃO:
- Não soube responder à questão: PDN-03M.

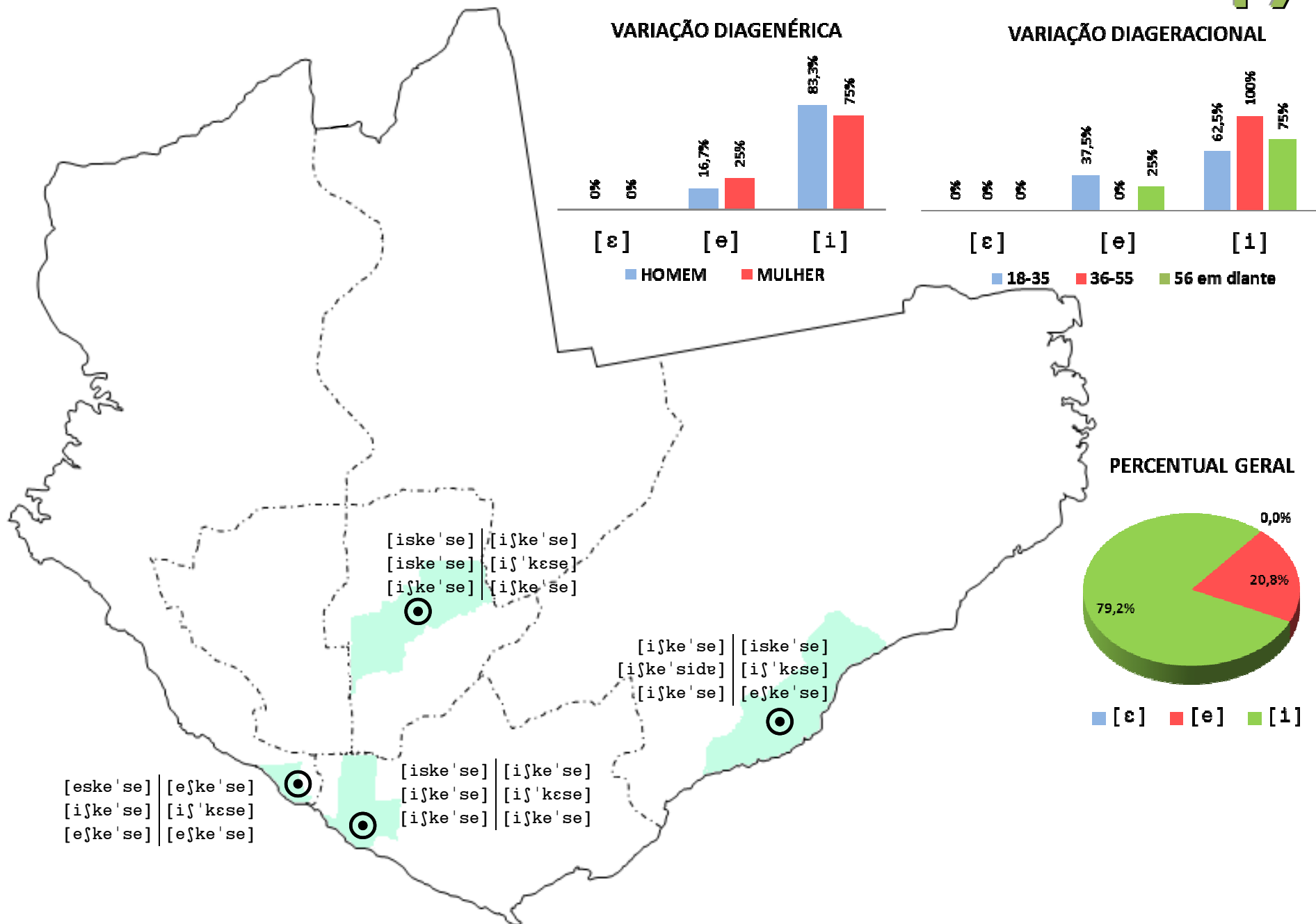


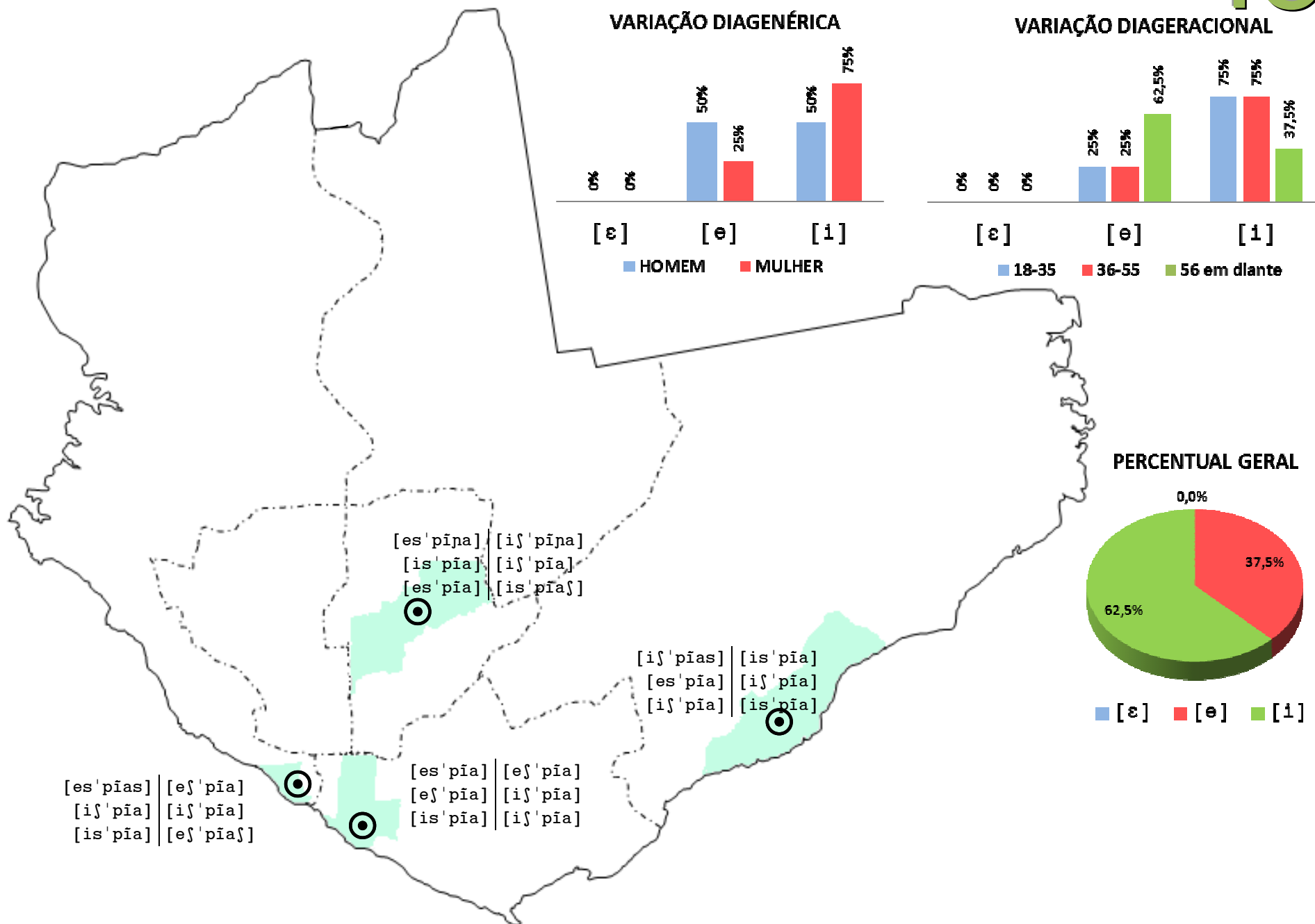


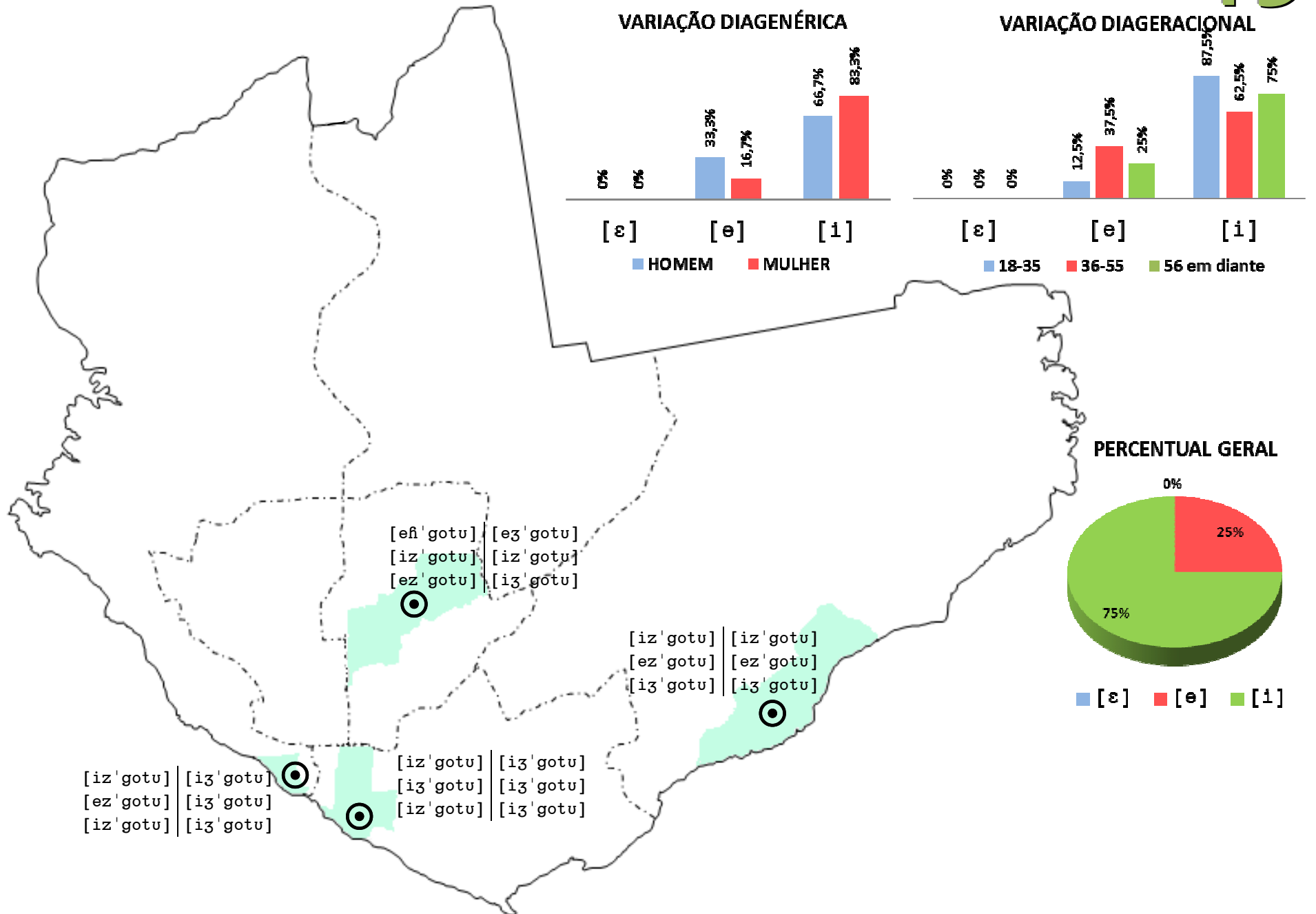


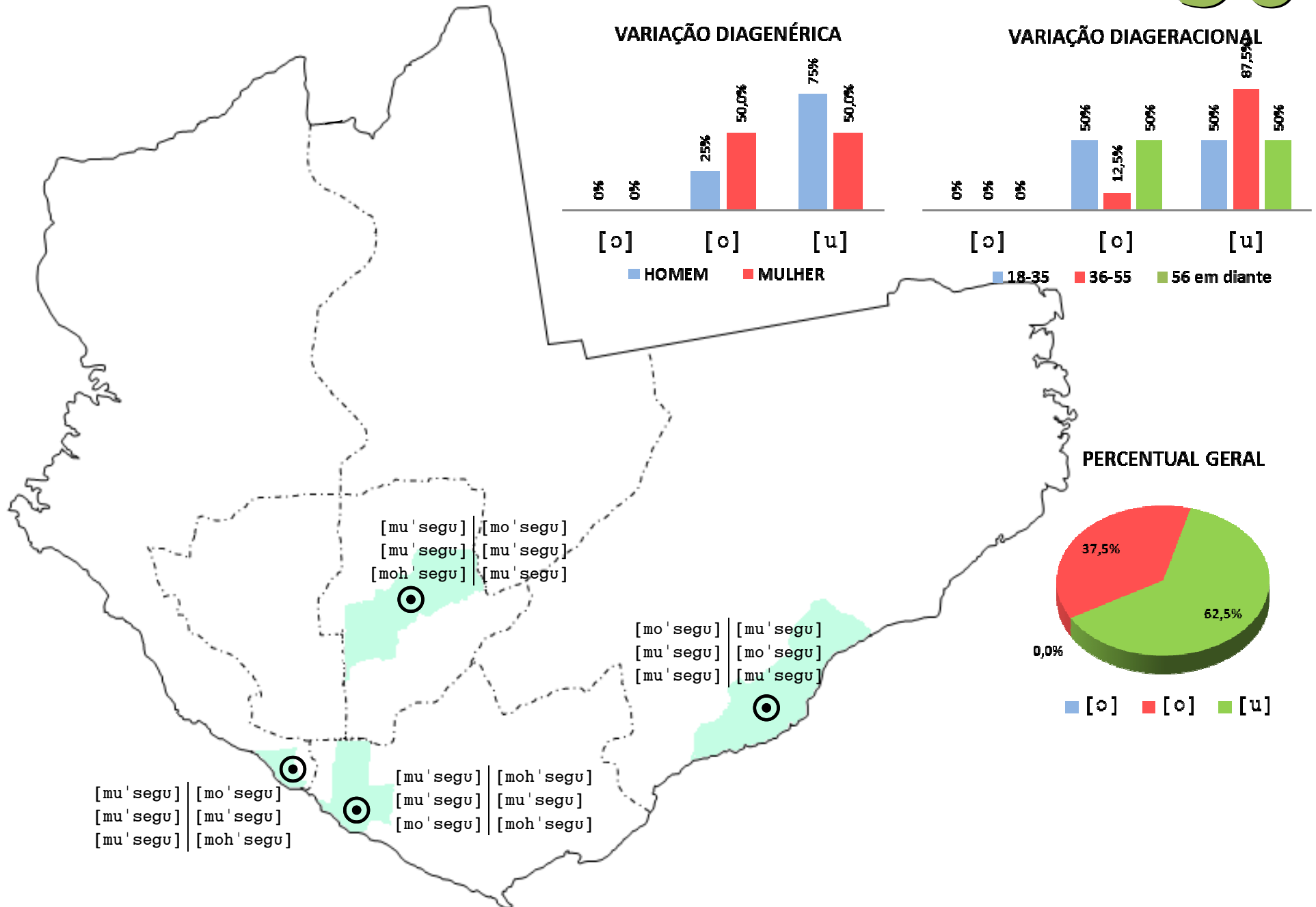


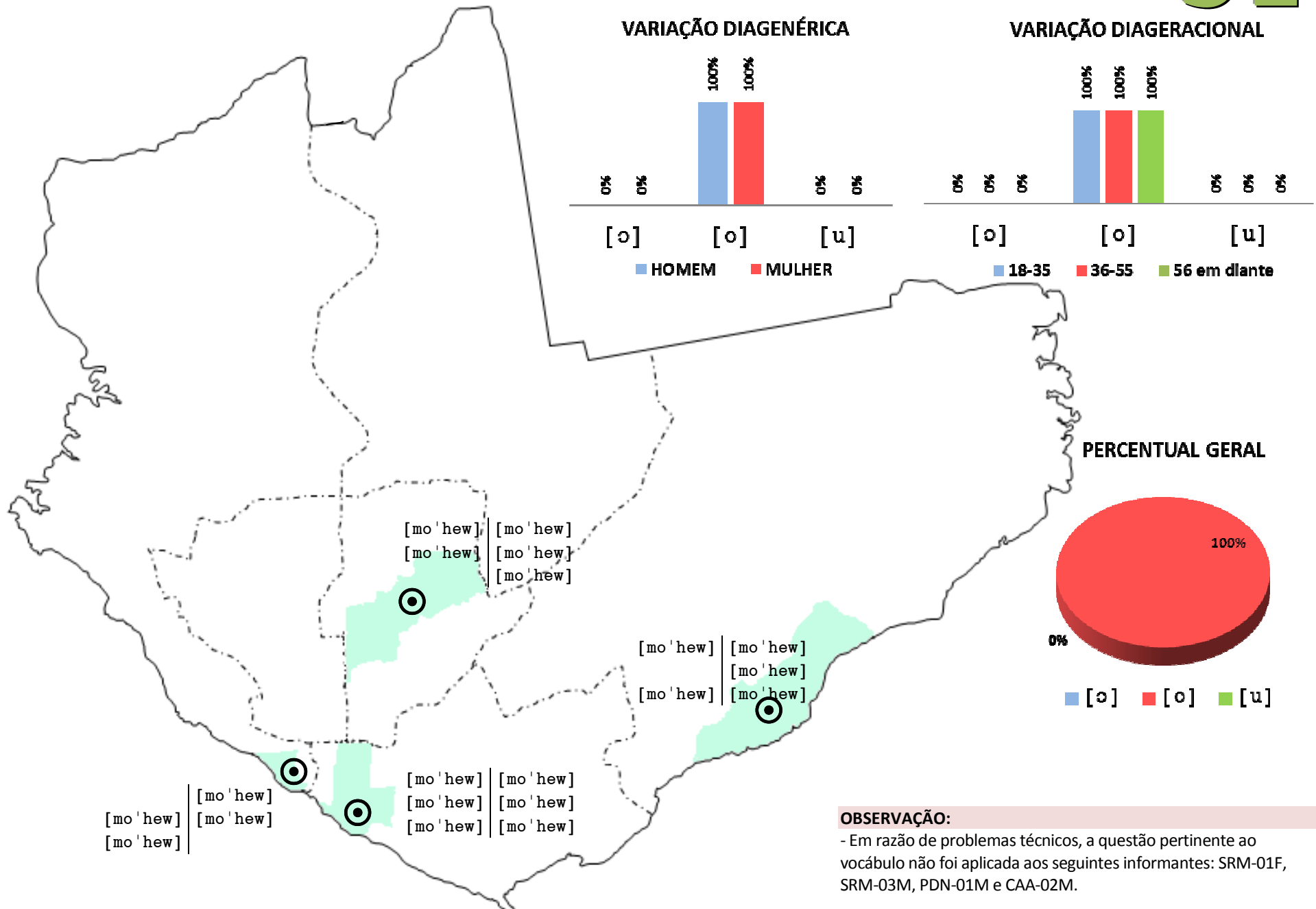


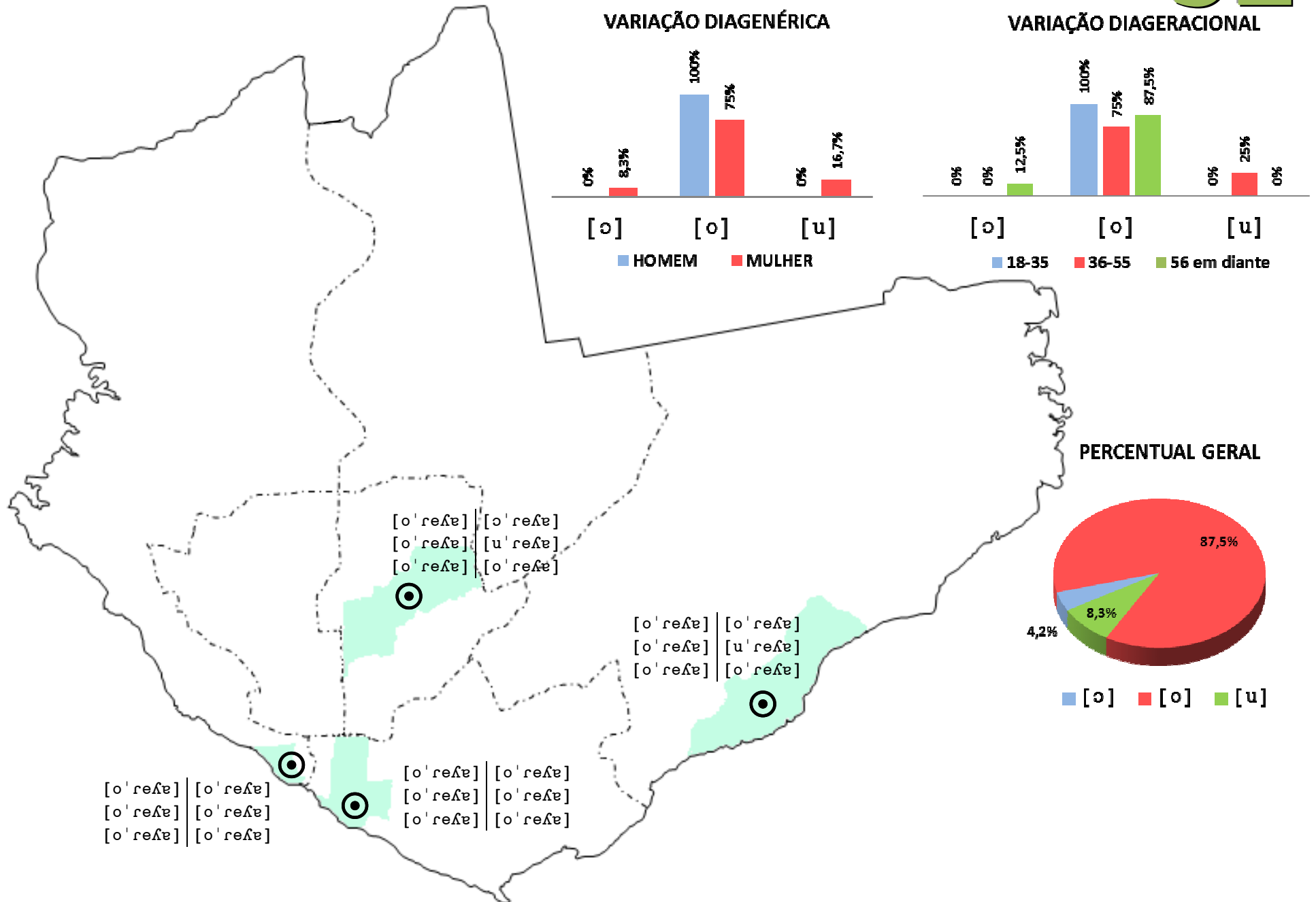


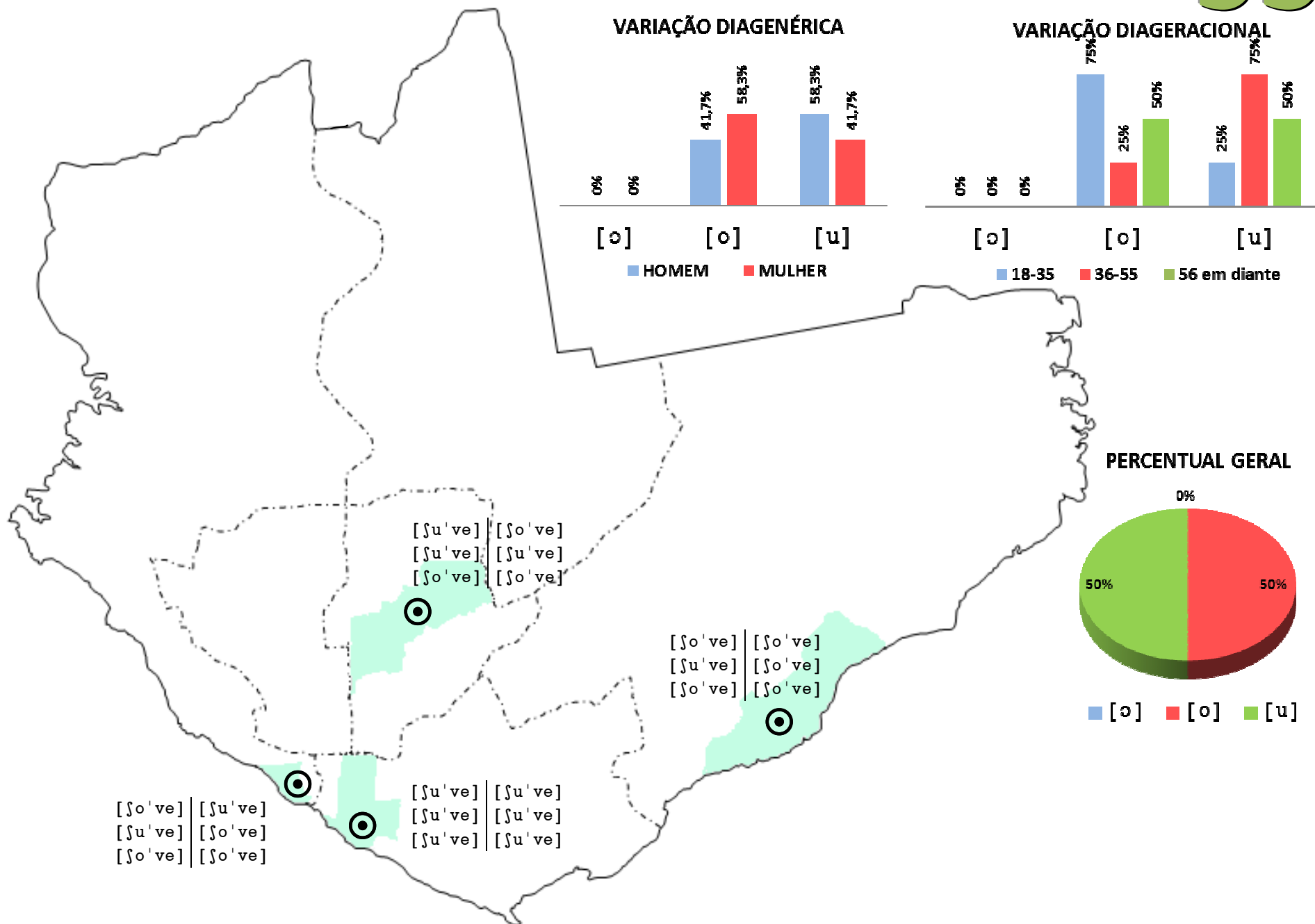


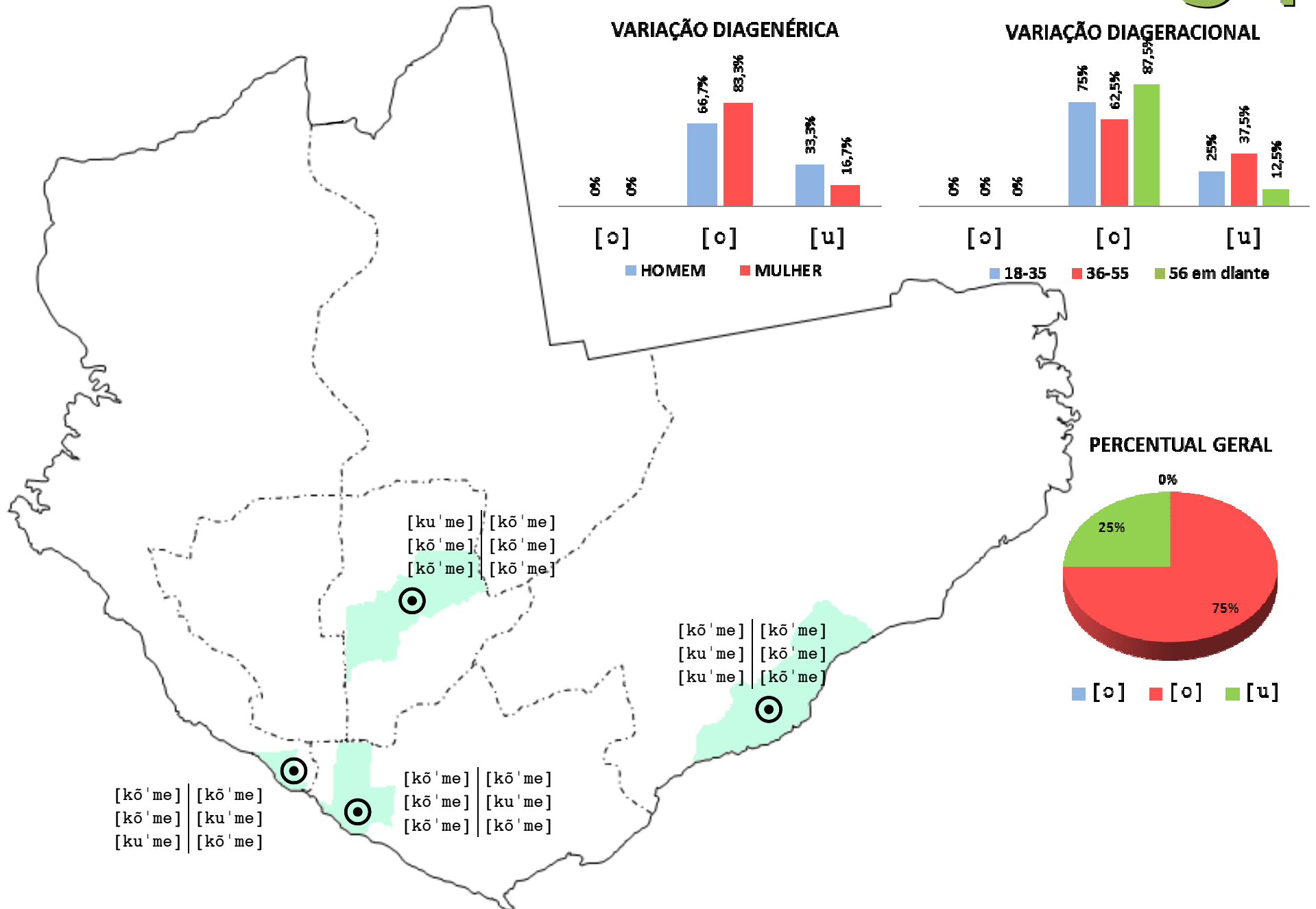


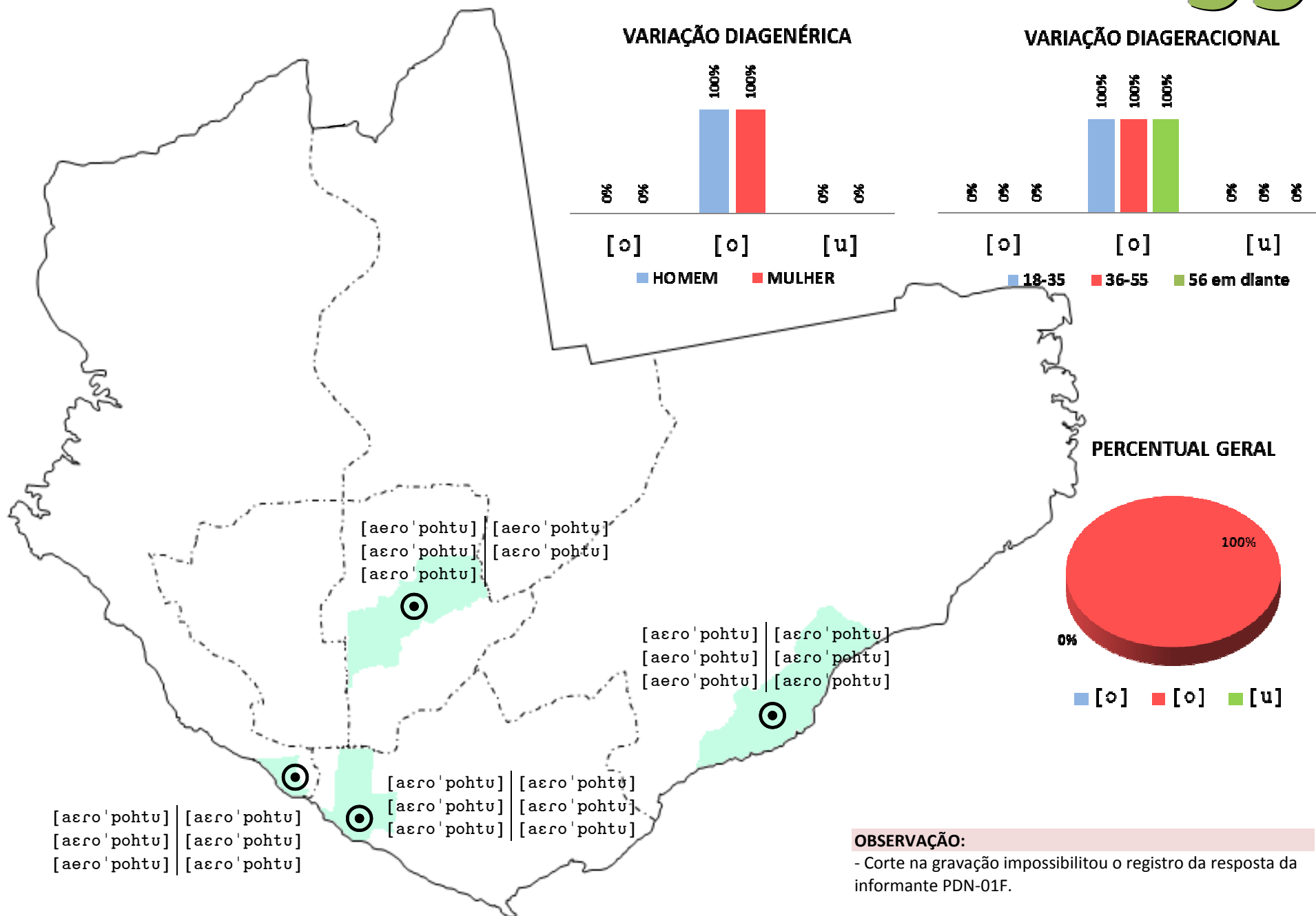


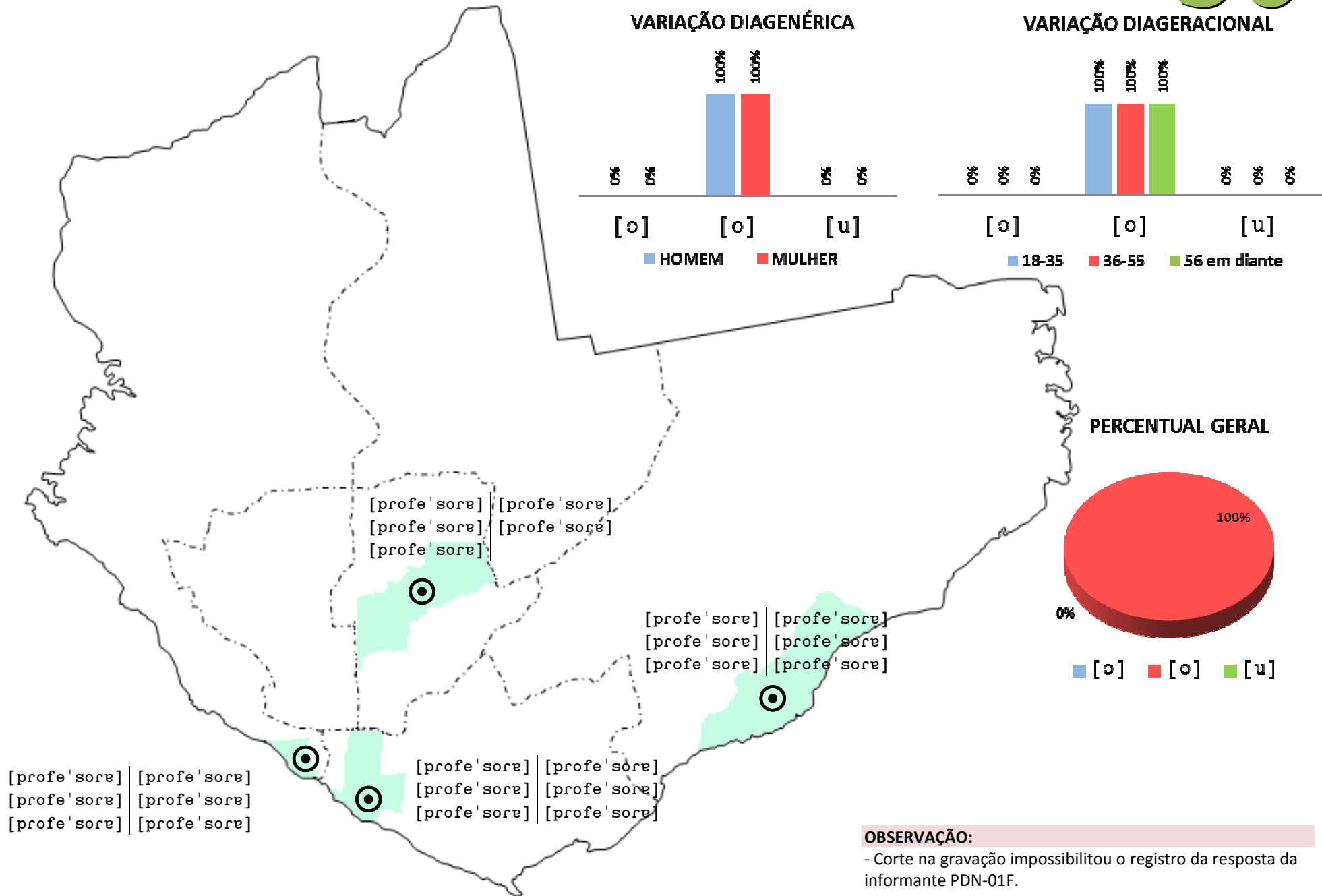


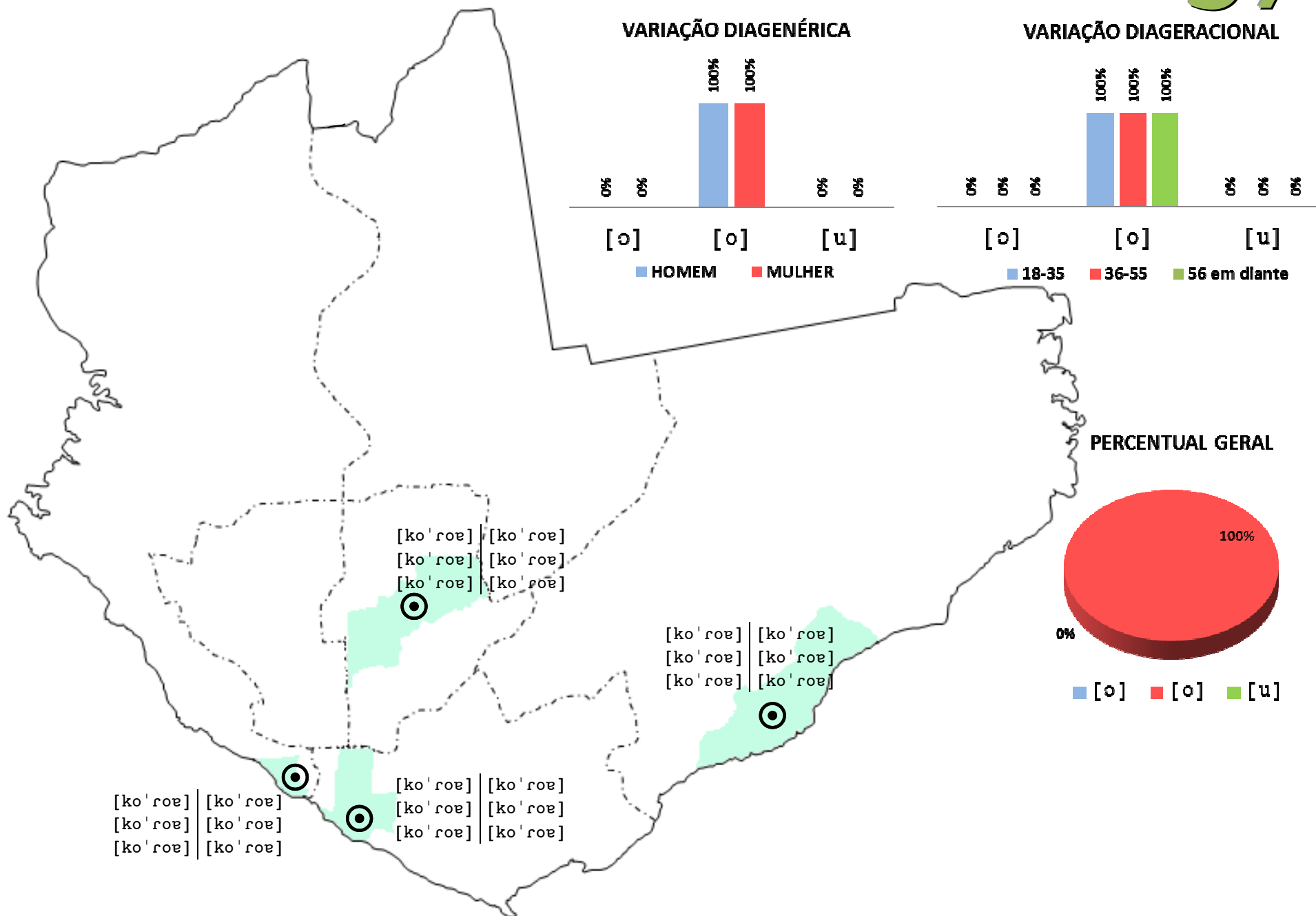


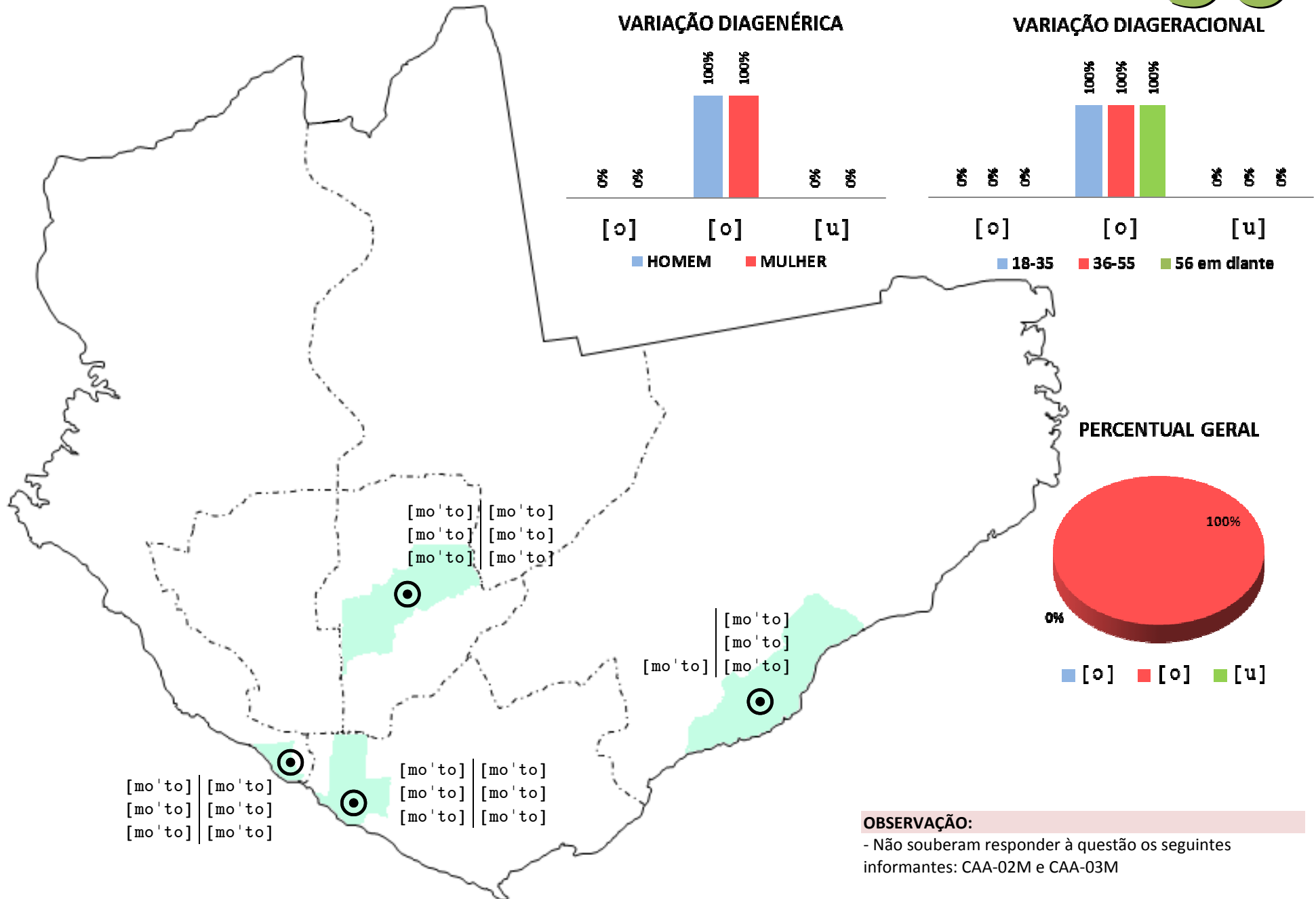


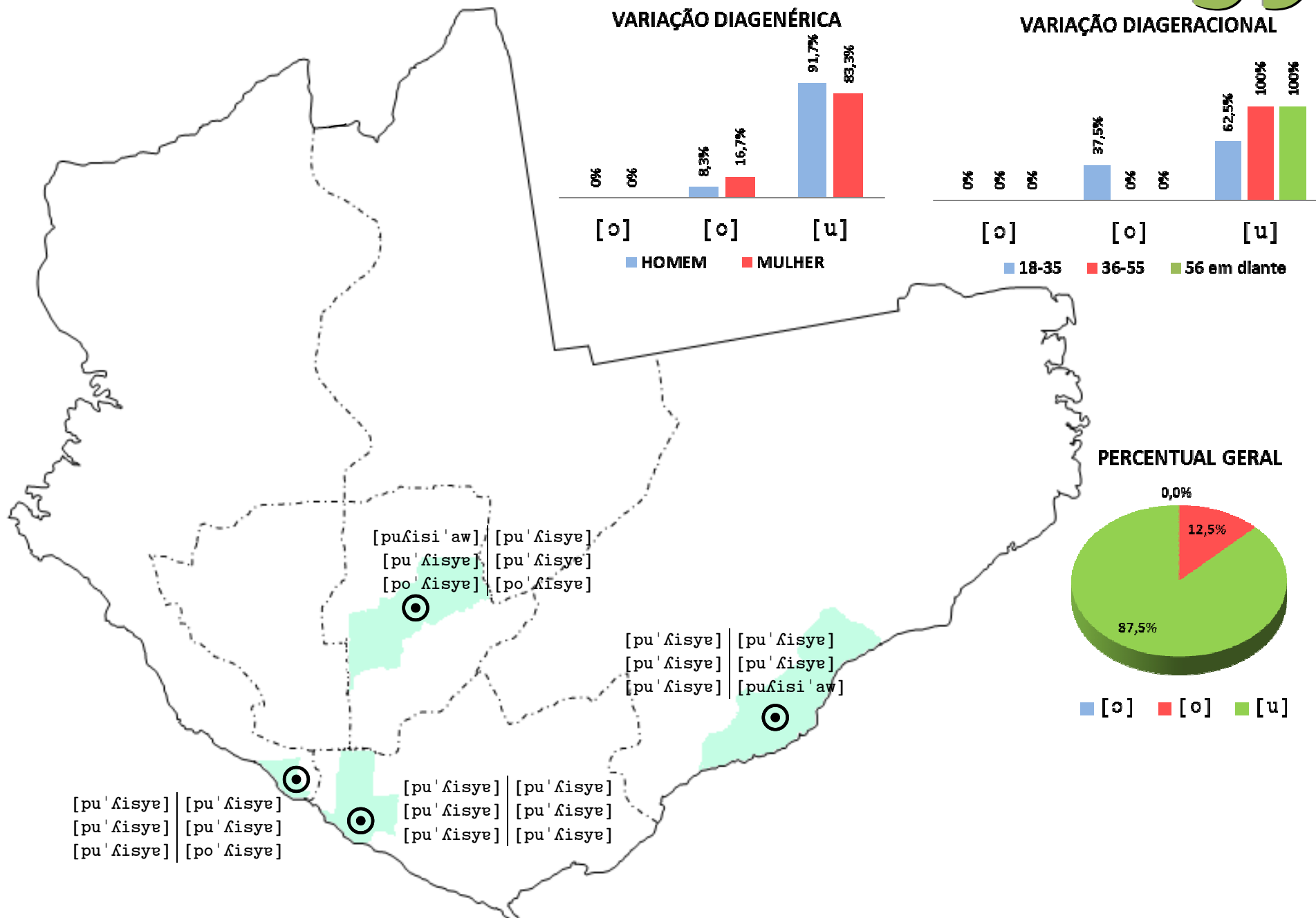


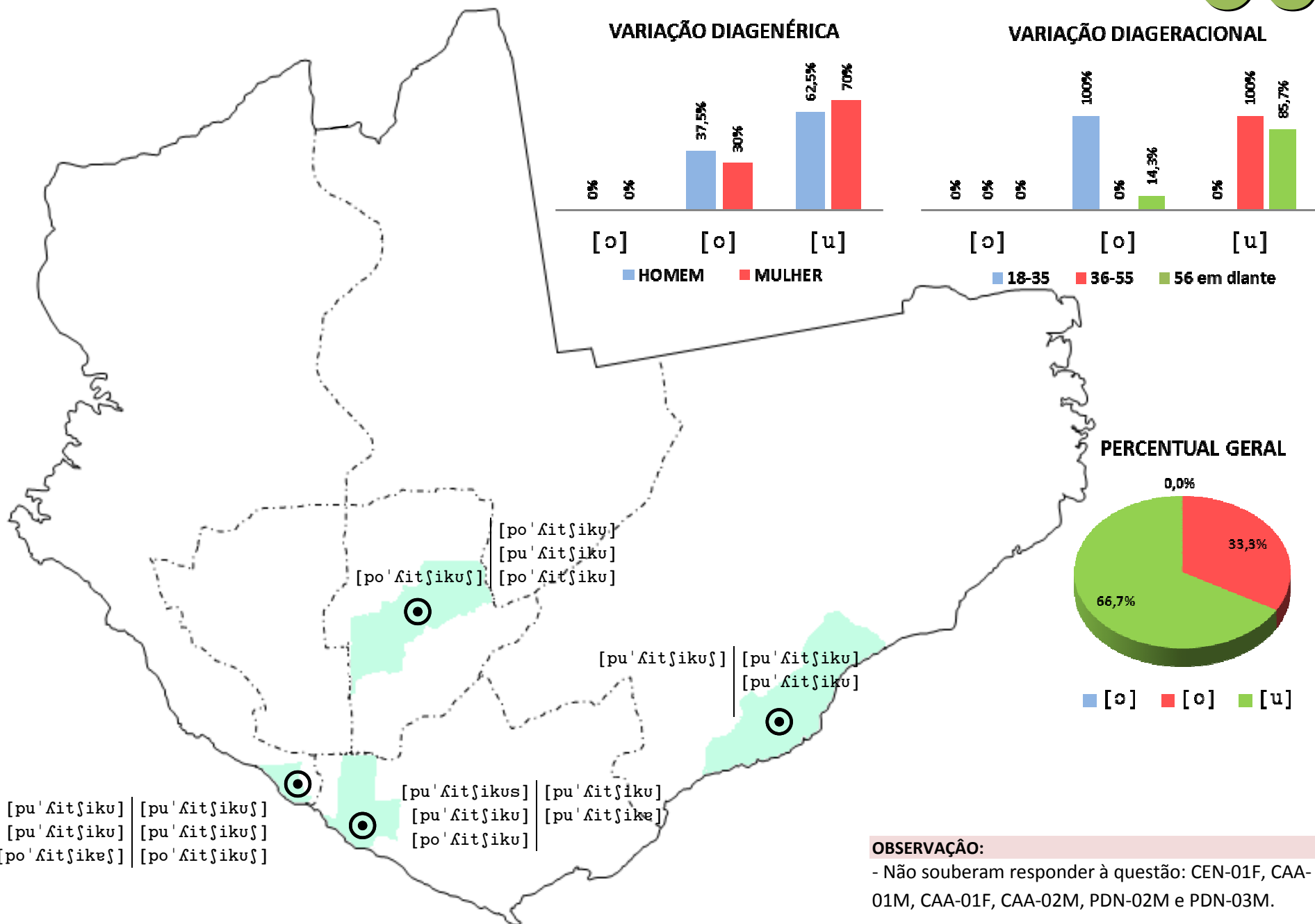


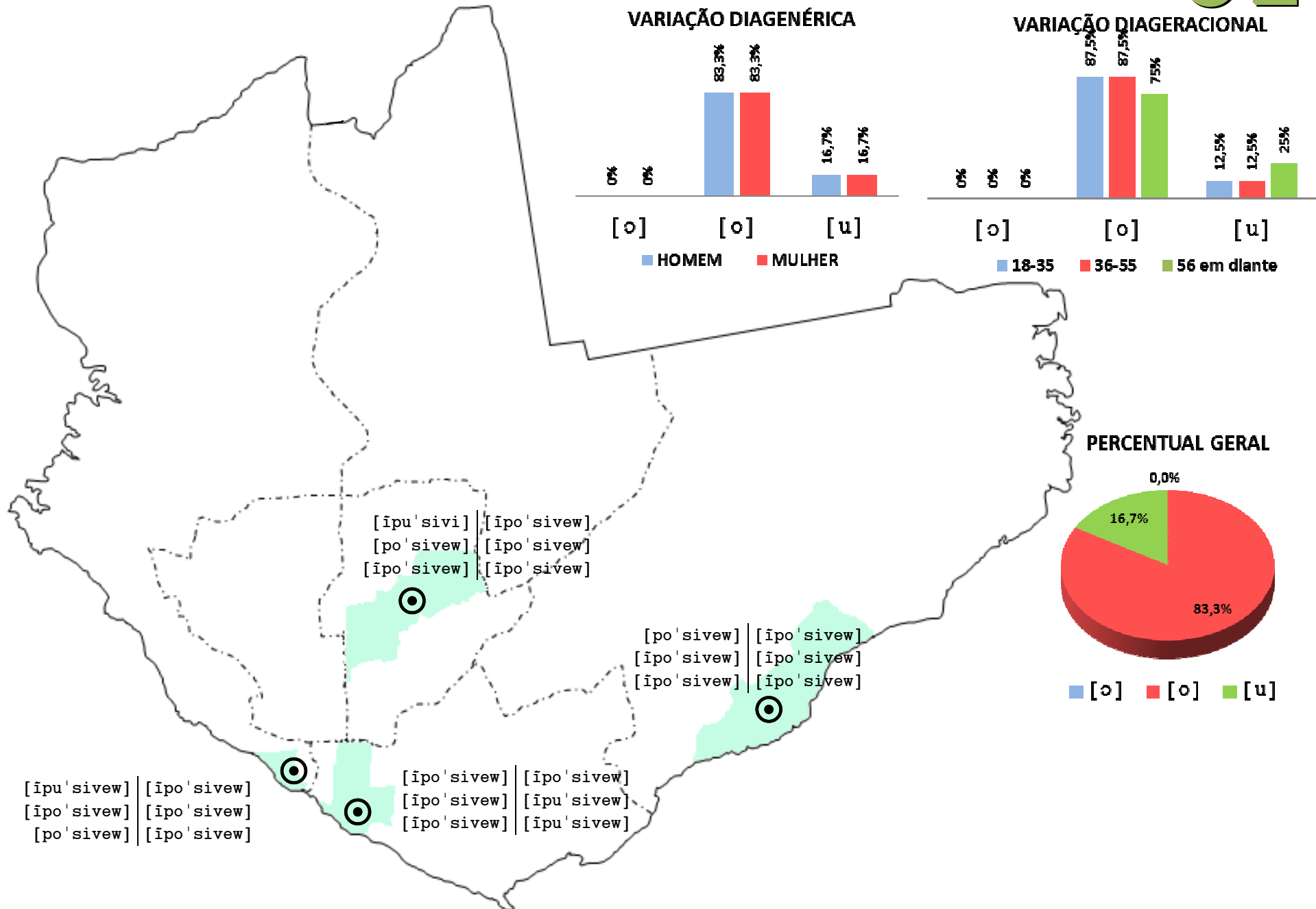


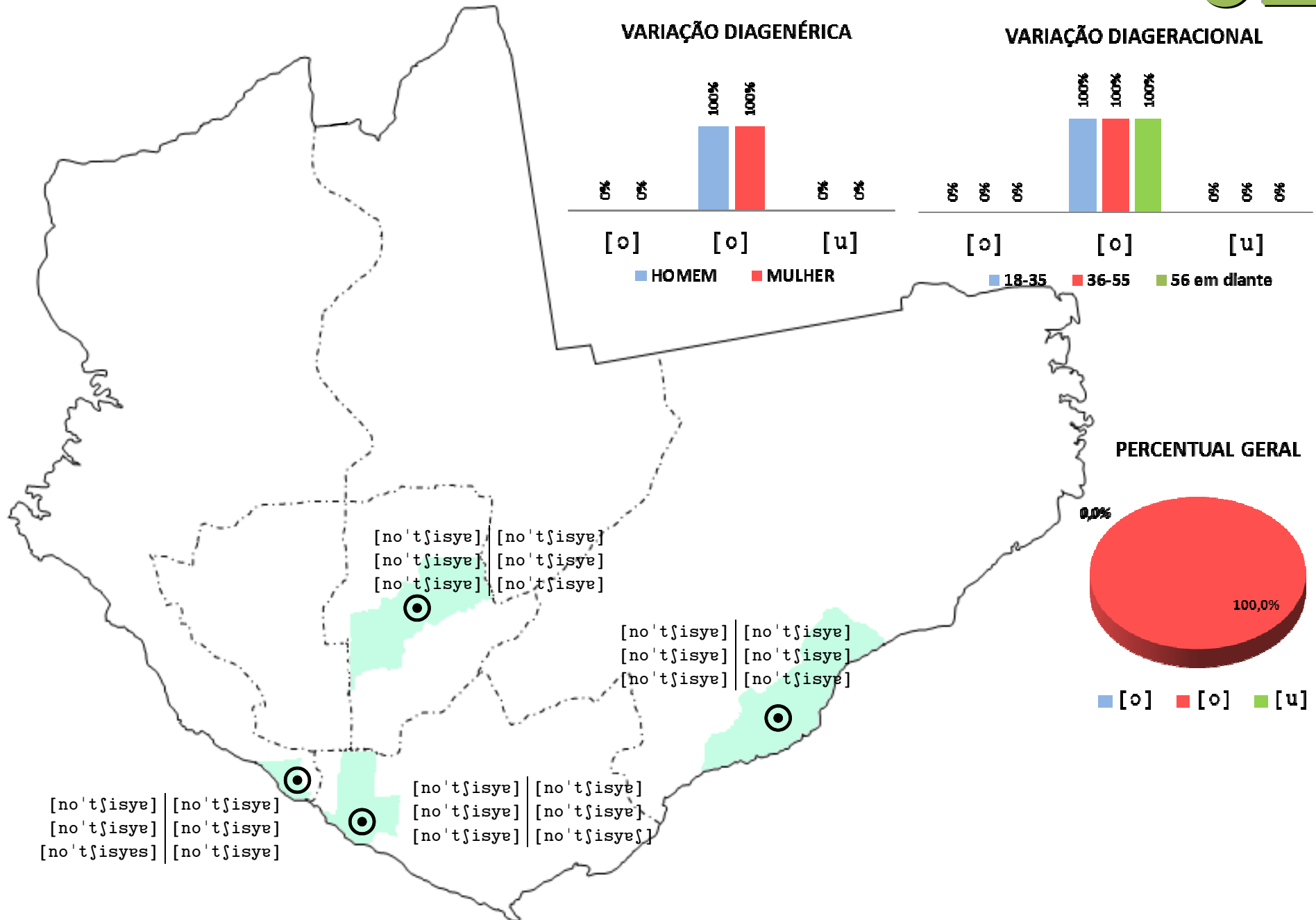


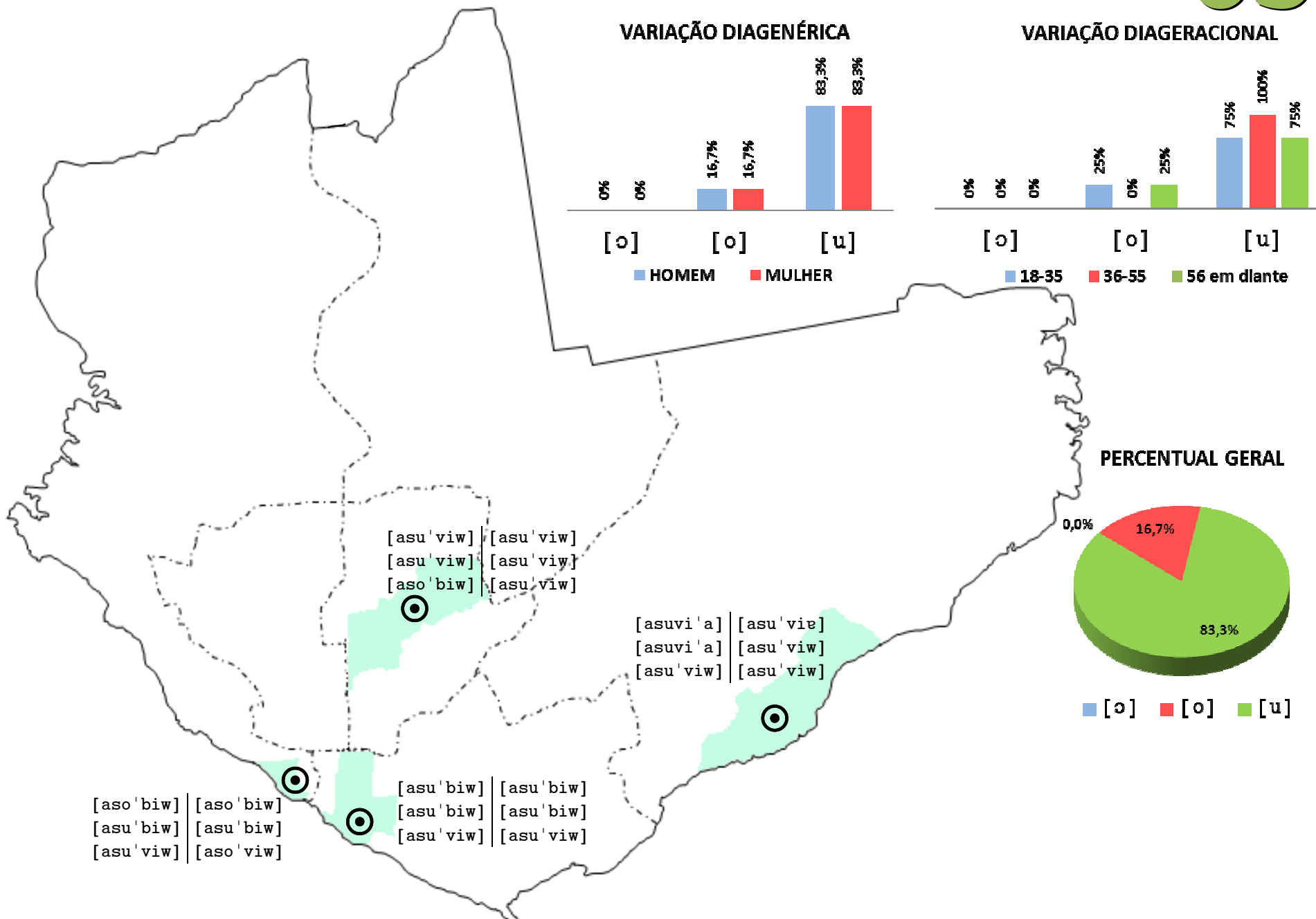


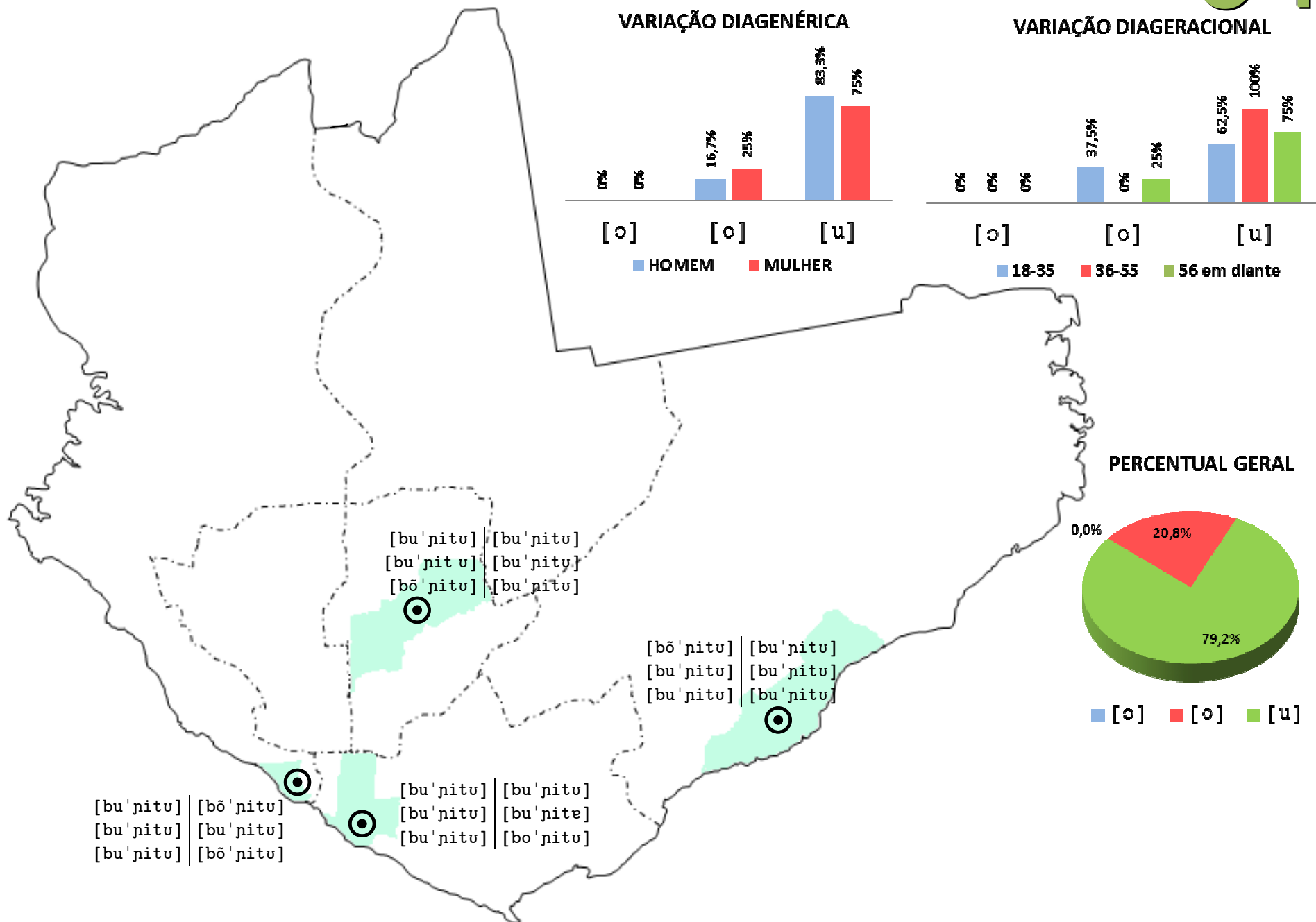


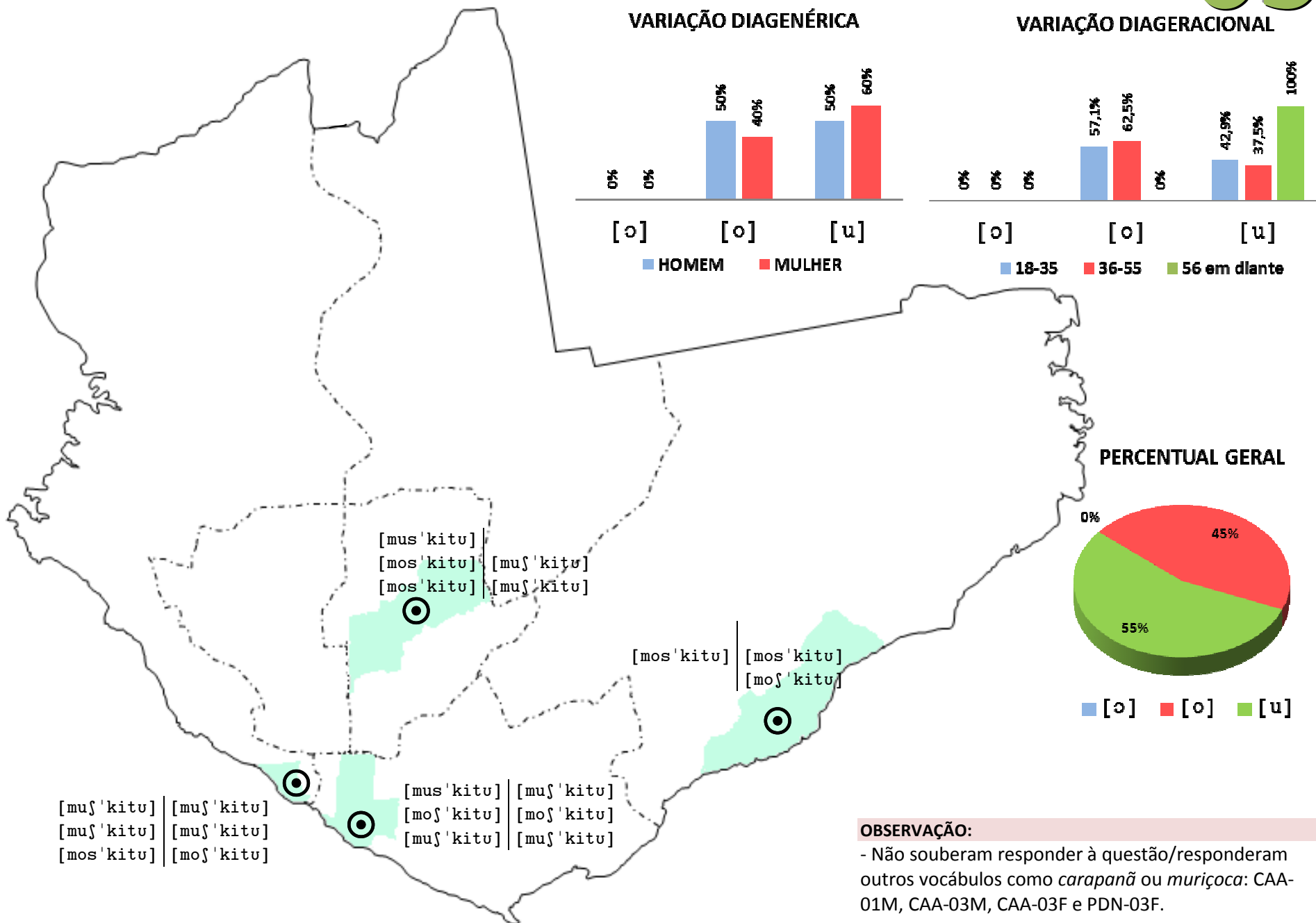


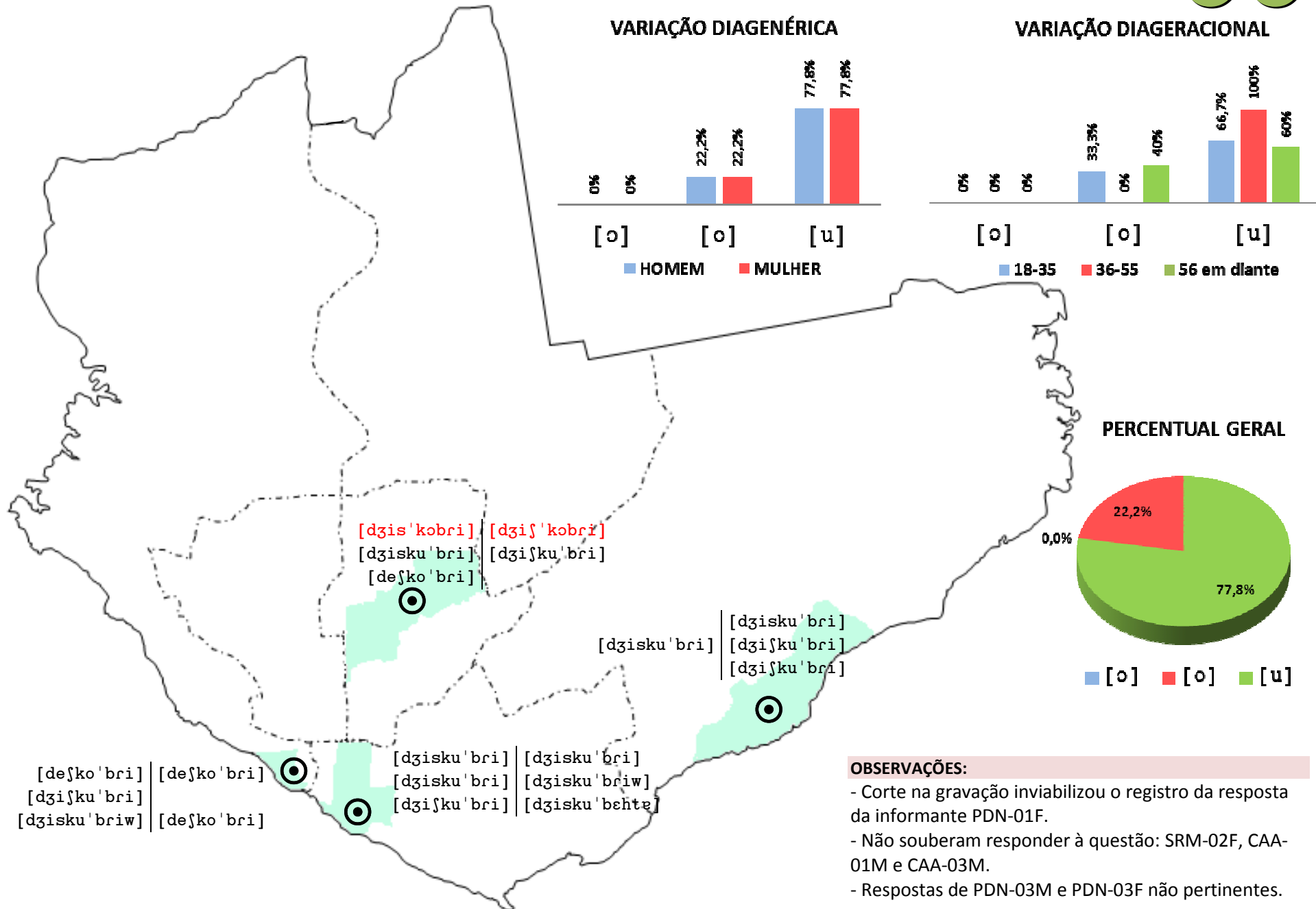


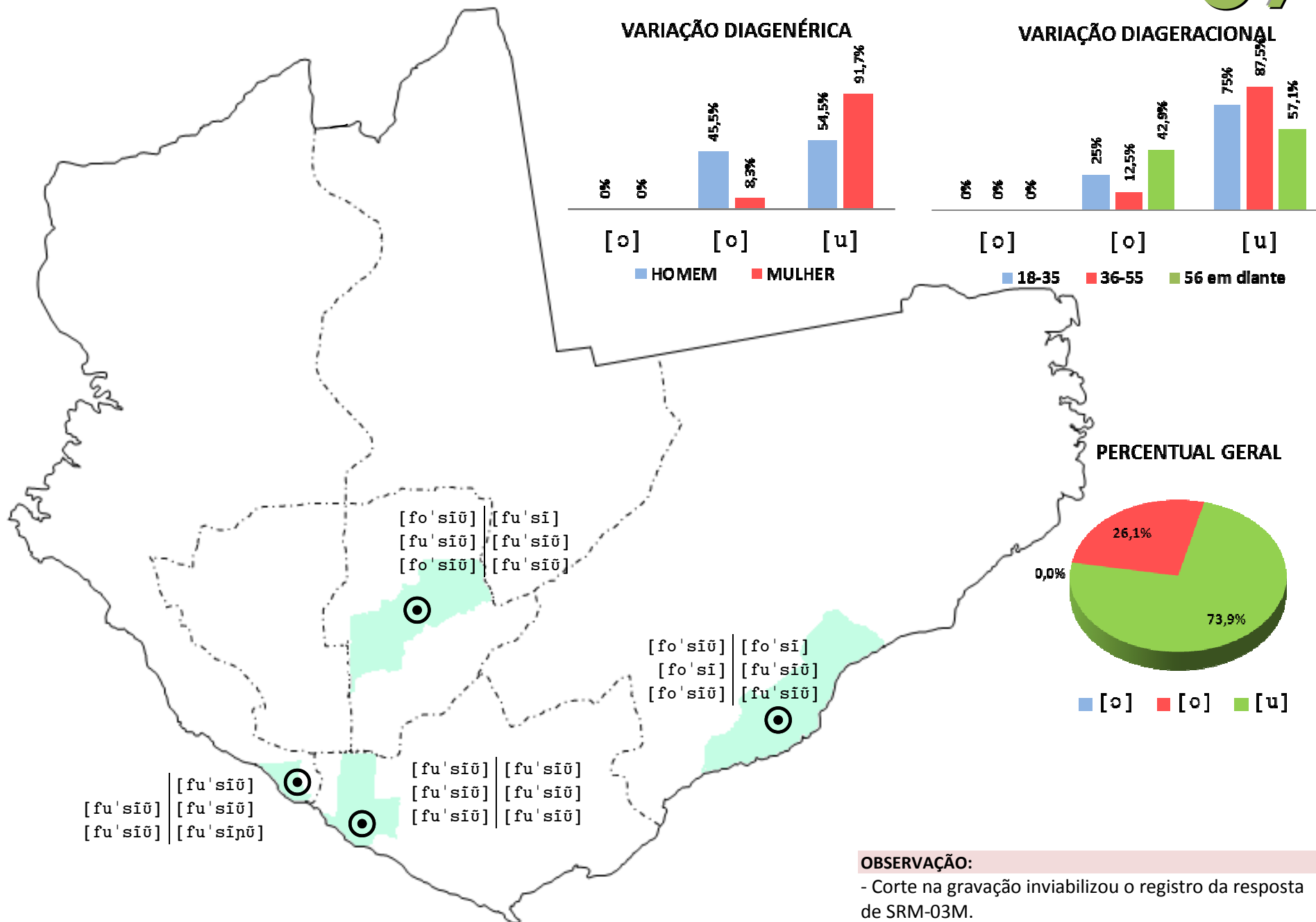


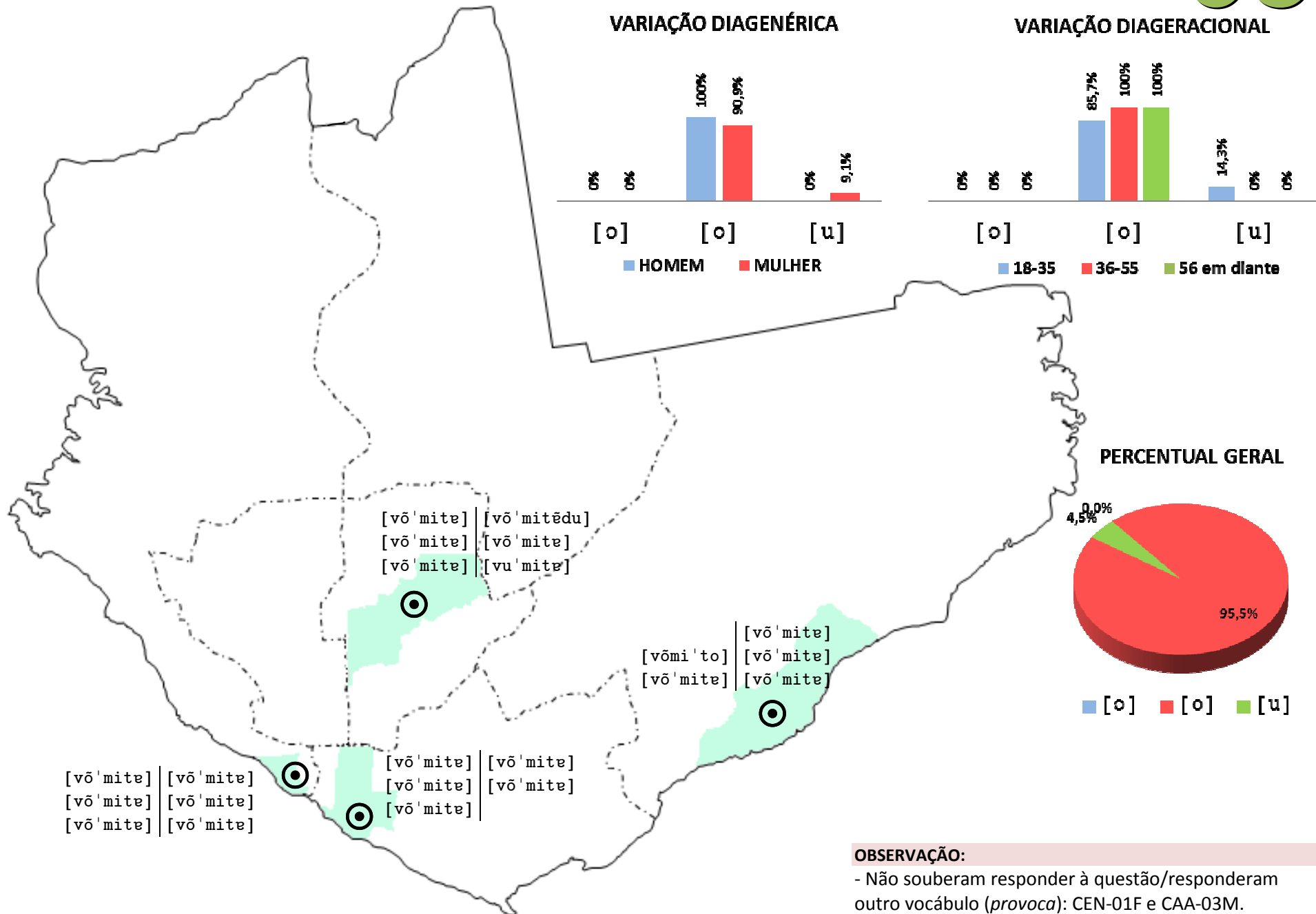




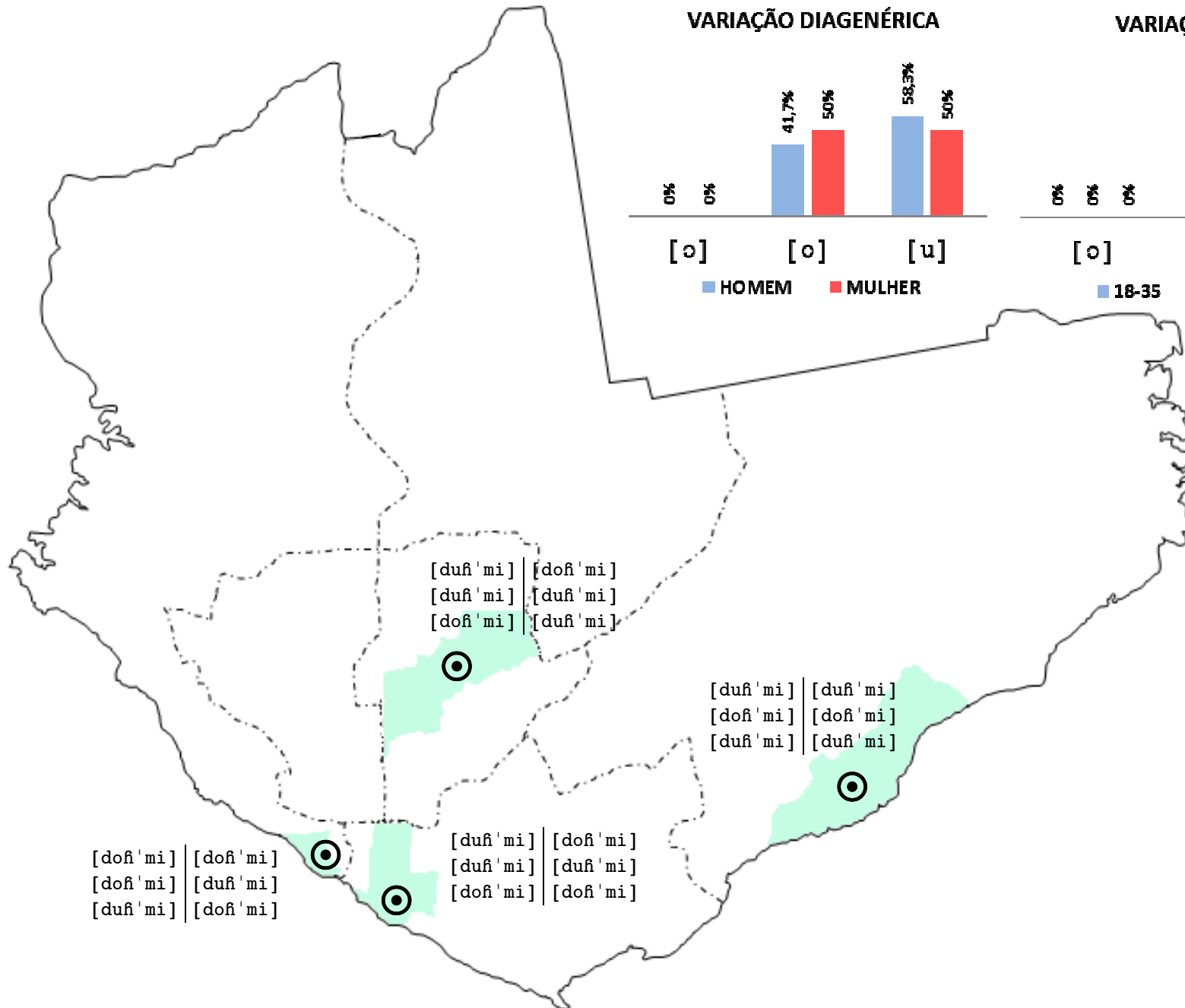




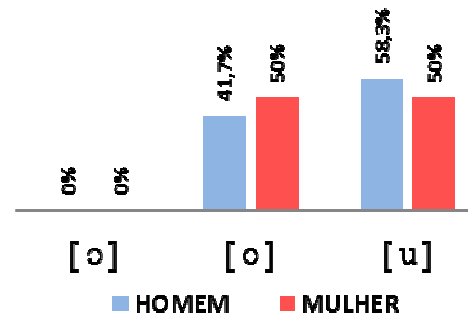




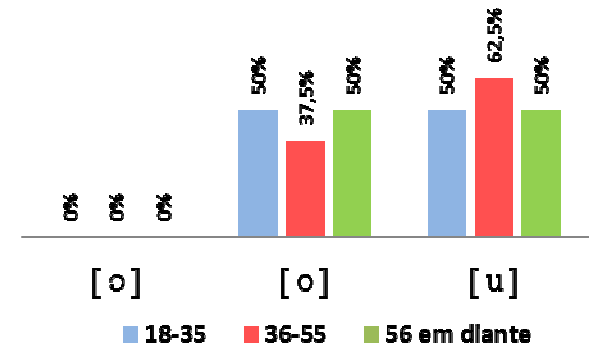
OBSERVAÇÃO:
 - Não souberam responder à questão/responderam outro vocábulo (*provoca*): CEN-01F e CAA-03M.



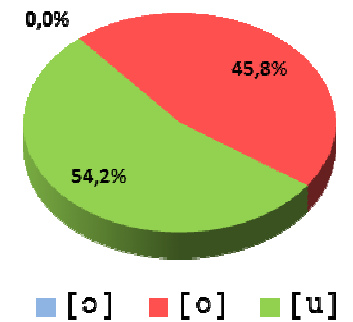
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA

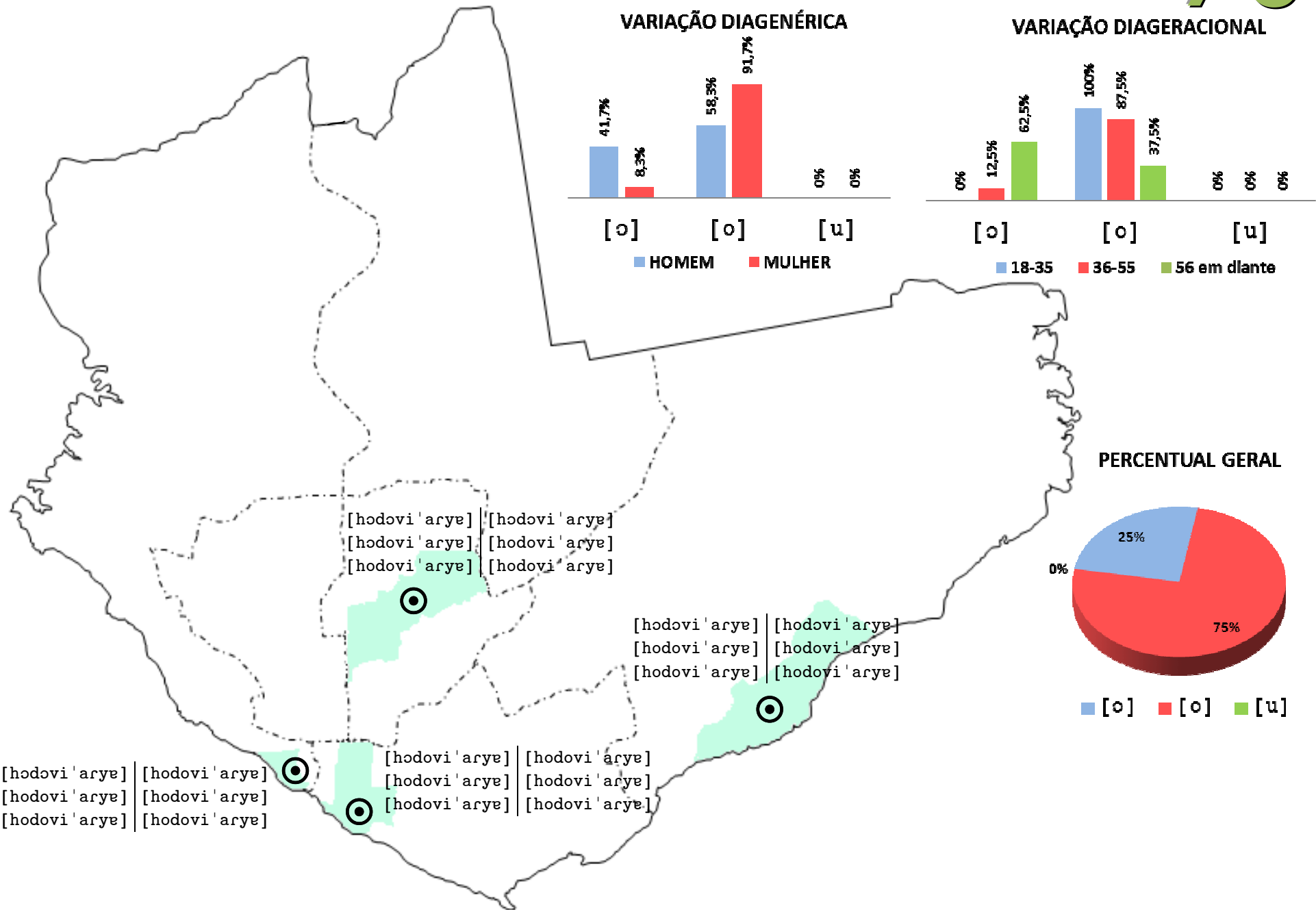


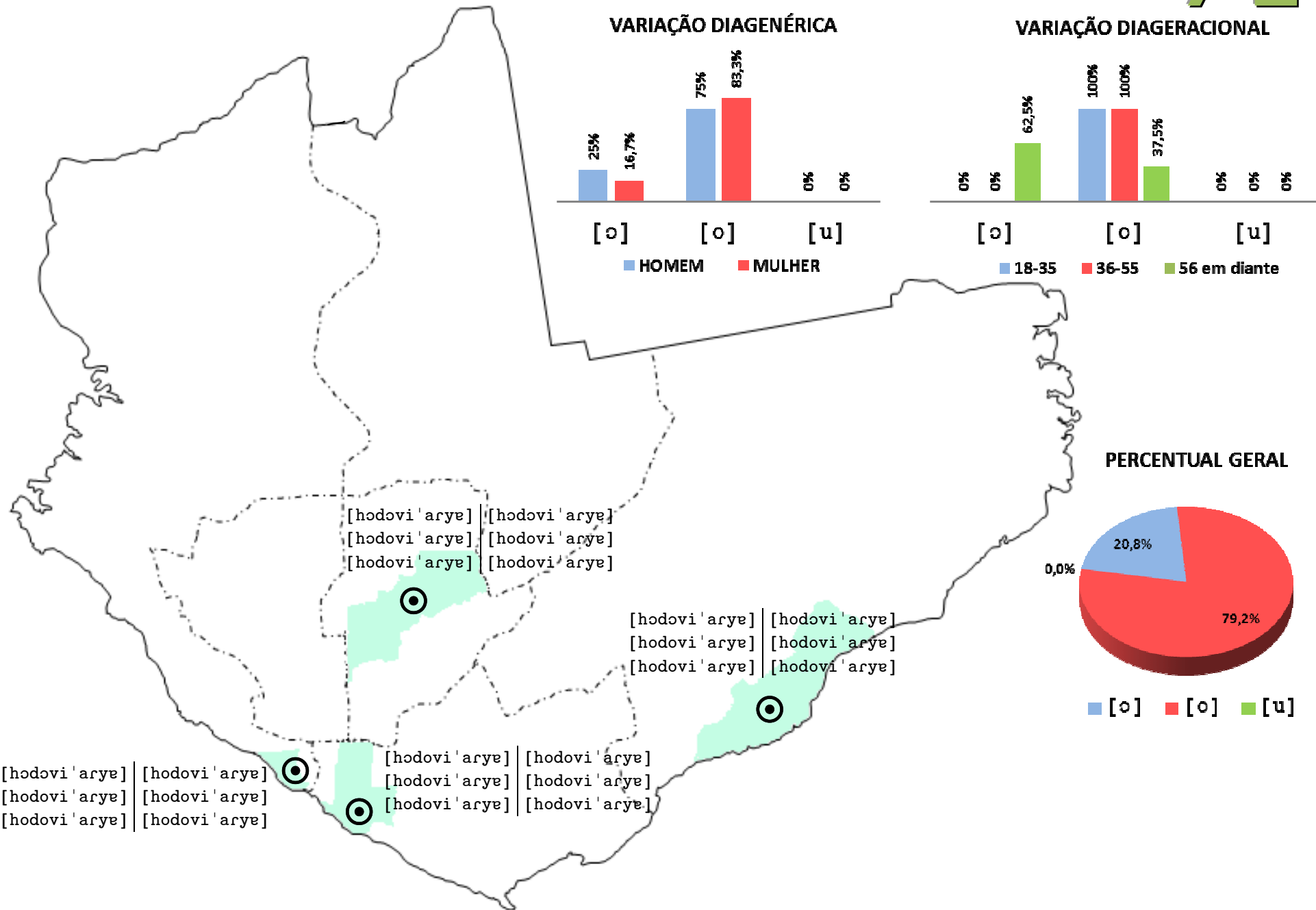
VARIAÇÃO DIAGERACIONAL

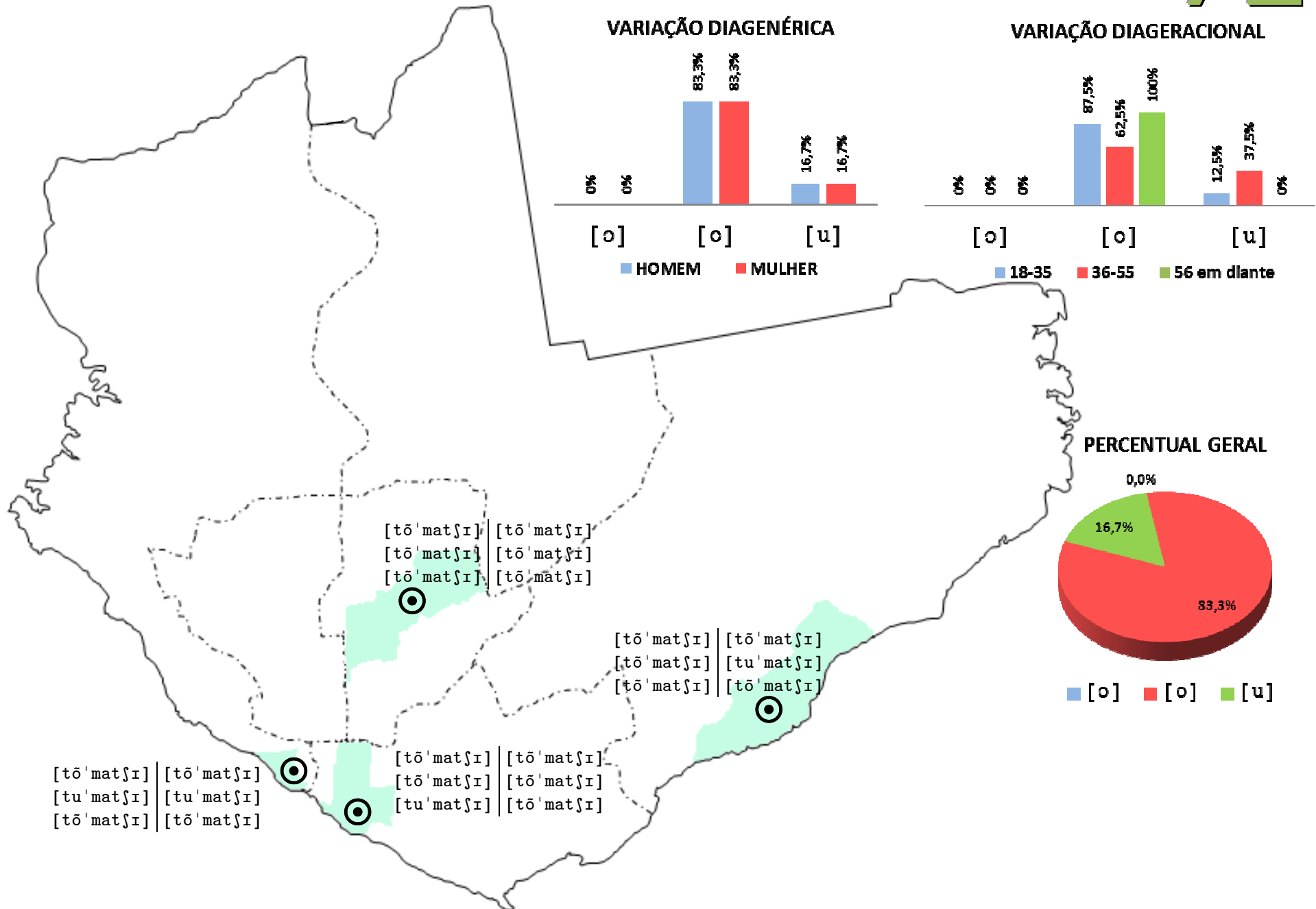


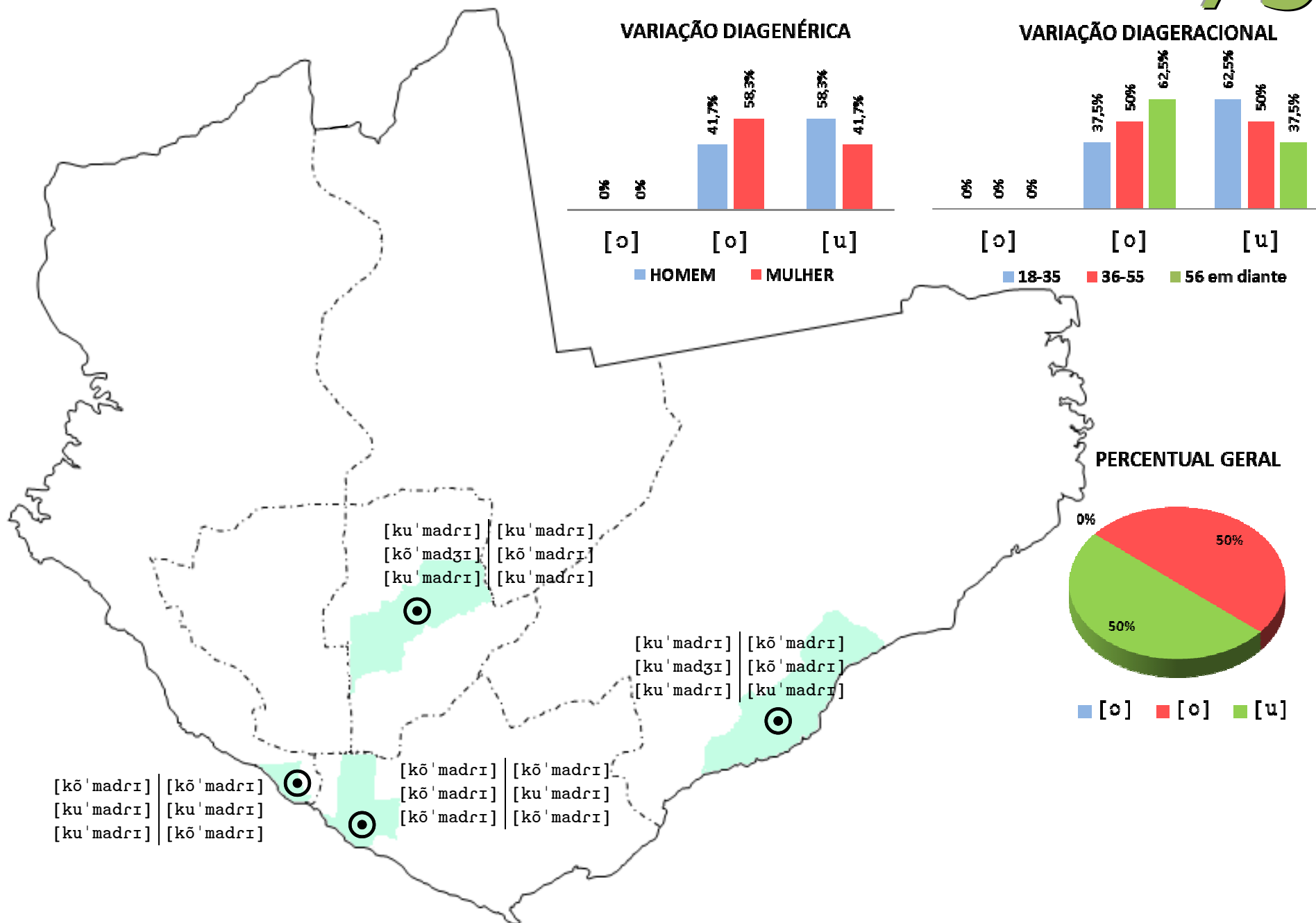
PERCENTUAL GERAL

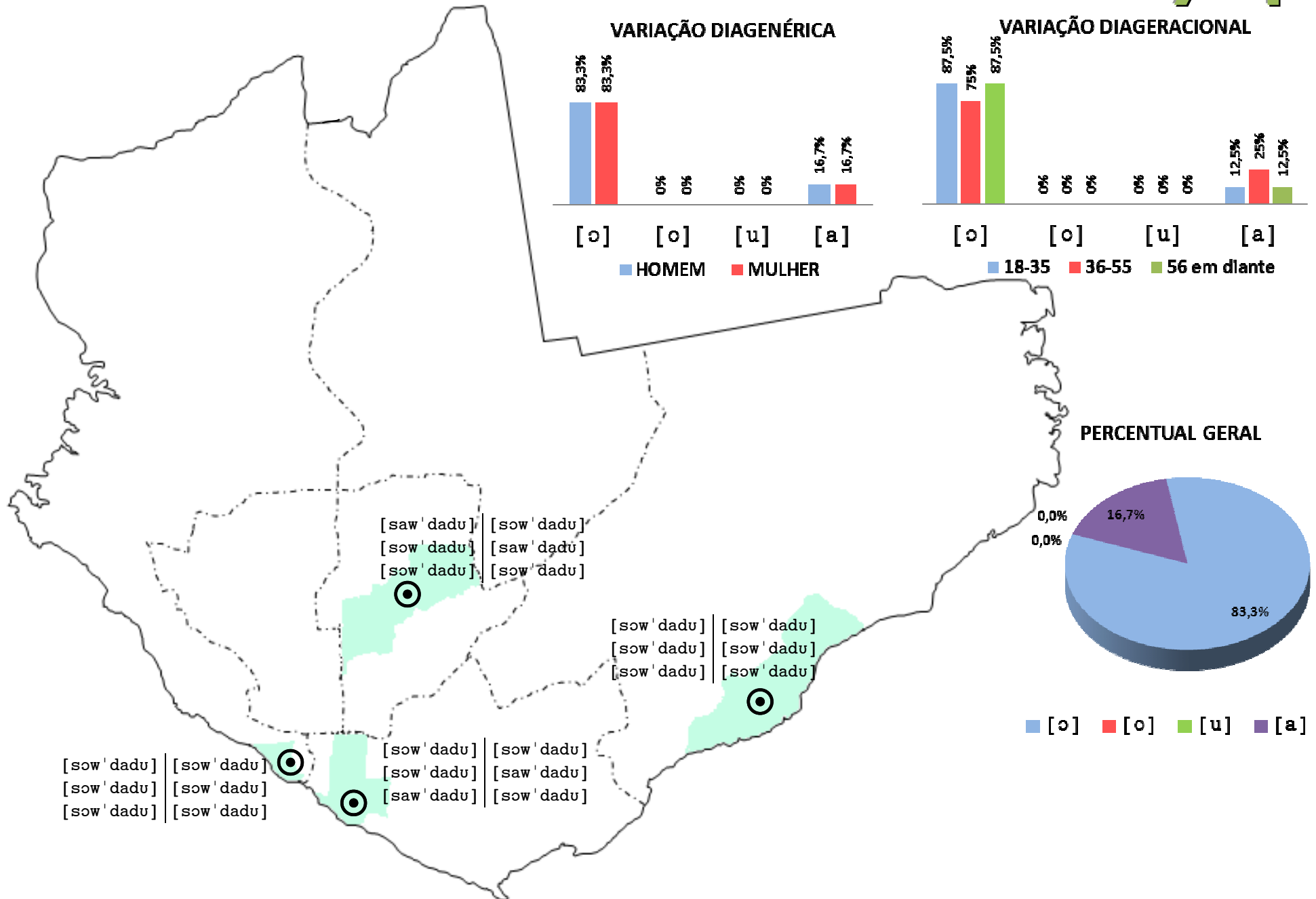


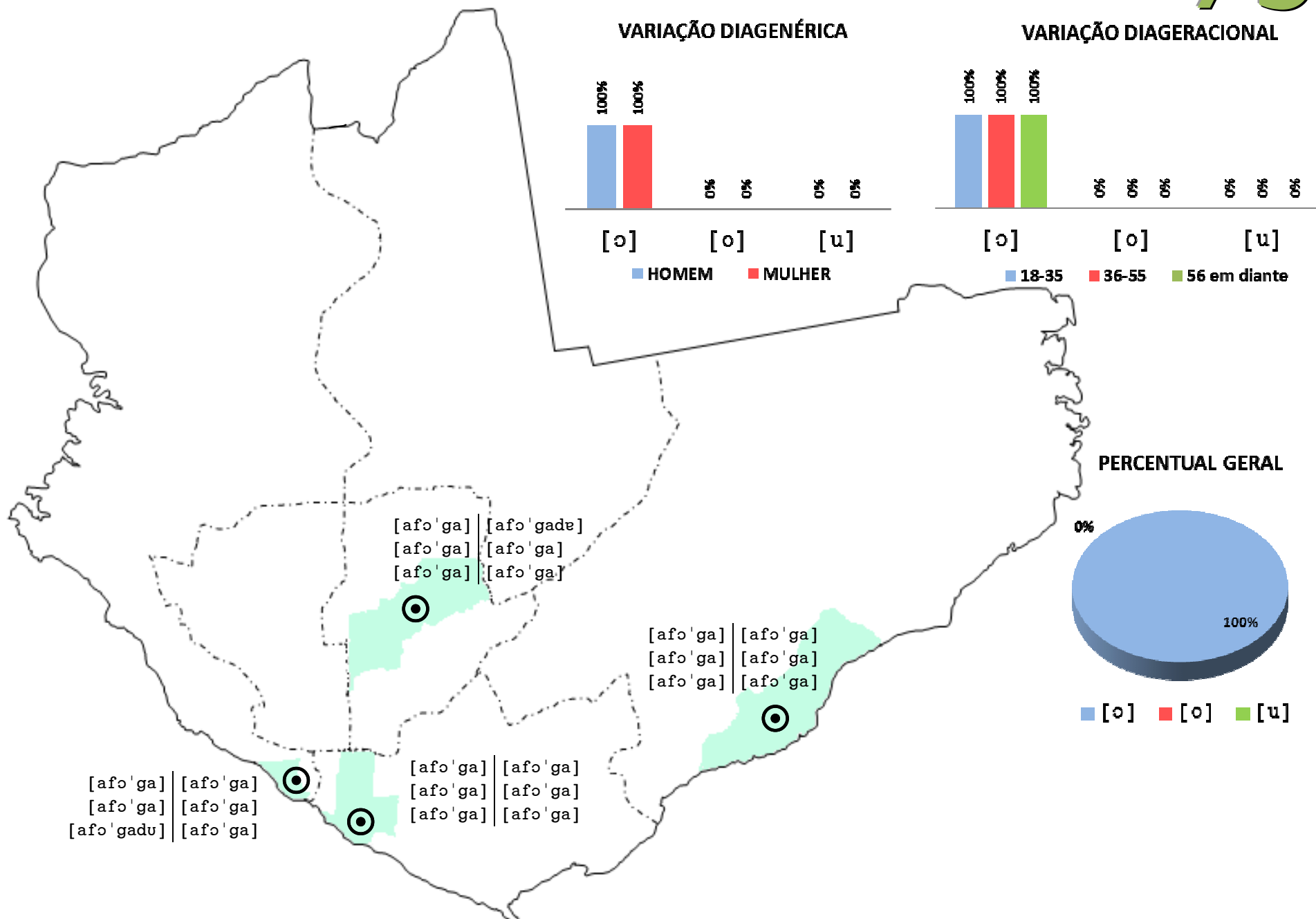


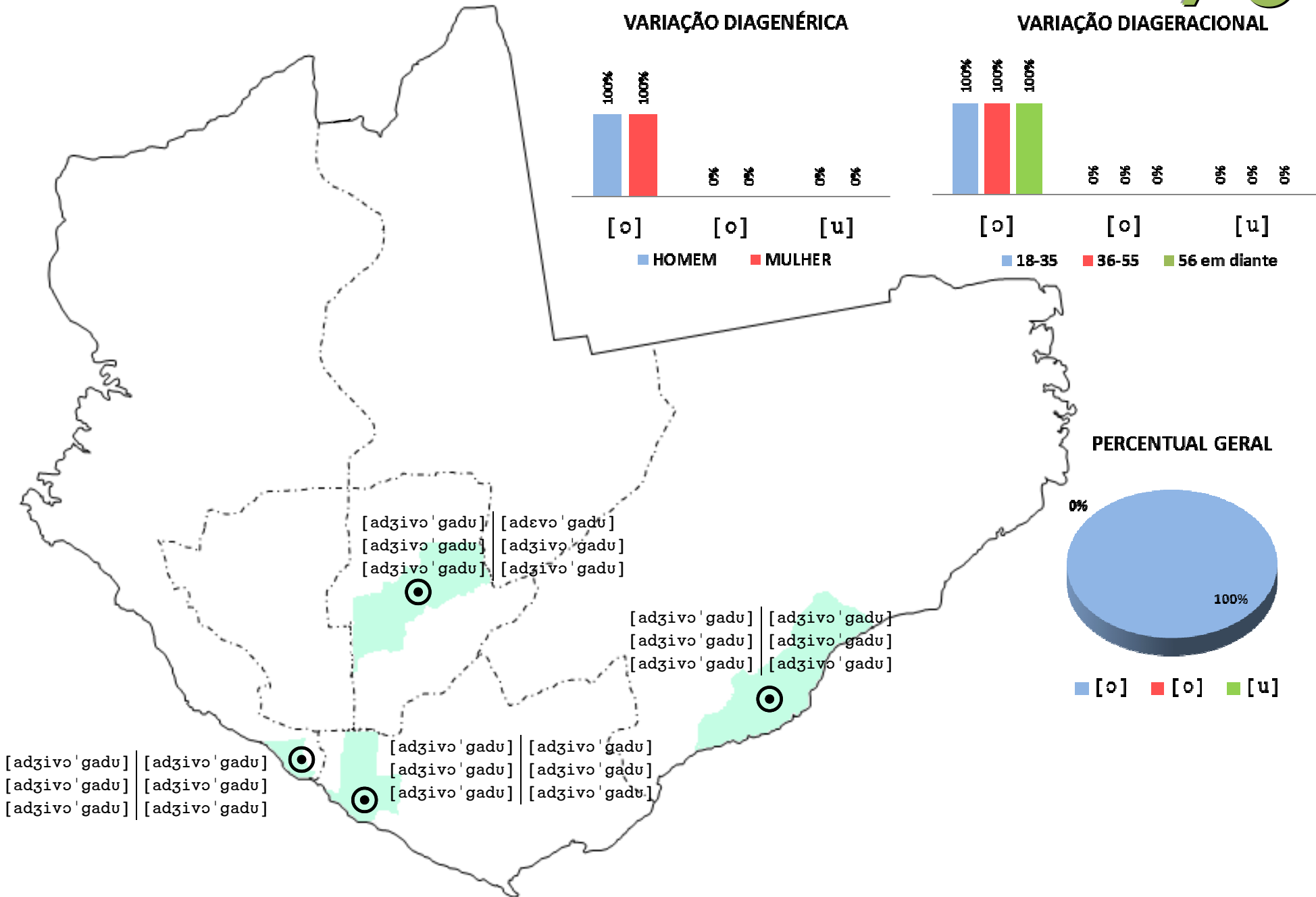




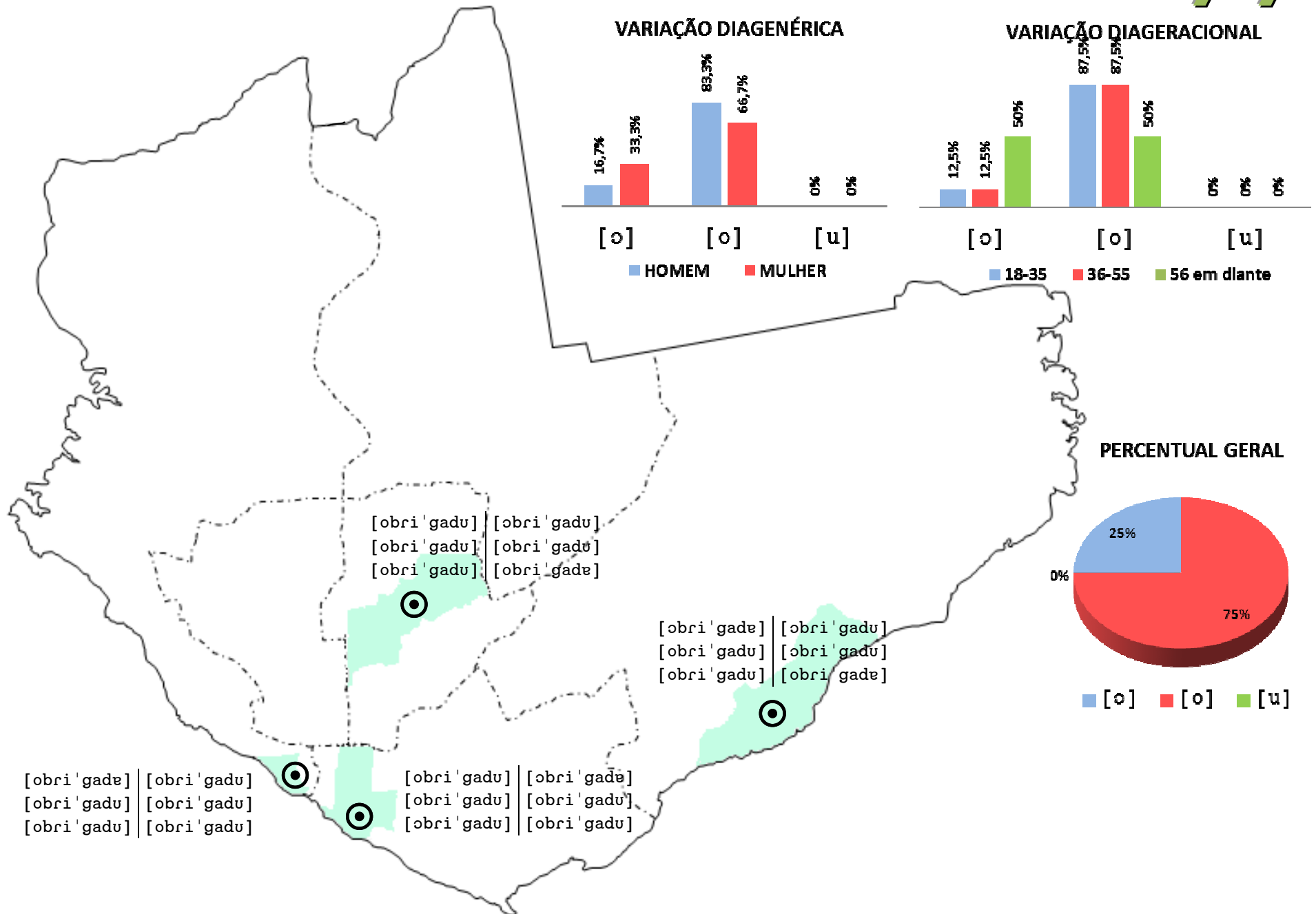


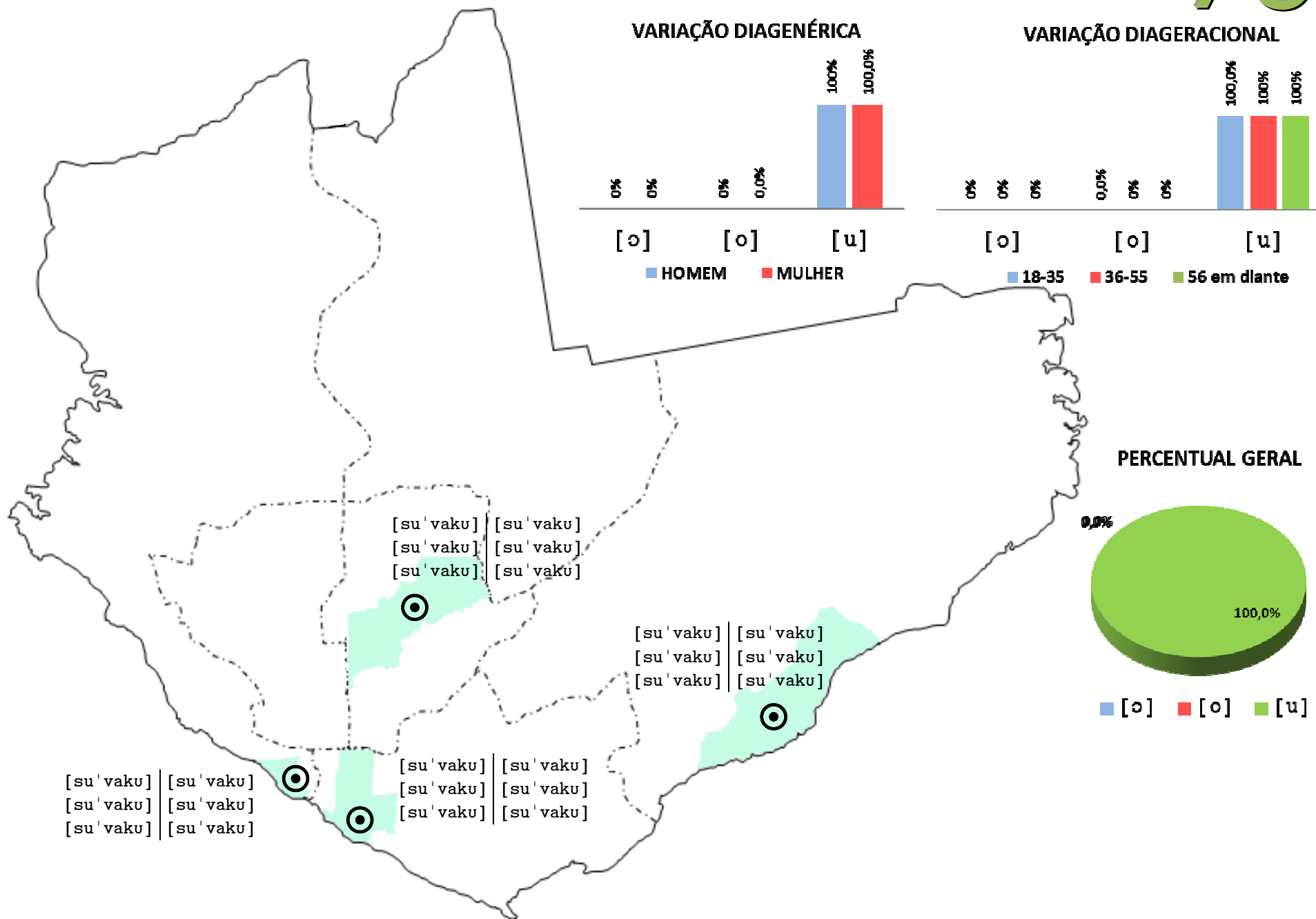


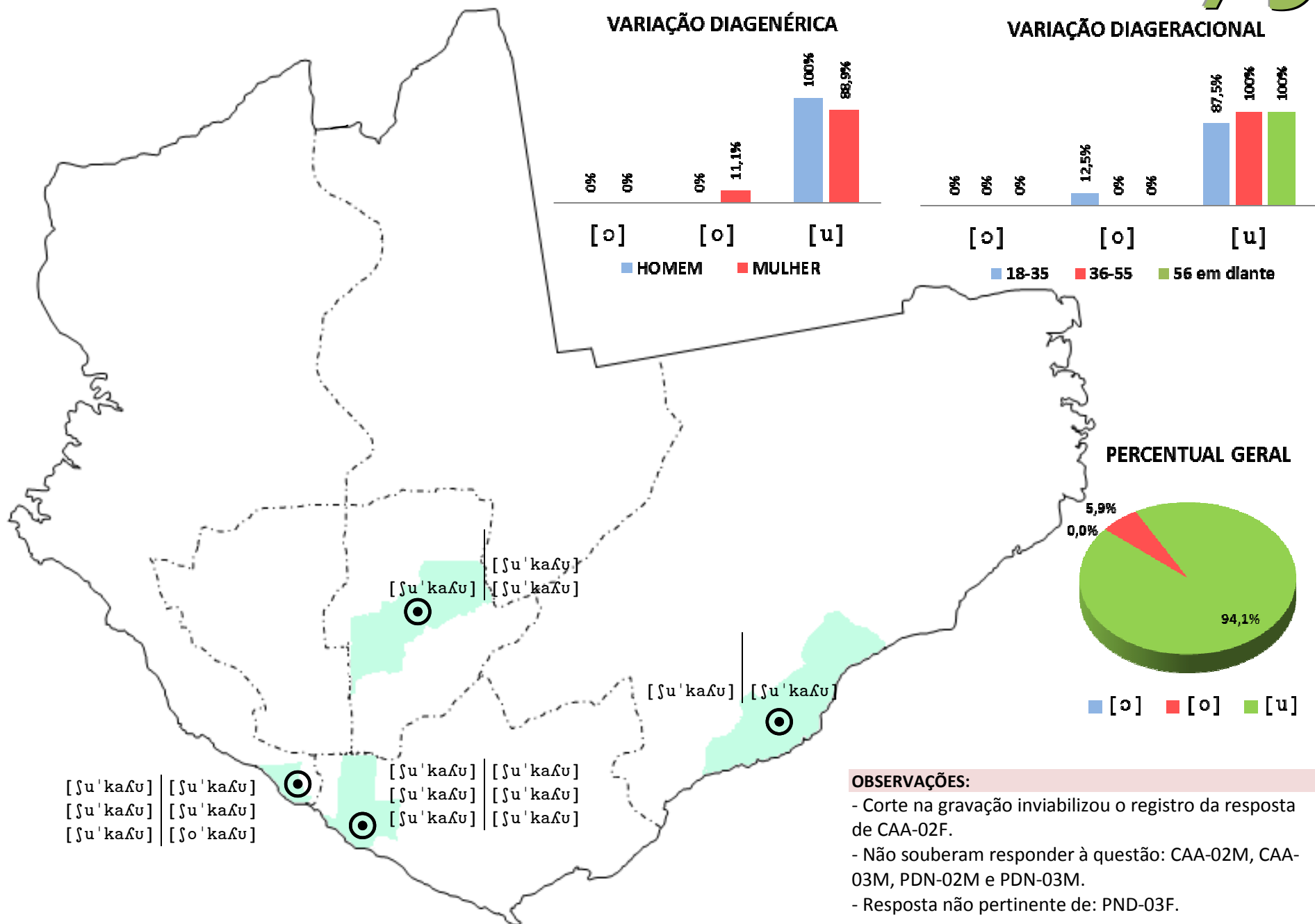


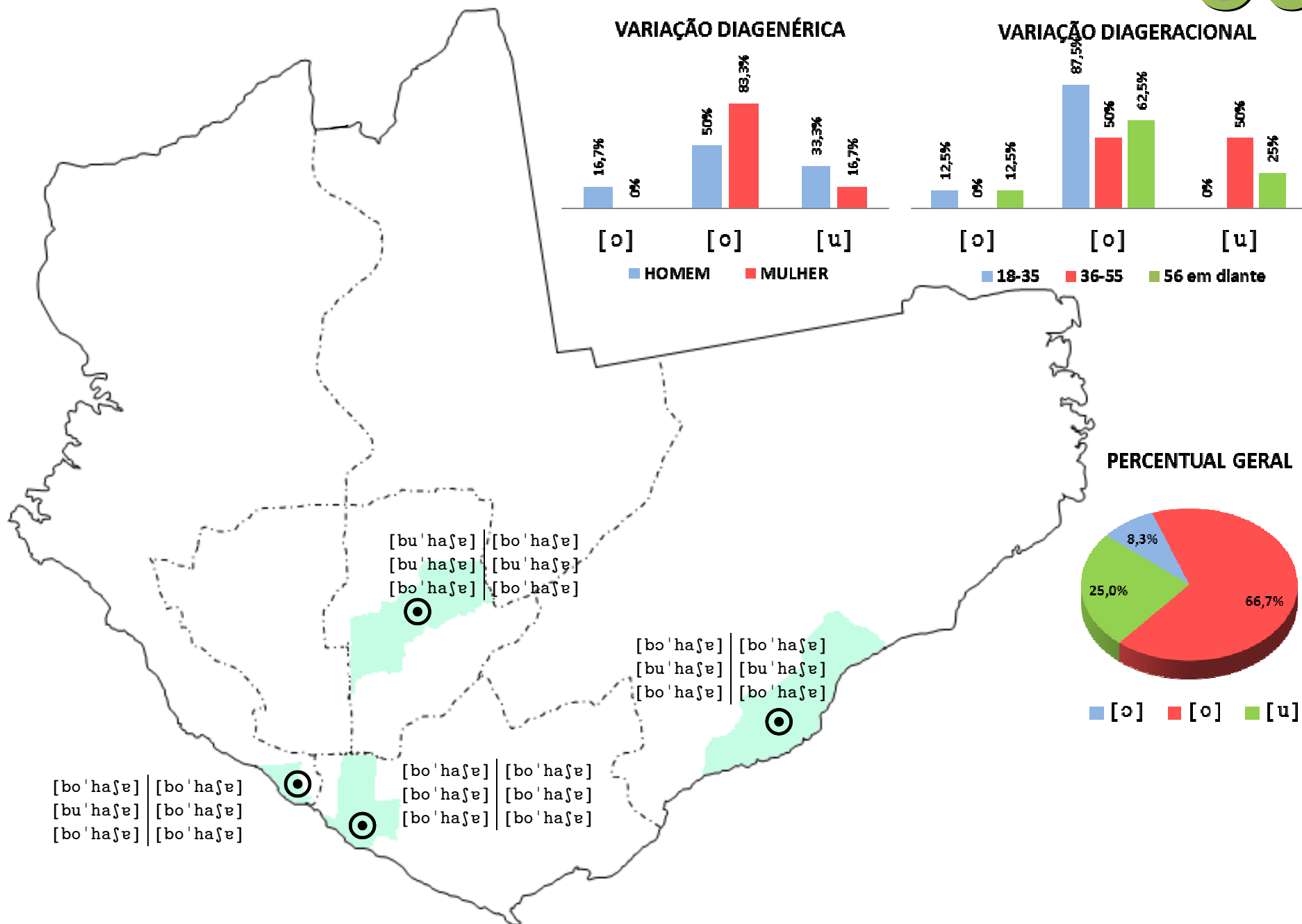


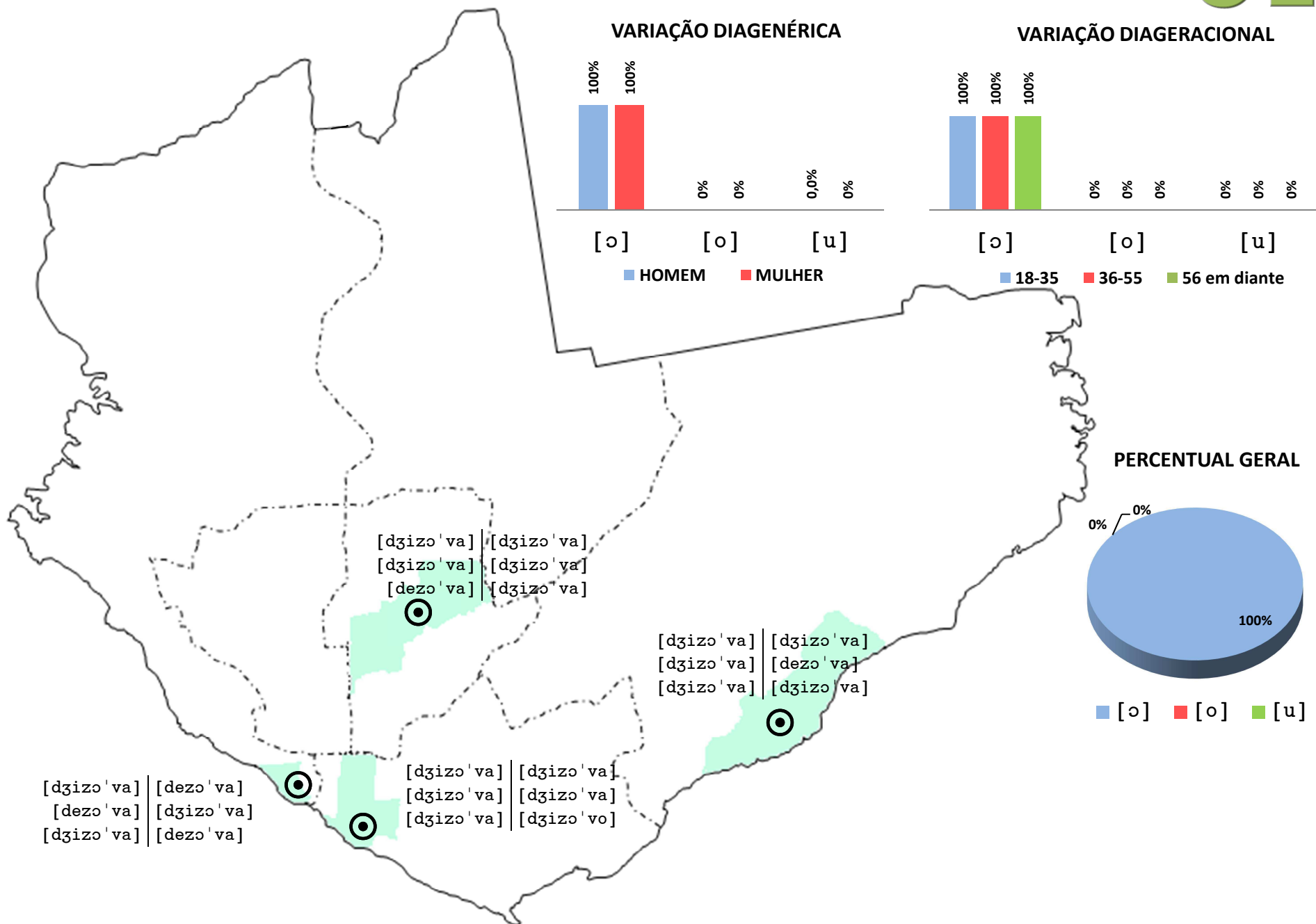
OBRIGADO/OBRIGADA

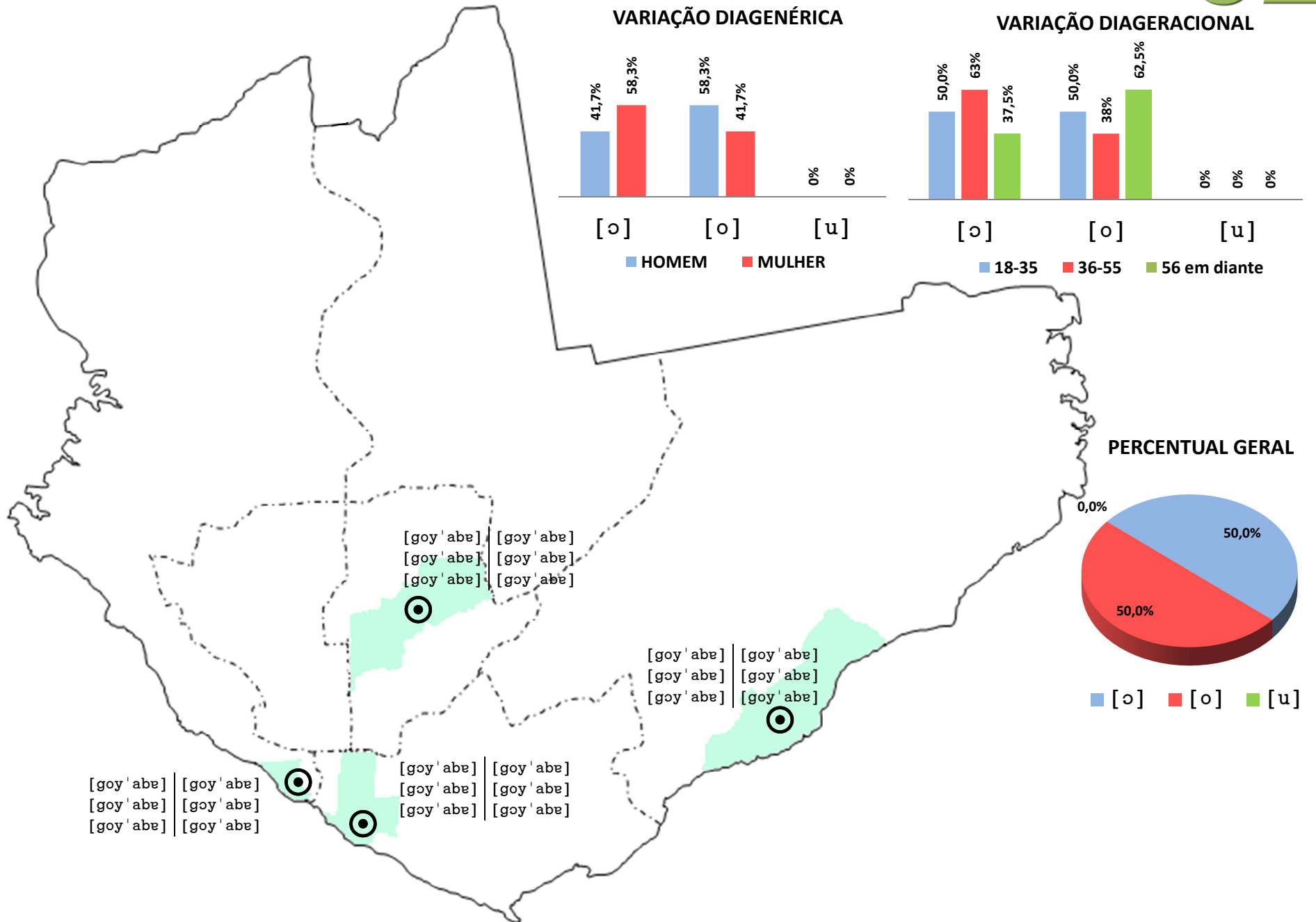


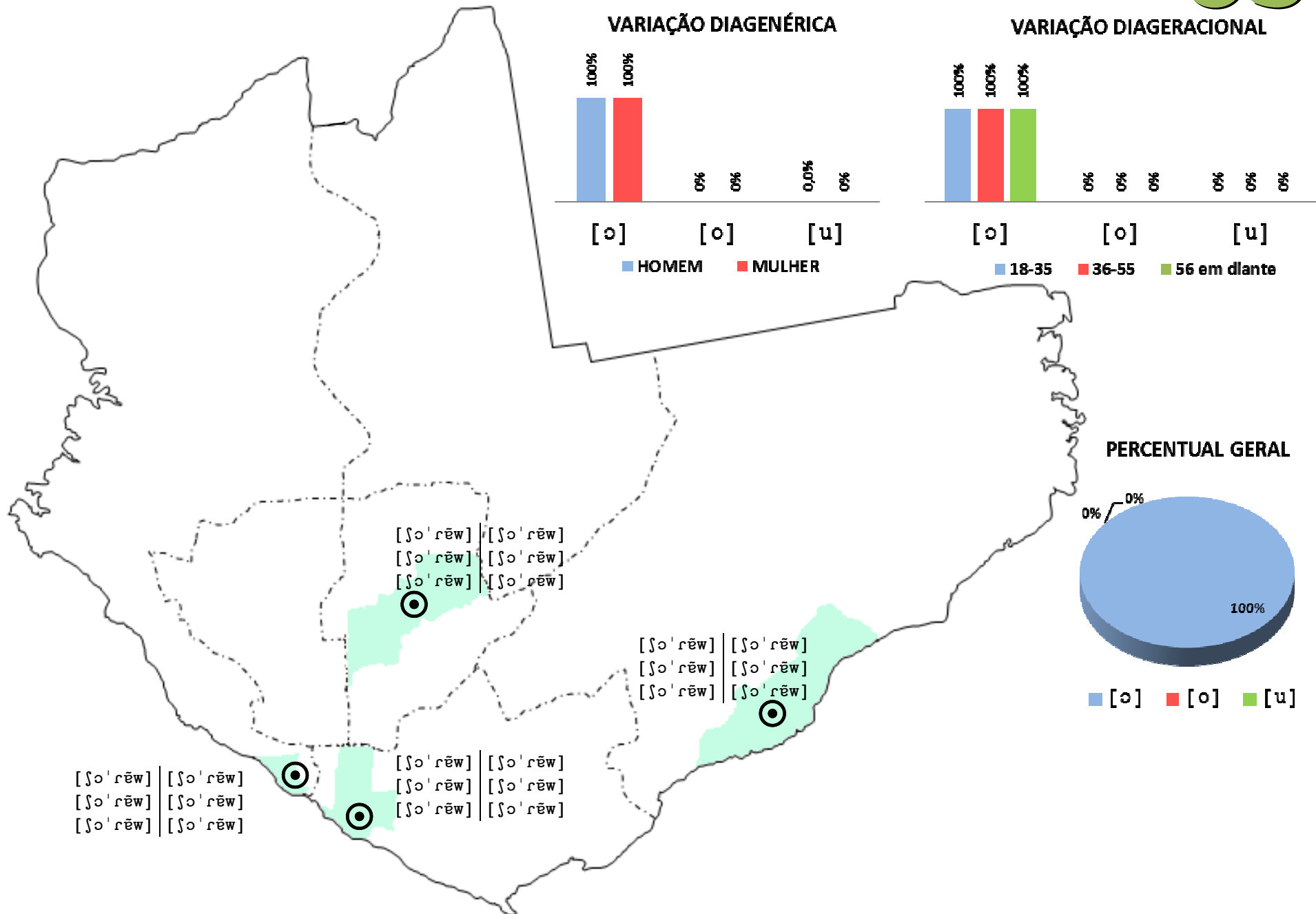


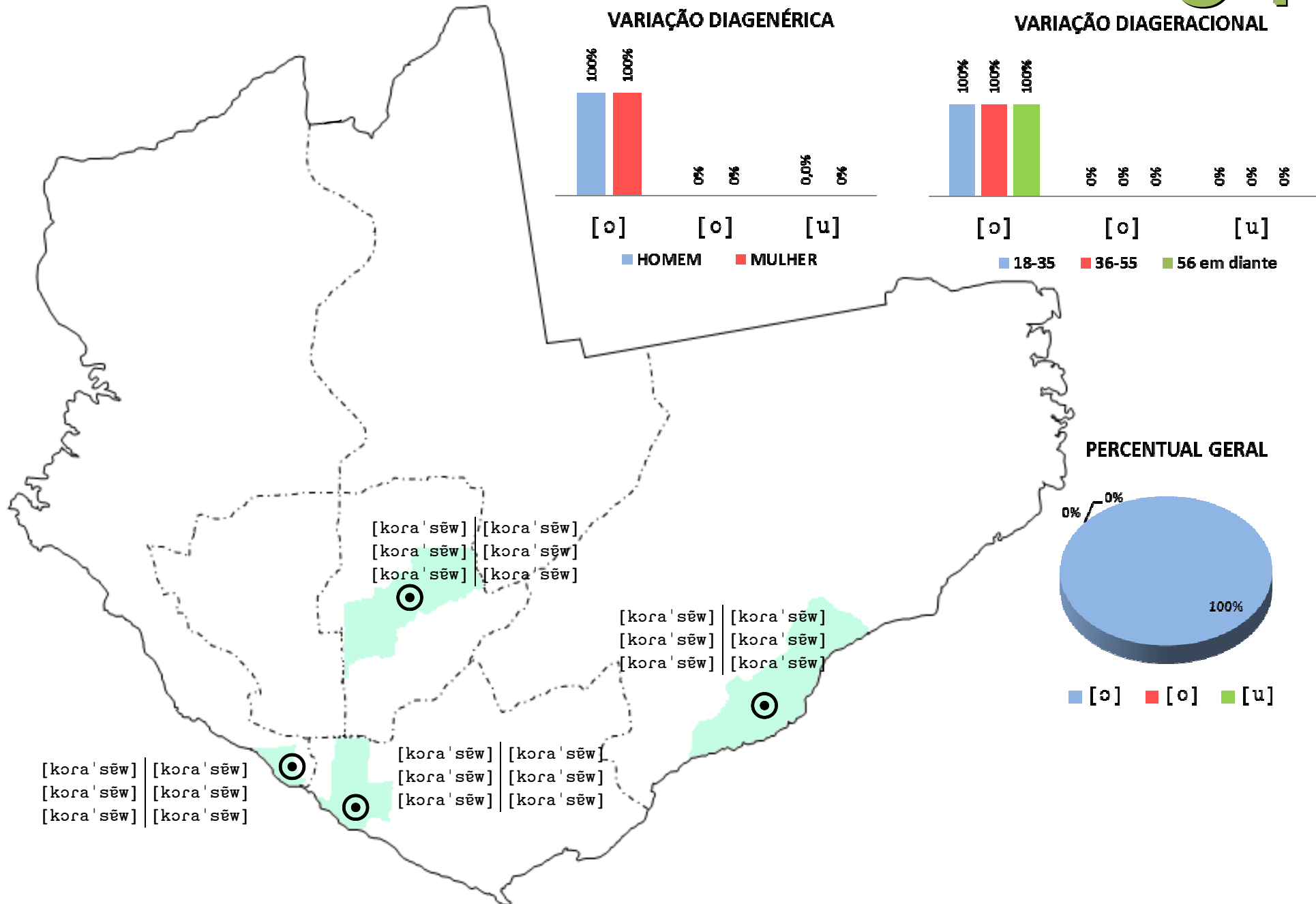


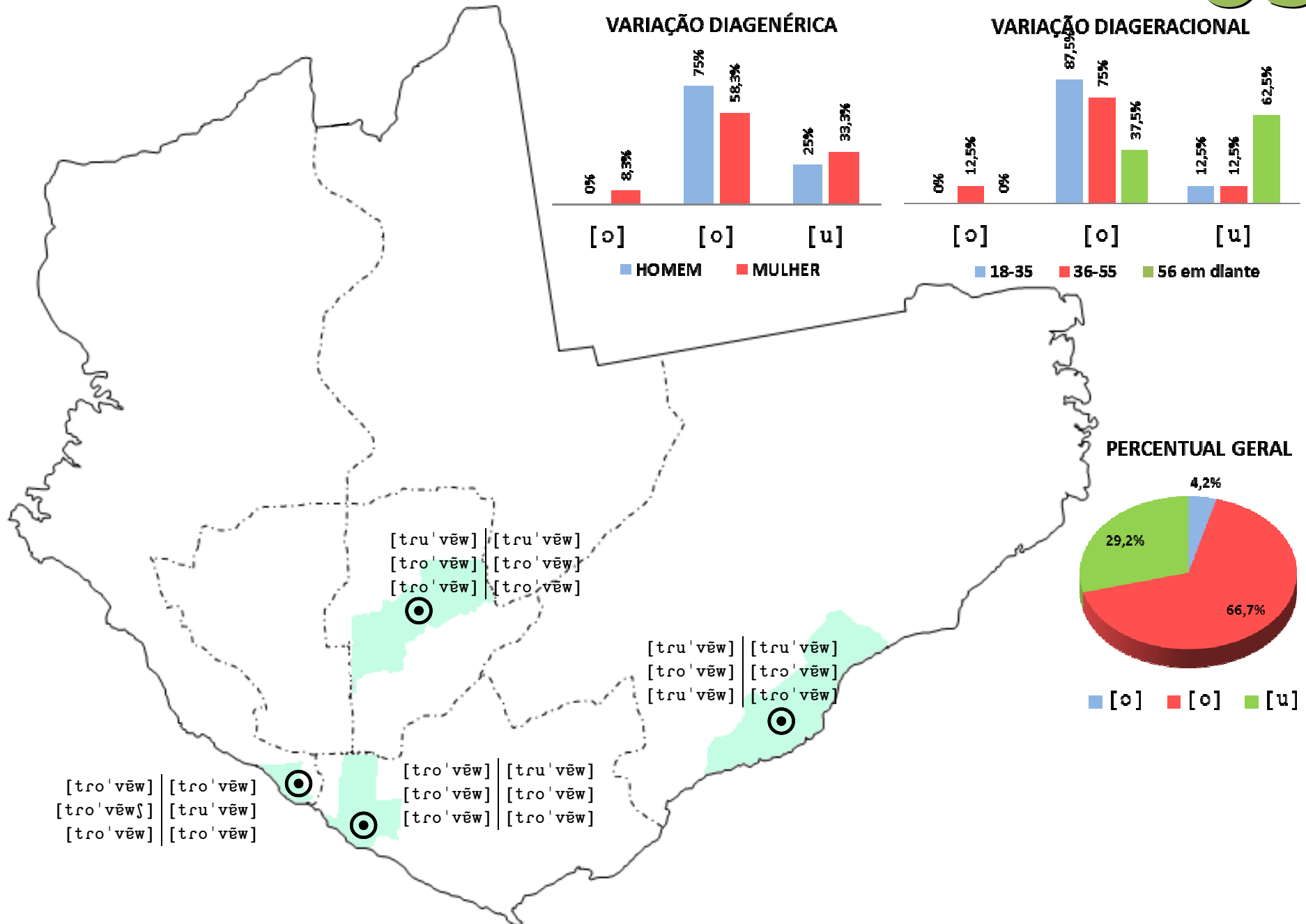


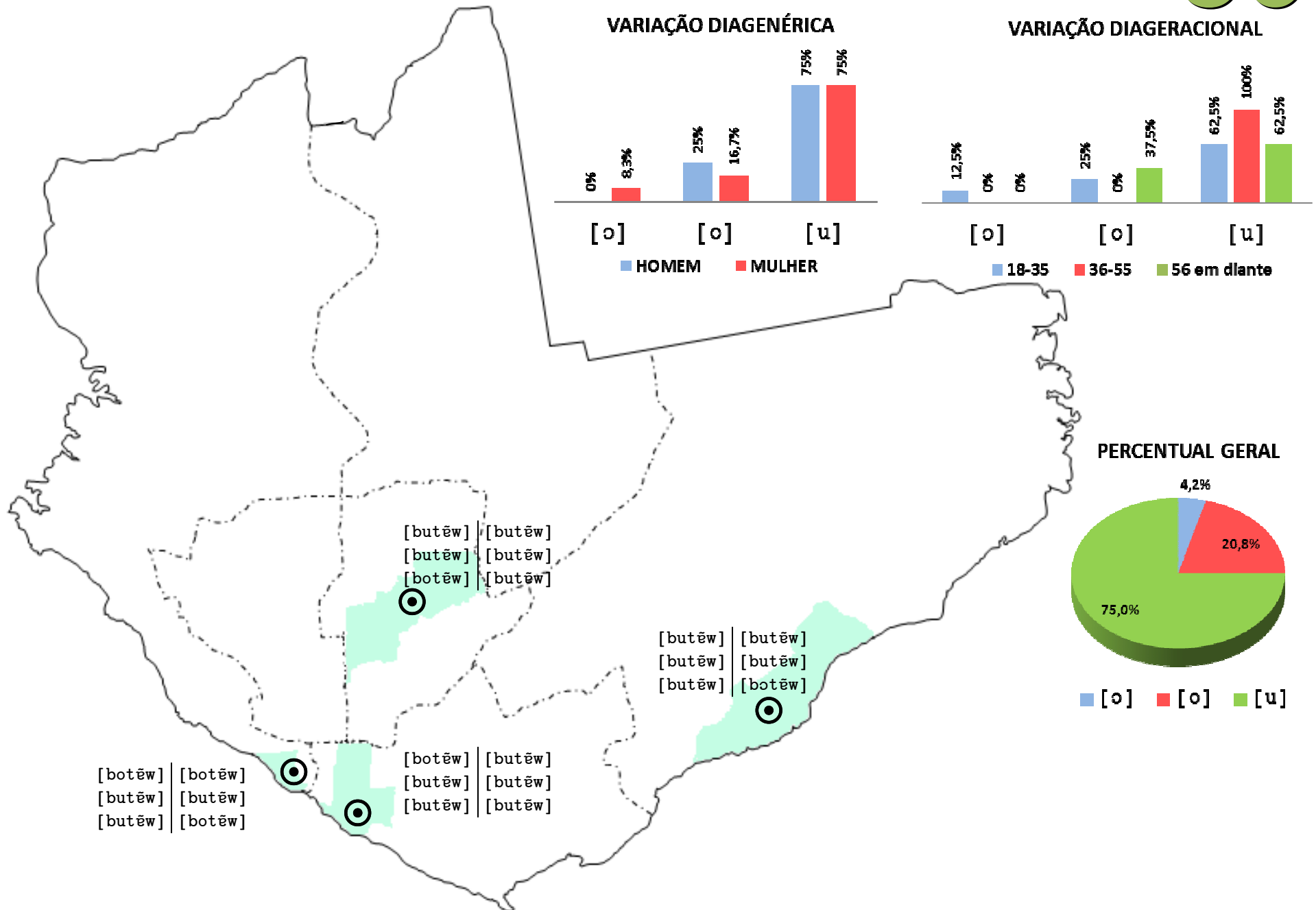


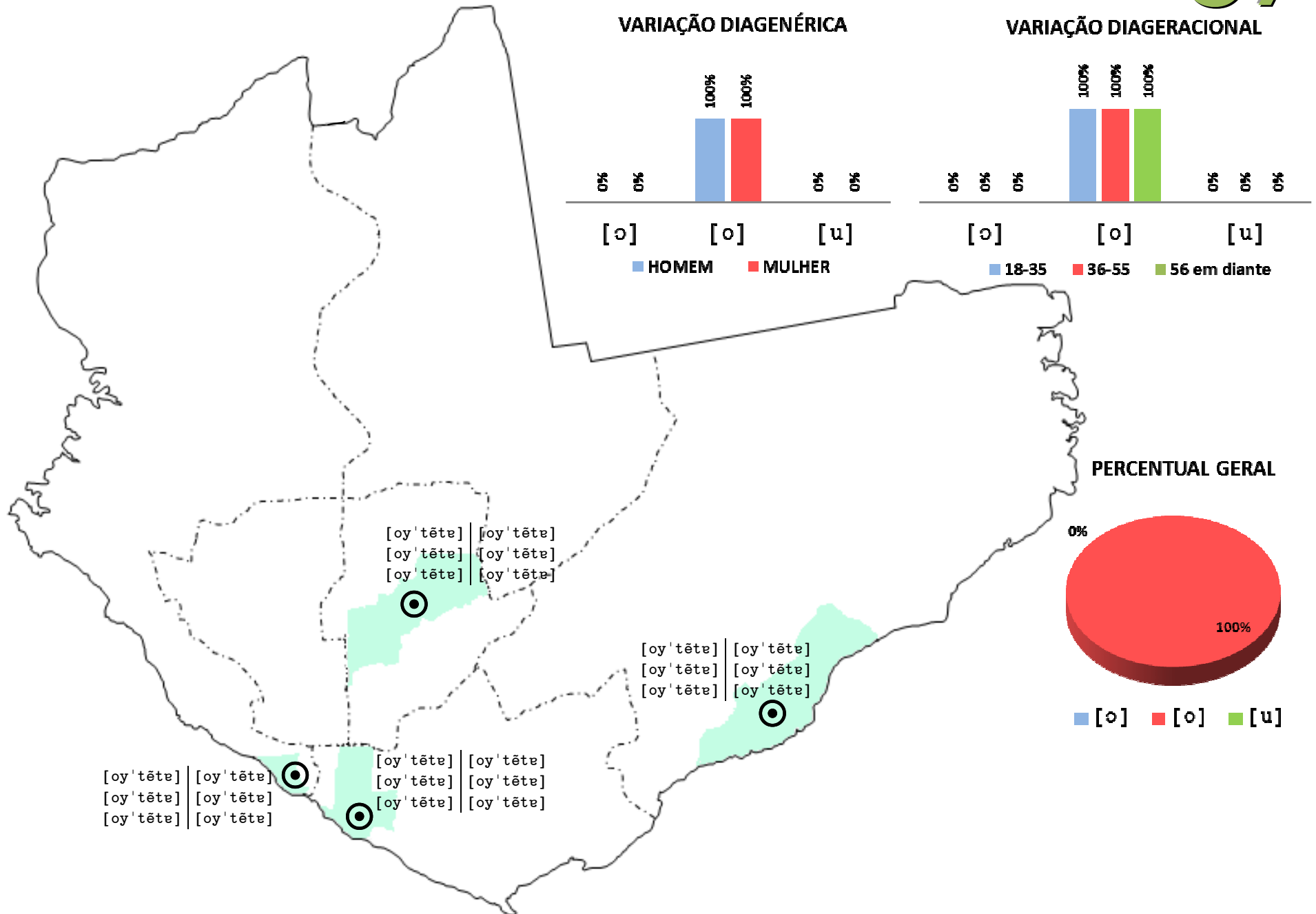


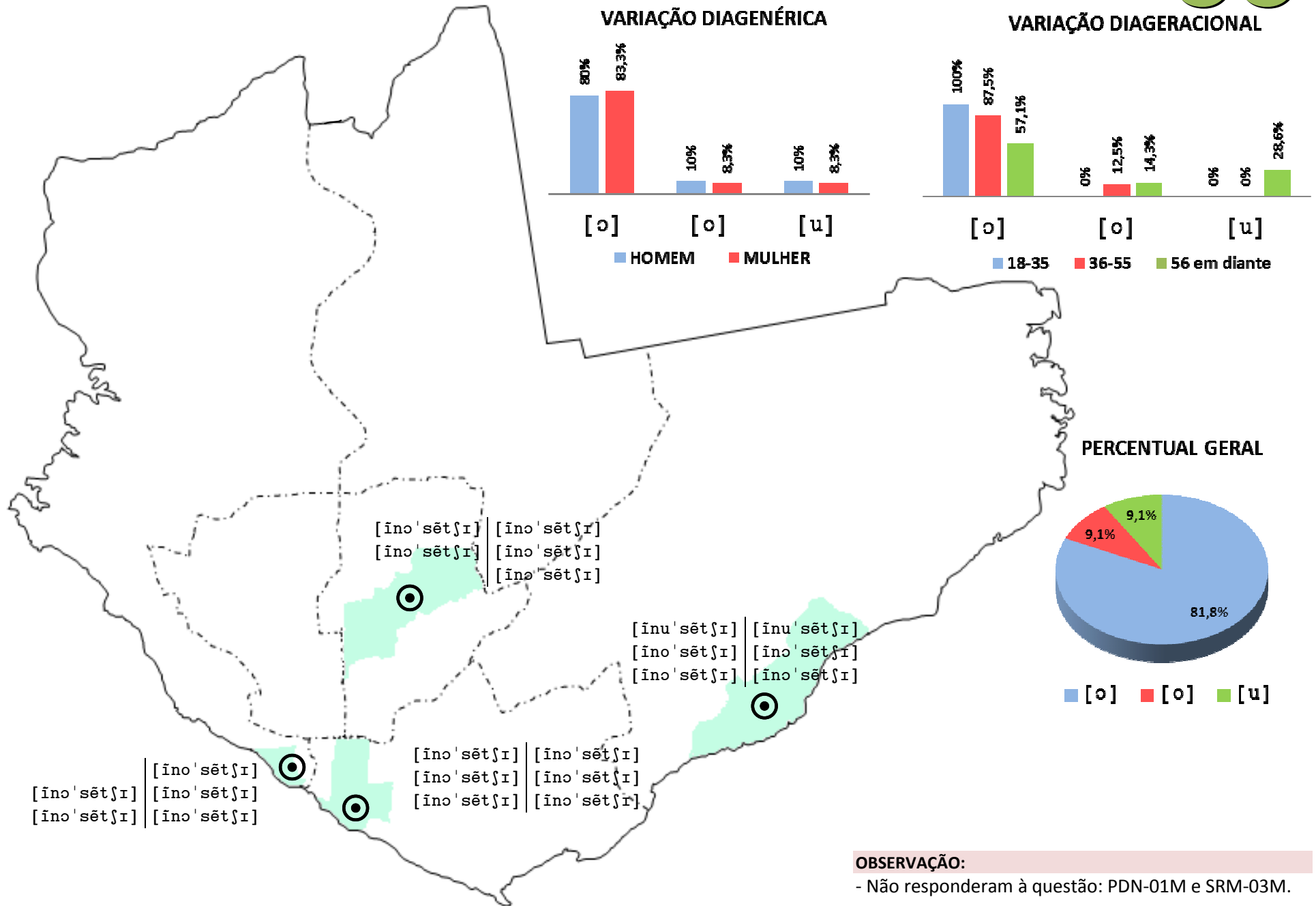


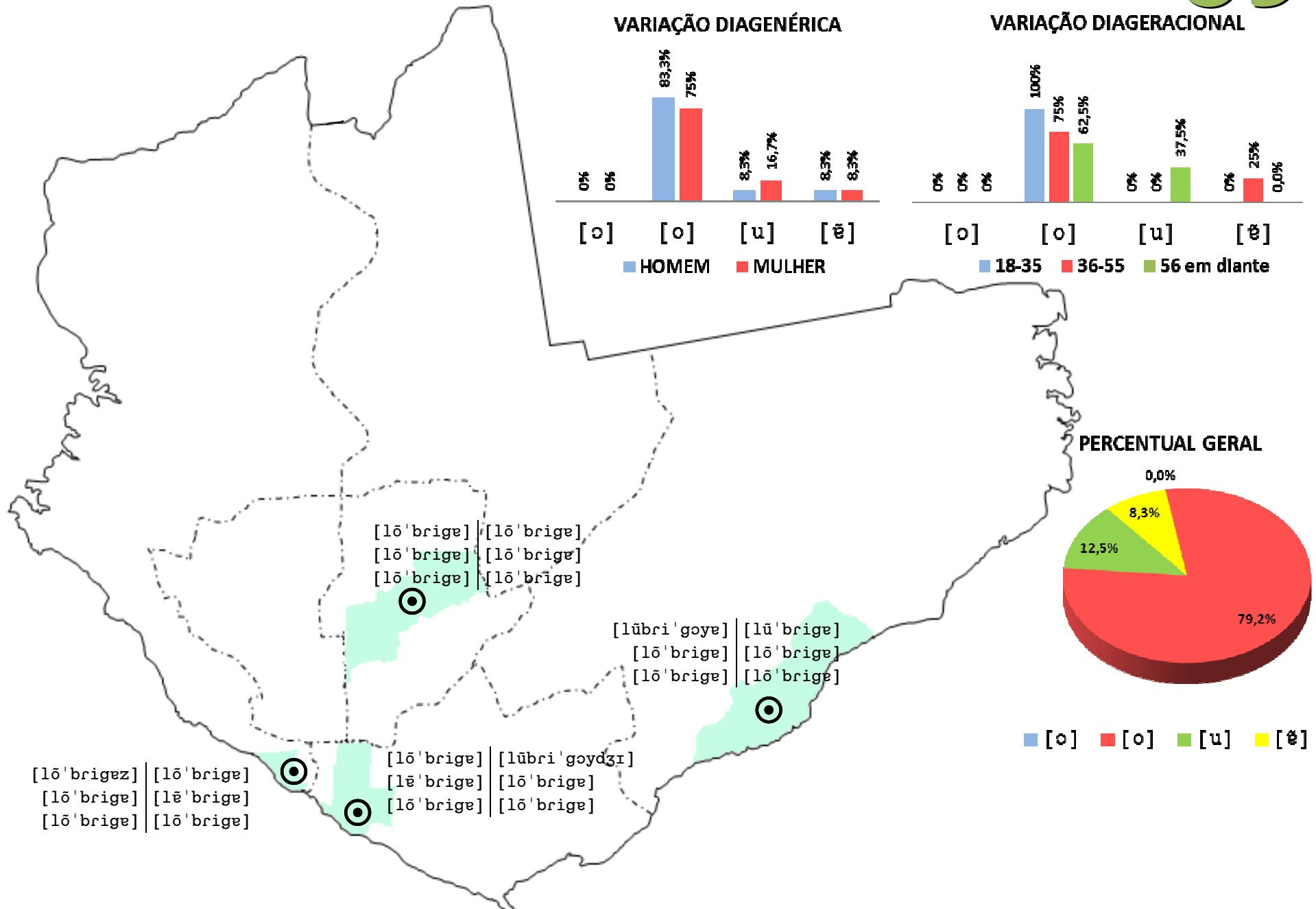


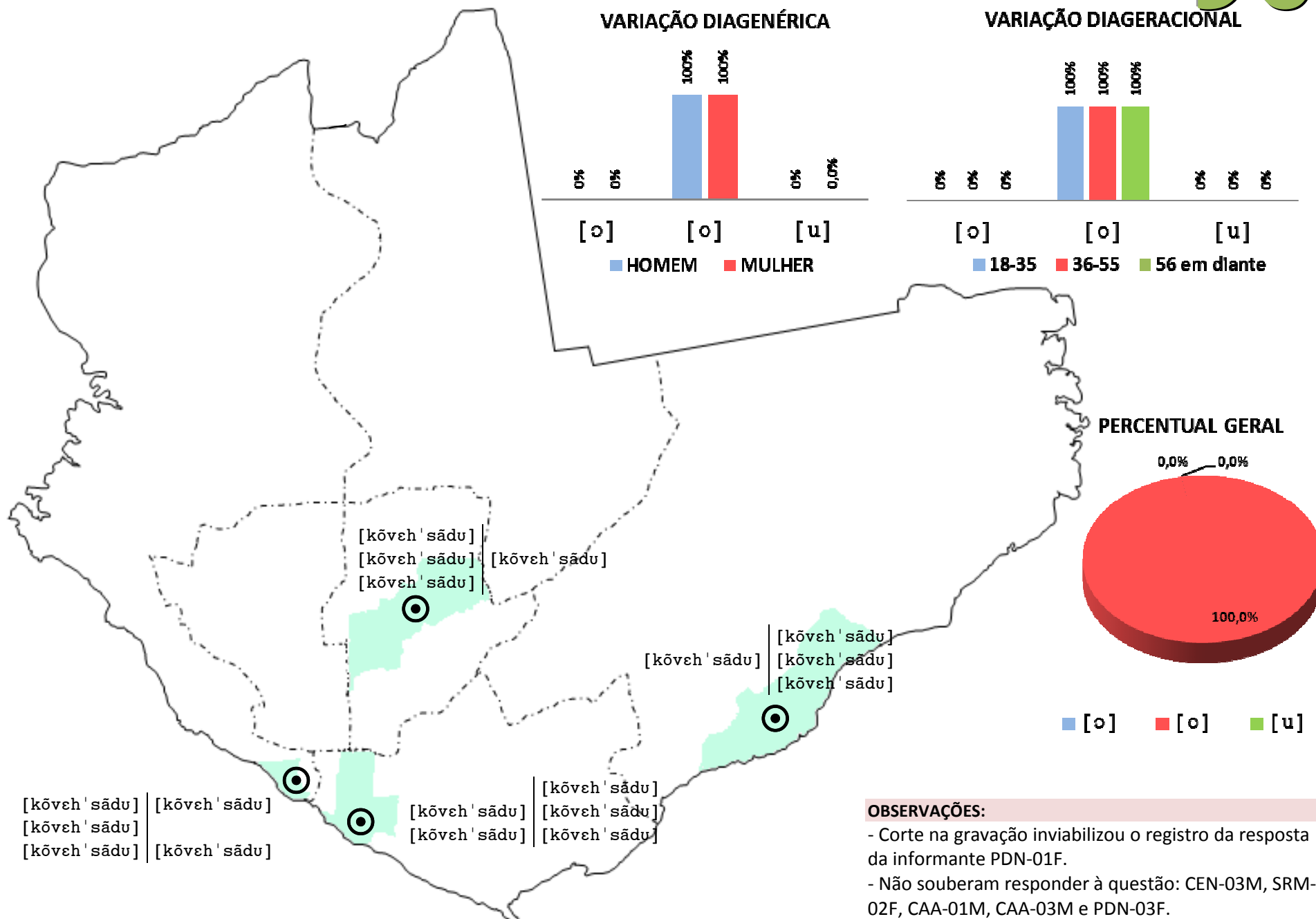


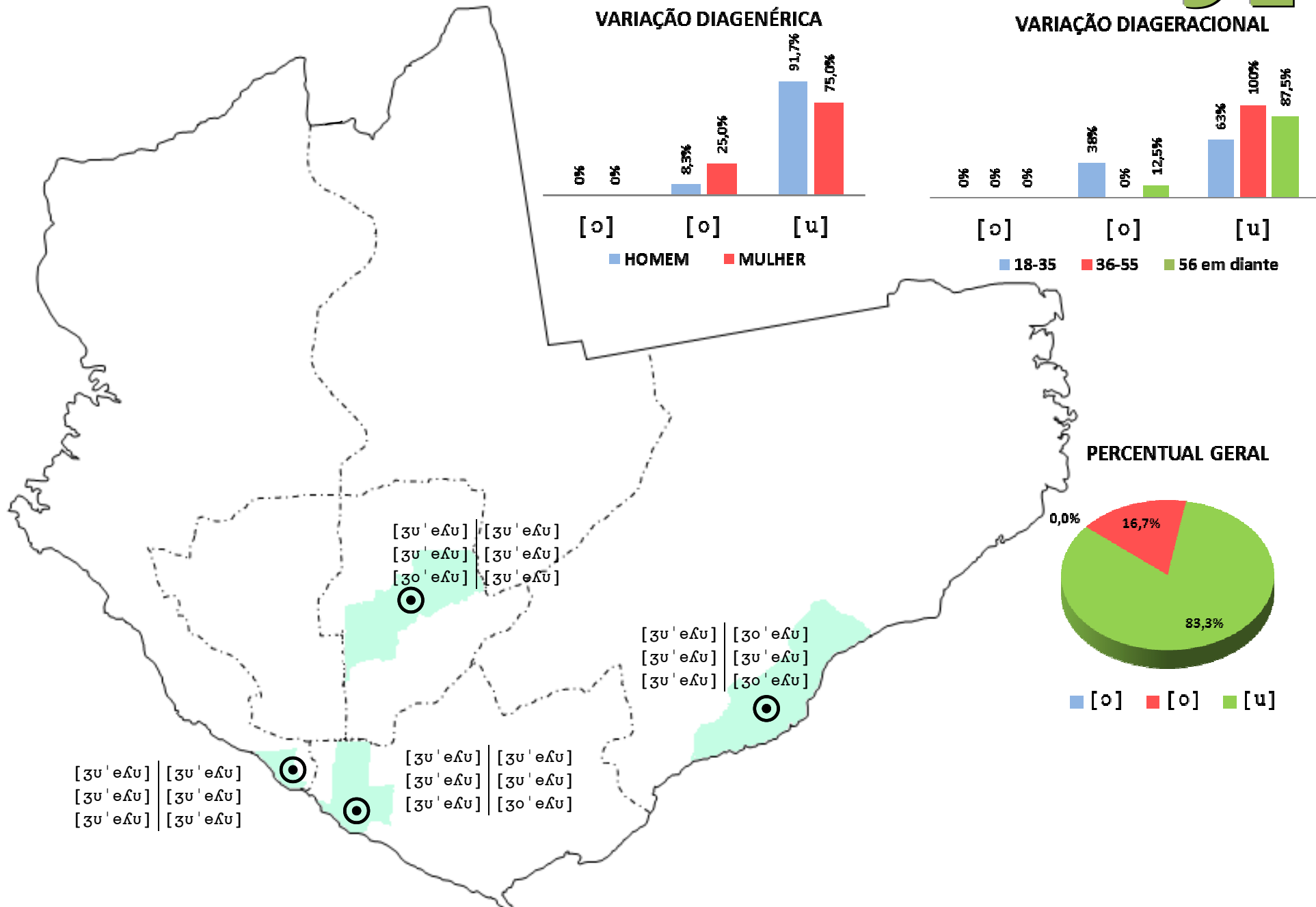


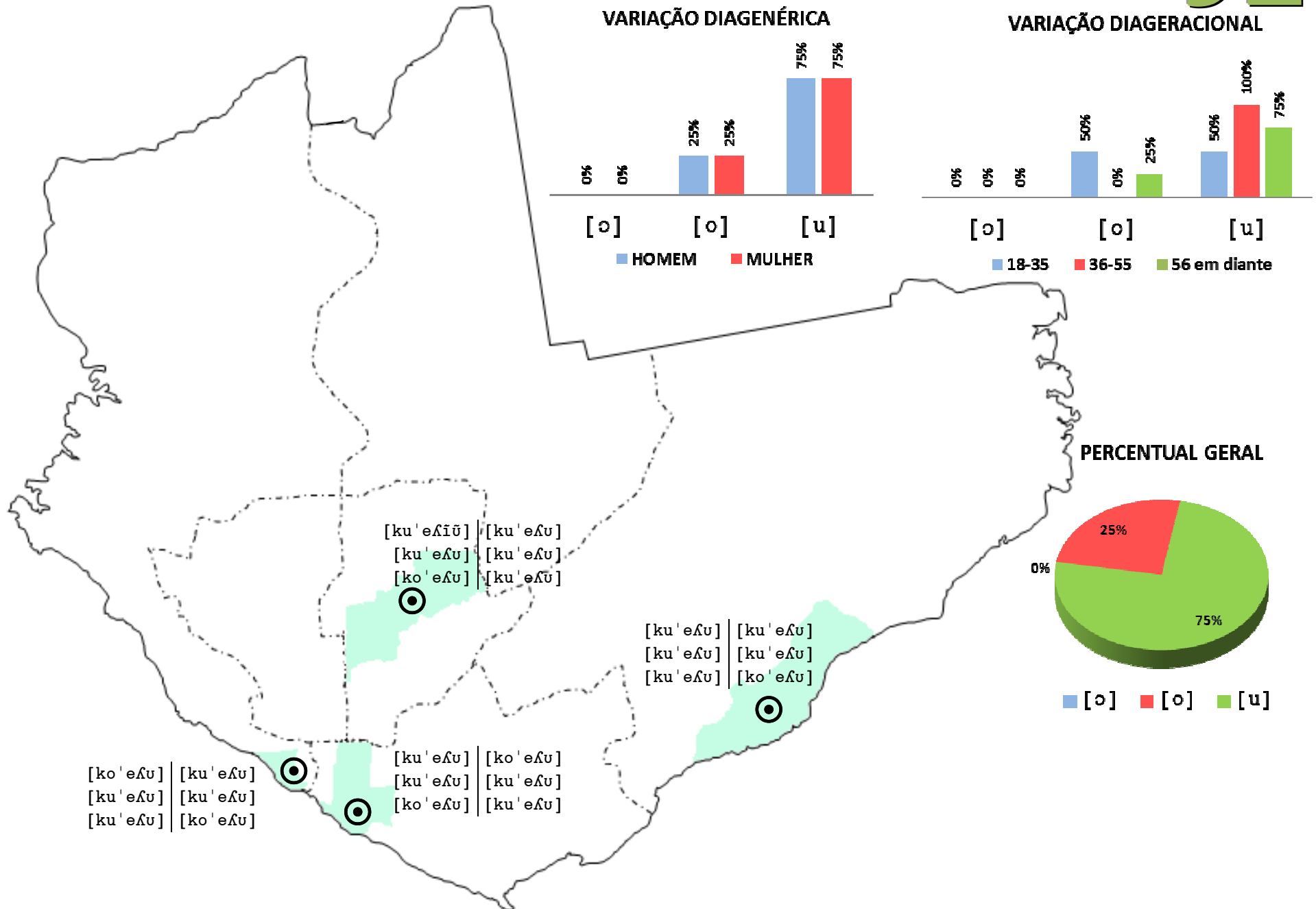


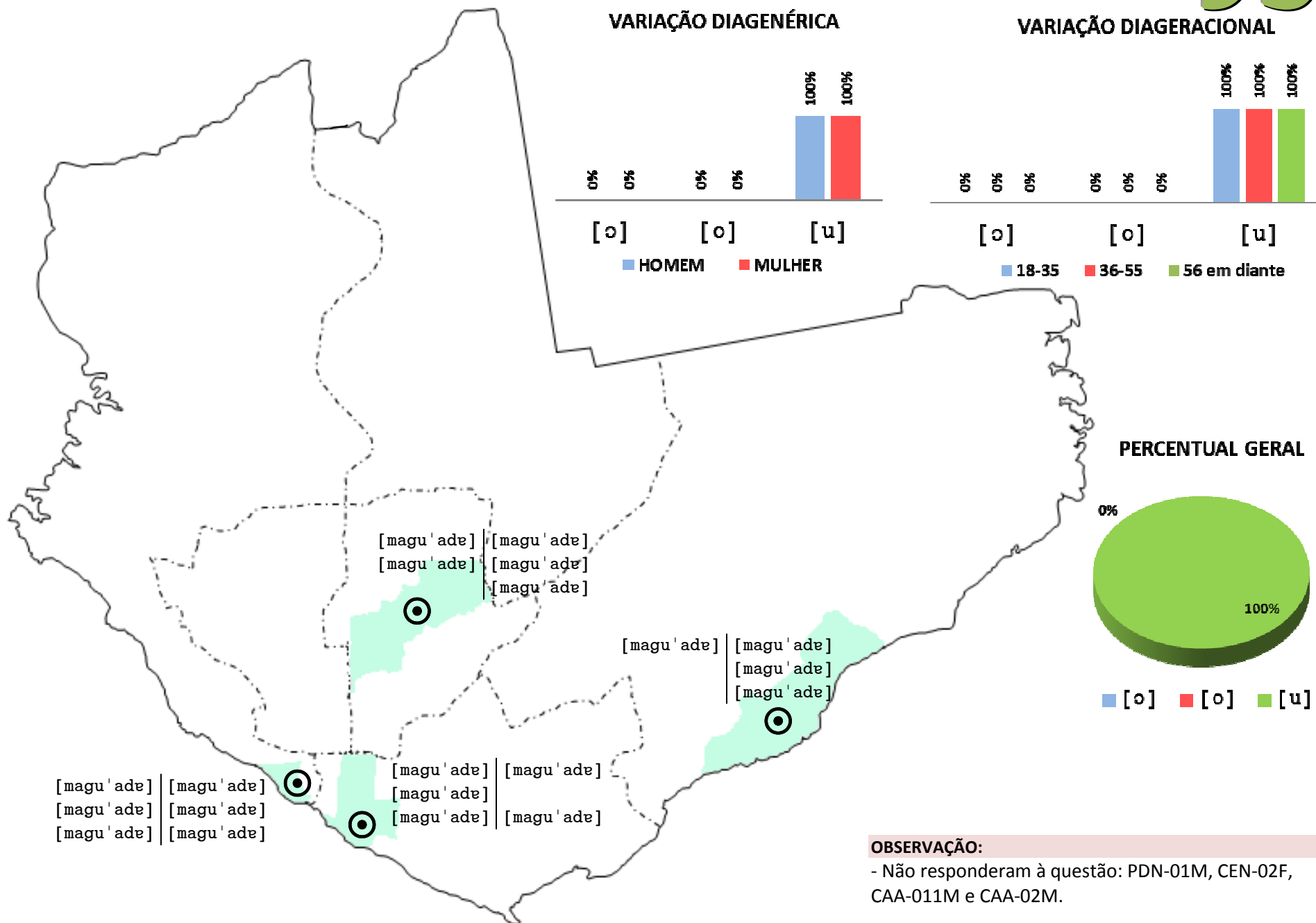




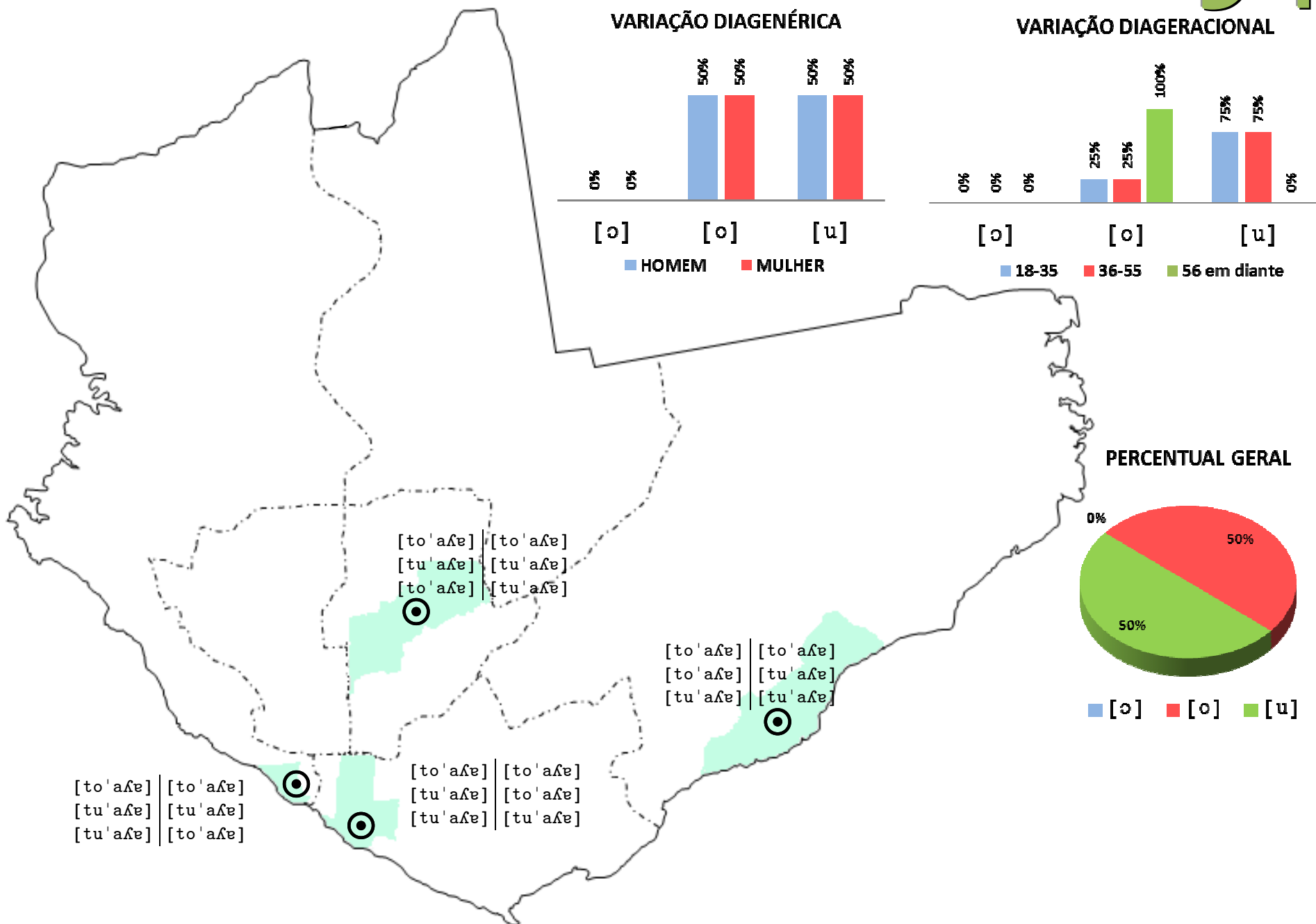


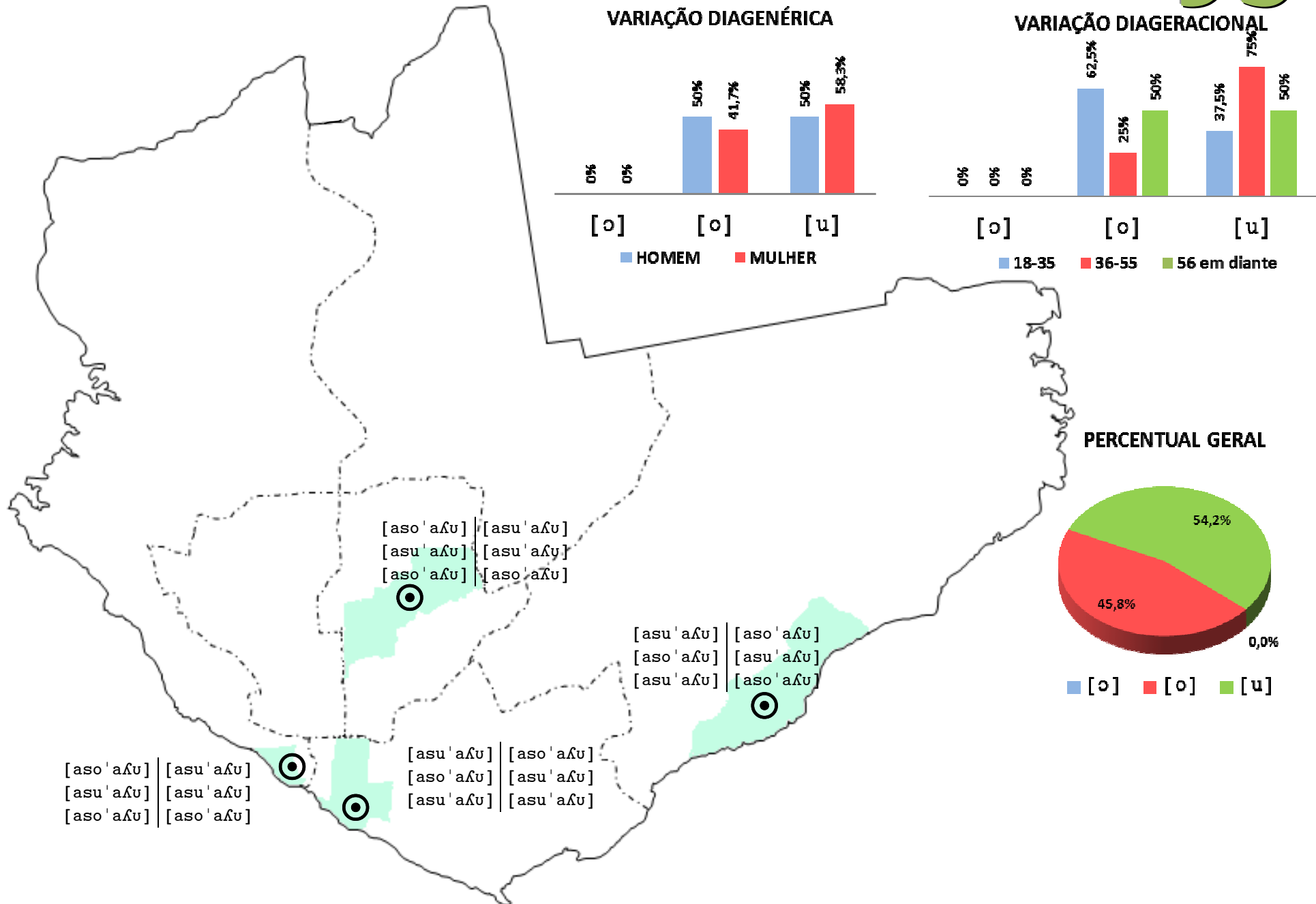


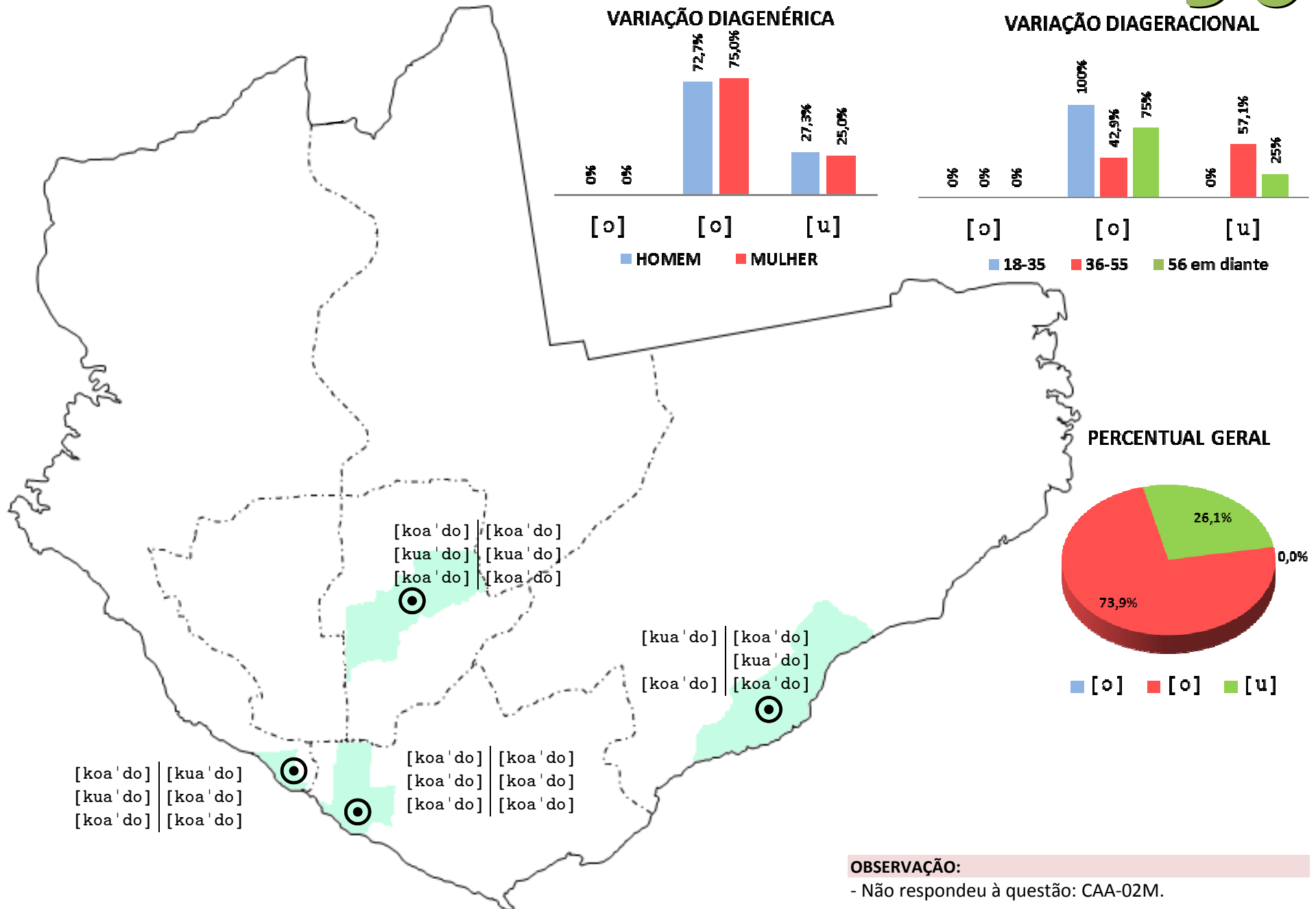




OBSERVAÇÃO:
 - Não responderam à questão: PDN-01M, CEN-02F, CAA-011M e CAA-02M.

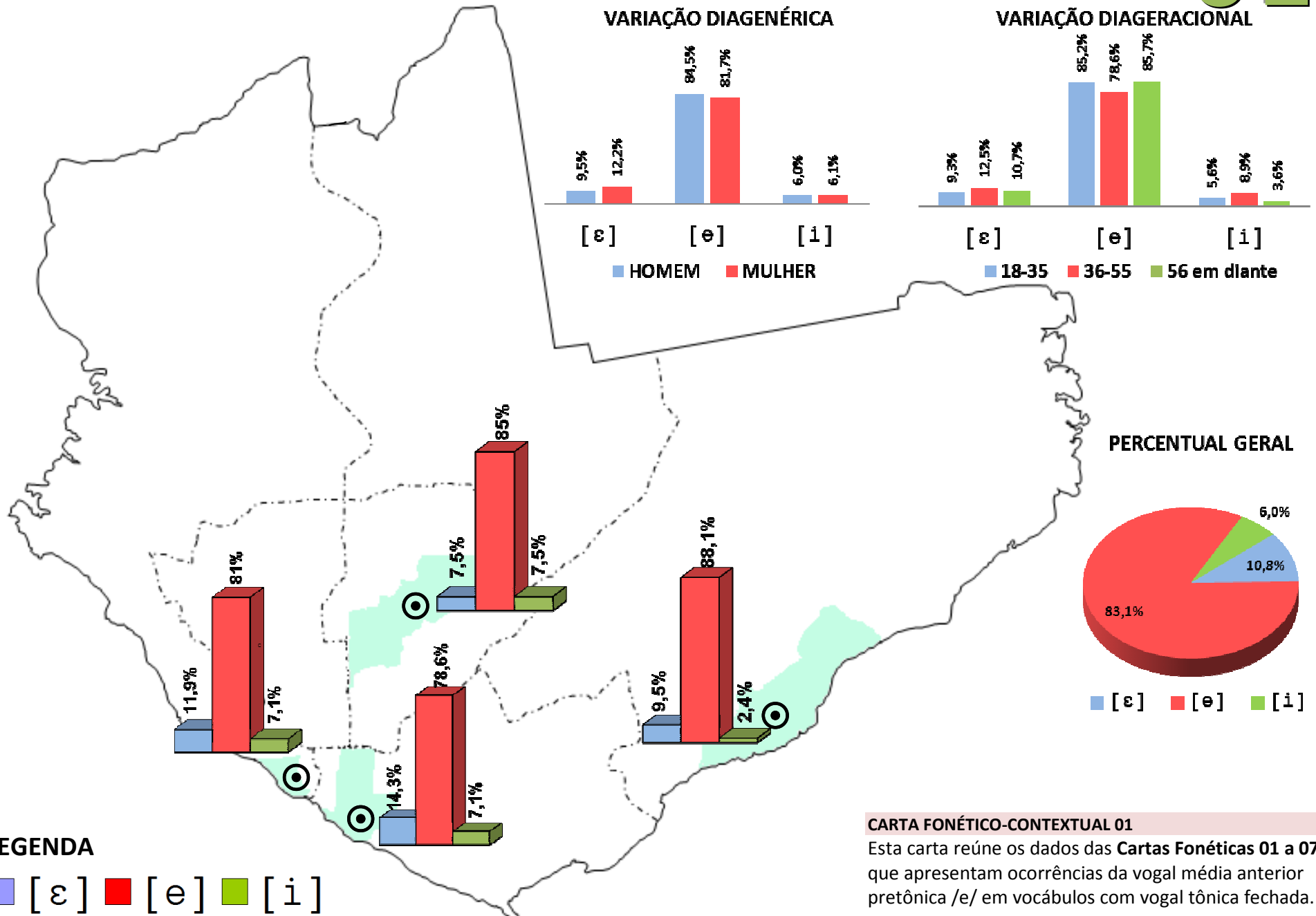






VOGAL TÔNICA FECHADA

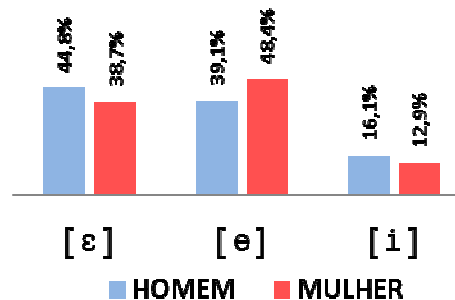
01



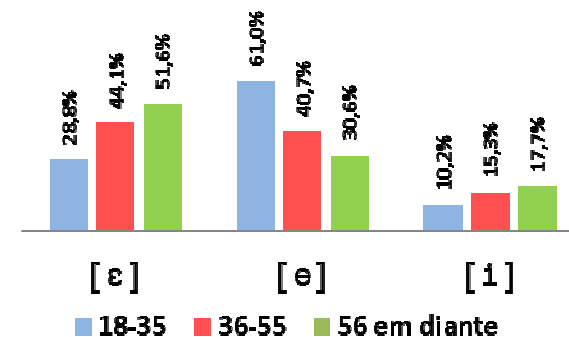
VOGAL TÔNICA ALTA

02

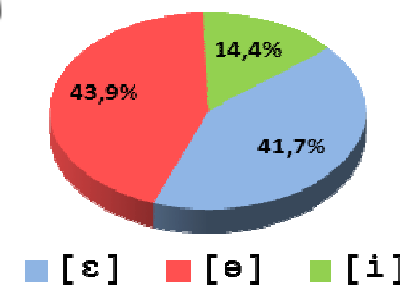
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



VARIAÇÃO DIAGERACIONAL



PERCENTUAL GERAL



LEGENDA

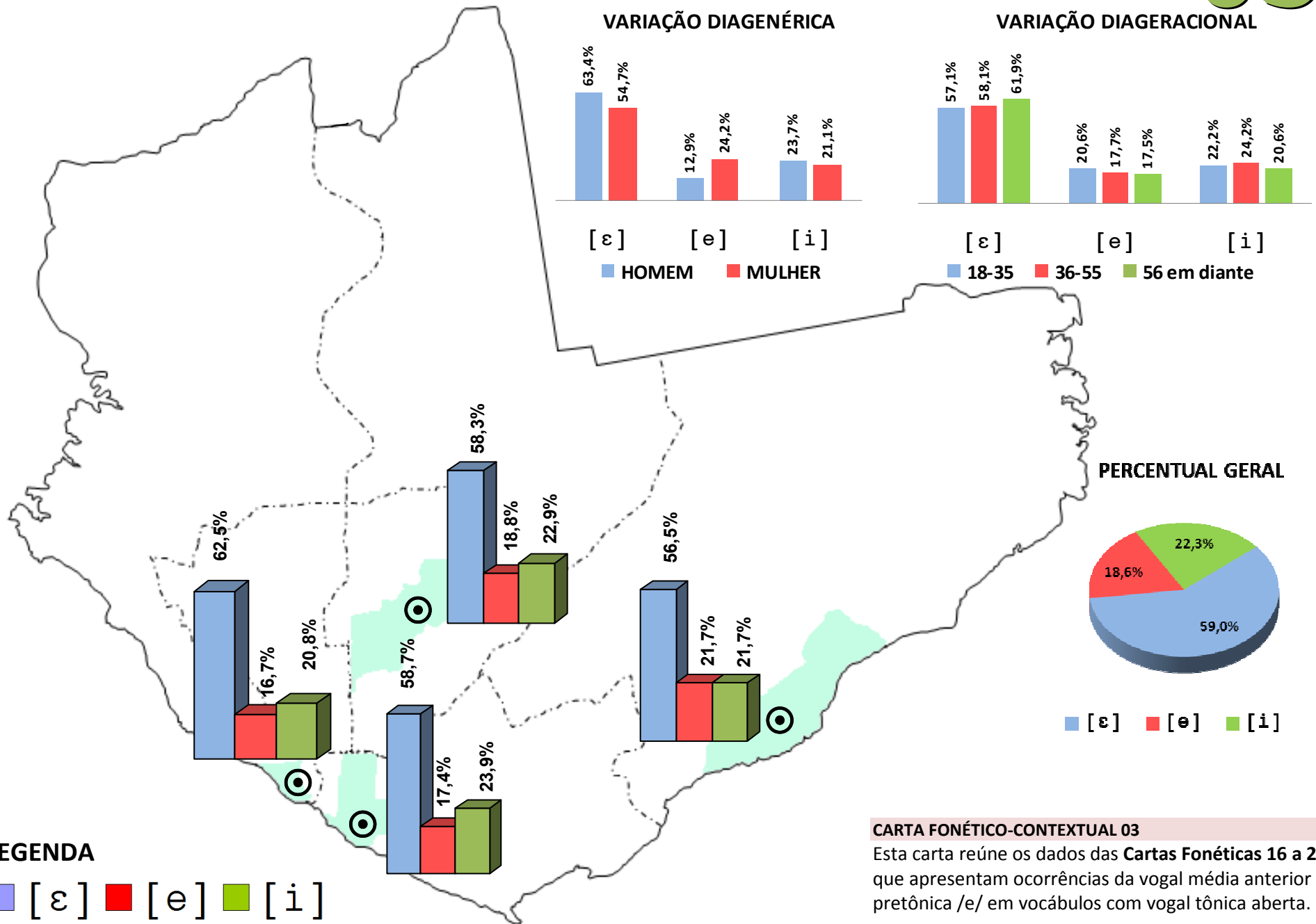


CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 02

Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 08 a 15**, que apresentam ocorrências da vogal média anterior pretônica /e/ em vocábulos com vogal tônica alta.

VOGAL TÔNICA ABERTA

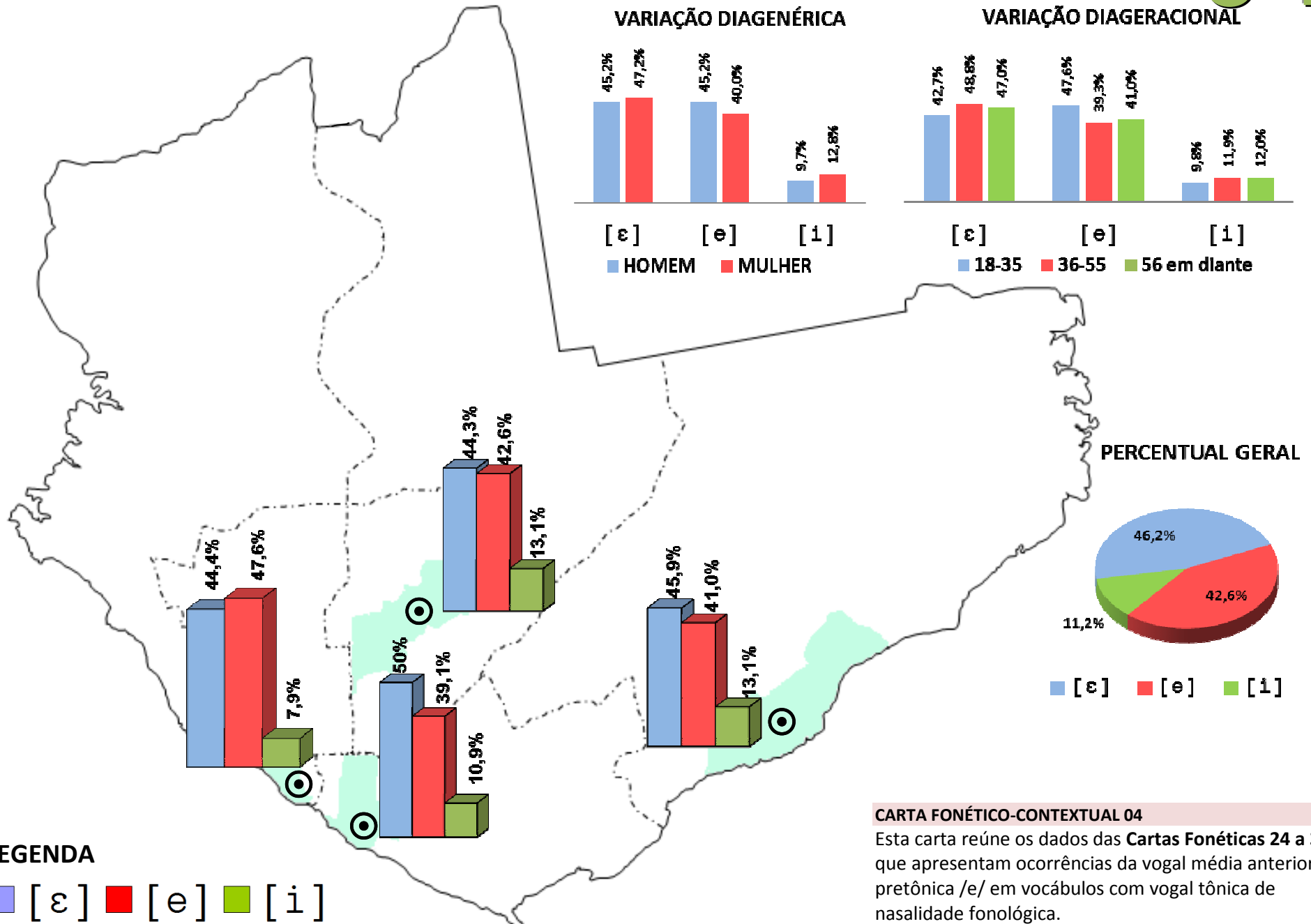
03



CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 03
 Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 16 a 23**, que apresentam ocorrências da vogal média anterior pretônica /e/ em vocábulos com vogal tônica aberta.

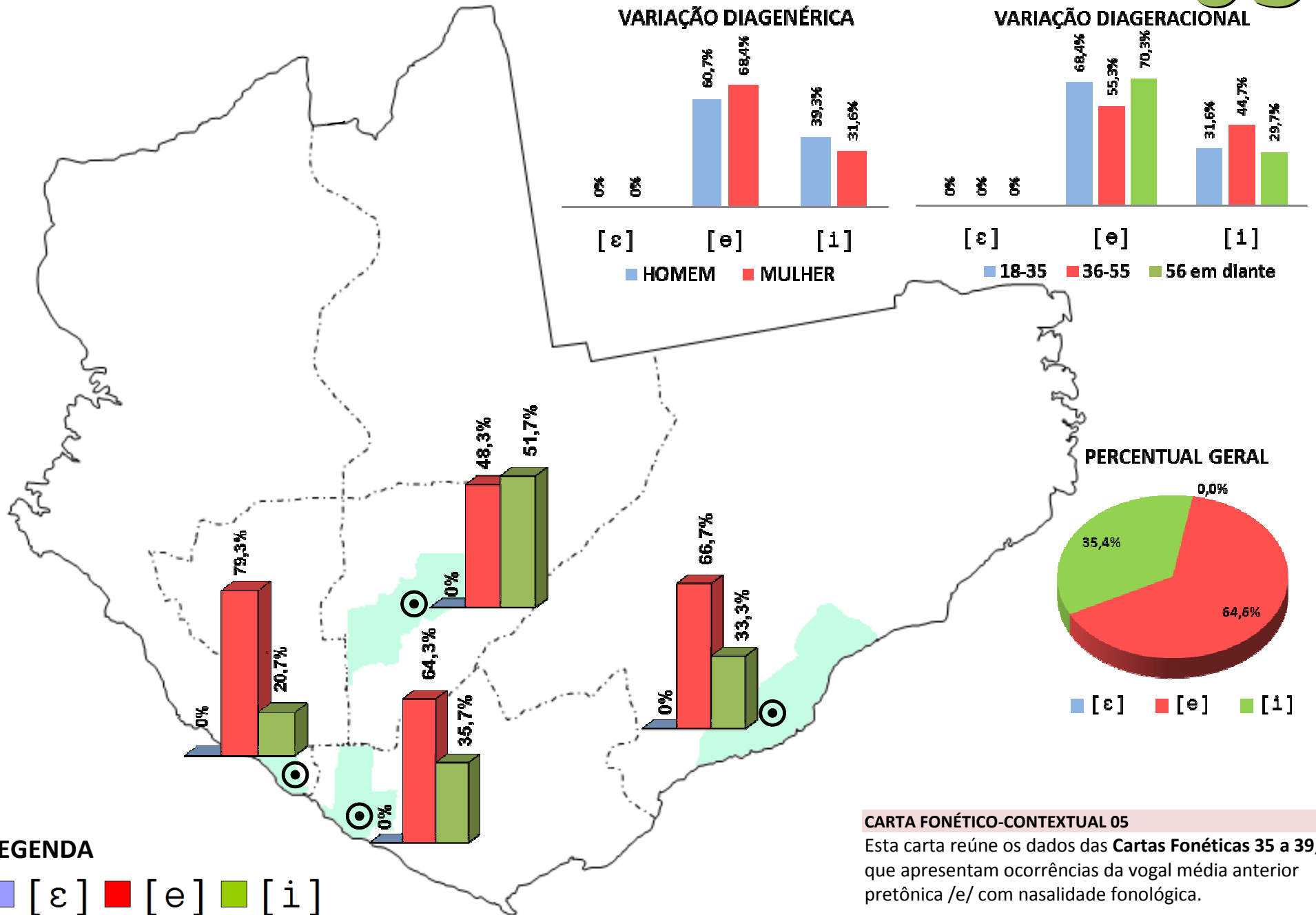
VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

04



VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

05

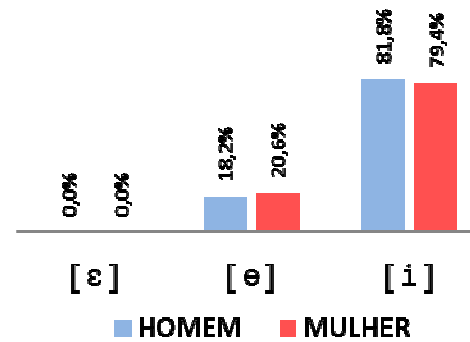


CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 05
 Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 35 a 39**, que apresentam ocorrências da vogal média anterior pretônica /e/ com nasalidade fonológica.

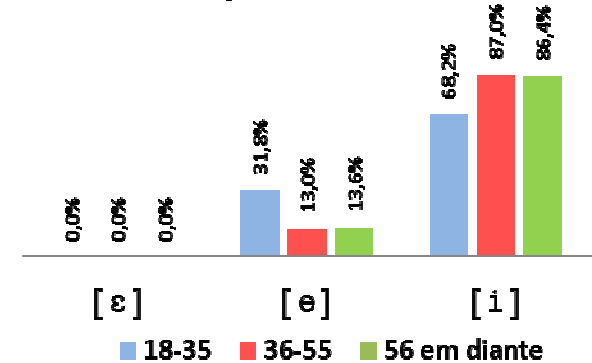
VOGAL PRETÔNICA EM VOCÁBULOS QUE INICIAM COM DES-

06

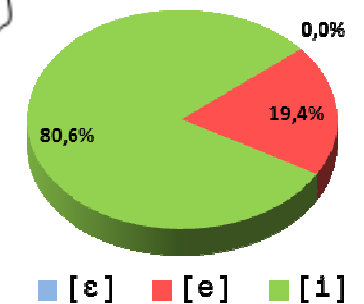
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



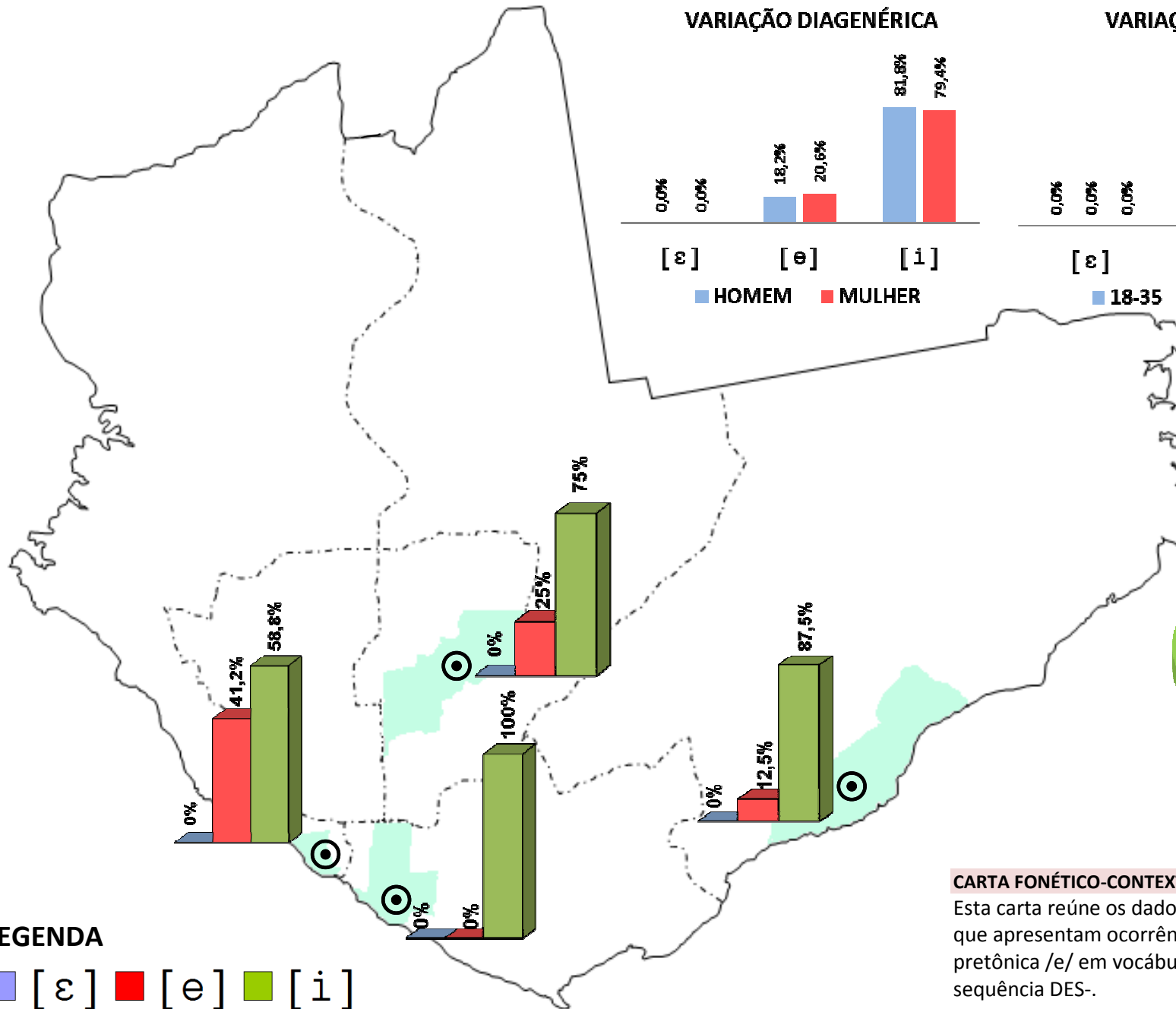
VARIAÇÃO DIAGERACIONAL



PERCENTUAL GERAL



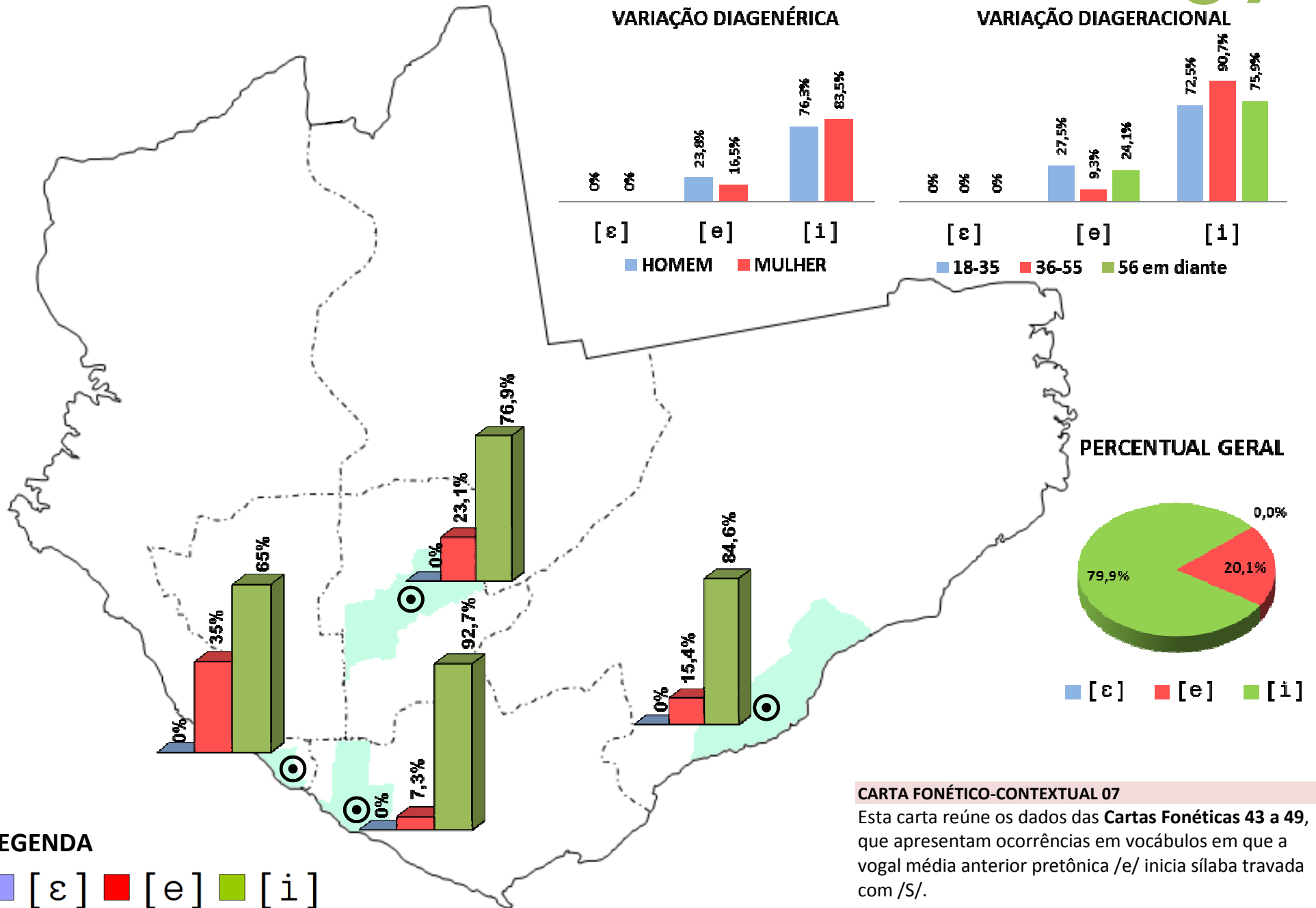
LEGENDA



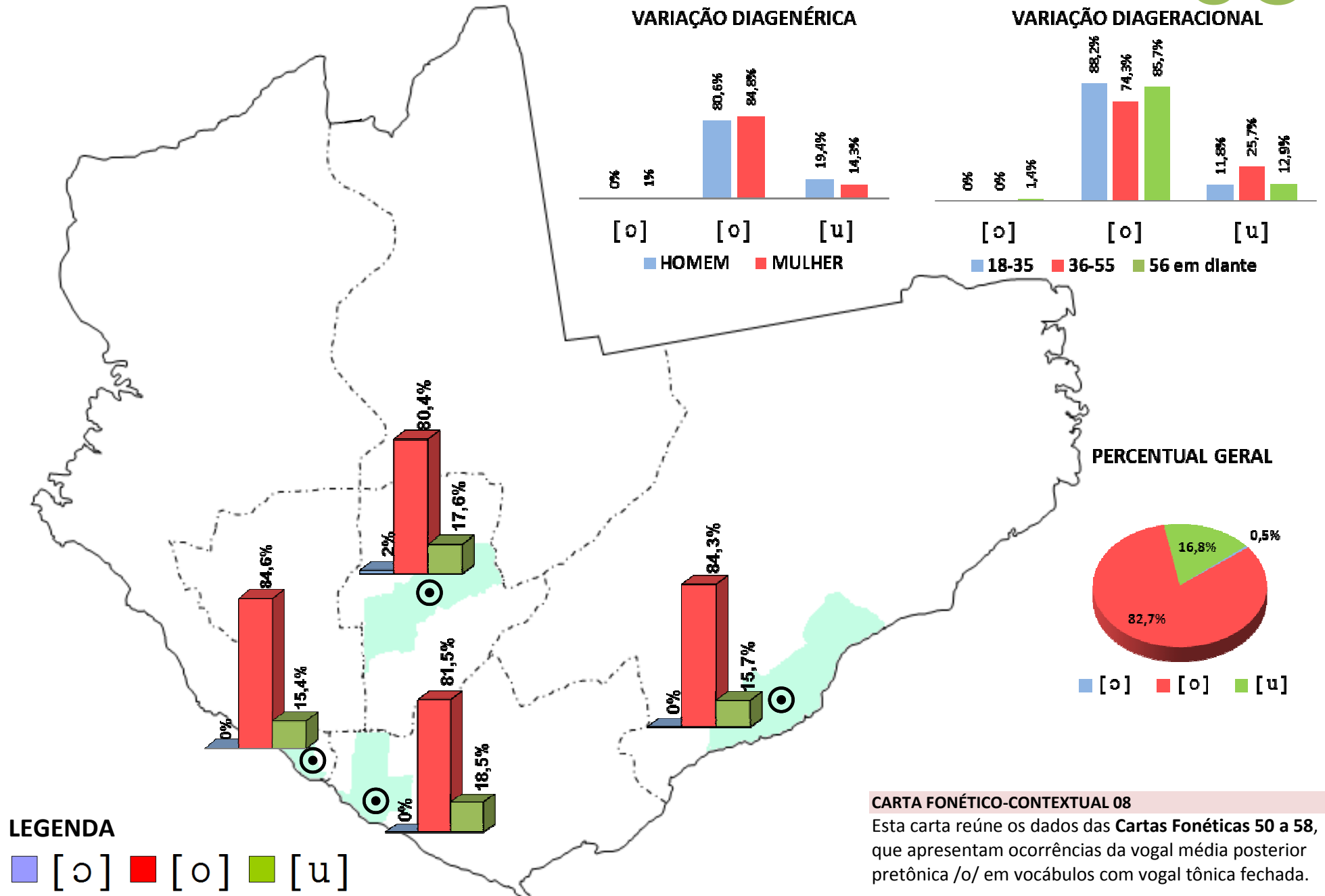
CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 06

Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 40 a 42**, que apresentam ocorrências da vogal média anterior pretônica /e/ em vocábulos que iniciam com a seqüência DES-.

VOGAL PRETÔNICA INICIA SÍLABA TRAVADA POR /S/



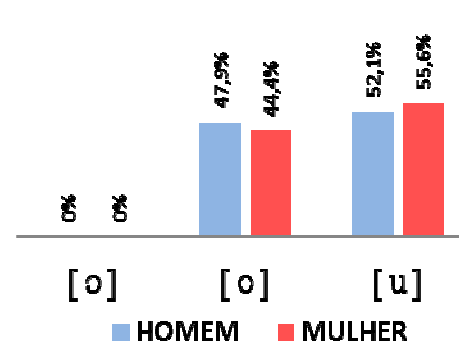
VOGAL TÔNICA FECHADA



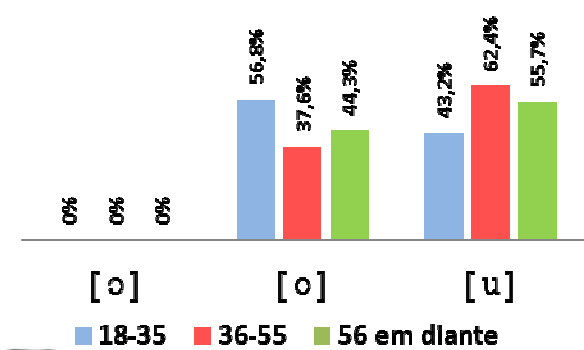
VOGAL TÔNICA ALTA

09

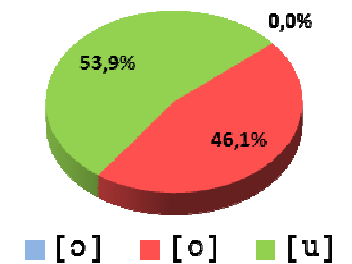
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



VARIAÇÃO DIAGERACIONAL



PERCENTUAL GERAL



LEGENDA



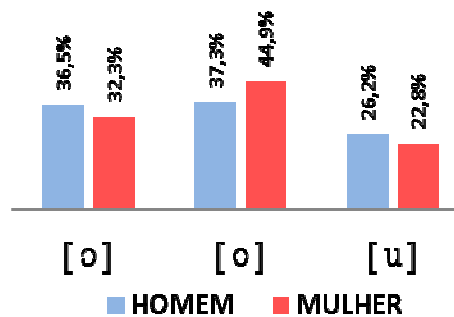
CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 09

Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 59 a 69**, que apresentam ocorrências da vogal média posterior pretônica /o/ em vocábulos com vogal tônica alta.

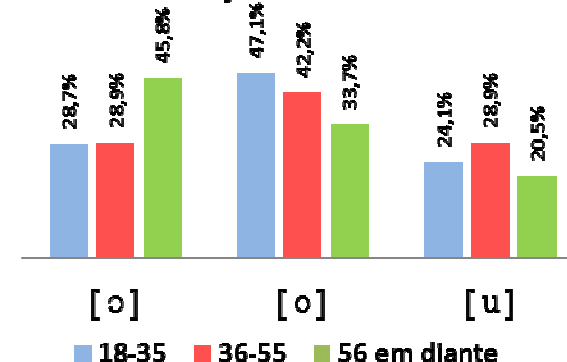
VOGAL TÔNICA ABERTA

10

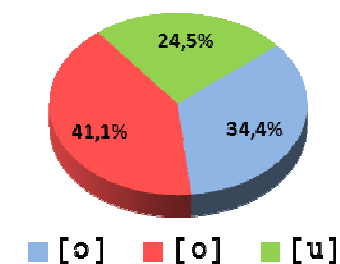
VARIAÇÃO DIAGENÉRICA



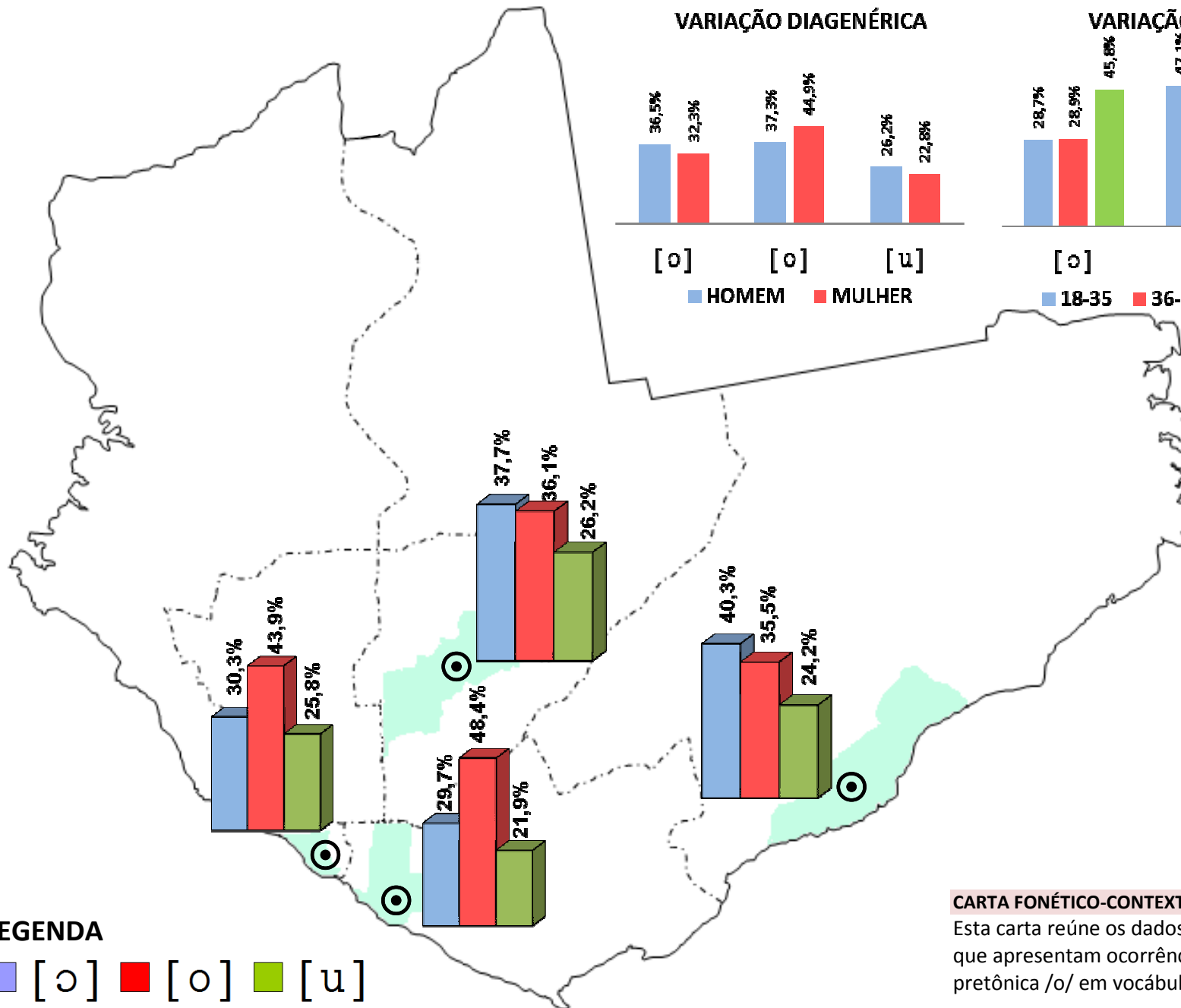
VARIAÇÃO DIAGERACIONAL



PERCENTUAL GERAL



LEGENDA

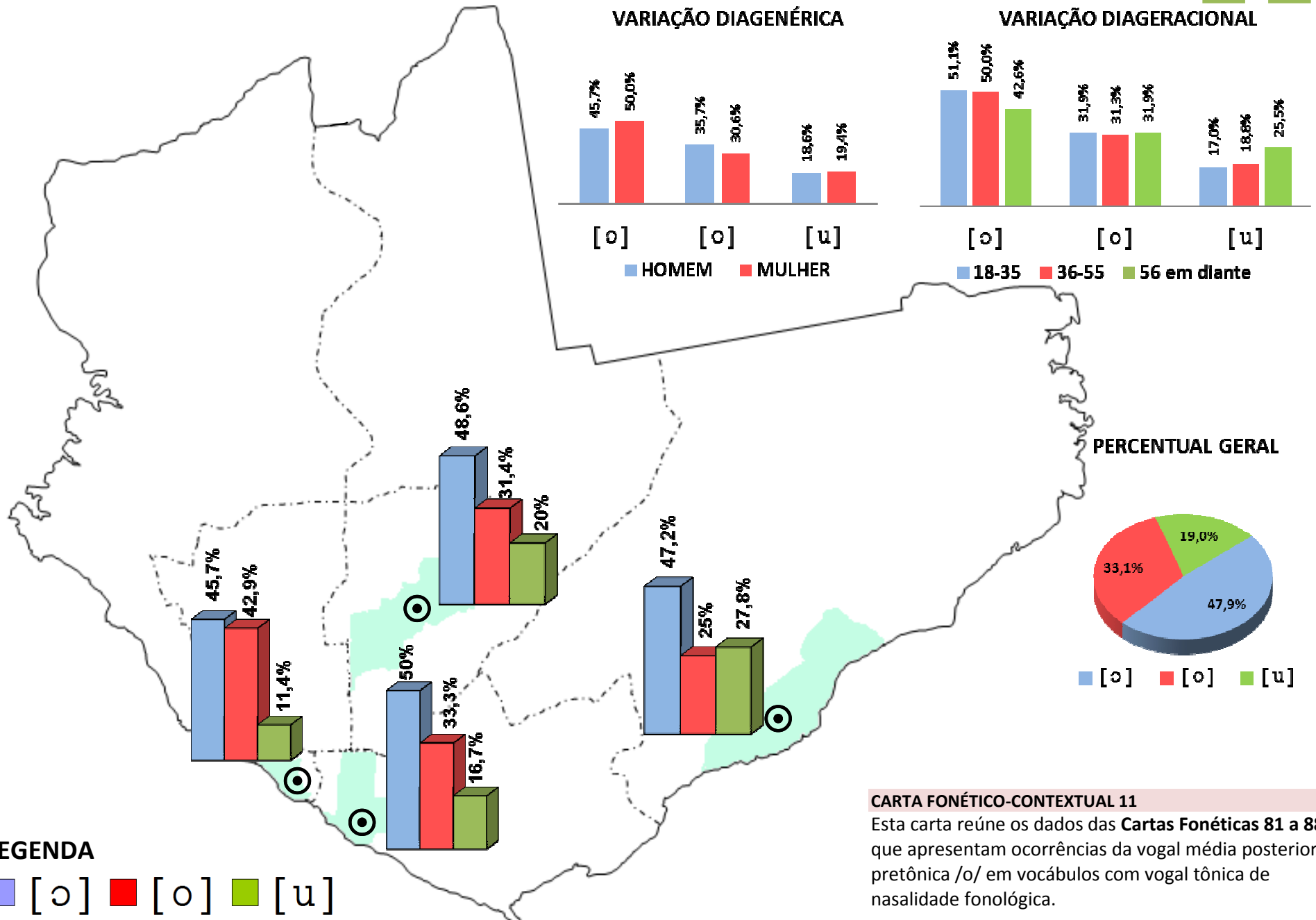


CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 10

Esta carta reúne os dados das **Cartas Fonéticas 70 a 80**, que apresentam ocorrências da vogal média posterior pretônica /o/ em vocábulos com vogal tônica aberta.

VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

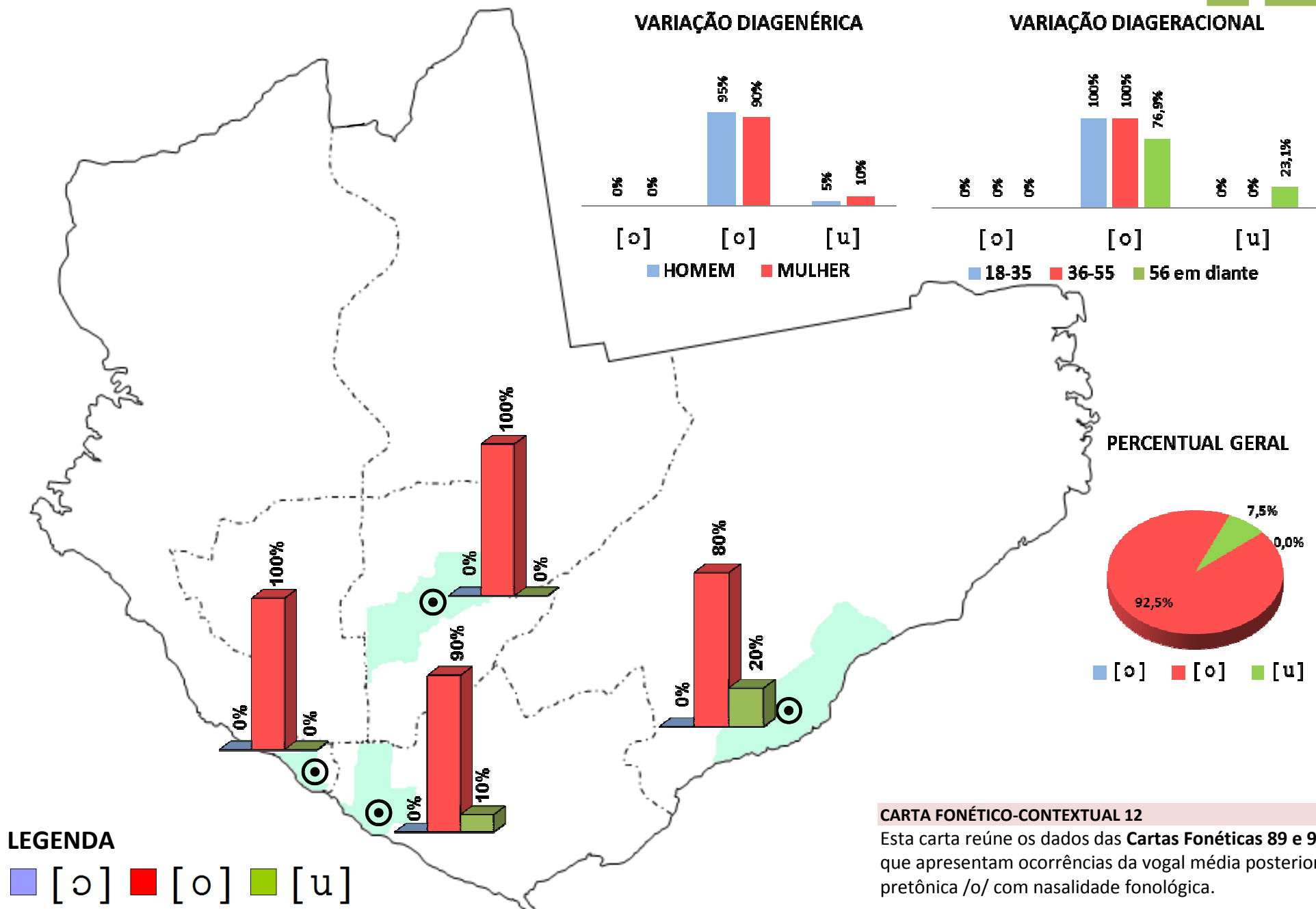
11



CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL 11

Esta carta reúne os dados das Cartas Fonéticas 81 a 88, que apresentam ocorrências da vogal média posterior pretônica /o/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica.

VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA



VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO

